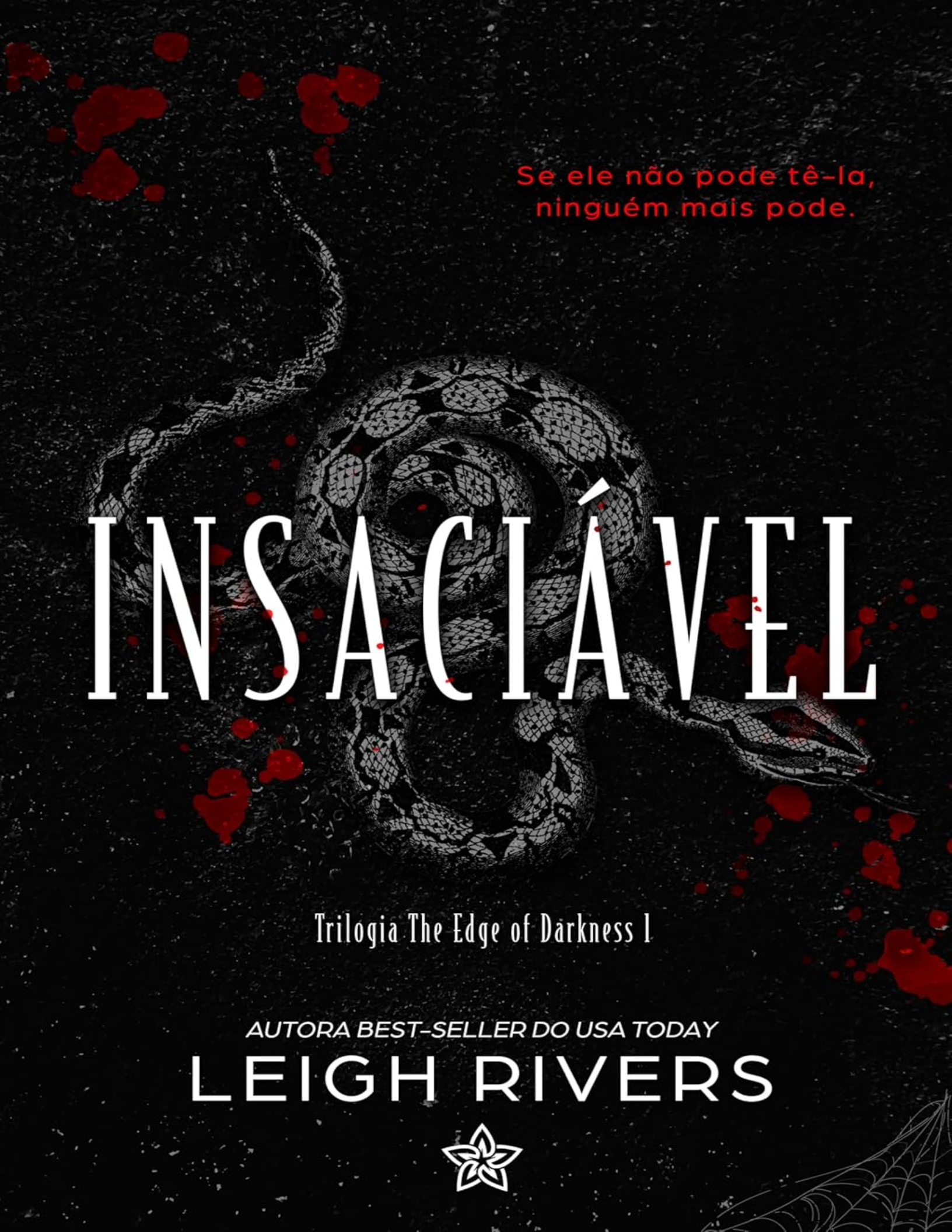

Se ele não pode tê-la,
ninguém mais pode.
INSACIÁVEL
Trilogia The Edge of Darkness 1
AUTORA BEST-SELLER DO USA TODAY
LEIGH RIVERS

LEIGH RIVERS

INSACIÁVEL

Tradução: Yasmin Gallo

1ª Edição

GRUPO EDITORIAL
Five

2025
Porto Alegre

Insaciável
Copyright © 2023 Leigh Rivers
Copyright da Tradução © 2025 Editora Five
Produção Editorial: Grupo Editorial Five
Arte de Capa: Bia Santana Design
Tradução: Yasmin Gallo
Preparação e Revisão: EN Serviços Editoriais
Diagramação: Carol Dias
Ícones de diagramação: Freepik
Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma — impresso, digital, áudio ou visual — sem a expressa autorização sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R622

Rivers, Leigh.
Insaciável [livro eletrônico] / Leigh Rivers ; tradução Yasmin Gallo -- 1. ed. -- Porto Alegre, RS : Grupo Editorial Five, 2025. -- (Série The Edge of Darkness ; 1)
epub

Título original: Insatiable
ISBN 978-65-5214-118-7

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813.5

Sumário

Início
Playlist
Aviso de conteúdo
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29

Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Agradecimentos
Sobre a autora
Sobre a Five

PLAYLIST



Digital Bath – Deftones
Spiracle – Flower Face
Party Monster – The Weeknd
Skin – Rihanna
The Hills – The Weeknd
broken – lovelytheband
Waste Love (Madison Love) – Machine Gun Kelly
THE DEATH OF PEACE OF MIND – Bad Omens
Take Me Back To Eden – Sleep Token
From Now On – The Greatest Showman
Do I Wanna Know? – Arctic Monkeys
4runner – Brenn!

AVISO DE CONTEÚDO



Esta trilogia pode ser considerada mais sombria do que as profundezas do inferno.

Insaciável inclui diversos fetiches, como exibicionismo, comportamento possessivo e tóxico, elogio e degradação, restrição de respiração, brincadeiras sexuais com armas, estrangulamento consensuais, e sexo ao lado de um cadáver. Além de conter cenas gráficas de violência e conteúdo sexual explícito, também aborda temas como estupro, aborto e tentativa de suicídio, entre outros possíveis gatilhos.

Sua saúde mental é de extrema importância para mim. Recomendo fortemente que os leitores não prossigam com esta história caso qualquer um dos avisos listados seja um gatilho.

DEDICATÓRIA

Para as boas garotas que gostam de dançar no escuro enquanto são observadas pelo diabo.

PRÓLOGO



Kade

Seis anos atrás

Eu odeio pessoas *pra* caralho.

Principalmente em festas.

Pode ser meu décimo quinto aniversário, mas isso não significa que vou participar da comemoração como minha irmã gêmea continua insistindo. Não gosto da atenção ou de estar perto de grupos em geral.

Minha mãe me disse que poderíamos ter uma festa juntos; fazemos assim há anos. Mas foda-se – eu odeio isso. E, se eu ouvir a música *Single Ladies* mais uma vez, vou perder a cabeça. A maioria das pessoas aqui ainda tem quatorze anos e uma paixonite por personagens de anime, pelo amor de Deus.

Tive que escapar para o meu quarto como sempre faço.

Trancar a porta é obrigatório, porque não quero nenhum deles contando à minha mãe que estou fumando na minha varanda. Ewan, meu padrasto, me pegou semana passada, enquanto eu dava um tragada na casa da piscina e disse que se eu fumasse de novo, contaria a ela.

Ninguém quer levar bronca daquela mulher, ela é assustadora *pra* caramba.

Gosto da minha privacidade, do meu próprio espaço, onde não sou incomodado. Deixo minha chave enfiada no buraco, a trava fechada e uma cadeira encostada na porta. Não dou chances para ninguém estragar minha paz.

Prefiro encher meus pulmões de fumaça.

Isso me faz sentir estranho, para ser honesto. As pessoas podem

achar ótimo ser o centro das atenções quando entram em um ambiente, mas eu não suporto. Preferia ser invisível. Preferia que ninguém soubesse quem eu sou, ou a história da minha família, ou que fizessem tudo o que podem para falar comigo.

Eles não querem saber quem eu sou, não de verdade.

Você pensaria que morando em uma das maiores mansões no oeste da Escócia, eles teriam dificuldade para encontrar meu quarto, minha ala, mas infelizmente, eles conseguem, e se mais uma pessoa bater na minha porta, vou apagar meu cigarro na cara dela.

Eu devia voltar para a festa antes que minha mãe ou Ewan batam na porta e me deem uma bronca, mas não consigo sair da sacada.

Porque estou ocupado demais.

Ela não tem ideia de que estou observando-a.

Longe do resto, longe da festa, uma garota de cabelos longos e escuros, usando um vestidinho preto, está sentada na beirada da piscina com os pés na água.

Algo nela me intriga, então mantenho meus olhos nela.

Gosto de observar as pessoas de longe. Estudo a maneira como agem, suas expressões faciais e linguagem corporal em certas situações, o tom de suas vozes. Deixo as pessoas desconfortáveis intencionalmente só para ver suas reações. Meus professores estão sempre reclamando com meus pais.

Minha mãe me diz para parar com isso, mas é uma ótima maneira de passar o tempo e tentar entender coisas que não são naturais para mim.

Inclino minha cabeça para o lado e olho para a garota com intenso fascínio.

Por que ela não está na festa? E quem diabos é? Nunca a vi antes.

Não consigo parar de olhá-la, – não quero parar – sou incapaz de desviar os olhos enquanto ela observa para o céu estrelado. Com certeza, deve estar com frio. Em setembro, basicamente entramos no modo ártico.

Talvez eu devesse levar meu moletom e...

O quê? Cale a porra da boca, Kade.

Apago meu cigarro e jogo no cinzeiro escondido sob a borda da minha sacada, mantendo meus olhos na garota misteriosa enquanto calço meus tênis.

Minha mãe virá me buscar a qualquer momento para o parabéns. Afasto o cheiro de cigarro do meu quarto e o cubro com um aromatizador

de ambiente.

Meu telefone apita no bolso e eu o pego rapidamente enquanto escovo os dentes. O chat em grupo que tenho com meus dois melhores amigos aparece. Dez está chateado por não estar aqui. E Base pergunta se eu quero ir a uma festa de verdade, seguido por palavras russas que eu não entendo.

Antes que eu possa responder com um *sim*, ouço passos.

Meus ombros caem. *Lá vamos nós*.

— *Kade!* — minha mãe berra do outro lado da minha porta.

Reviro os olhos, coloco minha escova de dentes de volta no suporte e desligo a tela do meu telefone.

— *Você está aí?*

Chuto a cadeira para o lado e puxo a trava.

— Sim.

Quando abro, ela me encara, de braços cruzados, batendo o pé no chão. Ela é menor que eu, com cabelos loiros que não são nada parecidos com os meus escuros. Nossos olhos são parecidos, azuis e sonolentos, mas os dela estão me encarando enquanto olho para ela com uma expressão entediada.

— Você estava fumando de novo? Posso sentir o cheiro da escada.

— Não — minto, desviando dela e descendo a escada em espiral que meu padrasto Ewan projetou para mim.

— Sua irmã estava te procurando. Você perdeu o parabéns.

Puxo meu capuz para cima e aperto as cordas, enterrando minhas mãos no bolso da frente enquanto resmungo. Luciella sempre foi a filha perfeita, a favorita, aquela que não dá problemas para minha mãe e Ewan. Ambos beijam o chão que ela pisa. Eu entendo. Não sou como eles. Não sou como minha irmã gêmea.

Luciella nunca seria pega fumando ou bebendo aos treze anos, e definitivamente não seria levada para casa pela polícia depois de socar um policial.

Ele mereceu.

Tenho certeza de que todos me veem como a criança má. Aquela que a família teme quando se reúne. Eu costumava me importar e tentava me encaixar, mas agora prefiro minha própria companhia – sou o solitário. Eles mantêm distância, e eu também.

Minha mãe tenta, no entanto, ela provavelmente tenta demais.

Ela não sabe que eu a ouvi chorando para meu pai ao telefone sobre meus “picos de humor”, implorando para que ele a ajudasse a lidar com o filho adolescente “sem sentimentos” deles. Mas eu não sou um robô, completamente sem emoções. Eu me importo com Dez e Base, e, quando ela não é um pé no saco, com Luciella. Eu simplesmente não vejo sentido em seguir regras idiotas ou falar sobre sentimentos que eu, realmente, não entendo.

Não há nada de errado com quem eu sou. Até meu pai me diz que sou especial e para nunca me ofender com a forma como os outros me veem.

Ele é provavelmente a única pessoa na Terra que realmente me entende, mas ele mora a milhares de quilômetros de distância em uma clínica psiquiátrica – cometeu vários crimes e é considerado perigoso demais para viver em sociedade.

Isso é promissor *pra* caralho, para mim. Que ele se lembre de ter sentido o mesmo que eu.

O famoso Tobias Mitchell, psicopata americano. O assassino maluco que tomou conta de todos os canais de notícias do mundo. Ele é rotulado como implacável e imprevisível. Perigoso. Uma ameaça à vida. No entanto, quando visitamos a instituição, ele é um pai atencioso que quer saber tudo o que está acontecendo em nossas vidas. Ele tenta se envolver o máximo que pode e olha para minha mãe como se ela fosse a única mulher no mundo, cheio de completa adoração.

Mesmo que ele tenha tentado matá-la.

Sim. Ele pode ter a loucura dele; eu tenho a minha.

Meu padrasto está na minha vida desde que nasci e faz o que pode. Ele me leva para aulas de boxe em uma tentativa de criar um vínculo entre pai e filho, como fez com meu irmão postiço, Jason. Mas ele cresceu, agora e tem sua própria vida, então parece que Ewan mudou o foco para mim.

Termino de me servir um copo de suco e ando ao redor da mesa.

Algumas das amigas da minha irmã estão rindo, sussurrando entre elas enquanto me observam abertamente, e isso me deixa desconfortável. A garota misteriosa da piscina não está aqui.

Não que eu esteja procurando-a.

Faço uma fuga rápida, me esgueirando pela multidão e indo para o pátio. O brilho das luzes me guia até a casa da piscina.

Quando chego ao fim do caminho, olho por cima do ombro para ter

certeza de que ninguém me seguiu antes de continuar. As ondulações da água refletem na porta de vidro da casa da piscina, e eu me inclino contra ela, puxando um cigarro.

Olho para o lago, com a lua descansando logo acima dos Munros ao longe. A mansão é cercada por água e florestas verdes, e é meio relaxante.

Fecho os olhos enquanto a nicotina queima meus pulmões, liberando-a em uma nuvem de fumaça.

O som de respingos me faz franzir a testa, quase deixando cair o cigarro da boca quando vejo que a garota misteriosa ainda está aqui. Ela está apoiada nos cotovelos, relaxando casualmente na borda da piscina, ainda admirando as estrelas no céu.

Eu não deveria sentir uma onda de excitação, mas sinto. O que eu faço? Falo com ela? Vou embora? Me escondo?

— Quem é você? — pergunto, dando outra tragada enquanto caminho em sua direção.

Ela não me reconhece, e eu quero muito que ela olhe para mim. Tento novamente.

— Olá? Quem é você?

Não gosto de ser ignorado, especialmente por uma pessoa aleatória que parece um fantasma com sardas por todo o corpo. Normalmente, eu não tentaria socializar, mas admito estar bastante intrigado.

Pelo seu perfil, consigo dizer, sem hesitar, que ela é linda. O pensamento me pega de surpresa porque nunca achei ninguém lindo antes.

Tinha achado que eu era defeituoso nesse departamento, mas já que gosto da aparência dela, talvez eu não seja.

É difícil analisá-la do jeito que faço com os outros, mas estou mais do que disposto a simplesmente... olhar para ela.

Ficando irritado com o silêncio, respiro fundo.

— Você deveria voltar para dentro. Está muito frio aqui fora, Sardentinha.

Fazendo uma careta, me dou um soco mental. *Sardentinha? Sério, Kade?*

O silêncio continua.

Se ela me ignorar mais uma vez, vou empurrá-la na porra da água.

Balanço minha cabeça em negação.

Sentado no banco ao lado do trampolim, eu inalo, sem saber por que continuo falando. Eu nunca falo.

— Você não estuda na minha escola.

Congelo quando ela olha para mim, e caralho, os olhos dela são de outro mundo. Soltando o resto da minha fumaça, apoio meus cotovelos nos joelhos enquanto ela se levanta, sacudindo a água das pernas e calçando os sapatos.

Eu não entendo. Ou talvez, eu não a entenda. Ou, porque ela está andando ao redor piscina em minha direção.

Espera.

Ela está andando em minha direção.

Ah, merda. O que diabos ela está fazendo? *Cai fora.*

Minha respiração está sendo lentamente arrancada dos meus pulmões enquanto ela se aproxima. Na verdade, eu não acho que estou respirando.

Seu cabelo cai em cachos pelas costas, sardas salpicando sua pele, e aqueles olhos do caralho estão me matando. Eles não são azuis, talvez sejam verde claro misturado com prata, como uma floresta no inverno.

O que diabos há de errado comigo?

Ela se senta ao meu lado e tira o cigarro dos meus lábios, então o coloca entre os dela. O toque dos dedos dela contra meus lábios não me deixa desconfortável.

Tento não mostrar o quanto ela está me afetando desviando o olhar, mas por dentro, estou um turbilhão.

Pigarreio enquanto ela fuma meu cigarro como se fosse dela. Há uma brisa e porra, eu inalo seu cheiro doce de baunilha – é bom.

Viro minha cabeça e observo enquanto ela se recosta, a ponta do cigarro laranja brilhante. Então, sopra uma nuvem acima de nós, olhos fechados enquanto a fumaça se dissipa no ar.

Seus olhos se abrem, e agora ela está olhando para mim. Estou preso, olhando de volta para sua beleza.

Caralho.

Depois que ela termina, coloca o que sobrou do cigarro de volta na minha boca. As pontas dos dedos dela roçam meus lábios e enviam uma faísca para o meu peito, e eu não tenho certeza do que isso significa. Jogo o cigarro acabado de lado.

— Meu nome é Stacey — sua voz é suave, baixa e relaxante. Me deixa ainda mais intrigado. — Entrei na aula de dança da Luciella alguns meses atrás.

Eu não me importaria de ver o corpo dela se mover, de vê-la em seu elemento. Aposto que ela se move lindamente, também.

Pare!

Acendo outro cigarro desde que ela terminou o meu, olhando para ela a cada poucos segundos enquanto nos sentamos em silêncio.

Stacey.

Um nome para a garota misteriosa.

— Quantos anos você tem? — pergunto.

Ela sorri para mim, e merda, eu nunca tinha gostado do sorriso de alguém antes. Eu me pego sorrindo levemente de volta para ela.

— Acabei de fazer quinze anos. Igual a você.

Igual a você.

As três palavras me fazem querer saber mais sobre ela.

Seu sorriso aumenta quando eu solto um *uhm*, uma covinha aparecendo profundamente em sua bochecha, e ela desvia o olhar e coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Borboletas, eu acho.

Será que ela também as sente?

Devo estar doente. Vou precisar perguntar à minha mãe o que diabos há de errado comigo.

— Você soa americano e escocês — ela diz. — Assim como Luciella.

Passamos muito tempo na América visitando nosso pai. Era natural que tivéssemos adquirido o sotaque ao longo dos anos. O meu é muito mais forte e profundo.

Ao ouvir as pessoas gritando por Stacey, suspiro, sabendo que nosso momento está prestes a ser interrompido.

Por mais que eu adorasse ficar aqui e encará-la como um idiota, preciso ir embora antes que ela pense que sou um esquisito tentando perseguir uma garota que nem conheço.

— Só *pra* te avisar... — começo, jogando o cigarro na grama assim que vejo a cabeça loira da minha irmã. Estreito os olhos. Mesmo não querendo dizer as próximas palavras que saem da minha boca, minha impulsividade vence. — Só porque é amiga da minha irmã, não significa que pode falar comigo. Sai fora da porra do meu caminho.

Quando me viro para sair, ela solta uma risada zombeteira.

— Engraçado — ela retruca, e eu paro no meio do caminho, as

sobrancelhas franzidas enquanto olho por cima do ombro para ela.

Ela empina o quadril para o lado e cruza os braços.

— E fofo. Eu estava prestes a dizer a mesma coisa para você. Então por que você não sai fora da porra do meu caminho, *Kade*?

Gosto do jeito como meu nome soa na boca dela.

Dou um sorriso sarcástico, amando esse seu lado.

— Ou, o quê?

Ah, caralho. A Sardentinha é ainda mais bonita quando está brava.

As borboletas estão surtando, e eu não tenho ideia de como reprimir esse sentimento.

Ela bate em mim com o ombro, e eu não consigo evitar o sorriso que começa a se formar nos meus lábios enquanto ela marcha para longe com minha irmã.

Seu cheiro permanece no ar, seu cabelo escuro balançando nas costas, mas ela continua olhando para frente, se recusando a me dar aquele último olhar que estou desesperado para ter – até que está prestes a desaparecer pelo caminho entre as árvores, quando se vira e me mostra o dedo do meio.

Puta merda. Por que estou sorrindo?

CAPÍTULO 1



Stacey

Seis anos depois

Empurro o edredom para longe, devagar e silenciosamente, e deslizo minhas pernas para fora da cama primeiro. Ele se mexe e estica os braços sobre o colchão, mas eu já estou fora e de pé antes que ele possa me tocar.

Meu vestido e calcinha estão espalhados pelo chão, meus saltos provavelmente nas escadas dele ou na sala de estar. Um encontro de um aplicativo de namoro que começou no pub, algo para me manter ocupada. Depois de algumas bebidas e flertes sem fim, ele me convidou para vir até aqui.

É ruim que eu não consiga me lembrar direito do nome dele? É Bryan ou Byron. Eles soam mesmo parecidos. Vou precisar verificar o perfil dele antes de excluir o aplicativo.

Percebo algumas chamadas perdidas no meu telefone da minha melhor amiga Lu, uma da minha outra melhor amiga Tylar e várias mensagens do meu irmão postiço, exigindo saber meu paradeiro.

Gemo, esfregando as têmporas para tentar aliviar minha dor de cabeça, então abro o contato de Luciella e digito uma mensagem.

Eu: Você pode me buscar? Estou em Branchton. Há uma fileira de casas em frente a uma igreja. Você conhece o lugar?

Desço os degraus na ponta dos pés com meus saltos e jaqueta na mão até chegar ao andar debaixo, sentando-me no degrau inferior.

Meu telefone vibra.

Lu: Estou a caminho. Chego aí em cinco minutos.

Graças a Deus.

Sei que minhas amigas vão querer saber os detalhes. Já posso ouvir os gritos agudos que vão dar quando souberem que finalmente fiz sexo depois de meses sem estar nem um pouco interessada.

A última pessoa com quem dormi me disse que, por mais que eu fosse uma garota *adorável*, não poderia me encontrar novamente.

Estranhamente, ele sumiu alguns dias depois, e ainda está desaparecido.

Ser chamada de *adorável* aos vinte e um anos me irritou *pra* caramba.

Uma buzina de carro soa lá fora, e suspiro aliviada.

O padrasto de Luciella deu o carro de presente a ela por ter entrado na universidade. Ty está planejando assumir o estúdio de dança da família.

Ainda estou tentando me encontrar, e estou bem com isso. Não tenho pressa em resolver minhas coisas. Sou dançarina e acrobata aérea, instrutora três noites por semana para aulas para crianças e adultos, e treinamos para shows e competições.

Minha mãe morreu quando eu tinha treze anos, e quando meu pai se apaixonou por Nora Fields, ele nos mudou para esta cidade para morar com ela e seus dois filhos, Kyle e Chris.

Meu pai morreu há dois anos, mas Nora e seus filhos insistem que eu fique lá até que eu junte dinheiro suficiente para me mudar; ela ficou com toda a herança que deveria ser para mim.

Não preciso pagar aluguel, o que é bom, apesar do pesadelo total que é viver naquela casa. Isso significa que posso me concentrar em meus objetivos.

Está quase amanhecendo quando saio. O Audi R8 preto me esperando me faz congelar. Os vidros escuros escondem o motorista, mas eu sei exatamente quem é, e os pelos finos da minha nuca se arrepiam, meu coração se acelera.

As rodas estão brilhantes, como se tivessem acabado de ser polidas,

e os faróis quase me cegam. Faço uma careta, me perguntando se posso me virar e ir embora.

Lu vai levar um tapa quando eu a vir mais tarde.

A buzina soa de novo, fazendo meus ombros ficarem tensos.

— Inacreditável — murmuro baixinho, não vendo outra maneira de chegar em casa, já que um táxi demoraria uma eternidade para chegar a este lado da cidade.

Com meus sapatos de salto pendurados nos dedos, o cabelo bagunçado e a maquiagem longe de estar intacta, eu me sinto nervosa. De todas as pessoas que poderiam me buscar depois de uma noite casual, ele seria minha última opção.

Sem pressa, vou até o carro, abro a porta do passageiro e me jogo no assento. Não olho para ele – mantenho os olhos fixos na frente, jogando os saltos no chão à minha frente enquanto tento colocar o cinto. Ele se retrai duas vezes, e solto um suspiro quando finalmente consigo encaixá-lo.

Tento ignorar o cheiro viciante de menta, cigarro e *Noir* do Tom Ford. A mesma loção pós-barba que ele usa há anos. Tento ignorá-lo, mas sua presença está em todo lugar, mesmo depois de dois anos de silêncio entre nós.

Cruzo os braços na minha frente, olhando para ele de soslaio.

— Lu disse que ela viria me buscar.

Ele não responde, parecendo entediado enquanto digita no telefone, com o cotovelo apoiado na divisória de couro entre nós. Ele tem uma tatuagem nova na mão, o que de alguma forma a faz parecer ainda mais cheia de veias.

Engulo em seco, desviando os olhos rapidamente antes que ele perceba que estou deixando meu olhar viajar pelas novas tatuagens espalhadas por seu corpo.

Com os joelhos separados, o short de ginástica mostrando suas pernas, ele se inclina para trás no banco do motorista, ainda enviando mensagens de texto. Minha carranca se aprofunda enquanto o vejo responder às mensagens em vez de me levar para casa.

Ele deve ter malhado na academia da mansão. Sua blusa está apertada contra o peito, os músculos tensos ainda inchados da sessão. Há um cigarro atrás da orelha e cabelos pretos ondulados quase tão escuros quanto sua alma, cai sobre sua testa.

Ele tem um bronzeado dourado que me faz parecer um fantasma.

Por mais que eu queira dizer que esqueci tudo sobre Kade Mitchell, sou uma péssima mentirosa.

Desço a janela, ignorando o frio que me toma enquanto tento impedir que seu cheiro atrapalhe meu julgamento. Sim, Kade pode ser bonito, pode ser uma pessoa que preencheu todos os requisitos para mim em algum momento, mas ele é o irmão gêmeo da minha melhor amiga e totalmente fora dos limites.

Eu sei disso agora.

A última conversa que tivemos foi há dois anos, e ele nem sequer me olhou nos olhos desde então. Sei que Lu deve ter enchido a paciência dele para que viesse me buscar.

Ele nunca faria isso de boa vontade.

Luciella do caralho. Ela sabe o quanto não nos suportamos. Ela sabe que tento evitá-lo sempre que posso. Quer dizer, ela não sabe *exatamente* o porquê, mas ainda assim.

Depois de quase três minutos de rock tocando baixo e ele digitando no celular, o sol começa a nascer. Minha mandíbula se aperta de irritação e meus olhos vão de um lado para o outro, entre o volante e o portão da frente da casa que deixei.

— Você vai dirigir ou só vai ficar sentado aqui?

Como de costume, sou recebida com silêncio. Ele clica na tela, o canto da boca se curvando em um sorriso.

Tento não olhar para o quão bonito ele é, apesar de ser uma reencarnação do diabo; quão macia sua pele se parece sob a tinta preta marcante. Ele não sorri com frequência, então com quem ele está falando? Irritantemente, meu coração traidor bate mais rápido. Quem está fazendo ele sorrir desse jeito?

Não. Pare, Stacey. Quem se importa com quem faz ele sorrir?

Não posso ficar neste carro. Preciso sair daqui o mais rápido possível.

— Vou pegar um táxi — digo, desafivelando meu cinto, mas Kade o pega antes que ele possa se retrair, puxando-o para encaixar de volta sem dizer uma palavra, os olhos ainda na tela. Ele digita com uma mão, a outra segurando meu cinto de segurança no lugar até que ele finalmente desliga a tela e liga o carro novamente.

O motor ronca abaixo de nós, e sou arremessada de volta para o banco enquanto ele acelera a uma velocidade ridícula.

Ele aumenta o volume da música, e eu o encaro, seus traços lindamente marcantes, enquanto seus olhos, azuis prateados fixam-se na estrada. Acabo levantando o vidro da janela para evitar que meu cabelo fique voando descontroladamente.

Abro minhas mensagens e vejo uma que devo ter perdido.

Lu: Kade está indo no meu lugar.

Eu: Eu odeio você.

Ela responde instantaneamente.

Lu: Desculpa! Ele já estava levando um amigo para casa. Por favor, não se matem.

Eu: Eu te odeio muito.

Desligo a tela e fico em silêncio, olhando pela janela para as árvores passando zunindo. Meu telefone vibra incontrolavelmente na minha mão – uma cadeia de mensagens do meu irmão postiço.

NãoResponda: Onde diabos você está?

NãoResponda: Estou indo para casa e é melhor você estar aí.

NãoResponda: Estou falando sério, Stacey.

Reviro os olhos e suspiro, ignorando-o. Isso vai me custar caro mais tarde, mas não posso lidar com ele agora. Não enquanto estou em um carro com o fodido do Kade Mitchell, tentando não respirar o mesmo ar que ele.

— Você deveria ter dito não a Luciella — eu finalmente digo, alto o

suficiente para que ele possa me ouvir acima da música.

O maxilar de Kade fica tenso enquanto ele acelera.

Eu bufo, apoiando meu cotovelo na janela, a palma da mão na lateral da minha cabeça.

— Eu teria esperado por um táxi ou ido andado.

Ele não me responde, assim como eu sabia que faria.

Kade tira o cigarro de trás da orelha, acende-o e então joga o isqueiro na divisória entre nós.

Ele lambe os lábios, seus olhos sonolentos na estrada, e eu observo sua boca enquanto ele dá outra tragada.

Você não é nada. Você está morta para mim.

Sua voz ecoa em minha mente, uma lembrança da última vez que conversamos. Das palavras que ele jogou na minha cara; palavras que eu preferia esquecer. Desvio o olhar, mantendo meus olhos marejados, fixos no mundo lá fora enquanto ele entra no meu bairro.

A segurança é rigorosa – todas as casas precisam de códigos para entrar no terreno. Nora me perguntava quando eu era criança se eu queria ter festas do pijama no meu aniversário, festas comemorativas ou qualquer coisa que trouxesse minhas amigas aqui, mas eu sempre dizia não.

Eu não queria nenhuma delas perto do monstro que vive dentro daquelas paredes.

Kade para na casa maior – três andares de tijolos brancos e estábulos de cavalos sem uso nos fundos. Uma piscina vazia e ervas daninhas crescidas fazem com que pareça assustadora.

Ele desliga o motor e joga o cigarro pela janela sem se virar para olhar para mim. Ele bate o dedo no colo, o músculo da mandíbula tenso.

Diga alguma coisa, eu quero gritar. *Grite comigo. Qualquer coisa!*

Arrasto meu olhar para longe dele, soltando um suspiro, pego meus sapatos. Não digo nada enquanto solto meu cinto e fico quieta enquanto abro a porta e saio do carro.

Chego ao portão, pronta para digitar meu código, quando ouço o motor ligar novamente. Olho por cima do ombro, e nossos olhos se encontram como um estrondo de trovão. Arrepios irrompem pela minha pele, uma emoção de eletricidade correndo em minhas veias. Seus olhos são tão elétricos quanto eu me lembrava, mas há algo mais por trás deles.

Algo escuro que não estava lá antes.

— Obrigada — eu sussurro. — Por me trazer para casa.

Por uma fração de segundo, penso que ele irá dizer algo de volta. Mas, em vez disso, ele me olha de cima a baixo lentamente, observando minha aparência pós-sexo e desvia o olhar de mim, balançando a cabeça de um lado para o outro.

Ele está desapontado.

Kade acende outro cigarro e aumenta o volume de seu rock o suficiente para acordar minha família adotiva antes de sair em disparada sem me lançar outro olhar.

Sim. Ele ainda me despreza.

E depois do que eu fiz com ele, ele tem todos os motivos para isso.



Rapidamente vou para meu quarto no último andar da mansão, soltando um suspiro de alívio quando fecho a porta atrás de mim. Minhas costas pressionam a madeira e fecho os olhos.

Meus olhos queimam, lutando contra as lágrimas que me recuso a deixar cair.

A primeira vez que me senti assim, esse sentimento avassalador, foi quando nos conhecemos. Ele atrapalhou meu momento na piscina de sua mansão.

Lembro-me do jeito que ele olhou para mim e como isso fez um calor crescer em meu peito. Seus olhos estavam tão cheios de vida. Nós fumamos um cigarro juntos em um silêncio prazeroso e confortável, antes que ele se transformasse em um babaca.

Tentei ignorá-lo por anos. Mas estar perto do irmão gêmeo da minha melhor amiga era demais – havia uma atração muito forte entre nós.

Até *aquela* noite, quando tudo mudou.

Kade Mitchell tem sido a sombra quebrada na minha vida desde então, e a culpa é toda minha.

Meus sapatos caem no chão e eu passo a língua pelos meus lábios, lembrando de uma época em que eu fazia isso e ainda podia sentir o gosto de menta e o toque de tabaco.

Balanço minha cabeça de um lado para o outro, afastando as lágrimas solitárias que escorrem pela minha bochecha.

Sem acender a luz, tiro meu vestido e desabotoo meu sutiã, pronta para tirar minha calcinha. Mas antes que eu possa fazer qualquer outra

coisa, um aperto firme envolve meu pescoço, causando um arquejo estrangulado que fica preso no meu peito enquanto a pessoa me afasta da porta e me joga no colchão com força.

O ar sai dos meus pulmões com o impacto em uma tosse abafada. A pressão aumenta atrás dos meus olhos enquanto eles se arregalam de medo ao ver Chris – meu irmão postiço perverso e delirante – acima de mim.

Tento bater em seus braços o mais forte que consigo, para que ele solte seu aperto doloroso, mas isso só faz com que ele o aperte ainda mais e se abaixe sobre mim, esmagando meu corpo quase nu entre ele e a cama.

— Quem diabos era aquele?

CAPÍTULO 2



Stacey

Adoro dançar no escuro.

Quando estou cercada por destruição, o que acontece com frequência, é pacífico – uma fuga. Gosto de desaparecer mentalmente da existência, mesmo que seja apenas por um momento.

Às vezes, fecho os olhos e bloqueio tudo enquanto meu corpo se move ao redor da argola, ou enquanto as sedas envolvem meus membros e estou pendurada no ar. Normalmente, na metade da minha rotina, fluo livremente, a cabeça balançando no ritmo, imaginando uma plateia silenciosa que não consegue tirar os olhos de mim.

A música toca, o gênero depende completamente do meu humor. Digo a mim mesma que ansiedade e vozes desnecessárias não existem. Que não são nada além de pensamentos vazios desesperados para destruir minha calma. Conforme cada acorde toca, os tentáculos negros ao redor do meu coração vão murchando.

Houve um tempo em que uma pessoa tinha sido capaz de me fazer ignorar esse lado de mim mesma. Eu o ajudei com sua própria escuridão, e ele me fez sentir viva, me sustentando com toques e palavras carinhosas, beijos roubados e noites em sua cama quando ninguém sabia. Eu era feliz.

Pensava que estava segura. Pensava que estava livre. Até que não estava mais.

Mas o passado é o passado. Não é nada que um pouco de música não possa consertar temporariamente.

Spiracle da Flower Face ecoa pelo estúdio em que danço desde que era adolescente.

Sempre que essa música toca, penso nele.

Lembro-me de como me senti, sentada no sofá do outro lado da Lu. Nervosa. Em chamas. Desejando ser corajosa o suficiente para tocá-lo. Sua mão estava tão perto da minha, e eu me desafiava a pegá-la, a sentir sua palma na minha, saber o quão macia ela era, mas eu estava com medo de sua recusa.

Ele odiava ser tocado – isso o fazia estremecer e parecer que estava com dor. Então, seu mindinho roçou o meu sob o cobertor que compartilhávamos, olhos na TV, e eu lutei contra um sorriso.

Foi a partir daí que realmente começou. Não era um desafio, era real.

O estúdio está vazio, como sempre depois que as aulas terminam. As luzes LED coloridas estão apagadas, mas às vezes eu as desligo completamente. É relaxante, apenas desligar minha mente deste mundo e estar no meu próprio – meu eixo muda, e tudo para enquanto eu danço.

Mas em algumas horas, Chris vai me buscar, e tudo vai desmoronar – e eu vou me lembrar da minha verdadeira realidade.

A música para, e eu paro, segurando a argola enquanto fico suspensa de cabeça para baixo, uma perna enganchada para me manter estável. Estreito os olhos para a tela do meu telefone – o texto que apareceu interrompeu minha música e desconectou o Bluetooth.

Eu me viro para o tapete de proteção, apertando o elástico no meu cabelo enquanto caminho para o outro lado da sala, meus pés descalços batendo no chão. Encostada na parede totalmente espelhada, abro as mensagens no nosso bate-papo em grupo.

Lu: Minha mãe e Ewan acabaram de partir. Acho que Kade e seus amigos vão sair, então, a mansão inteira será nossa para a festa.

Ty: Ainda estou na casa da minha tia. Mas já já estou aí!

A mãe e o padrasto dela, Ewan, estão indo para os Estados Unidos por algumas semanas, algo sobre uma reunião com o terapeuta do pai biológico dela, para tentar conseguir que ele seja aceito para passar um tempo em convívio público. Mas, até agora, todos os pedidos foram

negados.

Quer dizer, não consigo imaginá-lo sendo liberado para passar um tempo fora da instituição. Ele é assustador. Conversei com ele uma vez por telefone, enquanto Lu saía apressada do banheiro, e a voz dele sozinha me fez sentir calafrios. Ele sabia meu nome e me avisou para não machucar o filho dele, como se *eu* fosse o monstro.

Sua voz era tão profunda e perigosa que acho que desmaiaria se o conhecesse pessoalmente. Por mais que seu filho se pareça com ele, eu correria na direção oposta de Tobias Mitchell.

Ele é um psicopata diagnosticado. Um assassino.

Depois de responder dizendo que não vejo a hora, mando uma mensagem rapidamente para Chris dizendo para ele não se incomodar em me buscar. Tenho o vestido que usarei hoje à noite comigo e também posso tomar um banho na casa de Lu.

Meu irmão postiço definitivamente ficará puto, mas ele sempre está bravo comigo.

Alguns dias atrás, depois que Kade me deixou, implorei para ele me soltar e menti que tinha sido Luciella quem me levara para casa.

Tenho corretivo escondendo os leves hematomas que ele deixou em mim.

Conecto meu Bluetooth novamente aos alto-falantes que cercam o salão, reinicio a música e observo minha aparência suada no espelho.

Quando meu olhar cai para meu peito, encaro a pequena cicatriz no meu esterno, roxa e profunda. Por mais que meus seios a escondam, ela está lá. Tinha sido por isso que Chris havia rasgado minha pele com uma chave – para impedir que outros tocassem o que ele acha que era dele.

Ele me fez mentir para Nora e dizer que eu havia feito isso comigo mesma, e ela acreditou em mim. Ela queria que eu procurasse ajuda de um terapeuta, achando que eu estava machucando a mim mesma.

Não. Seu filho é apenas a porra de um monstro, Nora.

Corro meus dedos pelos postes de titânio. Há sete deles espaçados pelo salão, uma argola no meio pendurada no teto e sedas rosa-escuro na parte de trás. Na sala ao lado, há uma enorme área de dança para onde as crianças vão.

A família de Tylar é dona do prédio, e ela tem planos de expandir para um lugar maior em um ano, mas está ocupada com seus estudos enquanto os pais trabalham em um projeto em Roma.

Enrolo a seda em volta do meu pulso, segurando bem o material, então faço o mesmo com meu pé e me puxo para ele. Virando-me de cabeça para baixo, o material se enrola em volta das minhas coxas, segurando meu peso com segurança enquanto eu, rapidamente, arrumo meu cabelo.

Então deixo a música me levar em uma aventura lírica, usando minha flexibilidade e ritmo para mapear a coreografia perfeita que eu poderia usar no Festival da Noite de Terror no Halloween.

Quando a música termina, minha pele está coberta de suor, e meus membros doem com os puxões e as esticadas constantes das sedas. Viro-me de cabeça para baixo mais uma vez, acomodando-me em uma posição de abertura completa, e tiro minha blusa para revelar meu top esportivo.

Mas quando o tecido no gancho se enrosca e eu começo a girar lentamente, meu corpo inteiro congela – tem alguém me observando.

— Chris! — eu estalo. — Você não tem permissão para entrar aqui!

Meu irmão postiço dá de ombros enquanto eu me desenrolo e caio no chão. Estreito meus olhos para ele.

— O que diabos você está fazendo?

Ele sorri, me fazendo dar um passo para trás enquanto ele dá um passo para frente, os olhos caindo no meu peito.

— Você sabe que eu gosto de te assistir.

Calafrios desconfortáveis passam por mim, a bile subindo na minha garganta.

— Eu te disse que vou para a casa da minha amiga.

— Eu vou te levar. Não vou aceitar um não como resposta.

— Não preciso que me leve.

Chris levanta a mão para mim, e eu instintivamente me afasto antes que ele possa tocar os fios de cabelo que caíram no meu rosto.

— Vai fazer o que eu digo, irmãzinha — ele diz. — A menos que queira que eu te tranque no meu quarto novamente. Talvez eu te acorrente na minha cama dessa vez?

Eu me empalideço.

— Não.

Ele sorri.

— Eu vou te levar.

Engulo em seco e aceno, sabendo que não vou ganhar com Chris.

Dou as costas para ele e vou para o pequeno vestiário, vestindo minha blusa enquanto caminho. Ainda me sinto exposta demais para ficar

perto dele. Depois de calçar minhas meias e sapatos e limpar meu rosto com uma toalha, visto um moletom e depois meu casaco.

Ele vai tentar me fazer cancelar hoje à noite, mas o idiota pode ir a merda.

Não só ceder a ele o faria se sentir poderoso, como Lu também me mataria. Isso foi planejado há eras, uma celebração secundária de seu vigésimo primeiro aniversário.

Uma batida na porta me faz pular de susto.

— *Anda logo antes que eu mesmo te arrume.*

Resmungo silenciosamente, balançando a cabeça de um lado para o outro enquanto deslizo a alça da minha bolsa no ombro, ignorando-o quando abro a porta e tento passar direto.

Ele agarra meu pulso e me puxa de volta, pressionando-me contra seu peito e abaixando a boca até meu ouvido.

— Pare com essa atitude.

Chris vira meu corpo tenso para encará-lo, acariciando meus braços.

— Tenho me comportado, Stacey. Pare de tentar me irritar agindo como uma criança.

— Eu não...

Suas mãos ásperas e indesejadas me silenciam enquanto viajam até meus ombros em um golpe firme. Seus polegares correm pelos hematomas leves antes de segurar cada lado do meu pescoço.

— O que eu te disse sobre me responder? Quer me deixar com raiva?

Ele chupa o lábio inferior, mordendo-o enquanto seus olhos procuram meu rosto, esperando por uma resposta sarcástica para que ele tenha um motivo para me jogar no chão ou morder minha bochecha.

Minhas costas batem na parede, fazendo os espelhos ao longo dela ondularem. Seu corpo esmaga o meu, e eu cerro os dentes para lutar contra a repulsa, os punhos cerrados ao meu lado.

— Tão bonita e desafiadora — ele murmura, colocando o joelho entre minhas pernas para forçá-las a se abrirem. Sua palma viaja pelo meu lado. — Você se lembra do que acontece com pequenas garotas más como você?

— Sai de cima de mim, Chris — eu o aviso, empurrando seu peito, mas falhando em afastá-lo de mim.

Ele sorri. O bastardo adora quando fico brava. Eu sinto sua

excitação contra mim, e engulo o nó que está se formando em minha garganta.

Chris tem sido assim comigo desde que entrei para a família anos atrás. Tentei contar ao meu pai quando ele invadiu meu chuveiro no dia em que nos mudamos e forçou sua boca na minha. Meu pai se recusou a ouvir quando eu disse a ele que o garoto quatro anos mais velho que eu, tinha me observado me despir em várias ocasiões quando eu tinha apenas quatorze anos.

Não. Eu era, aparentemente, apenas uma adolescente encrenqueira, me rebelando depois a morte da minha mãe.

Chris me beijou inúmeras vezes, no meio de uma discussão. Mas todas as vezes, meus lábios se fecharam – com força suficiente para me causar dor – para negar a língua tentando entrar na minha boca enquanto eu lutava.

Até onde eu sei, nós nunca transamos. Mas ele já me drogou. Me bateu. Fez da minha vida um inferno. Tentei correr uma vez, mas só piorou as coisas. Ele se tornou mais violento.

Parece que não há como escapar de alguém tão monstruoso quanto Chris Fields, mas um dia, quando eu descobrir um plano bom o suficiente, escaparei.

Seus lábios se abrem; ele provavelmente está prestes a descrever o quão alto eu vou gritar por ele, mas um barulho atrás de nós interrompe suas palavras.

Felizmente, a porta do estúdio se abre, fazendo com que ele se afaste bruscamente, e eu finalmente consiga respirar.

Tylar está na entrada, boca aberta, sobrancelhas franzidas, confusa enquanto olha entre nós dois.

— Uhm... Quem é você? — ela pergunta a Chris, e eu fecho meus olhos, esperando que ele não se apresente corretamente. — Somente membros. — Ela aponta para a placa na parede e então se afasta, abrindo mais a porta, silenciosamente dizendo a ele para sair fora.

Quero abraçá-la.

— Claro — Chris responde, olhando para mim, girando as chaves do carro no dedo e lambendo os lábios. Ele se inclina e sussurra no meu ouvido: — Espere só até chegar em casa, irmãzinha. — Eu o encaro, esperando que ele vá embora.

Antes que Chris se afaste de mim, seu sorriso some.

— Comporte-se.

Tylar levanta uma sobrancelha para mim assim que ele sai.

— Quem diabos era esse?

Meu pior pesadelo. O irmão postiço que você não conhece.

Para o meu próprio bem e o das minhas amigas, mantive sua identidade um mistério e faço o meu melhor para garantir que continue assim.

Meu irmão postiço mais velho, Kyle, é um anjo. Ele me ama como um irmão deveria. Mas, então, tem Christopher...

— Só um cara qualquer — minto descaradamente, desligando os alto-falantes e acendendo as luzes principais para acabar com o brilho que muda de cor. — Achei que você estivesse na casa da sua tia?

— Minha mãe quer que eu deposite um dinheiro no banco — ela me diz, abrindo um pequeno armário no canto do corredor e destrancando o cofre. Ela conta notas, cerca de oitocentas libras, e então enfia a pilha na bolsa. — Ele não era o tal do Bryan, era? Lembro de você falando dele de forma diferente. Esse aqui era gostoso. Gostei do sorriso e do cabelo loiro bagunçado. Além disso, ele é alto.

Bufo, franzindo o nariz por ela ter chamado Chris de gostoso. Ele não é nada além de vulgar aos meus olhos.

— Não. Não era ele.

— Bom, quem quer que fosse, por favor, mantenha isso no seu quarto — ela diz, inclinando a cabeça em direção à porta. — Vamos lá. Te dou uma carona até a casa da Lu.

O caminho todo, Tylar repete as regras do estúdio, e eu fico olhando pela janela enquanto ofereço uns sons de concordância. Mas quando ela me diz que uma casa está pegando fogo em Branchton, agora mesmo, olho para ela com as sobrancelhas franzidas. Nenhuma vítima, mas aparentemente o dono da casa tinha sido espancado até não sobrar nada.

O nome não fora divulgado.

Meu celular vibra, e quando olho para baixo, reviro os olhos. A ameaça de sempre. Aquela que costumava fazer minha pele se arrepiar e me dar medo de voltar para casa. Mas agora é só parte da rotina dele.

NãoResponda: Seja uma boa garota esta noite.

Eu resmungo olhando para a tela, meus dedos se movendo antes

que eu possa me impedir.

Eu: Me deixe em paz.

A viagem até a casa da Luciella passa pelo lago, e as árvores cercam a estrada. Paramos nos portões elétricos da mansão extravagante que ainda me deixa sem fôlego. Tylar me diz que vai voltar em algumas horas antes de ir embora.

Quando ela sai, toco a campainha; os dois cachorros começam a latir como loucos, o que me faz sorrir.

Assim que a porta se abre, meu sorriso desaparece, e fico presa sob o olhar carrancudo de Kade. É cheio de ódio e traição. Se eu não estiver enganada, ele preferiria me ver debaixo das rodas da sua moto do que em pé em sua porta.

Seus dois Dobermans, Milo e Hopper, que normalmente ficam com ele na faculdade, cheiram minhas pernas e mãos, ficando animados ao reconhecerem meu cheiro.

Em vez de me encolher e me afastar ou recuar diante do dono deles, me agacho para acariciar os cães enquanto mantenho o olhar tão sombrio quanto o dele.

Kade desvia o olhar primeiro, virando as costas musculosas para mim enquanto assobia para os cães o seguirem. Ele está usando um moletom, um boné virado para esconder o cabelo bagunçado e segurando uma garrafa de cerveja na mão. Imagino que ele não vá sair hoje.

Reviro os olhos e murmuro:

— Ótimo — baixo o suficiente para ele não ouvir, enquanto fecho a porta atrás de mim. *Isso vai ser divertido.*

CAPÍTULO 3



Stacey

— Se eu usar o vestido vermelho, então, não poderei usar uma blusa vermelha amanhã — Lu diz, alternando ao colocar os cabides em frente ao peito. — Mas o azul é um pouco curto demais.

— Então use outro, você tem muitos vestidos — digo a ela enquanto pinto minhas unhas, uma toalha enrolada em mim e o cabelo molhado nas costas. Estou deitada de bruços, na cama dela, enquanto ela perde a cabeça a cada cinco minutos sobre o que vestir.

— Mas eu quero usar o vestido vermelho.

— Então use — digo, girando a tampa do esmalte e soprando minhas unhas.

— Você não está ajudando, Stacey! — ela responde bufando e jogando os dois cabides no chão. — Não posso usar vermelho. Vou usar uma blusa vermelha amanhã.

Minha melhor amiga é insuportável às vezes.

— Ah, deixa eu te falar, Kade e os outros não vão sair hoje à noite. Eles cancelaram os planos quando Dez disse a eles que eu daria uma festa.

— Já percebi — respondo, sem tirar os olhos da tela, encarando as mensagens irritantes de Chris que deixei sem resposta.

Eventualmente terei que responder, porque se não o fizer, ele vai me rastrear até aqui, e essa é a última coisa de que preciso.

Quando eu for para casa, vou evitá-lo. Há cinco cômodos que ele não pode destrancar do lado de fora; conheço bem os esconderijos da mansão.

Um dia, estarei livre. Mas acho que será no mesmo dia em que

cortarei a garganta dele, porque, além da morte, não sei se algo vai pará-lo até que eu seja totalmente dele.

A ideia de ceder a Chris me deixa enjoada.

Lu joga um par de meias enroladas no meu rosto.

— Você me ouviu?

— O que você disse?

Ela suspira.

— Sei que não é fã de Kade e seus amigos. Estou contando que eles fiquem longe para que você não vá embora.

Eu bufo. Ela me conhece bem demais, mas eu não iria embora porque não os aguento – eu só não suporto os olhares que *ele* me dá.

— Você o mandou ficar do lado dele da mansão?

— Meu Deus, sim. Não acho que vou conseguir aguentar o Base e sua necessidade constante de falar sobre sexo. Se eles decidirem fazer outra orgia, vou matar todos eles.

— Você nem estava lá — eu digo. — Não é como se tivesse testemunhado o ato.

— Eu me sentei no sofá em que Base transou, dois dias depois — ela murmura.

Eu rio, tentando me livrar da memória, como se eu não tivesse estado lá, sem minha melhor amiga saber. Tylar queria espionar Dez na casa da piscina, porque ela ainda estava obcecada por ele. Ela me pediu para ir com ela e, obviamente, para que eu pudesse dar uma olhada em Kade, concordei.

Queria não ter feito isso.

Entramos no prédio e congelamos no local enquanto um verdadeiro festival do sexo acontecia na nossa frente, a música estourando nos alto-falantes.

Base, o herdeiro russo de um império inteiro que nunca tira os olhos de Luciella, estava cheirando carreiras de cocaína de um par de peitos enquanto seu pau era chupado.

Dez tinha alguém quicando sobre ele e congelou quando viu Tylar.

Kade manteve sua carranca fixa em mim enquanto se posicionava atrás de uma loira curvada sobre uma mesa de sinuca, nua, desabotoando seu cinto com uma lentidão que me fez ranger os dentes.

Ele não tirou os olhos de mim enquanto a penetrava.

Nunca havia sentido uma raiva tão crua, até que ele deu um sorriso

debochado.

Desgraçado.

— Acho que Base só estava tentando chamar sua atenção — eu digo. — Para te deixar com ciúmes ou algo assim. Ele está atrás de você há anos.

Uma escuridão se desenrola no rosto de Lu.

— Bem, ele pode parar. Assim como Dez e Tylar pararam. Essas coisas nunca terminam bem.

Ty e Dez tinham um rolinho; Lu descobriu e enlouqueceu, declarando que nenhuma de suas amigas deveria chegar perto do triozinho de Kade. Por mais que eu tentasse dizer para ela ficar tranquila, que eles eram inofensivos, Ty terminou tudo com ele.

E eu sei que doeu nela e em Dez quando ela fez isso.

Tylar e o resto chegam uma hora depois, e a noite começa enquanto ficamos em um círculo, tomando shots que queimam meu peito.

Felizmente, esta casa é grande o suficiente para que a reuniãozinha de Kade seja inexistente em comparação com a festa que Lu está dando. E como o álcool está lentamente deslizando por minhas veias, uma parte de mim está se perguntando se eles vão convidar um monte de garotas.

A música está alta o suficiente para que meus ouvidos estejam zumbindo. Alguém trouxe luzes estroboscópicas. O flash faz corpos parecerem desconectados enquanto dançam.

Meu telefone vibra e eu resmungo.

NãoResponda: Se você não responder, vou aí te pegar de quem quer que seja que você esteja transando.

Reviro os olhos, murmurando:

— Idiota.

— Quem diabos é esse? — Tylar pergunta com as sobrancelhas franzidas, olhando por cima do meu ombro.

Coloco meu telefone no sutiã, dando de ombros enquanto pego o copo dela e bebo a bebida forte e horrível que ele contém.

— Ei, sua vagabunda! — Mas ela sorri quando alguém a puxa para longe de mim, para a pista de dança improvisada.

Vou até o banheiro no primeiro andar. Minha visão está um pouco confusa por causa dos estroboscópios enquanto me alivio e me encosto na

pia.

Olho feio para meu telefone, que está ao lado da pia. Talvez eu o deixe cair acidentalmente na água? O quebre? Pise na tela para que as mensagens fiquem ilegíveis?

NãoResponda: Vou quebrar o maxilar dele. Você é minha.

Faço cara feia para a mensagem. Diariamente, a todo momento, eu gostaria de poder estrangular meu irmão postiço enquanto ele dorme, sem que ele pense que estou tentando tornar isso algo sexual.

Eu: Dá pra você parar? Estou na festa de uma amiga. E eu não sou sua. Sou sua irmã postiça, seu doente pervertido.

NãoResponda: Estou indo te buscar.

A raiva aumenta enquanto eu rapidamente desligo meu telefone. Certamente é errado ele me querer tanto?

Eu corro escada acima para o quarto de Lu e jogo o telefone na cama dela. Sei que deveria fazer o que ele diz para parar o abuso, mas estou no meu limite. Quero reagir.

Quando volto para baixo, a maioria dos meus amigos se mudou para a cozinha principal. Alguns estão sentados na bancada da cozinha, outros estão no balcão que eles tomam café da manhã, enquanto exaltam duas pessoas sentadas no chão para todos verem. Ela está montada nele e se esfregando contra o...

Ah.

Meus olhos se arregalam quando o noto pegando o mamilo dela na boca, agarrando seu seio, enquanto o lambe e chupa, como se estivesse morrendo de fome. O vestido dela sobe por cima do seu traseiro, onde a outra mão dele está segurando-a e movendo-a contra ele.

Uma garota da faculdade de Lu para na porta, seu queixo quase batendo no chão.

— Vocês sabem que podemos ver vocês, certo? — ela pergunta ao casal, mas eles apenas acenam para ela com a mão enquanto continuam se beijando e esfregando. — Eles vão simplesmente...

— Transar? Sim! — alguém confirma para ela quando ela luta para encontrar as palavras.

Luciella entra no cômodo.

— De jeito nenhum! Esta é a cozinha da minha mãe, cacete!

Continuo a bebericar minha bebida, ombro a ombro com Ty enquanto os observamos se levantarem e desaparecerem da cozinha, a garota rindo enquanto ele dá um tapa na bunda dela e pergunta onde ficam os quartos de hóspedes.

Lu estica o quadril com os braços cruzados, batendo o pé.

— Tem mais de trinta. Escolha.

Alguém lhe diz que há uma luminária quebrada no saguão, e ela suspira antes de desaparecer.

— Que desmancha-prazeres — uma voz atrás de nós diz.

Ty resmunga quando percebe que é Dez.

— Você queria assistir, não queria?

— Vai se foder — ela retruca sem se virar. — Volte para o outro lado da casa, onde você pertence, antes que Lu veja você falando comigo.

— Mas estamos aqui pela bebida grátis e pela vista. A gêmea do capeta vai estragar isso também?

Os olhos de Tylar tremulam enquanto Dez abaixa a voz para um sussurro. Ela ignora o que quer que ele diga, mas vejo suas bochechas corarem, e uma das mãos dele segura seu quadril, puxando-a para perto.

— Se eu colocar minha mão dentro do seu vestido, sua boceta vai estar encharcada, se lembrando como foi quando me teve te fodendo de todas as formas possíveis?

Pigarreio e chupo meu canudo, desviando meus olhos.

— Para com isso — ela diz, mas sua voz está ofegante.

— Você não ficou me pedindo para parar na outra noite — ele resmunga.

Ele obviamente não consegue perceber o quão devastada Ty se parece. Ela se desvencilha dele e sai furiosa. Dez apenas ri e toma um gole de sua cerveja, seus olhos encontrando os meus.

Eu o encaro.

— Por que você faz isso?

Ele não aceitou muito bem o término com ela e está sempre a provocando, sabendo que isso a deixa louca. Ele está sempre mandando mensagens e ligando, e Tylar sendo Tylar, atende.

— Ela adora — ele responde, tomando outro gole de sua cerveja.

Eu levanto uma sobrancelha e olho feio enquanto aceno com a cabeça para minha amiga que se afasta.

— Ah, claro.

Dez pisca para mim com um sorriso, se puxando para o balcão. Antes que eu possa procurar Tylar para consolá-la, Dez olha por cima do meu ombro.

— Você quer outra cerveja, Kade?

Eu congelo.

Ele deve concordar, porque seu amigo estende uma garrafa em direção ao meu ombro. Um calor irradia contra minhas costas enquanto Kade pega a bebida, os nós dos dedos todos ensanguentados e cortados. Prendo a respiração, tentando ignorar meus hormônios traiçoeiros enquanto o calor percorre minha espinha.

Posso sentir o cheiro dele, a combinação de sua loção pós-barba e shampoo. É inebriante, memórias dos meus dedos envoltos em seus cachos, o cheiro de seu travesseiro, o som de sua risada quando canto terrivelmente, me invadem.

Ainda parado bem atrás de mim, ele solta um *uhm*, e o som profundo vai direto do meu peito para entre as minhas pernas, formigando todo o caminho como fogos de artifício.

Minhas bochechas provavelmente estão vermelhas. Não fico tão perto dele assim, há tanto tempo. O álcool está entorpecendo meu bom senso, porque meu corpo não deveria estar reagindo dessa forma.

Ele se sente da mesma forma que eu, agora? Está coçando para me agarrar e me arrastar para um quarto vazio? Provavelmente não, já que ele me odeia.

Dez olha para uma ruiva alta e de pernas longas entrando e inclina a cabeça para ela.

— Você não transou com ela ontem à noite?

Me afasto antes de ouvir a resposta de Kade.

— Eu poderia olhar para você o dia todo, sabia?

— Pare de ser romântico, Kade, ou vou acabar tendo a ideia errada.

Uma risada baixa e...

— Só mais uma coisa que você me ensinou, Sardentinha. Não vai pra casa esta noite. Fica comigo.

Eu concordo com a cabeça, e ele me pressiona contra o colchão, afastando minhas pernas...



Não.

Eu me recuso a voltar àquela memória, o momento em que soube o que ele significava para mim.

Naquele momento, ele era tudo.

E eu o perdi.

CAPÍTULO 4



Stacey

Quando finalmente paro de dançar e sento ao lado das minhas amigas, já consigo respirar novamente. Elas fofocam, jogam “Eu Nunca”, onde eu desvio completamente da maioria das perguntas quando elas discutem nossas primeiras vezes, então, tomo as doses restantes dispostas na mesa.

Não sei por que Kade começou a aparecer de repente. Nos últimos dois anos, só o vi algumas vezes.

E sou recebida com silêncio, olhares, bufos irônicos ou comentários passageiros murmurados baixinho que ele acha que não consigo ouvir.

Ele mudou tanto do garoto tímido que não conseguia entender emoções básicas, que precisava ser mostrado que está tudo bem em sentir, que ficava nervoso quando não sabia o que estava fazendo no quarto, para *essa* versão.

Quando a multidão começa a se dispersar, são quatro da manhã. Lu está na cama, deixando Ty, eu e alguns outros brincando de jogos de bebidas.

Estamos todos bem bêbados, felizes, rindo enquanto tomamos shots para prolongar nossa euforia – até que Kade, Dez e Base entram na sala de estar, duas garotas sob os braços de Base.

Tylar, sentada ao meu lado de pernas cruzadas, nem olha para elas enquanto serve outra bebida e pergunta quem é a próxima.

— Vamos jogar — alguém diz. — Querem participar?

Tylar solta depressa:

— Não — ao mesmo tempo em que Dez diz:

— Claro.

Todos nós nos mudamos nos sofás para abrir espaço, e a grande mesa de centro entre nós se enche com as bebidas de todos.

— Acho que deveríamos apimentar esses joguinhos — Base acrescenta, sentando-se e arrastando as duas garotas para seu colo. — Dependendo do quão aventureiras estiverem se sentindo.

Kade se joga no sofá em frente a mim e, para meu horror absoluto, uma das garotas no colo de Base se move até ele. Ele para por um segundo, dando a ela um olhar confuso, antes que uma mão tatuada agarre seu quadril. Engulo em seco, tentando ignorar meu ciúme.

Não tenho o direito de me sentir assim.

— Vocês estão querendo jogar "Qual É O Seu Limite", não estão? — Tylar pergunta, franzindo a testa quando todos concordam. — Não sei se perceberam, mas Stacey e eu estamos aqui. Lu vai surtar.

— É só ninguém tocar no Kade, e ela não vai nos matar. — Dez cutuca seu amigo, mas eu não olho para ele para ver sua reação enquanto estudo minhas unhas. — Base pode fazer par com Stacey. Você disse que queria transar com ela, não disse? — ele pergunta ao amigo.

Ah, cara.

Base balança a cabeça de um lado para o outro.

— Você é um idiota.

Kade se mexe no sofá, acende um cigarro e joga o isqueiro na mesa de centro entre nós.

— Se Tylar aceitar, pode me ter — Dez diz, dando uma piscadinha. — Topa?

Ela concorda a cabeça lentamente, suas bochechas corando com o álcool.

— Topo.

— Se eu não for um limite para você. — Ele sorri, dando um tapa no peito do amigo. — E Kade já tem Abbie, então não vai haver uma rebelião causada pela gêmea que foi arrastada das profundezas do inferno.

— Pare com essa merda — Base diz. — Ela não é tão ruim.

— Mas ela é gêmea do capeta? Nisso todos nós concordamos.

— Se você me quer, então pare de falar da minha melhor amiga desse jeito — Tylar diz, cruzando a perna sobre o joelho e arqueando uma sobrancelha.

Posso ver pelo canto da minha visão que a mão de Abbie está no

colo de Kade. Ele não está prestando atenção nenhuma enquanto dá uma tragada em seu cigarro e sopra entre nós, uma nuvem vindo direto para o meu rosto.

Ela é bonita. Seu corpo é perfeito – cabelo castanho ondulado, seios atraentes, com pernas longas e suaves que balançam sobre seu colo. Seu vestido é justo, acentuando cada curva.

Mas eu sei que ele odeia quando alguém brinca com seu cabelo ou pressiona uma palma em seu peito do jeito que ela está fazendo. Demorou uma eternidade para ele se sentir confortável com meu toque. Ele está lutando contra a vontade de se encolher, ou ele realmente mudou.

Será que eles já transaram antes? Ou é mais que isso? Ele fala com ela sobre... tudo?

Tylar inclina a cabeça para mim.

— Não acho que Base vai ser capaz de lidar com essa daqui. — Seu cotovelo me acerta. — Ela tem praticado muito ultimamente.

Dou um tapa em seu joelho.

— Ei!

Ela estremece e se desculpa com um beijo na minha bochecha.

Base – uma versão mais alta e musculosa de Dez – responde com seus olhos castanhos chocolate e um sorriso.

— Estou pronto para o desafio se você estiver, Rhodes.

Ah, Deus. Merda.

Ele me destruiria.

E eu não vou foder um dos amigos de Kade, não importa o quanto nos odiemos.

Kade me encara quando olho para ele – se fosse possível, eu estaria pegando fogo com o quão furioso ele se parece. O que é estúpido, considerando que Abbie está sussurrando algo em seu ouvido e acariciando seu bíceps, e ele está permitindo.

Dou de ombros despreocupada enquanto nossos olhos se cruzam por um pouco mais, e Base concorda com a cabeça.

Vou brincar com isso por um minuto, só para ver a reação de Kade, então vou para a cama antes que algo aconteça.

Ele se importaria? Isso é duvidoso, já que ele tem Abbie tentando atrair sua boca para a dela. Ele não está a beijando. Não está nem olhando na direção dela.

Ele está olhando para mim.

— Como jogamos? — um dos caras pergunta, completamente interessado.

Os olhos de Dez estão em Tylar enquanto ele explica as regras.

— Escolha um parceiro, ou parceiros, e foda até o seu limite.

Abbie, empoleirada no colo de Kade, solta outra risadinha sedutora, inclinando-se para trás para sussurrar algo em seu ouvido novamente. Seus olhos se movem para ela, e suas sobrancelhas se franzem.

— Stacey, tem alguém no portão perguntando por você — diz uma voz da porta da área de estar. Um dos caras que estava esperando um táxi. — Ele está bem fodido.

Merda.

— É o cara de antes? — Ty me pergunta, com um sorriso nos lábios, e todos ao nosso redor estão ouvindo. — Aquele que você estava a segundos de transar no estúdio? Você poderia convidá-lo para entrar. Desculpa, Base, mas ele era gostoso.

Eu faço uma careta, e Dez também.

— Nós não íamos... — Eu paro, suspirando enquanto coloco minha bebida na mesa de centro na nossa frente. — Comecem sem mim.

— Ele está bem bravo — o cara me diz. — Está gritando para você sair. — O cigarro de Kade congela na metade do caminho para sua boca.

Ty se levanta abruptamente, mas eu digo a ela que está tudo bem e peço para ficar onde está, dizendo a Base e Dez o mesmo quando eles também se levantam.

— Tem certeza? — Dez pergunta, preocupado enquanto fecha as mãos. — Ficarei feliz em dizer a ele para ir se foder. — Base concorda.

— Sim, tenho certeza. Vai ficar tudo bem.

De pé e alisando meu vestido, ignoro os olhos de Kade me seguindo enquanto saio do cômodo.

Quando chego aos portões, abraçando a mim mesma com o quão frio está, solto um suspiro nebuloso.

— Sério, Chris? Por que você está aqui?

Seus olhos estão vermelhos, como se ele tivesse bebido muito antes de vir aqui.

— Você não estava me respondendo — suas palavras são arrastadas, e saliva escorre do canto de sua boca.

— Você está chapado?

— Vai voltar para casa comigo se eu disser que sim? — ele

pergunta, os dedos se curvando nas barras do portão de metal que eu me recuso a destrancar com o código.

Balanço a cabeça de um lado para o outro, cerrando os dentes em aborrecimento quando ele cambaleia para a esquerda.

— Você parece estar com frio, irmãzinha. Sabe que eu posso te esquentar.

Meu estômago revira.

— Vá para casa.

— Você é minha casa — ele responde com um soluço. — Não me deixe bravo. Não gosto de ficar bravo com você. Venha comigo. Nós voltaremos para casa e eu... eu farei amor com você.

Ele perde o equilíbrio, caindo de lado. Resmungo, dando alguns passos e estendendo minha mão para tentar ajudá-lo a se levantar. Toda vez que ele fica tão ferrado, preciso ajudá-lo, mesmo que eu não queira. Será pior para mim se eu deixá-lo assim, e prefiro não enfrentar essas consequências.

Mas dessa vez, quando tento ajudá-lo, ele agarra meus pulsos e me puxa para ele, batendo meu corpo no metal que nos separa.

Um lampejo de dor momentaneamente me toma quando meu rosto atinge a superfície dura entre nós.

— Me solta! — eu estalo, sentindo o gosto de sangue de um corte na parte interna do meu lábio.

— Quem você está fodendo aí dentro? — Seu polegar desliza ao longo dos meus lábios enquanto ele os encara, seus olhos totalmente pretos de todas as drogas que consumiu. — De quem é o pau que esteve nessa boca?

Chris abaixa a mão para agarrar entre minhas pernas, e eu recuo com seu toque indesejado antes que possa fazer contato.

Ele sorri, felino e maligno.

— Isso é tudo meu. Cada centímetro do seu corpo me pertence.

Consigo me afastar de seu aperto enquanto ele tenta me beijar, recuando alguns passos e recuperando o fôlego. Sou grata que o caminho de paralelepípedos até o portão esteja longe da mansão quando começo a levantar minha voz:

— Você precisa parar! Você é doente. Não pode fazer isso comigo!

— Você me quer! — ele diz apressadamente. Eu o encaro, balançando a cabeça em negação. — Você me quer e fica negando. Você me

am...

— Não amo.

Ele me encara, os olhos lacrimejando, até que não estão mais em mim.

— Quem diabos é você? — Chris grita, sua raiva aumentando. Seus olhos piscam entre mim e a pessoa que agora está atrás de mim. — Quem é ele, Stacey?

Eu sei quem é sem precisar me virar. Posso senti-lo; sempre posso sentir quando ele está por perto. O leve cheiro de especiarias, fumaça e menta do moletom com capuz no qual já dormi, só confirma isso.

Kade envolve seu braço em volta da minha cintura, já me fazendo sentir mais segura. Sua outra mão está enrolada no gargalo de uma garrafa de cerveja, um baseado entre seus dedos.

Ele sopra uma nuvem de fumaça tóxica em direção a Chris.

Seu braço aperta em volta de mim, sua mão agarrando o material do vestido no meu quadril. Em um tom profundo e ameaçador, Kade diz, muito lentamente:

— Vá embora antes que eu faça você se arrepender, seu filho da puta.

— Quem é você? — Chris pergunta novamente, uma de suas mãos escorregando das barras do portão.

— Só vai embora — eu imploro enquanto Kade abaixa seu queixo no meu ombro, inalando profundamente.

Chris provavelmente irá me fazer pagar quando eu chegar em casa. Perto de mim, ele é grande e mau, mas eu vejo o lampejo de medo em seus olhos enquanto eles se voltam para Kade novamente.

— Ela não é sua.

Kade ri.

— Ela também não é sua. Claramente. — Ele aponta para trás de Chris. — Vai embora!

Chris se empurra para fora do portão e cospe no chão antes de voltar para o carro que ele certamente não deveria estar dirigindo.

Eu respiro, fechando meus olhos enquanto as luzes começam a desaparecer na entrada de veículos enevoada. Kade não me solta, mas eu também não me afasto. Meu núcleo se contorce com uma sensação profunda que eu não sentia há algum tempo enquanto ele traz sua boca ao meu ouvido, sussurrando:

— Quem era seu amigo, Sardentinha?

— Ninguém — eu consigo responder, segurando um suspiro enquanto a ponta de seu nariz traça a concha da minha orelha.

Inclino minha cabeça para dar a ele melhor acesso e meu peito arfa enquanto o toque delicado, mas poderoso, viaja para a área sensível do meu pescoço que faz minhas paredes internas pulsarem. Ele sabe o que está fazendo, me tentando, me provocando.

— Nin... ninguém.

Ele dá outro tragada em seu baseado, então toma um gole de sua cerveja, ainda me segurando contra ele.

— Tem certeza? Não era ele, quem você aparentemente estava perto de foder antes?

— Não.

Kade resmunga, o som estrondoso vibrando contra minhas costas.

— Ele não parece seu tipo. É jovem demais. — Ele abaixa a voz: — Prefere que suas escapadas sejam com homens mais velhos, não é?

Não respondo, concentrando-me em minhas respirações instáveis e no calor que envolve meu corpo.

Quando os dedos de Kade puxam meu queixo, me forçando a olhar para ele por cima do ombro, lambo o gosto metálico em meus lábios, tentando esconder qualquer evidência de Chris batendo meu rosto contra o portão.

Tão perto. Sua boca está tão perto da minha. Se eu inclinar minha cabeça um pouquinho, nossos lábios colidirão.

Quando ele vira meu corpo para encará-lo, seus olhos estão queimando em minha alma. Ele me encosta no portão com uma palma no meu peito e a move para meu pescoço, me segurando no lugar. Meu pulso está martelando contra sua mão e, enquanto ele aperta levemente, um gemido escapa da minha boca.

Meu corpo inteiro está pegando fogo com seu toque. O oposto total de quando Chris tenta me maltratar.

Suas pupilas dilatam sob o luar.

Ele solta meu pescoço e agarra um punhado de cabelo, puxando-o rudemente para inclinar minha cabeça para trás.

— É isso que você quer? Uma rapidinha?

Kade espera minha resposta, apertando seu abraço quando solto um gemido de quão perto ele está, então me solta e recua.

— Se é isso que você quer... — ele diz, e eu franzo a testa para ele. Kade vira a garrafa na direção para onde Chris foi, lutando contra um rosnado no rosto. — Vá, fique à vontade. Ou pode ficar com Base, como o planejado. Nós dois sabemos o quanto você pode ser desesperada.

Antes que eu possa dar uma resposta sarcástica, ou pelo menos, mandá-lo ir se foder, ele solta um resmungo, balançando a cabeça de um lado para o outro, se afastando de mim. Ele bebe o resto de sua cerveja e joga a garrafa, fazendo meus ombros se enrijecerem quando ela se estilhaça no chão de pedras.

Prefere que suas escapadas sejam com homens mais velhos, não é?

Tudo bem. Posso ter merecido essa.

CAPÍTULO 5



Stacey

Sinto alguma coisa lambendo meu rosto. Duas, na verdade.

Abro os olhos e vejo Milo e Hopper de cada lado. Dou um tapinha em suas cabeças enquanto olho para a porta que tenho certeza de que fechei.

— Como vocês dois entraram aqui?

Eles me encaram, então Milo inclina a cabeça e eu me deito novamente enquanto eles rolam de costas para receber carinhos na barriga. Hopper cutuca meu rosto com seu nariz molhado e eu o envolvo com meus braços com um sorriso enorme.

— Vocês dois sentiram minha falta?

Ambas as cabeças se inclinam dessa vez, e eu rio e coço suas orelhas.

Kade deve tê-los mantido longe da festa ontem à noite. Ele sempre é extremamente protetor com eles. Estou surpresa que Kade não tenha chutado a porta e exigido que me deixassem em paz.

O sol brilha no meu rosto enquanto tiro o edredom de cima de mim, fechando os olhos com força enquanto procuro meu telefone. Quando o encontro, ele está sem bateria, e com o quanto bebi ontem à noite depois de voltar para a festa, acho que estou igual ele.

Felizmente, nenhum jogo sexual foi jogado.

Calço meus sapatos e saio do quarto de hóspedes, Milo e Hopper correndo pelo saguão. Passo por três portas e bato levemente.

— Ty?

A trava da porta destranca, e minha amiga sai furtivamente,

deixando Dez dormindo na cama. Seu cabelo está uma bagunça, e há uma marca de mordida em seu pescoço. Ela solta um suspiro enquanto olha para mim.

— Vou chamar um táxi. Estou de ressaca demais para dirigir.

Passamos por cima de Base dormindo na entrada e saímos pela porta da frente.

A mansão está estranhamente silenciosa.

— Ninguém imaginaria que já é meio-dia. Luciella deve ter dado mais de um dia de folga para a equipe.

— Três dias, eu acho. Ela odeia tê-los por perto. — O ar de fora nos atinge, e nós duas trememos.

— Vou ficar na sua casa por alguns dias — digo a Tylar, tremendo ainda mais com o pensamento de ir para casa com Chris. — Quando você vai para Roma?

— Domingo — ela diz enquanto nos sentamos nos degraus, esperando nossa carona. — Eu sei que você quer perguntar. Então pergunte.

Dou de ombros.

— O que você e Dez fazem não é da minha conta.

— Foi aquele jogo idiota — ela diz, suspirando. — Eu achei que ia dormir com ele, então Kade fez todos irem embora.

Quando voltei para a mansão ontem à noite, Kade agarrou Base pelo colarinho antes que ele pudesse cheirar uma linha de cocaína da mesa de centro e o arrastou para fora do cômodo. Então, quando Dez decidiu buscar um pouco de ar depois de devorar a boca de Tylar, Kade disse que a festa tinha acabado.

Tomei mais algumas doses, e então eu e Tylar fomos para um dos quartos de hóspedes. Ela saiu furtivamente quando pensou que eu estava dormindo, e eu a ouvi rindo do lado de fora da porta.

O portão se abre, e eu vejo uma moto preta entrar e parar ao nosso lado. O motoqueiro fica de pé, tira as luvas e depois o capacete para revelar cabelos escuros e bagunçados e olhos azuis sonolentos.

Kade deixa o capacete cair no chão; parece que ele não dorme há dias. Ele gira os ombros ao descer da moto e, quando levanta o olhar para mim, noto um hematoma sob sua bochecha. Engulo em seco e desvio o olhar.

— Acho que Base pode estar morto — Tylar diz, bocejando. — Ele está deitado no saguão, com apenas uma cueca boxer.

Kade assente, e eu quero muito olhar para ele de novo, mas não o faço.

Ele sobe as escadas à minha direita, e minha pele formiga com sua proximidade antes que ele desapareça na mansão. Meus ombros saltam quando ele bate a porta.

— Ele é tão mal-humorado — Tylar reclama. — Eu me pergunto para onde ele foi? Dez disse que ele saiu apressado da mansão às sete da manhã.

Não respondo enquanto olho para meus sapatos, chutando pedras imaginárias.

Quando o táxi chega, corremos até os portões e entramos. Tylar mora a uma hora daqui, e a casa dela é menor, cheia de arte, estátuas e plantas. Seus gatos pressionam minhas pernas enquanto tento andar até o quarto dela, quase me fazendo tropeçar pelas escadas.

Em vez de tomar banho e nos vestir, ou fazer qualquer coisa produtiva, Tylar e eu vestimos pijamas limpos e subimos na cama. Ficamos lá pelo resto do dia, e quando finalmente carrego meu telefone, Luciella nos liga por uma hora para fazer planos para nossa viagem aos Estados Unidos. Ela está voando para se encontrar com sua mãe e Ewan, e ver seu pai, e me convidou para passar as férias com eles.

Volto a dormir depois de comermos pizza.

Fazemos isso por três dias, e durante esses três dias, ignoro cada mensagem de Chris.

Elas só ficam cada vez mais bravas, mais ameaçadoras, e mesmo depois que eu o bloqueio, ele usa um novo número para me pedir para ir para casa.

Ou, devo dizer, me implora.

Tylar finalmente me leva para casa depois que pegamos seu carro na casa de Lu, me lembra que vou cobrir sua aula hoje à noite e me dá um beijo no ar quando saio do veículo. Corro para o meu quarto, suspirando de alívio quando o alcanço e fecho a porta, colocando a cadeira sob a maçaneta para impedir que Chris entre.

Tomo banho e me encosto nos azulejos, lembrando o quão perto Kade esteve de mim no portão. Seu braço ao meu redor, e sua mão estava na minha garganta. Deslizo minha mão até meu pescoço e mordo meu lábio, fechando meus olhos e imaginando que é ele.

O momento acaba quando alguém bate na porta do meu quarto, alto

o suficiente para que eu possa ouvir no meu banheiro.



Chris me encara como uma coruja furiosa do outro lado da mesa de jantar enquanto Nora discute com Kyle a importância de se envolver mais com a família em vez de ir para festas o tempo todo.

Mal consigo engolir minha comida sem sentir seu olhar indutor de vômito em mim. É mortal – do tipo que você vê em um assassino em série. Se não houvesse mais ninguém por perto, temo o que ele faria.

Se Chris apertar seu garfo com mais força, vai quebrar.

Psicopata.

— Quando você vai para os Estados Unidos?

A pergunta de Nora é o suficiente para fisgar sua concentração para sua mãe. Ele não tinha ideia de que eu ia viajar. Ótimo, mais punição.

Quando digo a ela que vou amanhã, ela pergunta:

— E os adultos vão?

— Podemos não fazer isso? Tenho vinte e um anos.

— Independentemente da sua idade, a última vez que você esteve lá, voltou com vários hematomas e um braço quebrado. Como vai evitar que isso aconteça de novo?

Dou de ombros. *É culpa do seu filho que tem um parafuso a menos.*

— Quem sabe, evitar beber e cair na frente dos carros em movimento? — Essa foi a mentira que ele me fez inventar.

— Não precisa usar esse tom, querida. Só estou preocupada com você. Sempre que sai com seus amigos, volta machucada.

— Por que vai viajar para lá? — Chris pergunta, e eu sei que ele vai me estrangular contra a minha porta quando estivermos sozinhos, para tentar arrancar cada pequeno detalhe de mim.

Não posso dizer: *Ah, para ver Tobias Mitchell com seus filhos*, posso? Primeiro, eles surtariam porque ele é famoso por aqui. E então eles me trancariam no meu quarto e eu nunca mais veria aquela família.

Quando eu não respondo, ele chuta a mesa.

— Com quem você vai?

— Amigos.

— Quais amigos?

— Puta merda. — Kyle joga o garfo na mesa, Nora faz cara feia

para ele por sua linguagem chula. — Isso importa? Deixe-a respirar, cara. Você é insuportável às vezes. E você também — ele diz para sua mãe. — Ela tem idade suficiente para fazer o que quiser.

— Tudo bem. Mas vai me ligar todo dia — Nora diz, antes de continuar a comer seu jantar.

Eu murmuro um *obrigada* para Kyle e termino de comer, ignorando o olhar mortal de Chris enquanto viro minha taça de vinho.

Kyle não tem consciência de quão insuportável seu irmão é. Ele acha que Chris é possessivo comigo porque sempre quis uma irmãzinha enquanto crescia, mas se ele realmente soubesse como o irmão é, não tenho certeza de quem mataria quem.

Houve tantas ocasiões em que considerei contar a ele. Tantas vezes, enquanto ele me levava às pressas para o pronto-socorro, debati se deveria contar a verdade, porque acho que ele acreditaria em mim. Mas, por outro lado, meu pai não acreditou, então não valia a pena o risco.

Além disso, não quero que Kyle se machuque.

Se eu contasse para Lu ou Tylar, elas exigiriam que eu fosse embora, fizesse as malas e fugisse. Mas elas não só não sabem que Chris existe, como também não entenderiam o quão psicótico ele é, até onde ele iria para me controlar. Acho que sou a única que sabe do que ele é realmente capaz.

Ele faz Tobias Mitchell parecer um santo.

É como estar em um relacionamento abusivo, sem a parte do sexo e a conexão emocional. Não vou embora porque sou sua parceira e o amo, e parte de mim espera que ele mude. Não estou iludida pensando que ele tem capacidade de se tornar são. Não, nem perto disso. Ainda estou aqui porque tenho muito medo de fugir e estou quebrada.

E mesmo que eu conseguisse escapar, ele caçaria cada centímetro desta Terra para me encontrar.

Quero me impor, mas não tenho ideia de como fazer isso ou de como enfrentaria sua ira se tentasse.

Continuamos comendo, mas Chris apenas olha para seu prato. Não há nada em seus olhos, nada em seu tom. Nada além de pura raiva. E toda sua raiva é dirigida a mim. Como se ele estivesse calculando o quão forte precisa atirar a faca para ter certeza de que atravessará meu crânio.

Pigarreio, virando-me para Nora.

— Posso me retirar?

Os cantos de seus olhos enrugam enquanto ela sorri para mim.

— Claro. Leve o resto do vinho com você.

— Obrigada. — Eu me viro para Kyle e Chris e digo com um aceno: — Boa noite.

Chris franze a testa para mim enquanto eu pego a garrafa e saio da mesa.

A caminhada até meu quarto é estressante – meus pés não podem ir mais rápido. Chego à minha porta pouco antes de ser jogada contra a parede.

Foda-se, eu estava tão perto.

— Que porra foi essa?

Antes, assim que ele começou a ser mais agressivo comigo, eu chorava e implorava para ele me deixar em paz, mas agora eu simplesmente reviro os olhos e olho para qualquer lugar, menos para ele.

— O que eu fiz dessa vez?

— Você sabe do que estou falando. De sábado à noite. E você tem me ignorado desde então.

Quando levanto o ombro, ele arranca a garrafa de vinho da minha mão e segura meu queixo com um aperto doloroso.

— Quem era ele?

Chris estava tão fora de si que não tinha reparado quem estava me segurando; ele não tinha notado que era Kade Mitchell com os braços em volta da minha cintura. Ele, definitivamente, sabe quem ele é – a cidade inteira sabe – mas ele não deve conseguir se lembrar do rosto, porque estava sob efeito de muitas drogas.

O aperto no meu queixo fica mais forte, e Chris esmaga meu corpo com o dele.

— Você não vai me contar, vai? Se esqueceu do que aconteceu da última vez? — Mesmo com meu coração se despedaçando, cerro os dentes, apesar de quão perto eles parecem de quebrar.

Chris me puxa da parede e me empurra para dentro do meu quarto, batendo a porta atrás de nós. Ele ainda tem a garrafa de vinho na mão, e eu já sei o que vai fazer.

— Deite-se.

Cruzo os braços.

— De jeito nenhum.

— Me diga quem ele era — ele continua, andando comigo pelo

quarto enquanto tento me afastar dele. — Quem diabos colocou as mãos em você?

— Eu sou sua irmã.

Ele agarra meu queixo novamente, inclina minha cabeça para trás e, antes que eu possa gritar para ele cair fora, ou mesmo respirar, ele abre meus lábios e despeja o vinho na minha boca.

— *Irmã postiça*. Então eu posso fazer o que eu quiser com você. Você é minha, lembra? Agora, já que gosta tanto de beber, beba, caralho.

Eu me engasgo, batendo em seu peito, rosto e braços, mas ele não se move enquanto o álcool desce pela minha garganta. Tusso enquanto a bebida escorre pelos meus olhos, sobe pelo meu nariz, desce pela minha blusa e encharca minhas roupas, e tento fechar minha boca, cerrar os dentes ou tossir o líquido para longe, para que eu possa encher meus pulmões de ar, mas seu controle sobre mim só aumenta. A dor irrompe por todo o meu rosto por causa do seu aperto, e as lágrimas se misturam ao vinho tinto em minhas bochechas.

Meu peito está queimando, o enjoo subindo pela minha garganta com o vinho com que ele está me afogando.

As lágrimas caindo por suas bochechas o fazem parecer que está sofrendo, mas é ele quem está me violentando.

Ele sempre chora.

Ele para e dá um passo para trás, limpando o rosto com a manga. Eu inspiro fundo e tento piscar para afastar a queimação em meus olhos, quase vomitando meu jantar enquanto caio de joelhos e engasgo.

— Você vai me responder agora?

Mal conseguindo encher meus pulmões de ar, levo um minuto inteiro para me certificar de não desmaiar. O quarto está embaçado e girando, e muita pressão está se acumulando atrás dos meus olhos e da minha cabeça.

— Porra, me responda!

Quando o ignoro novamente, seu pé cai na parte de trás da minha cabeça, minha boca colide com o chão, e eu instantaneamente me arrependo de ter voltado para casa.

CAPÍTULO 6



Stacey

— *Certo, tenho uma proposta para você* — Lu diz de forma animada.

Olho para mim mesma no espelho do banheiro, limpando a condensação do meu chuveiro. Há círculos pretos sob meus olhos, provavelmente por causa da minha falta de sono nos últimos dias. Tenho um corte na bochecha onde meu rosto bateu no chão, e tenho certeza de que meu mindinho está quebrado porque Chris pisou nele.

Isso precisa parar.

Só não tenho ideia de como fazer isso acontecer. Mesmo que Nora ou Kyle acreditassem em mim quando eu contasse a eles, não acho que seriam capazes de impedir Chris de me enterrar no jardim. Até pensei em contar a Kade alguns anos atrás, porque sabia que ele faria algo a respeito. Mas toda vez que ele me perguntava onde eu tinha conseguido meus hematomas, eu mentia e dizia que eram de dança.

Eu sempre minto. E odeio isso.

— Qual é a proposta? E não, não vou pegar suas aulas quando você voltar dos Estados Unidos. Estou muito ocupada.

— *Você já fez isso antes!* — ela exclama, e eu posso dizer que ela provavelmente está jogando o braço ao redor e andando de um lado para o outro no quarto. — *Por favor. Eu não posso de jeito nenhum me dar ao trabalho de ensinar um bando de crianças.*

— Não.

Ela suspira.

— *Tudo bem. Mas espera aí, você disse quando* eu *voltar, não* nós.

Você não vai mais?

— Eu vou. Só estou cansada. Quem mesmo que vai? — pergunto, esfregando minha toalha no cabelo para secá-lo um pouco e colocando-a no viva-voz para escovar meus dentes.

— Só nós, eu acho. Mamãe e Ewan já estão lá, é claro, e Jason não tirou folga do trabalho. Minha avó aparentemente vai nos encontrar no hotel perto da instituição do meu pai, mas vamos ver. Ela nunca aparece.

Eu não deveria estar desapontada, mas entendo por que Kade não vai.

— A mãe do seu pai?

Lu bufa.

— Infelizmente. Não a suporto, e tenho certeza de que minha mãe quer dar um soco na cara dela toda vez que ela fala.

O telefone dela apita, e Lu fica em silêncio por um momento.

— Ah, merda, então, meu irmão acabou de me lembrar que ele e Dez estão consertando o teto do estúdio hoje à noite. Não é você que vai dar aula de dança?

Ah, merda, fala sério.

— Fantástico. — Eu suspiro. — Sim, serei eu. Vou assumir as aulas da Tylar até ela voltar de Roma. É a aula avançada.

Quando ela desliga, meu cabelo está quase seco e meus nervos estão prontos para explodir com a ideia de Kade estar no estúdio. Passo hidratante em todas as tatuagens escuras do meu corpo – a maioria está nos meus braços, mas há algumas nas minhas pernas e no meu tronco.

Algumas delas Kade desenhou para mim. Elas foram feitas para combinarmos. Eu me recuso a cobri-las como ele fez.

Saio do banheiro, rapidamente me certificando de que a porta está trancada antes de me vestir e organizar minha bolsa de dança. Arrumo minhas botas de cano alto Pleasers e meias arrastão para usar com meu body.

A última vez que Kade me viu vestida assim, dançando sensualmente para uma competição que no fim, nunca participei, acabei quicando sobre seu pau no chão do estúdio até as três da manhã.



Depois de me certificar de que os arredores estavam vazios, desço

as escadas o mais rápido e silenciosamente possível, conseguindo escapar da mansão antes que Chris possa me jogar em um quarto.

Nunca vi alguém tão fodido da cabeça, nem mesmo quando falei com Tobias Mitchell no telefone.

"*Meu filho merece alguém melhor*", ele me disse. "*Você o destruiu.*"

Quer dizer, ele meio que estava certo – Kade merecia alguém melhor, mas eu definitivamente não o destruí. Ele parece estar mais feliz do que nunca com seu álcool, suas drogas e fodendo tudo ao seu redor. Ele nunca festejou assim antes, mas agora parece ser tudo o que faz.

Ele parece feliz.

Então, não, eu não o destruí. Mas ganhei um lugar em sua lista de desafetos.

Agradeço ao motorista do táxi que me deixa no estúdio de dança e saio do carro. O frio da noite arde em minha pele enquanto desço correndo os degraus para o prédio – então quase grito palavrões quando dou de cara em algo.

Ou melhor, alguém.

Suas sobrancelhas escuras se juntam enquanto ele me encara, seus olhos azuis tão intensos que preciso lutar para olhar para eles.

— Uhm, desculpa — murmuro enquanto Kade se abaixa para pegar minha bolsa de dança, colocando-a de volta no meu ombro. O corredor é estreito, fresco, mas tê-lo tão perto está fazendo o lugar parecer um inferno. — Dez também está aqui?

Ele acena uma vez, puxando o cigarro de trás da orelha, então passa por mim, indo para a saída. De volta ao tratamento do silêncio, então.

— Aonde você está indo?

Ele levanta o isqueiro e o cigarro acima da cabeça enquanto segue em direção às escadas.

Olho para a tela do meu telefone para verificar as horas e digo rapidamente:

— Uhm, minha aula só começa em uma hora. Você quer que eu vá para outra sala? Preciso me aquecer e passar minha rotina.

Kade se vira para mim, ainda andando para trás. Ele honestamente não poderia parecer mais despreocupado enquanto dá de ombros.

— Já te vi dançar muitas vezes.

Minhas bochechas se esquentam com o fato de ele estar falando comigo, mesmo que isso não signifique nada. Ele falou comigo naquela

noite na mansão. Quer dizer, não foi exatamente uma conversa *agradável*, mas foi a primeira vez que ele sequer deu um suspiro em minha direção em dois anos, mesmo que apenas para me insultar.

— Minha música vai estar alta — acrescento. — Muito alta.

Outro encolher de ombros. Talvez eu dê um tapa nele se ele fizer isso novamente.

— Eu gosto de música alta.

Encaro suas costas largas e musculosas enquanto ele sobe os degraus de dois em dois antes de o seguir adentro. Dou um meio sorriso para Dez quando ele desce do teto.

— Tudo bem, Rhodes?

— Oi, Desmond.

Ele ri.

— Não começa com essa merda. — Ele acena com uma chave de fenda para mim. — Eu contei àquela babaca meu nome verdadeiro em segredo e ela contou a todo mundo.

— Tylar ficaria ofendida em ser chamada de babaca.

Ele apoia os cotovelos no topo da escada.

— Então, ela é a maior babaca de todos os babacas. E você tem que dizer isso a ela. — Ele olha para a entrada e abaixa a voz: — Ela não está aqui esta noite, está?

Eles obviamente não estão se falando no momento.

— Não, ela ainda está em Roma.

Dez assente, e eu posso dizer que ele quer falar mais sobre ela, mas bate no metal das escadas e volta ao trabalho, enfiando a cabeça no teto.

Eu rapidamente tiro meu agasalho e coloco minha meia-calça, abotoo meu body na virilha, então amarro minhas botas Pleaser. Elas são novas, e o couro range um pouco quando mexo meus tornozelos.

Kade entra enquanto eu conecto meu telefone aos alto-falantes, e posso sentir seus olhos nas minhas costas. Essa distração me atrapalha de encontrar as anotações da minha rotina. Quando levanto o olhar para os espelhos que vão do chão ao teto em uma das paredes do salão, posso vê-lo me encarando. Mais precisamente, minhas pernas, deixando seu olhar subir lentamente.

Ele poderia muito bem ter passado a língua na minha pele, com o quão quente isso me deixou.

— Passe a chave de fenda de ponta chata — Dez diz, fazendo com

que Kade pare de me foder com os olhos. — Essa merda de fiação não aperta de jeito nenhum.

— Me deixa tentar — ele responde em uma voz profunda, e eu tento me concentrar em encontrar as notas que salvei no meu celular descrevendo cada movimento.

A sala é grande o suficiente para que eles não causem distração, mesmo com o canto do teto pendurado.

Sento-me na frente dos espelhos, enquanto *Party Monster* do The Weeknd toca, e rapidamente passo as minhas notas, então vou para parte das aberturas, as duas pernas esticadas com blocos abaixo dos meus tornozelos. Normalmente, eu faria isso sem saltos, mas a presença de Kade me atrapalhou completamente da minha preparação para as aulas.

Flexibilidade sempre foi uma das minhas maiores qualidades. Eu me curvo de todas as maneiras, o que torna mais fácil dançar, malhar e...

Sim.

Inclino meus quadris para frente para aprofundar a abertura, me inclinando para baixo para que meus cotovelos descansem no piso de madeira cinza.

— Ah, merda — Dez deixa escapar, o metal rangendo enquanto ele pula das escadas. — Eu preciso ir, cara. Você consegue terminar?

Kade deve concordar com a cabeça ou algo do tipo, porque não ouço uma resposta.

Sorrio para Dez enquanto ele reúne suas coisas e se despede de nós dois. Irritantemente, posso ouvir a piada em seu tom quando ele diz:

— Se divirtam.

Nós, definitivamente, não iremos nos divertir.

Meu body é praticamente um fio-dental e não faz nada para esconder minha bunda nessa posição. Minha meia-calça de redinha me deixa com um ar mais provocante, e minhas botas de couro vermelho têm quase vinte e três centímetros e vão até um pouco acima dos meus joelhos. Justo agora, eu tinha que ficar sozinha com Kade! Dou um tapinha mental em mim mesma.

— Quanto tempo você vai demorar? — pergunto, mantendo meu olhar fixo na tela do meu telefone. — Ainda estará aqui quando minha aula começar? Vou precisar apagar as luzes e ligar os LEDs.

Quando ele não responde imediatamente, olho para cima. Kade está caminhando até os espelhos na minha frente para vasculhar sua bolsa de

ferramentas. Ele vira um martelo na palma da mão e verifica seu telefone, olhando para a tela antes de guardá-lo.

— Vou embora antes da sua aula começar. Pode ligar os LEDs agora. Vou usar uma lanterna de cabeça.

Ver Kade trabalhando mexe comigo. Ewan vem tentando fazê-lo trabalhar em sua empresa há anos, mas ele só faz um trabalho aqui, outro ali.

Ir para a universidade era seu plano.

Tinha sido para lá que ele havia desaparecido, voltando apenas de vez em quando e me ignorando no processo. Não faço ideia de por que ele está em casa agora.

Talvez tenha abandonado a faculdade?

Assim que as luzes se apagam e um brilho vermelho suave toma conta da sala, eu navego pela playlist, encontrando *Skin* de Rihanna. Antes de apertar o *play*, termino meus alongamentos e me viro para Kade, que está no topo da escada com a cabeça no teto.

— Tem certeza de que quer ficar? Isso é... uma coreografia *bem* lenta.

Sinto minhas terminações nervosas pegando fogo enquanto ele abaixa a cabeça do teto, seus olhos demorando em mim por uma fração de segundo antes de voltar ao trabalho.

A letra é sobre sexo pesado, pelo amor de Deus.

Com meu ex bem aqui.

Eu poderia gritar.

Mentalmente, faço uma oração por mim mesma enquanto me posiciono. Não é que eu esteja envergonhada; minhas aulas não são para o prazer de outra pessoa. Elas são sobre autoestima e sentir-se bem consigo mesma, tirando uma hora do dia para escapar da vida real e da rotina.

Mas dançar assim, do jeito que estou prestes a fazer, na frente dele, principalmente com a maneira como me desligo do mundo, confesso que estou um pouco nervosa.

Kade já me viu dançando, mas não por muito tempo. Espero que ele mantenha a cabeça no teto.

Os vocais começam, e eu me deito, levantando um joelho para que meu calcanhar arraste no piso laminado, depois o outro, alternando durante a introdução enquanto minhas costas arqueiam do chão. Eu viro de bruços, sacudindo meu cabelo e deslizando vagarosamente e sensualmente para

sentar-me sobre meus quadris enquanto minhas mãos percorrem meu corpo, meus quadris se movendo o tempo todo.

Kade continua no teto enquanto danço. Quando fico de pé, já estou suando. Ando lentamente ao redor do poste, então giro em torno dele duas vezes, uma mão me explorando enquanto a outra agarra o metal frio. Meus olhos se erguem para os espelhos e eu quase paro de me mover.

Ele não está mais no teto – Kade está apoiando os cotovelos no topo da escada, me observando enquanto eu deslizo minhas costas para baixo do poste para me agachar, girando meus quadris enquanto desço.

Eu enrolo meu longo rabo de cavalo em volta do meu punho.

— Pare de olhar para mim.

Ele nega com a cabeça.

Reviro os olhos e continuo, tentando me concentrar na minha rotina. Mas não consigo. Ele está encarando a maneira como meu corpo se move no ritmo da música, ritmo o qual balanço em cada palavra que ela canta.

Paro abruptamente e coloco as mãos nos quadris, encarando-o com uma carranca.

— Você está me distraindo.

Ambas as sobrancelhas dele se levantam enquanto ele aponta para o peito.

— Eu? Você é a porra da distração aqui.

— Eu disse que era uma música lenta. Se não gosta, vá embora ou preste atenção no seu trabalho.

Ignoro o que ele murmura baixinho, parando a música e colocando-a de volta ao começo, antes de voltar à minha posição inicial no chão. Estou com muito calor e desesperada para tirar minha meia-calça.

A música toma conta de mim, e dessa vez, ele se mantém ocupado enquanto faço a rotina inteira, depois uma segunda vez. Na terceira, ouço-o bufar e dobrar sua escada. Não paro enquanto ele arruma o canto do teto, e não olho para ele enquanto faço *air walk*, andando no poste e ele passa direto para arrumar suas coisas na frente do espelho.

Rihanna para de cantar, The Hills começa automaticamente, e eu fico ali, ofegante no chão, espreguiçada como uma estrela enquanto tento recuperar o fôlego. Kade, em sua blusa azul-marinho e shorts, para aos meus pés. Seu cabelo escuro está bagunçado, caindo sobre sua testa; uma tatuagem sobe pela sua clavícula, e seus braços parecem mais fortes do que

antes.

Os olhos azuis de Kade estão queimando em mim.

— O quê? — estalo, ainda ofegante enquanto The Hills entra no refrão.

— Base vai te mandar uma mensagem.

Eu me sento, apoiando-me nos cotovelos e cruzando as pernas na altura dos joelhos.

— E?

O olhar de Kade se arrasta de cima abaixo em meu corpo antes que seu pomo de Adão se mexa em seu pescoço.

Uhm, eu já lambi esse pescoço.

— Ele quer te foder. Não se incomode.

Deus, eu não deveria estar sorrindo agora. Também não deveria sentir um aperto no peito. Não porque Base me quer, mas porque isso parece irritar Kade. Um cara que aparentemente me odeia e me considera morta.

Inclino minha cabeça para o lado.

— Eu não ia. Não que isso seja da sua conta.

Ele faz um som zombeteiro.

— Não é velho o bastante para você?

Eu suspiro e me levanto, ainda longe da altura dele, mesmo com minhas botas de salto.

— Se está tentando dizer algo, então diga logo de uma vez.

Kade dá um passo à frente, sua expressão séria. As linhas definidas de seu rosto destacadas pelas LEDs vermelhas, seus cílios longos e escuros, a veia em seu pescoço mais perceptível quanto mais perto ele chega.

— Você quer que eu diga logo de uma vez?

Aceno positivamente com a cabeça.

— Tudo bem.

Ele lentamente diminui a distância entre nós, e meu coração bate mais forte no meu peito. Minha respiração fica pesada, mais profunda, especialmente quando ele aperta meu quadril e minha garganta, me apoiando contra a parede espelhada.

— Tenho muito para te dizer, mas tudo que consigo pensar é o quanto me dá nojo.

Dou a ele um sorriso provocador que alcança meus olhos.

— Só isso?

— Eu te odeio.

— Mesmo? — consigo responder, apesar de ele estar diminuindo a distância infinitesimal entre nós. Estamos quase peito a peito. — Não tanto quanto eu odeio você.

Seu polegar acaricia a lateral do meu pescoço, e ele poderia muito bem ter enfiado o rosto entre minhas pernas e chupado meu clitóris com o quão molhada fico.

Seu maxilar treme.

— Fique longe do Base. — Ele aperta meu pescoço, e meus olhos tremulam com a sensação. — Não preciso que você envenene a mente dele também.

Meus joelhos tremem, mas quando ele vai me soltar, eu o paro, pressionando sua mão no meu pescoço. É diferente de quando Chris faz isso, e isso me faz bem – um alívio para o medo que costumo sentir.

— Você gosta disso? — Kade enfatiza suas palavras cortando meu oxigênio momentaneamente. Tudo o que consigo fazer é dar um aceno positivo com cabeça, e seus olhos brilham com algo escuro e sinistro.

Enquanto ele aplica pressão ali, seu polegar no meu pulso, eu me lembro do que ele disse e decido foder com a cabeça dele.

— Devo admitir, estou tentada — minha voz está tensa. — Base parece ser o tipo selvagem na cama.

Mentira. Ele sabe que estou mentindo também. Primeiro, Base quer minha melhor amiga, e segundo, ele é o melhor amigo de Kade.

Além disso, não tenho interesse algum no escocês de linhagem russa.

A mão que estava no meu quadril desliza pela lateral do meu corpo, deixando um rastro em chamas por onde passa. Cada toque dele é incandescente; cada toque vai direto para a sensação que se enrosca na base da minha coluna. Nossos peitos sobem e descem em um ritmo sincronizado, enquanto esperamos que o outro preencha o silêncio. Nossos corpos estão completamente conscientes um do outro, lembrando todas as vezes em que se fundiram em um só.

Dezessete minutos para a aula começar.

Devo estar louca, porque embora eu queira dar um tapa em Kade e chamá-lo de todos os palavrões possíveis, também quero que ele me levante em seus braços e me foda até desmaiar. Quero toda a sua raiva empurrando para dentro de mim. Sua fúria. Suas palavras duras contra meu ouvido,

enquanto me faz gritar seu nome.

— Se vai fazer alguma coisa, se apresse.

— Não quero chegar perto de você — ele responde, abaixando sua testa para a minha, seus olhos dilatados mostrando sua mentira. — Não suporto você.

Seus dedos apertam em volta do meu pescoço, e minha boceta pulsa.

Minha mão cai entre nós, sentindo os contornos rígidos de seu pau através do tecido do seu short. Ele é grande e grosso, exatamente como eu me lembrava. Meu corpo aquecido, também se lembra, e se tensiona junto com o de Kade, um sibilo sai de sua boca quando aperto o seu comprimento.

Inclino minha cabeça, sussurrando em seu ouvido, meus lábios roçando a concha de sua orelha:

— Se eu te enojo tanto, por que está tão duro?

Ele usa seu aperto em meu pescoço para me empurrar com mais força contra o vidro.

— Não significa nada. — O rosto de Kade se aproxima do meu, sua respiração atinge meus lábios enquanto seu polegar pressiona logo abaixo do meu seio. — É uma mentira.

Ele não me impede de esfregar minha palma para cima e para baixo no comprimento de seu pau através do material de seu short. Ele se contorce contra minha mão, e sua respiração atinge minha bochecha à medida que se torna mais pesada quanto mais duro ele fica.

O aperto de Kade fica mais forte em meu pescoço; sua outra mão para na alça do meu body, e ele enrola os dedos sob ela e a arrasta pelo meu ombro com uma lentidão assustadora. Meu seio salta livre enquanto o material desliza para baixo dele.

Alcançando dentro de seu short, pego seu pau duro em minha mão. Ele está quente e suave e as veias, grossas como sempre. As mesmas veias que eu já tracei com minha língua.

— Isso te dá nojo, Kade? Ter eu te tocando desse jeito? Isso também é uma mentira?

Ele engole em seco, mas a maneira como se move em minha mão me diz que ele está mentindo quando responde com os dentes cerrados:

— Sim.

Eu continuo acariciando-o, limpando a gota de umidade da ponta e

levantando meu polegar entre nós, para que ele possa me ver lamber a excitação.

Seus lábios se abrem gradualmente, seus olhos pesados enquanto ele observa minha língua subir pelo meu polegar. Fecho meus olhos para saborear o gosto e abaixo minha mão entre nós novamente, envolvendo-a em sua espessura.

Um gemido escapa dos meus lábios enquanto ele aperta meu mamilo, minha calcinha encharcada pela dor.

Kade fode minha mão, respirando o mesmo ar que eu, enquanto nós dois suspiramos.

Minha outra mão segura a frente de sua blusa.

— Devo parar?

Agora mesmo, enquanto ele cutuca meu nariz com o dele, empurrando-se em meu punho com um gemido profundo, acho que ele pode me beijar. Seus lábios estão perto dos meus. Mas mesmo que eu esteja tocando nele, nunca mais vou deixá-lo me beijar. Inclino minha cabeça para colocar distância entre nossas bocas.

Ele agarra meu queixo e enfia o polegar na minha boca, pressionando minha língua, antes de abaixar a cabeça e pegar meu mamilo entre os dentes. Ele chupa com tanta força que acho que posso explodir.

Kade chupa meu peito em sua boca, sua língua circulando meu mamilo enquanto ele fode minha mão. É o suficiente para me fazer ver estrelas na sala vermelha.

Seu polegar desliza da minha boca. Eu puxo o ar.

— Você...

Antes que eu possa terminar o que estou prestes a dizer, a porta principal do estúdio se abre, e o som das garotas conversando ecoa pelo corredor.

Kade se enrijece e xinga para si mesmo, se afastando de mim. Ele dá um passo para trás para colocar distância entre nós enquanto enfia seu pau duro de volta em seu short e pega seu telefone do chão.

Quando vê a tenda que se forma em sua roupa, ele se ajusta dentro do short, balança a cabeça em negação para mim e bufa enquanto arrasta uma mão tatuada pelo cabelo bagunçado e rosto.

Ele parece bravo – furioso. Sua mandíbula se aperta, as sobrancelhas escuras se abaixando em uma carranca. Seus olhos seguem meus dedos enquanto puxo a alça do meu body de volta para o meu ombro,

escondendo meu seio.

Tudo dentro de mim está pegando fogo, formigamentos chegando aos meus dedos dos pés.

— Relaxa — digo entre respirações profundas, como se isso não tivesse feito eu me sentir viva – como se eu não tivesse estado adormecida por dois anos e só agora, despertado, graças a essa conexão temporária. — Não significa nada, né? É uma mentira.

Kade balança a cabeça de um lado para o outro, me dando um olhar mortal antes de sair.

Uma mensagem de texto de Base aparece na minha tela, perguntando se eu poderia convencer Luciella a fazer um *ménage à trois* com nós dois, porque parece ser seu último recurso para conseguir o que quer. Eu gentilmente recuso. Então abro o contato de Kade e tento não olhar todas as nossas mensagens anteriores.

Eu: Você deixou sua chave de fenda aqui.

Levanto a ferramenta e a viro na minha mão enquanto minhas alunas entram. Uma delas dá risadinhas porque Kade Mitchell olhou para ela, e sua amiga menciona o quão bravo ele estava, o que só o fez parecer ainda mais gostoso. Outra garota abana o rosto como se estivesse prestes a desmaiar.

Meu celular apita, me informando que a mensagem foi devolvida, e eu reviro os olhos fazendo um som de *tsc*.

Ainda bloqueada, ao que parece.

CAPÍTULO 7



Kade

Minhas mãos estão tremendo *pra* caralho.

Assim que entro no meu carro, bato a porta com mais força do que o necessário e agarro meu volante até meus dedos ficarem brancos. Então meu punho bate nele. Uma vez. Duas vezes. Três vezes.

Nada da minha raiva diminui; nenhum dos pensamentos desacelera, não do jeito que costumavam quando eu explodia.

Não quando se trata *dela*.

Não consigo ver além dos meus dedos segurando o couro do volante, não consigo encher meus pulmões, não consigo ver além da raiva ofuscante que surge em minhas veias ao vê-la. O som de sua voz, a sensação de sua pele macia. Tudo sobre ela me irrita.

As batidas erráticas no meu peito não se acalmam, mesmo que ela não esteja nem perto de mim. Ela está naquele prédio do caralho, dançando por aí, sem ser afetada como a cobra venenosa que é.

Porra.

O que ela está aprontando?

O que diabos estou fazendo?

Eu a evitei pelos últimos dois anos. Mantive distância quando vim nos fins de semana. No entanto, aqui estou eu, sentado com uma ereção daquelas, imaginando foder a melhor amiga da minha irmã em todas as posições possíveis.

Tudo o que eu queria fazer, quando a mão dela estava em volta de mim, era arrancar suas roupas e lembrar meu pau de como é estar dentro dela. Eu queria ter meus dedos entre suas pernas, ouvir seus gemidos no

meu ouvido enquanto eu me afundava nela. Queria dobrá-la e enrolar aquele rabo de cavalo idiota em volta do meu punho enquanto ela gritava por mim.

Jesus Cristo. Se eu não estivesse em um estacionamento, eu me masturbaria bem ali.

Assim que as alunas dela forem embora, eu vou voltar. Isso é só uma coceira que precisa ser coçada. Só isso. Vou fodê-la contra a parede e dizer para ela ficar fora do meu caminho até que eu tenha que sair da cidade novamente.

Que porra é essa? Não.

Então eu estaria apenas entrando no seu joguinho emocional do caralho, e me recuso a seguir esse caminho novamente. Não dessa vez. Mas eu estaria mentindo se dissesse que vê-la hoje à noite não despertou um lado meu que precisava tocar cada centímetro do corpo dela.

Impulsos ridículos.

Reprima essa merda.

Isso é tudo que eles são. Impulsos. Porque eu nunca vou voltar para aquilo.

Não que eu pudesse, mesmo se quisesse.

Stacey Rhodes é o diabo disfarçado. Ela é gostosa *pra* caralho por fora, tem uma personalidade que faz você se apaixonar por ela, mas é completamente feia e falsa por dentro. Meu pau traidor claramente não sabe a diferença entre uma cobra e um anjo e precisa se acalmar.

A ereção é dolorosa, mesmo enquanto eu me ajusto e me inclino para trás.

Eu não deveria tê-la assistido dançar. Eu não deveria ter me oferecido para consertar a merda daquele teto. Eu deveria ter percebido depois de vê-la na festa que eu precisava manter distância. Agora meu pau está se contorcendo em meu short e me implorando para não ir embora.

Será que ela tinha respondido o Base? Ele vem dizendo há semanas que a quer depois de ter visto um vídeo dela dançando com minha irmã. Ele mandou uma mensagem para o nosso chat em grupo, perguntando se achávamos que ele deveria mandar uma mensagem para ela. Eu o ignorei, obviamente, mas Dez disse para ele curtir a rejeição que estava prestes a receber.

O que pareceu tê-lo encorajado mais.

Eu quase parti a cabeça dele no meio quando eles planejaram fazer

dupla no fim de semana. A garota no meu colo estava prestes a ser jogada para longe e uma faca ia ser enfiada na cabeça dele.

Ela distorceria a mente dele como tinha feito comigo, e ninguém quer ter que lidar com um Base quebrado.

Mas se ele fizesse isso, eu o mataria. Eu me arrependeria no mesmo instante, mas eu o mataria num piscar de olhos.

Impulsivo. Eu sou impulsivo demais.

Ainda bem que mandei meus amigos irem embora da festa. Eu a observei pela câmera de segurança indo dormir no quarto de hóspedes e senti que finalmente poderia relaxar.

Mas então Tylar a deixou sozinha.

Minhas tendências obsessivas – um traço apontado pelo meu antigo terapeuta – fizeram com que eu continuasse checando como ela estava. Não consegui relaxar sem a necessidade de garantir que Base, ou qualquer outro babaca bêbado, não tivesse se enfiado na cama contra a vontade dela. Estava totalmente preparado para dormir encostado na porta com minha arma, só para garantir que isso não acontecesse.

Abri a porta silenciosamente e levei meus cachorros para ficar lá dentro com ela, porque sabia que ninguém tentaria entrar no quarto se eles estivessem lá.

Além disso, de forma bem irritante, Milo e Hopper sentiram falta dela.

Eu a assisti dormir através das câmeras e bebi até que mal conseguisse ver enquanto ela se aconchegava em nossos – meus cachorros.

Mas então *ela* ligou e tive que ir embora.

Eu me vesti, certifiquei-me de que minha arma estava totalmente carregada e enchi meus coldres com facas e outras armas antes de sair.

Meu telefone apita – um lembrete para salvar meu cartão de embarque.

Quando Luciella disse que nosso pai tinha reservado duas passagens extras para que eu também pudesse visitá-lo, pensei em pedir para Dez vir comigo. Não por favoritismo, mas eu não queria passar o tempo todo ouvindo Base falar sobre como ele deveria chegar na vadia da minha ex. Ele não sabe sobre o nosso passado – ela me implorou para manter isso entre nós até que estivesse pronta para contar a Luciella, então agora, meu melhor amigo querendo transar com ela é foda *pra* caralho.

Talvez eu queime o seu passaporte antes que ele possa embarcar?

Não. Seu babaca impulsivo e controlador. Eles podem fazer o que quiserem. Ele é quem vai parecer um idiota quando ela foder com ele. Porque é isso que ela faz. Ela atrai, alimenta com mentiras, sentimentos e promessas falsas, só para depois, jogar tudo para o alto.

Dizer que sou um babaca amargo em relação a isso é um eufemismo.

Eu a odeio com uma paixão implacável.

Pego meu maço de cigarros e acendo um, relendo a mensagem que recebi quando estava no estúdio. Para falar verdade, broxei na hora.

Bernadette: Você foi avisado que não era para fazer bagunça. Você tinha um contrato para eliminar o dono, por que foram encontrados oito corpos no cassino?

Eu: Eles atiraram em mim primeiro. O que diabos eu deveria ter feito?

Bernadette: Cuidado com esse tom. Faça algo por mim.

Um bufo irritado sai, e eu inalo o máximo de fumaça possível para queimar meus pulmões.

Eu: O quê?

Bernadette: Venha me ver hoje à noite.

Eu suspiro, rapidamente disparando uma resposta e esperando que ela me deixe em paz.

Eu: Não posso. Tô ocupado.

Bernadette: Eu não estava perguntando, Kade.

— Caralho — murmuro, jogando meu cigarro pela janela.

Eu: Vou para os Estados Unidos amanhã de manhã. Faça seu marido te foder.

Como sempre, sua resposta é imediata.

Bernadette: Você tem uma hora para chegar aqui, ou seu pai não terá direito de visita pelo próximo ano.

Reviro os olhos para sua ameaça, jogo meu telefone no banco do passageiro e vou para o endereço dela enquanto escuto música. É alta o suficiente para abafar tudo.



Bernadette tem quase quarenta anos, é casada e tem um filho quase da minha idade. Ela pode literalmente ter o que e quem quiser, e seu marido nojento permite. Ela se aproximou de mim quando eu tinha dezenove anos, me contou um monte de mentiras sobre poder ajudar no caso do meu pai e estou preso a ela desde então.

Eu queria me afastar dela na primeira noite em que acordei depois de ser drogado, mas depois de tudo que ela havia me feito fazer – todas as pessoas que matei por dinheiro – não é algo que eu possa fugir, especialmente sem me sujar.

Quando abro o portão dela, tento inventar desculpas que possam mantê-la longe de mim, mas sei que não há chance de isso acontecer.

Abro o porta-luvas em busca da minha segurança e guardo uma arma que ela não sabe que tenho na parte de trás do meu short. Coloco meu boné e viro a aba para trás.

Rapidamente mando uma mensagem para meu assistente, Barry, avisando que os planos nos Estados Unidos ainda estão de pé, para marcar um ponto de encontro e que estarei incomunicável pelo resto da noite.

Escondo o aplicativo de mensagens que criei para mim e minha equipe em um arquivo seguro, para que Bernie não o encontre se decidir vasculhar meu telefone.

Tudo começou quando tentei matar Barry na Inglaterra e descobri que que ele era inocente. Ele tinha minha idade e uma recompensa de dez mil por sua cabeça. Ajudei-o a fingir sua morte, e ele se tornou leal, se ofereceu para trabalhar comigo para ajudar outros como ele. Com o tempo, criamos nosso próprio grupo para tentar salvar pessoas presas nas garras do submundo.

Todos eles são livres para deixar minha empresa, mas nenhum deles o fará. Não só os pago bem, como eles também podem viajar, experimentar a adrenalina de lutar e salvar pessoas, e eles são parte da família que de alguma forma criei. Um grupo de fantasmas – mortos para o submundo, mas muito vivos.

E eu sou o líder deles.

Dou um bufo, balanço a cabeça de um lado para o outro e entro.

Parado no saguão, vejo Bernadette desfilar em minha direção com uma taça de vinho, seu cabelo tingido de vermelho balançando, seios falsos quase saltando de seu vestido preto apertado. Seus saltos clicam no mármore branco, e o som vibra pelo meu corpo, quase o suficiente para me fazer tremer visivelmente. Isso me irrita tanto que não consigo olhá-la nos olhos.

A mulher é um verdadeiro monstro chantagista. Provavelmente o pior tipo que tive o desprazer de conhecer. As unhas de Bernadette arrastam pelo meu peito enquanto ela passa por mim, e eu a sigo até o escritório.

Ela pega uma pasta e a joga na mesa entre nós.

— Bryan Tiernan — diz, abrindo a pasta em uma imagem de seu rosto todo destruído —, apresentou duas acusações contra você esta manhã. Agressão e incêndio criminoso. Tive que dar dinheiro a ele e dizer para nunca mais falar uma palavra sobre isso novamente. Importa-se em explicar por que está atacando pessoas aleatórias em suas casas e depois ateando fogo?

Fico em silêncio. Bato meus dedos nos apoios de braço. Eu deveria tê-lo matado como matei o último cara com quem ela dormiu. Ninguém fode Stacey e sai impune. Eu não posso tê-la, mas ninguém mais vai poder também.

— Não posso continuar te protegendo quando você sai da linha. Sou eu quem te digo quem são seus alvos. Não preciso ter que garantir que coisas assim não aconteçam. — Ela aponta para a papelada, dentes à mostra. — Você não foi treinado assim. Não tinha motivo para invadir a

casa dele e mantê-lo sob a mira de uma arma, e certamente não tinha motivo para espancá-lo até que ele estivesse quase irreconhecível. Isso poderia facilmente ter sido um caso de tentativa de homicídio. E se um dos meus colegas tivesse recebido o relatório em vez de mim?

Dou de ombros.

Isso a irrita o suficiente para dizer:

— Por. Que. Você. Fez. Isso?

Eu me inclino para trás na cadeira, apoiando meu tornozelo no joelho.

— Eu tinha meus motivos.

Ela levanta uma sobrancelha perfeitamente aparada.

— Se importa em explicá-los?

— Não. — *Eu enlouqueci, essa é a única explicação*. — Não é da sua conta.

Ela rosna, inclinando-se para frente.

— Cuidado, Kade. Posso facilmente entregar seu arquivo e prendê-lo pelo resto da vida. Eles vão te colocar em uma instalação como a do seu pai.

Quando eu a encaro, tentando conter minha raiva, ela sorri e fecha o arquivo. Não é a primeira vez que ela diz algo nesse sentido, e ela tem poder suficiente para fazer exatamente isso. Ela comanda um império inteiro no submundo e ocupa um cargo de alta patente na Polícia da Escócia.

Não tenho para onde correr.

— No entanto, você vai viajar por um tempo, e por mais que vá trabalhar para mim nos Estados Unidos, vou sentir muito sua falta. — Ela anda ao redor da mesa; senta-se na minha frente. — Archie estará em casa em uma hora. Devemos esperar até que ele se junte a nós ou devo lhe mostrar nosso novo animalzinho de estimação agora?

Meus olhos tremem.

— Novo animal de estimação? — Não gosto de como isso soa. — O que isso quer dizer?

Bernadette sorri, tirando os saltos e colocando os pés bem entre minhas pernas. Seu vestido sobe pelas coxas, me mostrando que ela está nua por baixo. Sem calcinha. Sem limites. Sem a porra de vergonha alguma.

Luto contra uma careta e desvio o olhar.

— Você vai gostar dela. — Ela pula da mesa. — Me siga.

No terceiro andar, ela ri e se vira para mim.

— Lembra quando Rachel se juntou a nós? Bem, essa é ainda mais bonita. E mais aventureira.

Eu poderia dar um tiro na minha cabeça, agora mesmo. A arma está queimando nas minhas costas, implorando para ser usada.

Mas se eu matá-la ou matar a mim mesmo, minha família inteira será aniquilada – a armadilha irritante de Bernadette se eu algum dia os atacar.

Se eu me recusar a fazer determinado trabalho, Luciella será ameaçada. Se eu me recusar a foder alguém, então meu pai não verá minha mãe por semanas.

Ninguém na minha família sabe os motivos por trás da má sorte deles. Aparentemente, sou um estudante universitário, vivendo a vida em Stirling.

Mas isso está longe da verdade.

Um dia, vou me afastar dela; vou escapar desta vida.

Quando abre a porta para revelar uma loira se tocando em uma cama de dossel, gemendo e se contorcendo nos lençóis de veludo, Bernadette me diz para abrir o zíper do vestido dela, e eu rezo para que seja uma noite rápida.

Mas então ela enfia uma agulha no meu pescoço e qualquer chance disso, voa pela janela.

CAPÍTULO 8



Kade

Passado,
Três anos depois...

Três barracas estão armadas. Uma para mim e meus amigos. Uma para Luciella e as amigas dela. E longe do grupo de jovens de dezoito anos – exceto Base e Dez, que têm vinte – estão minha mãe e Ewan.

Ela está aqui.

Não que eu tenha coragem de falar com ela de forma gentil.

Desde que tínhamos quinze anos, eu me esforço para irritá-la.

Pontos pela maturidade.

Base e eu sentamos no tronco em frente ao fogo, ele me passando o baseado quando mamãe e Luciella não estão olhando, enquanto as meninas tentam fazer seu próprio fogo.

Mantenho meus olhos em uma certa espécime de cabelos escuros enquanto meu amigo fala sobre seu fim de semana em Moscou. Stacey ri de algo que Tylar diz.

Ela nem é engraçada.

— Que se foda estar em um relacionamento — Base diz enquanto olha para as pessoas se beijando. — É difícil encontrar lealdade.

Eu bufo, desviando o olhar quando seus olhos encontram os meus.

— Você tem muito mais opções que todos nós, já que fode homens e mulheres.

Ele me passa o baseado, soprando a fumaça.

— Há uma diferença. Eu sou sexualmente atraído por ambos, mas emocionalmente e romanticamente, eu só poderia namorar uma mulher. Isso

faz sentido?

— Faz. — Base demorou uma eternidade para se assumir e dizer que era bissexual, preocupado que o veríamos de forma diferente, mas todos nós apenas ficamos bêbados e comemoramos.

— Isso não significa que eu tenha mais opções. Tipo, sem ofensa, cara, mas eu nunca chegaria nem perto de você. Você é muito alto e tenho a impressão de que seria dominante. Eu foderia Dez, mas não diga a ele que disse isso.

Eu rio.

— Pode deixar.

Pelos próximos cinco minutos, Base manda mensagens em seu telefone enquanto eu observo as pessoas. Os caras têm coolers cheios de cerveja do lado de fora da tenda com doze homens, e alguns deles estão conversando com as meninas.

— E você? — Base finalmente pergunta.

Eu franzo a testa, abrindo outra cerveja.

— Eu?

Ele concorda com a cabeça.

— Eu nunca vi você com ninguém. Eu e Dez conversamos sobre isso algumas vezes. Achamos que você é virgem. — Ele estremece. — Isso soou errado. Não foi isso que eu quis dizer. Você simplesmente não olha para ninguém.

Fico em silêncio, pensando se devo me levantar e ir embora antes de dar um soco nele ou admitir que nunca me senti atraído por ninguém, ou tive vontade de beijar ou foder ou algo do tipo. Nunca tive uma transa de uma noite só como todos eles.

Eu costumava ficar envergonhado por isso, mas acho que não dou mais a mínima.

Não é como se eu fosse completamente desprovido de desejo sexual – minha mão faz um trabalho bom o suficiente sem emoções ou a sensação de outra pessoa envolvida.

Na verdade, há uma pessoa em minha mente. A melhor amiga da minha irmã e ela me odeia.

Meus olhos vasculham o acampamento até pousarem nela, tomando sua bebida e encarando o fogo mal aceso. Descobri muito sobre ela observando o que ela faz. Ela não é muito sociável, não fala muito. É uma dançarina fantástica. Posso tê-la flagrado se alongando no estúdio uma vez,

e a imagem dela se curvando ficou gravada em minha mente.

Ela tem algumas tatuagens. Nada drástico. Combinam com ela.

Ela sorri para algo que Dez diz, e minha mão aperta minha cerveja. Por mais que pareça inocente e doce, ela é irritante; rouba cigarros da minha boca e vai embora, revira os olhos quando a corrijo, mesmo se eu estiver certo. Ela já me chamou de todos os palavrões possíveis, e tornou meu dia dez vezes melhor.

Eu não deveria olhar para a melhor amiga da minha irmã do jeito que olho, mas quando Stacey Rhodes entra na sala, não dá para não olhar.

Ela olha para mim novamente, mas desta vez, eu a encaro de volta, sentindo o ar frio contra meu pescoço.

Base cutuca meu ombro e eu desvio o olhar dela.

— Então, você é?

Olho para ele enquanto ele acende outro cigarro.

— Sou, o quê?

— Virgem? — ele pergunta. — Você pode me dizer. Vou te ajudar a transar.

Cerro os dentes.

— Vai se foder.

Base ri em meio à fumaça.

— Relaxa. Não estou tentando tirar sarro de você.

Resmungo algo e me levanto.

— Não me pergunte isso de novo.

Ele levanta as mãos em sinal de rendição.

— Beleza. De qualquer forma, devíamos chamar as meninas para sentarem com a gente — Base diz enquanto me segue até a barraca para pegar outra cerveja. — A fogueira delas é patética e eu estou apaixonado pela bunda da sua irmã. Isso é permitido, né? Ou você tem regras?

Reviro os olhos com desdém.

— Você pode fazer o que quiser com Luciella, mas não me dê detalhes. Estou falando sério. E se machucá-la, vou te estrangular.

Ele ri e vira sua cerveja para as meninas.

— E Stacey. Ela parece ficar mais gostosa cada vez que a vemos. Como isso é possível?

Jogar meu amigo na fogueira pode ser considerado um acidente, certo?

Bufo quando as meninas se juntam a nós, sentadas em círculo ao

redor da fogueira. A música toca, as pessoas conversam entre si, e eu me concentro nas chamas.

Através do fogo, eu a vejo novamente. Desta vez, ela já está olhando para mim. Algo no meu estômago se agita, então vêm uma sensação de frio na barriga.

Não sei como parar de me sentir assim.

Quando todos decidem jogar um jogo de desafios, eu bufo e penso em ir para a barraca dormir. Apoio os cotovelos nos joelhos.

— Não vou brincar de desafio com a minha irmã, cacete.

Dez fala em seguida:

— Certo. Por que não temos uma regra de que você precisa entrar em uma das barracas para completar o desafio dos dois minutos? Assim é mais privado.

— Sinto muito por ter que te dizer isso, mas eu duro muito mais do que dois minutos — Base diz, sorrindo enquanto bebe sua cerveja. — Mas posso abrir uma exceção se for uma certa loira.

— Cala a boca, Sebastian! — Luciella retruca.

Eles discutem até que ela desiste, e Tylar faz o primeiro desafio: alguém tem que beber a cerveja toda de uma vez. O próximo é para alguém tirar a blusa, e o terceiro é para Dez correr pelo acampamento nu.

— Eu desafio Luciella a me beijar — Base diz, e eu abaixo minha cabeça para seu tom de súplica. — Vamos lá, princesa. Espero que esteja pronta para dois minutos no céu.

— O que acontece se eu disser não? — ela pergunta, cruzando os braços. — Não posso beijá-lo! — Minha irmã olha para mim. — Diga a eles que não posso!

Dou de ombros.

— Faz o que você quiser.

Ela me lança um olhar mortal de traição antes que suas narinas se dilatem. Ela se levanta e segue Base para dentro da barraca. Ele fecha o zíper e alguém inicia o cronômetro.

Para passar o tempo, pego meu telefone, navegando pelas redes sociais. Clico em um determinado perfil. Quero segui-la, mas ela provavelmente me bloquearia.

Clico na aba com as fotos que ela foi marcada, inclinando minha tela para que ninguém possa ver. Pendurada de cabeça para baixo em uma argola aérea, Stacey usa um body vermelho, exibindo sua incrível

flexibilidade.

Tiro um print da tela.

A barraca abre e desligo meu celular. Base nos dá um sinal de positivo e Luciella parece querer matar alguém.

Dez e Tylar são os próximos desafiados, depois outros três. Os desafios ficam um pouco mais íntimos e o cronômetro fica mais longo a ponto de eu meio que entrar em pânico.

Stacey não foi desafiada a fazer nada com ninguém, e nem eu.

— Kade — Tylar diz, sorrindo.

Minha alma deixa meu corpo com o olhar que ela me dá.

— Desafio você a ficar com Stacey.

Quase deixo meu telefone cair.

— O quê? — Luciella parece enojada. — Você está brincando?

— Você acabou de beijar Base — Tylar retruca com um aceno de mão. Ela inclina a cabeça para Stacey. — Vá em frente.

— Eu vou para a cama — minha irmã diz com uma careta.

— Quer que eu te mantenha aquecida? — Base pergunta.

Ela finge um sorriso.

— Prefiro queimar no fogo do inferno, mas obrigada.

Todos riem, mas eu fico em silêncio, observando as chamas e me perguntando se é possível desaparecer. Respirando pesadamente pelo nariz, olho para Stacey se levantando.

Ah merda. Isso vai acontecer mesmo.

Não. Eu não posso beijá-la, caralho.

Sei que estou ficando com o tom mais brilhante de vermelho, mãos tremendo.

Vejo a garota por quem sou obcecado desde os quinze anos desfilar em direção à tenda sem nenhuma preocupação no mundo, seus quadris balançando, o cabelo caindo pelas costas – congelado até Base me dar um tapinha.

É só um beijo. Tenho idade suficiente para lidar com um beijo.

Eu saberei o que fazer. Não vou estragar tudo e fazer papel de idiota. Ela provavelmente já beijou um monte de gente, e isso não é nada.

Acho que vou desmaiar.

Eu sigo, grato pela música tocando – ela abafa os pensamentos que correm soltos na minha cabeça.

Stacey entra primeiro, e eu fecho o zíper da barraca novamente

quando estou lá dentro.

Sem hesitar, Stacey se senta, de frente para mim.

— Podemos fingir se você quiser. Sei que você preferia fazer isso com qualquer outra pessoa. Não vou ficar ofendida. Sério.

Bem, eu estou ofendido pra caralho.

A vista que tenho é deliciosa enquanto seu vestido sobe por suas coxas, mas antes que perca a cabeça, me abaixo, sentando como ela.

— Se estiver com medo, pode admitir. — Não sei como consigo dizer isso sem vomitar. — Você quer fingir?

Ela limpa a garganta, mexendo os dedos.

— Temos dois minutos. Acho que trinta segundos já se passaram.

Eu aceno.

— Ok.

— Ok — ela rebate. — Precisa ser um beijo completo?

— Tylar disse “ficar com Stacey”.

Quero tirar a mecha de cabelo do rosto dela, mas fecho as mãos em punho.

— Não ria — ela diz, mordendo o lábio —, mas eu nunca fiz isso antes.

Suspiro aliviado por dentro, avançando meu corpo até nossos joelhos se tocarem.

— Nem eu. — O olhar de Stacey se arregala, mas continuo antes que ela possa falar. — Só feche os olhos.

— Não minta para me fazer sentir melhor. Todos nós sabemos sobre sua reputação.

Estreito os olhos.

— O que isso quer dizer?

Ela levanta um ombro.

— Você sabe o que quer dizer. — Então ela balança a cabeça de um lado para o outro. — Não importa.

— Qualquer reputação que eu tenha nesse sentido é mentira — digo, acendendo a lanterna suavemente. — Muitas pessoas falam besteiras sobre mim para serem vistas ou para terem uma história. Estou no mesmo barco que você aqui. Tudo bem?

Ela engole em seco, e eu observo sua garganta se mover.

— Tudo bem — ela responde calmamente.

— Feche os olhos e pare de ficar nervosa — digo enquanto meu

corpo inteiro luta contra um tremor.

Suas pálpebras se fecham, cílios escuros, grossos e longos, se acomodando sob seus olhos na pele macia.

— Não ria se eu fizer alguma coisa errada.

Por um segundo, olho para ela, como se eu já não tivesse feito isso um milhão de vezes, permitindo-me estudar cada sarda de perto, suas maçãs do rosto perfeitas, a maneira como seu cabelo escuro se enrola em volta de seu rosto e cai em cascata ao redor dela. Ela lambe os lábios, e meus olhos são atraídos para o ato. Eles são naturalmente carnudos, um tom profundo de rosa, e ela sempre morde o de baixo.

Minha respiração é pesada em minhas narinas enquanto me inclino para frente, fechando meus próprios olhos. Coração acelerado em uma velocidade perigosa, meu nariz desliza contra o lado do dela até que nossos lábios estejam alinhados, e eu hesito.

Eu vou foder com isso. O calor está irradiando ao nosso redor, e eu não consigo respirar. Há uma dor crescendo no meu peito.

O pânico me invade, e eu recuo um centímetro, prestes a dizer a ela que vamos fingir para todos.

Mas Stacey avança e pressiona seus lábios nos meus, e o mundo para, o tempo para. A música *Broken* de Lovelytheband desaparece, assim como as risadas e conversas do grupo próximo, até que somos apenas eu e Stacey.

Suas palmas deslizam pelo meu peito para descansar em meus ombros, e eu me arrepio com o toque, sem saber como me sinto sobre isso. Ela percebe o jeito como congelo no meio do beijo e remove suas mãos.

— Desculpe se eu...

Eu a agarro antes que ela possa se esquivar, puxo-a de volta para mim e retribuo o beijo. É firme, mas gentil, e quando vou para um segundo beijo mais relaxado, seu aperto firme retorna aos meus ombros.

Eu queria fazer isso desde os quinze anos, mas nunca tive coragem de me aproximar dela. Por mais gostosa que ela seja, ela é aterrorizante quando se trata de me xingar. Com toda a honestidade, acho que ela correria na direção oposta se isso não fosse um desafio.

O pensamento me irrita.

Inclinamos a cabeça em sincronia, e o beijo se aprofunda a um ponto que, de repente, preciso separar os lábios e provar sua língua, tocá-la com as mãos, descobrir o quão delicado seu rosto é sob minhas palmas, mas

não quero assustá-la. Em vez disso, beijo seu lábio inferior, depois o superior, sugando levemente a cada vez. Ela amassa o material da minha blusa em seus punhos.

Eu não gosto de toque. Isso me deixa desconfortável, mas minha mão tem vontade própria enquanto sinto a definição de sua mandíbula, deslizando os dedos para cima até que eles estejam roçando em seu cabelo grosso.

Stacey estremece em meu aperto, e eu quero que ela faça isso de novo, para mostrar que pode reagir a mim. É viciante.

Ela puxa meu lábio inferior entre os dentes, enviando sangue para meu pau.

Meu polegar acaricia a pele macia sob seu olho, e assim que nossos lábios se separam, e eu sinto o calor de nossas bocas e línguas, Base – aquele pau no cu – grita:

— *Acabou o tempo!*

Nenhum de nós para. Stacey move suas mãos para ambos os lados do meu rosto e me beija com mais força, chegando mais perto até meus dedos se curvarem em sua nuca. Uma sensação de formigamento dispara para meu peito e desencadeia algo animalesco em mim. Ela dá um gemidinho enquanto eu possessivamente envolvo meu braço em volta da parte inferior de suas costas e a puxo para mim.

— Continue — ela ordena, ofegante contra minha boca, e eu aceno, respirando pesadamente.

Ela é tão quente e macia. Nenhum pensamento ruim está correndo solto em minha mente, me dizendo para ficar longe dela.

Tudo está calmo. Tudo está quieto. Tudo está bem.

A ponta da minha língua dispara contra a dela, e eu gemo acidentalmente, puxando-a ainda mais para perto enquanto suas pernas se separam em volta dos meus joelhos, então ela está quase no meu colo. Ela tem o gosto que eu esperava. Doce e frutado, com um toque de menta para cobrir o cigarro que ela usa de vez em quando. Stacey Rhodes tem um gosto divino pra caralho. Viciante.

Eu elimino qualquer espaço entre nós até que ela esteja sentada em mim, fazendo com que o calor se acumule na base da minha espinha. Mais duro que uma pedra, tento mantê-la a uma distância segura, para não assustá-la.

Seus dedos se enterram em meu cabelo, puxando-o enquanto sua

língua se move contra a minha. Ela está me devorando, e eu estou deixando. Famintos, engolimos cada suspiro que soltamos, e estou ficando cada vez mais duro. Especialmente quando ela encaixa seus quadris na minha cintura.

Posso sentir seu sorriso contra minha boca.

E então... borboletas. Tenho borboletas do caralho do meu estômago enquanto beijo alguém. O que diabos há de errado comigo?

— *Ei* — Base diz, batendo no tecido da barraca. — *Devemos continuar a brincadeira sem vocês?*

Stacey se afasta primeiro, caindo do meu colo, e tenho certeza de que a ouço dar um gritinho.

— Ah merda — ela murmura. — Estamos quase...

— Informação demais, Rhodes.

Pelo que posso ver, suas pupilas estão dilatadas, suas bochechas coradas e seu peito subindo e descendo incontrolavelmente.

Quero beijá-la novamente, mas quando ela se levanta e sai correndo sem me dizer nenhuma palavra, a bolha estoura e o momento passa.

CAPÍTULO 9



Kade

Meu celular toca, me tirando do sonho que eu queria poder apagar da minha memória. Por mais que reviver aquela noite me faça querer destruir tudo no quarto, me mantém com os pés no chão quando me encontro em posições como a que estou agora.

Minha mente sempre volta para ela quando perco o controle, desmaio ou meu corpo me trai. Memórias se desenrolam como pesadelos, zombando de mim pelo que tivemos e pelo que ela destruiu.

Meu telefone toca novamente, o nome da minha irmã piscando na tela.

Merda.

Eu me desvencilho de dois pares de braços e pernas, nu e escorregadio de suor e Deus sabe o que mais. Bernadette geme, mas em vez de acordar e gritar para eu voltar a dormir, ela alcança... seja lá qual for o nome dela e se aconchega em seus seios como se fossem almofadas.

Mensagens enchem minha tela, de Luciella e minha mãe. Tenho quinze chamadas perdidas.

Luciella: Onde diabos você está? Partimos para o aeroporto em uma hora!

Luciella: Base está aqui, e ele disse que não teve notícias suas. Se não chegar em casa logo, vou embora sem você!

Luciella: Atende o telefone, seu babaca!

Mãe: Seu pai está feliz que você se juntará a nós; ele não parou de sorrir. Isso significa muito para ele, querido. Estou feliz que você esteja deixando de lado tudo o que aconteceu e vindo visitar. Vejo você em breve.

Não vou mentir, essa a última doeu. Nosso último encontro terminou comigo virando uma mesa e saindo furioso da área de reunião depois que ele mencionou Stacey e nossa separação.

Outra mensagem aparece enquanto eu digito uma resposta para Luciella, dizendo a ela para se acalmar. Eu leio duas vezes e meu olho direito treme.

Base: Saia da cama de quem quer que esteja e mexa a porra da sua bunda antes que eu te encontre. Preciso ir buscar Stacey (me dê um high-five se eu ganhar um beijo), mas vou para os Estados Unidos sem você.

Franzo a testa para a mensagem. Leio de novo e de novo e de novo. Por que diabos ele vai buscá-la? O texto entre parênteses me fode mais do que eu gostaria de admitir. Stacey não vai dar um beijo nele por buscá-la. Talvez ele tenha notado como eu fico em silêncio e a encaro sempre que ela está por perto, e está tentando me irritar?

Desvio de uma mão que tenta envolver minha cintura e sento na beirada da cama. Leio o texto novamente e meus polegares começam a digitar antes que meu cérebro consiga entender o que estou dizendo.

Eu: Estou indo para casa agora. Vou pegar Stacey no caminho.

Fico furioso comigo mesmo, mas não retiro as palavras. Ela mora no lado oposto de Bernadette. Mas como eu disse, sou um babaca impulsivo e controlador e me recuso a deixá-lo chegar perto dela se eu puder evitar.

É mentira, eu disse enquanto a mão dela estava em volta do meu pau, e isso, por si só foi a maior mentira do caralho.

Eu queria poder apagá-la da minha vida.

Mesmo quando estou trabalhando em países diferentes, estou checando suas redes sociais como um perseguidor, entrando no circuito interno de TV para vê-la entrar no estúdio ou na mansão, ou perguntando a Luciella sobre seus planos de fim de semana só para saber o que elas estão aprontando. Eu até *hackeei* o telefone da minha irmã para ler suas mensagens uma vez, e foi o maior arrependimento da minha vida.

Dois anos obcecado por uma garota que me levou à loucura.

Eu digito outra resposta para Luciella, dizendo a ela que estou a caminho antes de vestir minhas roupas de volta e enfiar minha arma – que deslizei para baixo da cama sem Bernadette ver – na parte de trás do meu short.

Onde diabos está meu boné?

Depois que mijo, notando os arranhões na minha bochecha e as várias marcas de mordidas no meu pescoço e peito, molho meu rosto em água fria e debato se atiro em Bernadette enquanto ela dorme.

Talvez eu a sufoque com um travesseiro e faça parecer que a outra garota fez isso.

Muito arriscado. Por mais que eu adorasse acabar com ela, não posso. Tenho muita bagagem emocional para arriscar. Talvez eu devesse seguir o exemplo do meu pai e não dar a mínima para ninguém. Todo mundo parece pensar que sou igual a ele – é melhor já provar que estão certos matando a chefa do submundo escocês.

Archie me cumprimenta na metade da escada.

— Bom dia — ele diz, segurando um café em uma mão e uma tigela cheia de ovos cozidos na outra. — Ela não te manteve acordado a noite toda, manteve?

Eu solto uma risada e o ignoro.

Esse homem é perturbado. Um líder político que trabalha com várias instituições de caridade para animais, escolas e vítimas de todos os tipos de abuso, mas um doente do caralho que achou perfeitamente aceitável ter um *ménage* à força comigo, enquanto adolescente, e depois abusado de mim quando desmaiei. Também, ficou tranquilo em me forçar drogas e bebidas enquanto eu implorava para sair da casa.

Em me ver matar. Me ver torturar pessoas que os prejudicaram. Ele

achou tranquilo me armar, um garoto cheio de raiva desesperado para manter sua família segura, me chantageando para que eu nunca pudesse parar. Eu me mudei para Stirling e comprei um apartamento com o dinheiro que ganhei com os contratos, na esperança de que me deixassem em paz, mas eles ainda têm suas garras em mim. Quartos de hotel e iates. Carros e clubes. Em qualquer lugar que eles possam me ter, eles fazem.

Eu quero matá-lo mais do que tudo. Sua hora vai chegar.

Aqui está ele, com um sorriso, em um robe de seda, me perguntando se sua esposa me manteve acordado a noite toda. Quero chutá-lo escada abaixo e fazê-lo engasgar com seus malditos ovos cozidos.

Meu ombro bate em seu braço enquanto passo por ele, descendo os degraus de dois em dois até chegar ao meu carro, onde levo dez minutos para controlar minha respiração.

Pego meu telefone, abro minha pasta secreta e mando uma mensagem para Barry dizendo que estou disponível para contato pelos próximos dias. Ele me avisa que dois carros estão parados do lado de fora, esperando por mim.

Sempre esperando.

Posso não ter muito medo, mas isso não significa que não preciso da minha própria equipe de segurança. Eles estão sempre lá. Fora de vista, mas prontos para qualquer coisa que apareça no meu caminho.

Bernadette não sabe sobre eles, obviamente, porque eles estão lá para me proteger de seus jogos distorcidos. Ela gosta de jogá-los quando a irrito – enviando aleatoriamente alguém para tentar me espancar ou atirar em algum lugar não fatal.

Todos que ela enviou até agora apareceram mortos, sem a necessidade de usar meus guardas. Se ela não queria que seus homens fossem mortos, então não deveria ter me mandado para diferentes países para treinamento intensivo em armas e artes marciais.

Minha equipe não sabe o quão intenso as coisas podem ficar com Bernadette e seu marido, e se eu puder evitar, vou manter assim. Eles são meus soldados – uma palavra que sou abusado, e eles vão abrir fogo e perder suas vidas.

Tenho centenas sob meu comando, mas Bernadette tem dezenas de milhares. Eu sei a probabilidade de sobreviver a esse tipo de guerra.

Ligo meu motor, ainda controlando minha respiração e a necessidade de entrar lá e colocar uma bala entre os olhos de todos. Estou

mais irritado do que o normal, provavelmente por causa da mensagem de Base.

Depois de uma noite no inferno, ameaças e sexo indesejado, tudo o que estou pensando é no que Stacey respondeu a Base. Se ele disse que iria buscá-la, então, certamente, ela deve ter aceitado sua oferta?

Porra, espero que não. Não estou com humor para drama. Ainda bem que Jason não vai para os Estados Unidos, o que elimina esse problema. Prefiro me afogar do que passar algum tempo com ele.

O sol está começando a nascer quando a propriedade de Stacey aparece, e assim que paro do lado de fora de sua casa, escondo a arma de volta no meu porta-luvas.

Olho para a janela dela; as cortinas estão fechadas, exceto pelo pequeno vão que ela geralmente deixa no meio, para que o sol possa acordá-la. Apesar do que aconteceu, sou tão atraído por Stacey que subi até a janela dela quatro vezes nos últimos dois anos e a observei dormir. Uma vez, até pensei em entrar furtivamente.

Eu poderia fazer isso agora, certo?

Cacete, não. Preciso reprimir todos esses pensamentos impulsivos.

Desligo minha música, pego meu telefone e olho para os detalhes do contato dela.

Sardentinha.

Ela está bloqueada há quase dois anos. Duvido que tenha tentado me enviar mensagens nesse período. Ela provavelmente apagou meu número e passou para o próximo bastardo infeliz, para envenená-lo.

Olho para as últimas mensagens entre nós.

Sardentinha: Ela está dormindo agora. Te encontro na casa da piscina?

Eu: Quem chegar primeiro vence.

Sardentinha: Eu sempre ganho, esqueceu?

Poucas horas depois, as mensagens passaram de fofas e brincalhonas para desesperadas e suplicantes.

Sardentinha: Por favor, atenda o telefone, Kade. Me deixa explicar.

Sardentinha: Quero consertar isso. Por favor.

Muitas chamadas perdidas e, uma semana depois, ela diz:

Sardentinha: Luciella disse que você se mudou. Para onde você foi? Por favor, fale comigo. Eu te amo.

Essa última parte me deixou enlouquecido. Eu cheirei minha primeira carreira de cocaína naquela noite e saí para uma farra de quatro dias com Base nos Estados Unidos.

Eu te amo. Não, ela não me amava. Ela não tinha ideia do que era amor. Eu a bloqueei logo depois de digitar várias respostas sem enviar nenhuma.

Poucos dias depois, Bernadette se aproximou de mim do lado de fora do estúdio de dança enquanto eu pensava em entrar, e eu queria *pra* caralho ter desistido da oferta falsa dela.

Rangendo os dentes, furioso comigo mesmo por ter lido as mensagens novamente – algo que já fiz um bilhão de vezes enquanto estava chapado de drogas ou me afogando em bebida – faço o impensável.

Desbloqueio o número dela.

Meu sangue está rugindo em meus ouvidos, dedos tremendo enquanto mudo o nome de contato e digito uma mensagem para ela.

Eu: Estou aqui fora.

Pronto. Simples e direto ao ponto. Sem precisar complicar demais. Depois de dois anos mantendo distância, quebrei minhas regras ao segui-la até o portão da frente, ao observá-la dançar, ao me aproximar dela e deixá-la me tocar, ao me lembrar de cada som que ela já fez para mim.

Quando sua mão envolveu meu pau – a mentira que não era mentira – eu esqueci o que ela tinha feito.

Mas eu me lembro agora. E me recuso a deixá-la foder com minha cabeça novamente.

Meu coração dispara assim que meu telefone vibra na minha mão, meus nervos se despedaçando em fragmentos com sua resposta de três palavras. Sou um pedaço de merda patético.

Stacey: Ora, olá, estranho.

Impeço meus lábios de se curvarem em um sorriso, meu peito apertando enquanto engulo. *Waste Love* começa a tocar, e eu aumento um pouco, mas não alto o suficiente para acordar sua família. Lembro-me dela dizendo que sua madrasta odiava visitantes, odiava qualquer pessoa na casa, e é por isso que eu sempre escalava sua janela.

Eu: Anda logo ou vou embora.

Ela digita, apaga, digita, apaga. Quase mando outra mensagem quando ela responde.

Stacey: Estou revirando os olhos para você. Saio em 5 minutos.

A luz do quarto dela acende, as cortinas se abrem para revelá-la olhando para mim apenas de sutiã. Minha pele formiga com arrepios com a lembrança fresca da minha boca em seu peito, o calor subindo pela minha espinha e fazendo meu pau se contorcer.

Depois de um segundo mais longo em que ficamos nos encarando sem desviar o olhar, ela me mostra o dedo do meio e desaparece da minha vista.

Essa merdinha.

Não a bloqueio novamente, mas deslizo para cima na caixa de bate-papo e imediatamente me odeio por isso enquanto leio as nossas mensagens mais antigas. Principalmente as em que estamos flertando e nos provocando, dizendo um ao outro que somos incrivelmente gostosos enquanto estamos no mesmo cômodo que minha família. Fotos de viagens que fizemos secretamente. Quero jogar todas no lixo, mas quando meu dedo

paira sobre o botão de apagar tudo, decido não fazer isso.

Depois de ser desafiado a beijá-la anos atrás, eu durei só alguns dias antes de encurralá-la na minha cozinha e desafiá-la a me beijar de novo, sem ninguém por perto. Eu a puxei para a bancada e deixei minhas mãos explorarem seu corpo, quase tendo um ataque de pânico pensando que faria algo errado.

Essa versão de mim não existe mais. Não fico ansioso perto dela porque ela é bonita e não tenho ideia do que fazer com ela. Não, acho que se eu a fodesse agora, não seria capaz de me impedir de estrangulá-la até a morte.

A âncora que me destruiu.

Que merda ridícula.

Stacey aparece quase quinze minutos depois, correndo para fora com uma mala rolando atrás dela e uma bolsa no ombro. Eu deveria sair e ajudá-la, mas abro o porta-malas e relaxo no meu assento.

Eu não deveria estar nervoso. Não deveria estar pensando no que dizer a ela. Eu, definitivamente, não deveria estar pensando sobre suas palavras para mim ontem à noite.

Relaxa. Não significa nada.

Acho que nunca significou. Não para ela.

Engulo em seco enquanto ela se joga no banco do passageiro com uma blusa de banda e calça jeans. Seu perfume e shampoo tomam conta de todos os meus sentidos, e tenho que abaixar mais a janela e acender um cigarro para bloqueá-los.

Stacey se inclina para frente, olhando para a janela. Quando sigo seus olhos, vejo uma sombra parada ali, mas quem quer que seja, fecha as cortinas, rapidamente.

Deve ser seu irmão postiço, Kyle. Nunca o conheci porque ele estava sempre estudando, mas ela sempre falava muito bem dele.

Ela não diz nada enquanto prende o cinto, ou quando pega o telefone e começa a navegar nas redes sociais, ignorando quaisquer mensagens que continuam aparecendo na tela.

Nem um “olá”. Nem um “oi, o que aconteceu ontem à noite foi um erro”, nem uma palavra sobre o que aconteceu. Tudo bem. Também não vou tocar no assunto.

Não deveria me incomodar tanto.

Ao sair da propriedade, aumento o volume da música. Mas quando

vou pisar no acelerador, arrisco um olhar para ela como se estivesse procurando trânsito, e meus olhos caem para seu pescoço.

Minhas sobrancelhas se franzem, e quase paro o carro para inspecionar os hematomas que ela tentou esconder com maquiagem.

Meu primeiro instinto é caçar quem a machucou e matá-lo, mas então me lembro do jeito que eu a agarrei no estúdio, e seguro o volante com mais força.

Certamente, não fui eu quem causei aqueles hematomas? Eu não... Porra. Não, eu não a machucaria. Ela queria que eu a segurasse apertado.

Eu deveria encostar e me desculpar agora mesmo. Eu deveria dizer a ela que nunca quis marcá-la. Não sou um psicopata que machuca as pessoas com quem me importo. Sim, eu atirei na cabeça de pessoas ou as desfigurei, e torturei pessoas para obter informações para ajudar Bernadette, mas nunca levantei a mão para Stacey.

Porra. Talvez eu tenha feito isso. Talvez o aperto que eu tinha na garganta dela ontem à noite tenha sido mais forte do que eu pensava. Talvez todos estejam certos, e eu seja como meu pai e fora de sintonia com a realidade.

Um nó se forma na minha garganta, e penso em todas as maneiras possíveis de pedir desculpas.

Mas, então, minha irmã liga para ela, e Stacey desliga minha música para falar. Ela diz que estamos a caminho, geme e pede para ela parar de gritar, então, bufa e desliga.

— Eles já estão saindo. Não querem se atrasar. Vão nos encontrar no aeroporto.

Ela fixa seu olhar no arranhão na minha bochecha; as marcas óbvias de mordida na lateral do meu pescoço. Eu, provavelmente, também cheiro a sexo. Se alguma coisa a incomoda, ela não demonstra enquanto volta a digitar no telefone.

Por que ela se importaria? Ela não tem coração.

Ela coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha e se abaixa para pegar algo da bolsa aos pés. Meus olhos caem em nossas iniciais entrelaçadas na parte exposta de suas costas. Eu balanço a cabeça de um lado para o outro e desvio o olhar.

Acendo outro cigarro e aumento o volume do rock.

Quando chegamos à mansão, ela leva meus cachorros para passear enquanto eu tomo banho e me visto. Stacey conversa com a equipe; eu os

encaro. Não conversamos no caminho para o aeroporto ou enquanto estamos presos em um engarrafamento que parece não estar se movendo.

Continuo olhando para seu pescoço, percebendo que ela retocou a maquiagem e os hematomas mal estão visíveis agora. Talvez não tenha sido do estúdio e, como eu, ela transou com outra pessoa ontem à noite.

O pensamento me irrita o suficiente para cerrar o maxilar. Sou uma contradição ambulante e falante.

Você não a odeia, filho. Só está bravo com ela, meu pai disse quando o visitei pela última vez.

Mas ele é um mentiroso. Eu a odeio. Não estou tremendo de ansiedade porque estou bravo com ela – estou perdendo a cabeça porque tudo em que consigo pensar é nela com ele.

— Merda — ela deixa escapar. — A rodovia foi fechada por causa de um acidente feio. É por isso que estamos presos aqui.

Eu franzo a testa.

— Diz quanto tempo até que seja liberada?

— Podem ser horas — ela responde, curvando-se. — Vamos, definitivamente, perder nosso voo. Vou contar para Lu.

E para tornar as coisas ainda melhores, além de perdermos nosso voo, o próximo de Glasgow só sai em dois dias. Em vez disso, temos que dirigir até Edimburgo, reservar o único hotel perto do aeroporto com disponibilidade e esperar até amanhã para voar.

Base me deseja boa sorte, e eu saio da mensagem de Bernadette sobre um contrato. Ela rastreia todos os meus movimentos – aqueles que eu permito que ela rastreie de qualquer maneira – então ela sabe para onde estou indo.

Vejo um dos meus carros por perto – Barry está sentado no banco do passageiro com um notebook. Aceno com a cabeça para ele no caminho, e quatro guardas vestidos casualmente andam atrás de nós, ficando longe o suficiente para que Stacey não perceba.

Quando chegamos à recepção do hotel, tenho certeza de que alguém está pregando uma peça em mim. Espero que alguém pule de um vaso de planta com uma câmera a qualquer momento.

O fato de Stacey ficar pálida só aumenta minha irritação.

Caralho, só tem um quarto disponível.

CAPÍTULO 10



Stacey

Kyle: Aquele era Kade Mitchell?

Kyle: Espera aí... Eu tô pirando ou você está saindo com os filhos de Tobias Mitchell? Lucy é a Luciella? A gêmea?

Kyle: Eu sei que tô bancando o irmão mais velho superprotetor aqui, mas você sabe quem ele é? Os gêmeos te deram nomes falsos? Merda. Você se lembra do nosso código de emergência caso precise que eu vá te buscar?

Deito na pequena cama de casal, lendo cada mensagem. Anexado em sua próxima mensagem, ele envia artigos de notícias datados de quando Tobias Mitchell foi preso. Assassino psicótico condenado a cumprir sua sentença de prisão perpétua em uma instituição. Um deles tem uma foto de Kade e Lu quando crianças, sorrindo com seu pai em um parque artificial dentro de sua instituição nos Estados Unidos.

O LENDÁRIO TOBIAS MITCHELL FINALMENTE CONSEGUE

RECEBER VISITA DE SEUS FILHOS.

Há artigos relacionados na parte inferior da página, e clico em um sobre Aria.

A DOUTORA MILLER FINALMENTE ENCONTROU O AMOR VERDADEIRO COM UMA ANTIGA PAIXÃO. MAS O QUE TOBIAS PENSA DISSO?

De alguma forma, conseguiram a foto do casamento deles, onde os gêmeos têm cerca de sete anos. Lu está com um sorriso enorme, Kade está carrancudo e seu irmão mais velho Jason, que é onze anos mais velho, está com as mãos em seus ombros.

Lembro que eu costumava pensar que ele era filho de Tobias também, mas ele se parece com Ewan. Aria não é sua mãe, mas ela o trata da mesma forma que trata Kade e Lu, especialmente desde que sua mãe biológica teve uma overdose alguns anos atrás.

Ele tem sido um fantasma para a família há um bom tempo.

O último artigo que leio é de dois meses atrás – Kade com um cigarro pendurado na boca, saindo de uma boate em Londres com uma garota em seu braço. Eles chamam a morena de corajosa e então detalham como os dois dividiram um quarto de hotel, do qual ela saiu algumas horas depois com o cabelo bagunçado.

Fecho o navegador.

Kyle envia outra mensagem, perguntando se a situação é um alerta vermelho.

Só agora eu consegui ler as mensagens dele. Quando estávamos no carro, meu telefone não parava de vibrar, e a última coisa que eu queria fazer era discutir sobre Kade com meu irmão postiço enquanto estava sentada no banco do passageiro.

Foi estranho quando ele me buscou pela primeira vez porque eu não tinha ideia do que dizer, especialmente depois do que aconteceu no estúdio, mas fiquei menos ansiosa quando ele não fez nenhum comentário rude. Viajamos em um silêncio confortável como aconteceu muitas vezes com essa versão dele.

Bem, a versão que tive para mim mesma por quase um ano. A versão que segurou minha mão sob as cobertas e sorria para mim quando

ninguém estava olhando. Me beijava na casa da piscina. No carro. Em quartos de hotel aleatórios por todo o mundo enquanto assistíamos *O Rei do Show* pela bilionésima vez.

A versão que sinto falta todos os dias desde que ele saiu da minha vida – e eu deixei.

Essa versão dele rapidamente se encolheu de volta em sua concha quando ele jogou sua mochila em nosso quarto e saiu furioso, murmurando um *foda-se* baixinho horas atrás. Eu sentei na cama pequena, tirei meus sapatos e puxei o edredom sobre mim, e estou aqui desde então.

Kade voltou ao seu eu babaca de sempre. Não ficarei surpresa se ele estiver bêbado no bar lá embaixo ou em um táxi a caminho da casa de uma garota aleatória.

Devo mandar uma mensagem e perguntar se ele quer comer alguma coisa, ou ele vai me mandar ir me foder?

Bem na hora, meu celular apita, e meu coração quase para, pensando que é ele. Mas é Kyle enviando um ponto de interrogação.

Esqueci de responder. Sem dúvida ele está suando e andando de um lado para o outro, preocupado com minha segurança. Ele realmente é o completo oposto de seu irmão mais novo.

Eu: Desculpa. Meu telefone estava no silencioso! Estou bem. Prometa que não vai contar a Nora ou Chris quem eles são. Não quero que eles surtem. Mas sim, eles são filhos dele.

Alguns minutos se passam, então minha tela se acende mais uma vez.

Kyle: Puta merda. Sim, beleza – não vou dizer nada. Como eles são? Legais? Babacas? Eles se gabam de quem é o pai? Li algo sobre Kade ser exatamente como aquele psicopata. Você viu o artigo sobre ele quando tinha 12 anos? Diz que ele tem um olhar de morte nos olhos. Que porra isso significa? Ah merda, acho que não quero saber, mas você não está namorando com ele, está?

Suspiro, negando com a cabeça. Alguns desses artigos são ridículos. Se esses repórteres conhecessem o lado de Kade que eu conheço, nunca diriam essas coisas sobre ele. Independentemente de como ele aja agora.

Tobias lutava com *todas* as emoções e não sabia como controlá-las. Enquanto seu filho consegue senti-las até certo ponto, pode mostrá-las quando está confortável o suficiente e não entra em uma matança quando as coisas não saem do seu jeito.

Releio a última parte da mensagem de Kyle, estreitando meus olhos. Não vou dizer a ele que Kade é meu ex ou que temos uma história tão pesada que poderia escrever um livro inteiro.

Não vou dizer a ele que uma vez, enquanto ele estava batendo na porta do meu quarto para ver se eu precisava de alguma coisa do mercado, Kade me tinha presa no chão com sua mão em volta do meu pescoço, forte o suficiente para quase cortar meu suprimento de oxigênio enquanto me fodia rudemente.

Não. Definitivamente, não vou dizer isso a ele.

Outra mensagem, e eu bufo.

Kyle: Estou desconfortável com a demora em responder. Gostaria de retirar minha pergunta.

Eu: Cala a boca. Não estou namorando com ele. E eles são pessoas normais.

Kyle: Ok. Legal. Achei que seu voo fosse horas atrás? Como você tem sinal?

Eu: Eu perdi. Vou precisar ficar em um hotel até amanhã.

Kyle: Com o filho do psicopata? Cacete.

Kyle: Lembre-se... emoji de laranja com sua localização

e eu estarei aí.

Respondo com um “ok”, e ele fica offline. Felizmente, bloqueei Chris. Quando a primeira série de mensagens abusivas chegou assim que entrei no carro, certifiquei-me de que ele não pudesse entrar em contato comigo pelo resto da viagem. Meu corpo ainda dói de sua “lição” violenta na noite passada. Não acho que os hematomas e cortes sejam muito visíveis, mas usei um corretivo grosso para cobri-los, só por precaução.

É horrível pensar assim, mas prefiro seus socos. Se ele não me machucar desse jeito, pode recorrer a ataques sexuais, e eu morreria antes de permitir que isso acontecesse.

Estamos no meio da tarde, mas não dormi muito na noite passada. Bocejo, me estico sob as cobertas e mando uma mensagem rápida para Kade para dizer que vou tirar um cochilo. Ele lê e, quando dez minutos se passam sem uma resposta, suspiro e coloco meu telefone para carregar. Assim que minha cabeça bate no travesseiro, apago.



Já faz horas que acordei e ainda não há sinal de Kade. A TV é entediante, as redes sociais estão paradas e eu continuo relendo a mesma linha de um livro de comédia romântica e não consigo registrar as palavras. É tarde, a luz de um poste de luz brilha pela janela, a chuva cai no vidro e estou precisando urgentemente de uma lata de suco gelado.

Eu também estou morrendo de fome. Acho que o hotel inteiro pode ouvir cada vez que meu estômago ronca para eu alimentá-lo.

Mas minha preguiça tem vencido até agora, e eu optei pela garrafa de água do frigobar.

Vasculhei as coisas dele procurando por um lanche e decidi roubar suas batatinhas? Sim. Sim, foi isso que eu fiz.

Luciella ligou. Eles pousaram há uma hora. Ela disse que estava muito perto de dar um soco na cara de Base e mandá-lo para casa. Ela não gostou de ele ter sugerido uma rapidinha no avião, para levar os dois as alturas pra valer. Ela desligou na minha cara quando comecei a rir.

Um bipe soa da porta, e ela se abre, batendo na parede. Eu não deveria recuar – não é minha intenção –, mas meu coração dispara momentaneamente e puxo o edredom para o peito como se Chris estivesse

prestes a voar e socar meu rosto.

Kade para na soleira como se tivesse se esquecido que estou aqui, sua sobrancelha se ergue diante da minha expressão assustada, antes de fechar a porta lentamente.

Eu solto as cobertas e finjo ler meu livro, recusando-me a reconhecer sua presença. Mas a energia muda quando ele está perto – se eu não estava conseguindo ler antes, definitivamente não conseguirei agora.

Eu mantenho o livro aberto de qualquer maneira e o observo por cima dele.

Ele joga as chaves do carro na cômoda do hotel, tira a jaqueta e a deixa cair na cadeirinha a caminho do banheiro.

Olá para você também, babaca.

O telefone dele toca na cômoda uma, duas, mil vezes, sem parar. Eu o ignoro enquanto a repórter na TV anuncia uma morte horrível no centro de Edimburgo. Olho para a tela enquanto ela está com um microfone na chuva, explicando que o corpo de um homem foi encontrado decapitado no meio do Parque Holyrood algumas horas atrás. Um assassinato angustiante em plena luz do dia.

— Jesus! — eu digo abruptamente.

Aumento o volume, meu livro esquecido enquanto desliza do meu colo, e me movo para o pé da cama, assistindo às imagens de policiais isolando a área. Outra visão vem de um helicóptero pairando sobre o parque.

— Você viu isso? — digo para Kade, mas é claro que ele não me responde. — É bem perto de onde estamos.

Eles ainda estão procurando pelo agressor – alguém alto, forte, que usava uma balaclava preta. Nenhuma evidência foi encontrada ainda, exceto por um trecho da câmera de segurança, mas eles não têm como identificar o autor. Os policiais estão a pé e em veículos, procurando pelo responsável.

Eu nunca poderia tirar a vida de outra pessoa, apesar do que às vezes pensei em fazer com Chris. A ideia por si só me faz tremer e me arrastar de volta para a cama. Silencio o repórter, tentando me concentrar novamente no meu livro. Maria – a personagem principal – está indo para um encontro às cegas e esperando acabar com seu período de seca de três anos.

Minha noite com Bryan-ou-Byron foi a última vez que transei e, francamente, não posso dizer que foi memorável. Para ser justa, também

não ouvi um pio dele, então acho que concordamos que foi uma coisa de uma vez só.

Não posso arriscar me tocar em casa com Chris sob o mesmo teto. Talvez minha necessidade de prazer explique por que as coisas foram tão longe no estúdio. Isso explica de onde tirei coragem para dar o primeiro passo, considerando que meus nervos estavam à flor da pele só de ter as mãos de Kade em mim.

É normal odiá-lo e querer senti-lo dentro de mim?

É normal acordar suando e há segundos de um orgasmo só com as lembranças?

Provavelmente não.

Se as garotas não tivessem aparecido cedo para a aula ontem à noite, acredito fortemente que Kade e eu teríamos acabado no chão do estúdio novamente. Ainda está lá – a tensão que me paralisa, a atração por ele que me faz gritar por dentro. Todos os sentimentos que reprimi. Cada vez que meus olhos encontram os dele, eu o quero. Mas também quero dar um tapa forte o suficiente para machucá-lo.

A porta do banheiro abre e fecha, e eu olho para cima.

— Você comeu? — pergunto, minha voz falhando no final quando vejo que ele está apenas de cueca boxer.

Santa Mãe de Deus.

Pego meu livro e o seguro firme em minhas mãos enquanto deixo meu olhar cair por seu corpo.

Ele era definido antes, mas agora? Ele é enorme. Deixo meus olhos observarem suas costas poderosas, músculos sobre músculos se contraindo enquanto ele tira coisas de sua bolsa. Seus braços parecem diferentes sem uma blusa, como se ele pudesse esmagar meu crânio com suas próprias mãos. Meus pulmões desistem quando ele se endireita e se vira para mim, exibindo seu abdômen, peito, aquele V perfeito de músculos e o caminho da felicidade.

Tatuagens escuras cobrem sua pele bronzeada – algumas que ele não tinha antes e que cobrem outras mais antigas que tinham significado para mim. Há cobras. Muitas cobras. Uma ampulheta com ponteiros de relógio atrás dela cobrindo o que costumava ser uma rosa desabrochando que ele fez para mim sobre seu coração.

Apesar disso, ele é uma obra de arte – ele sempre foi, mas o Kade com quem eu uma vez rolei na cama e ri enquanto assistia ao nosso filme de

sempre está ainda mais gostoso do que antes.

— Sim.

E suas pernas? Elas poderiam sufocar alguém com seu tamanho. Ele tem desenhos envolvendo uma e animais estilizados na outra. A tinta desaparece em sua cueca, e eu me pergunto se o seu...

— Terminou?

Meus olhos rapidamente caem para o meu livro, um rubor subindo do meu pescoço para minhas bochechas.

— Eu estava viajando. Não ache que eu desperdiçaria minha visão com você. E você pode dormir no chão.

Posso sentir sua raiva. Se ele pode falar comigo como se eu fosse merda presa na sola do seu sapato, posso fazer o mesmo com ele.

— Por que eu faria isso?

— Porque eu te odeio — respondo, impassível. — Não vou dividir a cama com você. — Ele sabe que não estou falando sério.

Kade ri, vestindo shorts de algodão cinza e pegando sua escova e pasta de dentes.

— Para constar — ele começa, parando enquanto começa a escovar os dentes —, prefiro atear fogo nas minhas bolas do que dividir a cama com você.

— Encantador. É assim que você costuma levar as mulheres para a cama?

— Não. É algo natural — ele diz com a escova de dentes na boca. — Você, mais do que ninguém, deveria saber os truques para entrar na cama das pessoas. Já que, o que foi mesmo que Tylar disse? Tem *praticado* bastante ultimamente.

— Bastante. — Viro uma página e não consigo conter minha raiva quando olho para ele. — Estou a segundos de te dar um tapa, Kade. Ou vai se deitar ou vai se foder.

— Esse seu lado raivoso não funciona. Você é tão assustadora quanto um cachorrinho.

Eu faço um som indignado.

Ele lava o rosto, apaga a luz do banheiro e cruza os braços aos pés da cama. Depois de alguns segundos, sinto seu olhar em mim, minha pele esquentando enquanto tento não olhar para trás.

— Algum problema? — pergunto, mantendo meus olhos fixos no meu livro.

Viro três páginas em vez de uma – completamente desfocada.

— Se eu entrar aí, você promete não agarrar meu pau de novo?

Meu olhar voa para ele horrorizada enquanto ele caminha para o outro lado e se abaixa na cama ao meu lado.

— Preciso responder e-mails de trabalho, e a última coisa que preciso é de uma ereção indesejada como a de ontem à noite.

Solto um grunhido irritado enquanto meus olhos retornam ao livro. Ele pode alegar que foi indesejado o quanto quiser, mas eu senti o quão duro estava e senti sua respiração pesada no meu pescoço. Ele estava bem em cima do meu peito, pelo amor de Deus. Não, ele pode ir se foder. Vai receber o meu silêncio, mesmo que seja apenas para impedi-lo de emitir mais insultos.

Engulo quando ele se acomoda ao meu lado. Minha camisa de seda está abotoada até o pescoço, mas o short combinando significa que minhas pernas estão nuas, e meus nervos pegam fogo quando ele se inclina para frente.

— O que você está lendo?

Eu fecho o livro.

— Sai daqui e pare de me distrair.

Kade sorri.

— Eu te distraio muito, Sardentinha?

— Pare de me chamar assim.

— É inocente demais para você agora?

— Tudo bem. — Jogo o edredom para longe. — Vou dormir no carro.

Ele agarra meu braço, e a eletricidade correndo pelo meu corpo me faz ofegar por dentro.

Cerro os dentes.

— Pare de ser um babaca. Sério, Kade. Você sabe que isso é estranho, e está piorando ainda mais, sendo um idiota.

— Eu vou parar — ele diz, seu olhar mais pesado agora que ele está mais perto de mim. — Foi uma piada.

Posso dizer que ele está bêbado pelo quão semicerrados seus olhos estão. Kade sempre teve lindos olhos sonolentos. Quando ele bebe, ficam quase fechados. Mesmo assim, o azul acinzentado ainda é perceptível. Ainda de tirar o fôlego.

É irritante quando eu deveria estar brava com ele.

Coloco um travesseiro entre nós.

— Não venha para o meu lado ou vou arrancar seu olho fora.

Há uma sombra de um sorriso em seu rosto.

O silêncio cai. A lâmpada em sua mesa de cabeceira ainda está acesa. Isso é ruim. Meu coração não deveria estar acelerado e ameaçando explodir em meu peito. Eu não deveria estar nervosa. Somos duas pessoas dividindo uma cama porque não há outra opção.

Exceto que temo que meu corpo vá gravitar em direção a ele durante o sono. E essa nova versão de Kade que odeia minhas entranhas vai me empurrar para longe e provavelmente me derrubar da cama.

Ele se senta, e meus olhos permanecem nele enquanto ele digita em alta velocidade em seu telefone. Pode me chamar de intrometida, mas não consigo evitar. Ele está respondendo e-mails. Pelo menos, acho que são e-mails – não reconheço o aplicativo que ele está usando. Mordo a parte interna da minha bochecha, pego meu próprio telefone e começo a rolar a tela, entediada.

Dez minutos se passam.

— Por que você está respondendo e-mails de trabalho tão tarde?

Kade não para de digitar.

— Porque algumas pessoas precisam trabalhar de verdade, independentemente do horário.

— Onde você trabalha? Até onde eu sei, você ajuda Ewan e estuda.

Ele abre um novo e-mail e digita para alguém com um nome que começa com B, então inclina seu telefone para que eu não consiga ver o que a mensagem diz.

— Não é da sua conta. Muita coisa mudou em dois anos.

Então ele não vai me dizer onde trabalha? Estranho, mas tudo bem. Anotado.

— Você viu as notícias? Alguém foi morto não muito longe daqui. Decapitado. A pessoa que fez isso ainda está por aí.

Kade não tira os olhos do telefone e, com o tom mais monótono e entediado, responde:

— Que azar.

CAPÍTULO 11



Stacey

Acordo com Kade parado perto da janela, olhando para fora com a mão no bolso, bebendo um copo do que presumo ser uísque que ele deve ter pego no bar lá embaixo.

Cubos de gelo tilintam contra o copo enquanto ele toma um gole – e é tão audível que consigo imaginar a maneira como sua garganta se move enquanto engole.

Eu me apoio no meu cotovelo e esfrego meus dedos nos olhos para afastar o cansaço.

— Você dorme em algum momento? — pergunto grogue enquanto bocejo.

— Não — ele responde severamente, tomando outro gole. — Volte a dormir.

— Isso é tudo que eu fiz desde que chegamos aqui. — Sento-me completamente e estico meus braços, balançando a cabeça de um lado para o outro para consertar a cãibra no meu pescoço. — Quanto tempo até voarmos?

Ele caminha lentamente até a cabeceira e verifica o telefone para ver as horas, embora esteja usando um relógio.

— Algumas horas.

— Você deveria se deitar.

— Não.

— Você parece cansado.

— Eu não estou.

— Kade...

Ele revira os olhos.

— Você vai ficar quieta se eu me deitar?

Eu caio de costas na cama.

— Você é insuportável, sabia disso? Não precisa falar comigo desse jeito. O que está feito, está feito. Pare de ser um babaca.

Ele ri secamente, nem um pouco divertido.

— O que está feito, está feito. — Kade lambe o uísque dos lábios enquanto me encara. — Chega pra lá.

Eu relutantemente vou até a beirada da cama.

Kade se acomoda em cima das cobertas, suspirando e esfregando os olhos com o polegar e o indicador. Ele parece exausto, e seus nós dos dedos estão recém machucados de novo.

Eu me viro de lado.

— Você esteve brigando?

Ele olha para a mão e a coloca ao lado do corpo, ficando quieto enquanto seu olhar pisca no teto, como se estivesse pensando. Seus cílios são tão longos e escuros, que por um impulso, sinto vontade de puxá-los.

A cama é pequena, e nossos cotovelos se roçam por um milissegundo enquanto ele entra sob o edredom. O toque é mais um roçar, mas é o suficiente para fazer o calor subir para minhas bochechas.

Deito de costas e dobro o edredom ao meu redor, meus braços esticados contra meus lados.

Kade se estica para desligar a lâmpada, nos banhando na escuridão, mas o luar nos dá uma visão boa o suficiente dos rostos um do outro.

A loção pós-barba que ele usava quando era mais novo foi substituída por algo mais caro, e enche minhas narinas. Eu mexo meus dedos e tento não respirar muito pesadamente.

Ele aperta a ponta do nariz, bufando para si mesmo – seja por causa da nossa situação ou pelo fato de Aria tê-lo convencido a vir na viagem, e tudo já estar desandando.

Meu peito sobe e desce no silêncio enquanto tento o meu melhor para permanecer calma. Está tudo bem em dividir uma cama com ele. Podemos ser maduros sobre nossa situação e não transformar isso em algo maior do que já é.

Podemos fingir que minha mão não estava em volta do seu pau ontem à noite enquanto ele chupava meu mamilo. Podemos fingir que não estivemos apaixonados um pelo outro em um ponto de nossas vidas.

Também podemos fingir que não estamos dividindo uma cama de hotel enquanto nos odiamos profundamente.

Nós dividimos muitas camas; embora seu pau sempre estivesse dentro de mim, mas ainda assim. Ele sente isso também? A atração gravitacional entre nós? Está trazendo uma fina camada de suor para minha pele, e eu quero deslizar minha mão para a direita e tocar seu mindinho com o meu.

Como fazíamos quando éramos adolescentes, com o cobertor sobre nós para que ninguém visse.

— Posso te perguntar uma coisa? — sua voz grave e seu tom ressoam através de mim. — E eu quero que seja honesta comigo.

Ai, meu Deus. Isso pode ir em tantas direções.

— O quê?

Ele respira fundo e se senta, apoiando-se no cotovelo para ficar de frente para mim.

— Você me culpou pelo que aconteceu? Foi por isso que fez o aquilo?

Meu coração se contorce no peito. Tento não pensar naquela dor. Balanço minha cabeça de um lado para o outro.

— Como eu poderia te culpar por algo assim?

— Quando você... — Ele para, lambe os lábios e passa o polegar por eles. — Eu me convenci de que tinha sido algum tipo de vingança distorcida.

Eu queria poder contar a verdade, mas temo que o dano já esteja feito. Ele merece a história real – eu sei disso. Mas isso começaria uma guerra, e não tenho ideia de como ela pode acabar. Chris é diabólico, em todos os sentidos, então a ideia dele e Kade brigando me aterroriza.

Mesmo se eu contasse a ele, não mudaria nada. O que está perdido está perdido, e estou presa aqui, tentando encontrar minha força e voz.

Como conto a alguém o que aconteceu naquela noite sem que me olhem como se eu fosse suja? Só consigo balançar a cabeça de um lado para o outro e esperar que ele deixe isso de lado.

— Não. Não foi por isso.

Ele me encara por um longo segundo, estudando meu rosto, a maneira como estou segurando o soluço e as lágrimas ameaçam cair.

— Esquece que perguntei.

Nós tínhamos tudo, e agora não temos nada além de mentiras e

rancores. Não posso ficar brava com ele – não de verdade. Mas ele foi embora tão facilmente, e eu não pude lutar por ele.

Afundo meus dentes no meu lábio inferior e, sem esperar que ele diga mais nada, viro as costas para ele e levanto meus joelhos para ficar confortável.

O fantasma de um toque nas minhas costas envia choques em todas as direções. Em um lapso momentâneo de julgamento, minha blusa subiu, e cada hematoma e cicatriz que Chris deixou nas minhas costas agora estão à vista.

— Que porra é essa? — sua voz é um rosnado mortal. — O que aconteceu com você?

Meu sangue vira gelo quando ele toca minhas cicatrizes, traçando-as. Eu engulo em seco.

— Machuquei dançando.

— Não minta para mim. Eu preciso matar alguém?

Faço um som de desdém.

— Não. Não estou mentindo. São da dança.

— Sério? — ele pergunta. — Por que nunca teve isso antes?

Fecho meus olhos enquanto o sinto puxar minha blusa mais para cima, expondo cada cicatriz e hematoma.

— Caralho, não, Stacey. Vire-se.

— Não — eu digo baixinho.

— Vire-se!

Eu suspiro e olho para ele por cima do ombro. Ele parece furioso, as sobrancelhas franzidas, os olhos cheios de raiva.

— Faço rotinas com seda agora, lembra? Elas rasgam minha pele.

Meu telefone começa a vibrar, um número aleatório aparece na tela. Eu o silencio enquanto Kade agarra meu ombro, me puxando para trás para que eu fique deitada no colchão. Ele está tão perto de novo enquanto paira sobre mim, me inspecionando. Uma mão está enterrada no travesseiro ao lado da minha cabeça; a outra puxa minha blusa até logo abaixo dos meus seios, revelando uma cicatriz bagunçada sob meu umbigo por ter sido arrastada pelo chão e cortada com um vidro.

— Pare com isso, Kade.

Seu dedo desliza sobre a pele marcada.

— Você não tinha nada disso antes.

Eu puxo minha blusa para baixo antes que ele possa ver entre meus

seios. Não há como mentir sobre isso e culpar a dança.

— Esquece isso.

— E os hematomas no seu pescoço e as marcas no seu rosto? Também foram da dança? — Ele saberá que estou mentindo, então mordo minha língua antes de responder baixinho:

— Não.

Seus olhos piscam sobre meu rosto.

— Fui eu?

Meu telefone começa a vibrar novamente.

— Não — eu respondo.

— Deve ter sido — ele responde, franzindo a testa ainda mais enquanto traça um hematoma no meu ombro e depois um no meu pescoço.

Eu não deveria tremer, mas tremo, e ele percebe.

O toque não deveria estar me enviando para uma espiral ou causando calor entre minhas pernas. No entanto, aqui estou eu, ficando molhada e carente por Kade simplesmente estar perto de mim.

Meus olhos se arregalam um pouco enquanto ele imita o aperto que ele tinha no meu pescoço no estúdio.

— Eu segurei você assim. Fui eu. — Ele parece horrorizado, seus olhos escurecendo uma fração enquanto ele observa minha aparência. — Eu machuquei você.

— Não foi você — eu sussurro.

— Então você transou com alguém ontem à noite? — Seus olhos brilham com algo ameaçador. — Desde quando você gosta de apanhar durante o sexo? Quem era ele?

Meu pulso acelera sob seu polegar, e eu sei que ele pode sentir. Sua mandíbula aperta enquanto ele olha para meu pescoço, e a necessidade de envolver minhas pernas em volta de sua cintura é demais.

— Não vou responder a esse tipo de pergunta sua. — Eu não posso. Tudo o que consigo ver é o verdadeiro motivo de estar tão machucada. — Esquece isso.

Kade morde o lábio inferior, respirando pelo nariz. Ele ainda está em cima de mim, e o calor que irradia dele quase me faz contorcer.

— Quero saber quem — sua voz é assustadora, a agitação o deixando sóbrio. — Se você não me contar, eu vou descobrir. Não chegue perto dele de novo se é isso que o idiota vai fazer com seu corpo.

Uma onda de raiva me atinge.

— Eu posso dormir com quem eu quiser. Assim como você transa com quem *você* quer.

Eu suspiro, meu corpo ganhando vida enquanto Kade se abaixa em cima de mim, se acomodando entre minhas pernas e agarrando meu pescoço – mais gentilmente do que fez no estúdio.

— Isso mesmo. Podemos foder quem quisermos, quando quisermos, em qualquer posição que quisermos. E eu vou. Porque não quero nada mais do que me livrar da imagem de você agarrando meu pau ontem à noite.

O dito pau está rígido entre minhas pernas, e eu luto contra a vontade de levantar meus quadris.

— É mesmo?

Ele acena, o hálito mentolado batendo em meu rosto.

— Você me irrita. É uma cobra venenosa que não sai da minha cabeça. Você está em todo lugar, mas em nenhum lugar, ao memo tempo. É como a porra de uma doença.

Eu franzo a testa para ele.

— Uma doença? Eu vou te matar.

Um suspiro rasga entre nós enquanto ele esfrega minha boceta sobre nossas roupas.

— Você poderia tentar.

Quero, tanto, apertar minhas pernas em volta dele, o que é estranho, já que ele acabou de me chamar de uma maldita cobra e uma doença. Minha respiração engata enquanto ele balança seus quadris em mim mais uma vez, lutando contra seus próprios impulsos.

— Porra. Eu te odeio. Eu te *odeio pra* caralho.

Levanto meus quadris.

— Posso sentir mesmo, como você me odeia.

Ele balança a cabeça em negação, agarrando meu cabelo até que eu sinto a pressão no meu couro cabeludo.

— Quem você fodeu?

Fico em silêncio, embora minha respiração tenha ficado um pouco pesada de quão quente estou ficando, quão encharcada estou sob meu shorts e as estocadas aleatórias de seu pau contra mim.

— Me questionar enquanto faz isso não vai te dar uma resposta.

Eu suspiro enquanto ele esfrega mais forte, a cabeça de seu pau pressionando bem contra minha entrada, e eu queria que minha calcinha

desaparecesse.

Na quarta vez que o telefone toca, Kade xinga baixinho e se move para deitar ao meu lado, quebrando o contato.

Vou me vingar de quem quer que seja. Sento-me, respiro fundo e escondo minhas bochechas coradas enquanto pego meu telefone.

— Alô?

— *Uau!* — Chris fala lentamente e meu coração afunda. — *Ela sabe atender o telefone.*

Corro para subir em Kade, montando nele e pressionando minha mão em sua boca, caso ele tente falar.

— O que você quer? — tento discretamente abaixar o volume do meu telefone, mas Kade percebe. Suas sobrancelhas franzem enquanto ele estuda minha expressão horrorizada.

— *Onde diabos você está?*

Eu estremeço com o quão irritado Chris parece. Kade me encara. Ambas as mãos dele estão descansando ao lado dos meus joelhos em punhos apertados.

— *Por que você não está nos Estados Unidos?*

— Complicações — é tudo o que eu digo, silenciosamente implorando para Kade ficar quieto. Eu pressiono minha palma em sua boca com mais força quando ele tenta se soltar. — Perdi meu voo.

Não sei como estou soando, porque toda a minha concentração vai embora quando tento prender Kade com mais firmeza, quase estremecendo quando o sinto duro como pedra bem naquele lugar. Suas mãos voam para cada lado da minha cintura, me agarrando quando tento sair.

Ele crava os dedos na minha carne, me puxando para mais perto dele, então a ponta dura de seu pau pressiona o tecido entre minhas pernas.

Quero balançar meus quadris de novo. A necessidade quase me roubando todo o controle sobre meus pensamentos enquanto Chris continua gritando.

Graças a Deus, eu abaixei o volume – até eu mal consigo ouvi-lo.

O aperto na mandíbula de Kade me diz que ele sente o mesmo que eu. A luta para não nos esfregarmos um no outro. Para não nos movermos e sentir o prazer que sabemos que nos espera. Se eu mover meus quadris, balançá-los, a parte inferior de seu pau esfregará contra meu clitóris novamente e definitivamente arrancará um gemido da minha garganta.

Minha mão escorrega de sua boca e pressiono meu dedo em seus

lábios para avisá-lo de ficar quieto. Kade não gosta que lhe digam o que fazer, mas acho que o medo em meus olhos o torna obediente, porque ele não está se revelando para a pessoa no telefone.

Suas mãos são tão grandes que quase circundam minha cintura. Seus dedos se movem de onde estavam agarrando meus quadris para minha bunda, me puxando ainda mais para perto.

— Balance seus quadris no meu pau, Sardentinha — ele sussurra baixinho, e eu quase choramingo. — Eu te desafio.

Mesmo enquanto Chris continua falando ao telefone, mantemos nossos olhos um no outro. Os dele escurecem quando um fio da minha sanidade se rompe e eu me movo contra ele uma vez.

Meu corpo canta com a sensação.

Ele me segura mais forte para me controlar e move seus próprios quadris de uma forma que faz meus lábios se separarem.

Da base à ponta, o comprimento dele alisa cada área sensível da minha boceta.

Minha calcinha já está encharcada, molhando meu short de pijama.

Descanso minha mão em seu peito e giro meus quadris mais uma vez. Seu coração está batendo forte contra minha palma, seu peito subindo e descendo a cada profunda inspiração e expiração. Não tenho ideia do que Chris está dizendo, nenhum de nós presta atenção ao telefone enquanto nos fodemos a seco.

Kade mantém sua voz baixa e quieta, o azul de seus olhos tomado por suas pupilas dilatadas.

— Ele faz você gritar do jeito que eu costumava fazer?

Ah, ele acha que estou dormindo com quem estou falando no telefone. Mas é isso, ou ele vai me questionar mais sobre meus hematomas e cortes, e para ser honesta, prefiro continuar fodendo a seco enquanto meu irmão postiço abusivo me ameaça, sem saber das minhas ações. É um grande vai se foder, Chris!

Com o telefone ainda no meu ouvido, movo minha mão de seu peito e a deslizo até seu pescoço enquanto giro meus quadris, esfregando contra a parte inferior de seu comprimento grosso. Ele responde a cada movimento, e se eu não desligar logo, Chris vai me ouvir gemer.

Kade pulsa contra minha boceta enquanto meu aperto fica mais forte em sua garganta. Ele me impede de me mover, segurando em minha bunda, observando enquanto seu pau arrasta meu núcleo a cada elevação de

seus quadris. Minha espinha formiga, o calor se acumulando em minhas pernas até os dedos dos pés.

— Me responda ou vou parar — ele avisa.

Entre cada palavra exalada, a ponta de seu pau pressiona contra minha entrada antes de deslizar até meu clitóris, me deixando tensa em todos os lugares. Mordo meu lábio a cada estocada, minhas coxas molhadas.

— Ele te faz gritar do jeito que eu costumava fazer?

— Não — eu choramingo.

— *Não, o quê?* — Chris pergunta confuso, pausando seu discurso.

Kade perde a paciência e pega o telefone de mim, encerrando a ligação e retornando suas mãos para minha cintura.

— Você se lembra de como gritar meu nome?

Eu suspiro a cada estocada firme enquanto sua mão alcança meu ombro, me puxando para ficar deitada em cima dele. Antes que eu possa dizer qualquer coisa, antes mesmo que eu consiga pensar em formar qualquer tipo de resposta, agarro um punhado de seu cabelo no momento em que uma sensação de tensão percorre cada vértebra, se enterrando profundamente e me deixando prestes a explodir.

Kade puxa meu short para baixo e afunda seus dedos dentro de mim. Cada terminação nervosa está pegando fogo.

Solto um gemido e bato minha palma contra a cabeceira da cama. Ele empurra forte e rápido, e minhas pernas tremem com a grosseria com que está me fodendo.

Kade para, e eu busco por ar, choramingando enquanto ele bate na minha bunda com sua mão livre.

— Monte meus dedos, sua putinha. Assim como você costumava fazer.

Minha cabeça cai para trás, meu longo cabelo escuro uma bagunça enquanto eu faço o que ele diz até minhas pernas tremerem implacavelmente.

Kade assume novamente, me fodendo ainda mais forte, curvando seus dedos para que eles atinjam aquele ponto doce que está deixando minha visão turva.

— Kade. Não deveríamos estar fazendo isso.

— Eu sei. Continua, porra. — Ele agarra minha nádega com a outra mão. — Se Base tentar te foder, você vai se lembrar disso. De mim, fazendo

você gemer *meu* nome.

Ele vai mais fundo, e eu fico toda tensa.

— Que bagunça você está fazendo, Sardentinha. Minha mão tá toda molhada.

Com meus olhos bem fechados, eu gemo, choramingando enquanto seus dedos metem em mim com uma força deliciosa. Sua respiração está pesada, e ele solta seus próprios gemidos enquanto eu me abaixo o suficiente para esfregar seu pau com minha coxa encharcada.

De joelhos acima dele, meu olhar colide com o seu. Nós dois estamos completamente tomados pela luxúria e pelo calor líquido em nossas veias. Mas algo brilha nos olhos de Kade.

— Você não vai deixar ninguém te machucar, está me entendendo? — Ele pressiona seu polegar no meu clitóris, e meus lábios se abrem em um zumbido de prazer, o orgasmo que vem crescendo e crescendo perto de entrar em combustão. — Quando eu descobrir quem te machucou, eu vou acabar com ele. Vou garantir que sangre até a morte e então, vou te foder ao lado do cadáver dele. Entendeu?

Impulsionada pelos golpes sensuais de seus dedos, seu polegar contra meu clitóris inchado, aceno positivamente com a cabeça.

— Com palavras, Stacey. — Ele dá um tapa no meu clitóris e eu gemo mais alto. — Me responda com palavras, caralho.

— Sim! Tá bom, sim. Eu não vou... porra... Kade, isso é tão errado.

Seus olhos brilham em mim.

— Tá pedindo arrego?

Minha cabeça balança em negativa, quadris rolando contra sua mão.

— Não.

— Quero te ouvir, como nos velhos tempos. Preciso te ouvir gritando meu nome.

Ele puxa seus dedos para fora, e eu debato se devo socá-lo.

— Quero que você sente na minha cara. — Ele me puxa para sua boca, e eu me seguro na estrutura da cama. — Me sufoque com essa boceta.

Kade me puxa para baixo pelos quadris e enterra seu rosto entre minhas pernas, e eu gemo tão alto que acho que o quarto ao lado pode me ouvir.

Sua língua está molhada no meu clitóris, e ele geme enquanto o chupa tão forte, que faz barulho – então ele o pega entre os dentes e afunda dois dedos dentro de mim, me fazendo gritar.

Ele se acaricia com a mão livre, gemendo contra minha boceta necessitada e alternando entre dedilhar e lamber minha entrada, pegando cada pedaço de carne entre os dentes, arrastando os lábios por toda a minha boceta e então mergulhando entre minhas pernas, me provando depois de atacar minhas coxas internas.

Como um choque elétrico, tudo dentro de mim se acende quando meu orgasmo chega – um risco de fósforo que se espalha como fogo por todo o meu corpo. Minhas paredes se apertam e latejam em torno de seus dedos, minha visão fica turva na escuridão.

Ambas as minhas mãos estão em seu cabelo, puxando, enquanto eu monto em seu rosto, esfregando contra seus dedos e boca quando eu explodo – e continuo explodindo.

A língua de Kade chicoteia contra mim, meu corpo espasmando enquanto o desejo líquido envolve minha medula espinhal como uma de suas cobras tatuadas.

— Ah, merda.

Ele morde meu clitóris, e eu grito durante meu orgasmo.

— Mais alto. Aperta meus dedos com essa sua boceta encharcada e grita meu nome como a putinha suja que você é.

Esses termos depreciativos deveriam me fazer dar um tapa nele, não apertar seus dedos dentro da minha boceta, precisando que ele continue falando as palavras sujas. Minha cabeça cai para trás, e vejo estrelas.

O ar escapa dos meus pulmões. A intensidade do meu orgasmos chega ao ponto de ruptura, e seu nome escapa dos meus lábios com uma sequência de xingamentos. Mas é um sussurro – um suspiro.

— Mais alto.

Ele chupa meu clitóris com tanta força que quase desmaio quando o lembro exatamente como soo quando grito seu nome.

CAPÍTULO 12



Kade

Eu tinha cinco regras que consegui seguir por dois anos.

Regra número um: Fique longe de sua ex-namorada tóxica.

Regra número dois: Não desbloqueie o número dela.

Regra número três: Se vocês dois estiverem no mesmo cômodo, não olhe para ela – é uma armadilha.

Regra número quatro: Sob nenhuma circunstância tenha qualquer interação sexual com ela.

Regra número cinco: Nunca perdoe Stacey Rhodes.

No entanto, aqui estou eu com dois dedos enterrados dentro da dita ex, sua boceta escorrendo pelo meu queixo, gemendo meu nome tão alto que sua voz está falhando.

Eu fodi a regra número um no dia em que voltei para casa para uma pausa que Bernadette me deu depois de um trabalho pesado na África. Busquei Stacey depois de uma ficada de uma noite, como um idiota.

Minha fúria, alimentada por drogas, me atraiu de volta àquela casa para dar uma surra nele, incendiar sua casa. Ele deveria morrer. É sempre assim, com todos os caras que cruzam o caminho dela. Como foi que deixei passar um?

A regra número três foi por água abaixo quando descobri que Luciella estava dando uma festa em casa e Stacey estaria lá. Depois de tê-la no meu carro novamente, depois de ter sido torturado pelo seu cheiro de baunilha, ficar observando das sombras não era mais o suficiente. Eu disse a Dez e Base que iríamos aparecer na festa.

Eu a segui até o portão da frente. Fui contra meu próprio instinto só

para ter um tempinho a sós com ela e ver com quem ela estava transando.

Eu tenho a observado por tempo suficiente para saber com quem ela fala, quem ela conhece e quem diabos a toca, e eu não sabia quem era aquele que estava no portão.

Eu ainda não faço ideia. Barry está trabalhando nisso.

A regra número quatro foi por água abaixo no segundo em que a deixei agarrar meu pau no estúdio. No instante em que senti sua palma em mim, a raiva que eu estava sentindo diminuiu um pouco. Não completamente – apenas o suficiente para conter o desejo de arrancar a cabeça de alguém.

Minha raiva não tem limites ultimamente, especialmente quando se trata de uma linda dançarina morena chamada Stacey Rhodes.

Então tive a brilhante ideia de desbloqueá-la, mais uma regra quebrada.

Mas a regra número cinco continuará inabalável. A ideia de perdoá-la me deixa enjoado. Nunca mais vou cair no feitiço dela.

Não me entenda mal, a visão dela em cima de mim é maravilhosa. Ela sempre foi gostosa – um sonho erótico; ela sempre fez meu sangue ferver. Seus seios estão saltando enquanto ela se move contra minha boca, coxas firmemente envolvendo minha cabeça enquanto ela cavalga meu rosto, e seu gosto na minha língua me faz comê-la como um homem faminto.

Eu não mereço coisas boas. Não mereço que ela olhe para mim como se eu fosse seu Deus, mas ela também não me merece. Eu quis dizer isso quando a chamei de cobra, mas meu pau está pulsando enquanto eu fodo minha própria mão, saboreando seu orgasmo na minha língua.

Para ser bem sincero, não posso dizer que estou satisfeito comigo mesmo. Tenho essas cinco regras por um motivo.

Essa garota quebrou meu coração na adolescência, mas aqui estou eu, dando prazer a ela.

Stacey geme alto enquanto eu chupo e lambo seu orgasmo, e meu pau engrossa em meu aperto. Estou mais duro que uma pedra. A vontade de nos virar e a foder até que perca seus sentidos, é forte.

Suas mãos agarram meu cabelo enquanto ela esfrega contra minha boca.

— Kade — ela choraminga repetidamente, a cabeça caindo, e o tremor em sua voz, junto ao de suas coxas fazem meu pau pingar com

excitação e ficar sensível como o inferno. — Eu não consigo — ela respira. — É demais.

Ela está inchada e rosa e tem gosto de pecado, daqueles bem proibidos, que eu comeria todos os dias.

Faz anos que não tenho gostado de dar prazer a alguém, e, com certeza, meu pau não fica como aço enquanto estou chupando alguém. Não participo voluntariamente de nada sexual há tanto tempo – ou fico excitado pelo gosto e som.

Todas depois dela foram uma distração para deixá-la com ciúmes ou uma tarefa indesejada.

Eu nunca aleguei ser um santo quando se trata de sexo. Não sou um cavalheiro que pode oferecer sentimentos e rosas. Não mais. Sou uma criação, por ter sido usado e abusado, e não há nada que eu possa fazer para impedir isso. É minha vida agora; eu só preciso vivê-la.

Então, porra, podem me julgar, mas eu vou ficar debaixo dela por mais um tempinho e prolongar seu orgasmo. Parece certo. E me irrita pra caralho que se pareça assim. Vou sofrer as consequências disso mais tarde, quando Stacey inevitavelmente me disser que isso foi um erro.

Chupo mais forte seu clitóris, e um zumbido de prazer profundo e alucinante sai de seus lábios, levando-a a outro orgasmo que escorre pelo meu queixo. Minhas bolas se apertam. Eu posso realmente gozar, apenas comendo-a.

Ela está encharcada para mim e sua boceta aperta meus dedos, tremendo e latejando enquanto eu os enrolo novamente, bombeando e chupando.

Sua euforia atinge um ponto de ruptura enquanto seu corpo treme, e meu aperto fica mais forte em volta do meu pau enquanto sua boca se abre com um silencioso “porra”, pupilas dilatadas e selvagens.

Não dou a ela nem um segundo para voltar para a realidade enquanto trocamos de posição, meu pau pressionando sua coxa interna enquanto ela ofega em meu rosto por baixo de mim.

— Outro — ordeno, a mão se aproximando entre nós para esfregar círculos em seu clitóris. — Mais um, Sardentinha, então, vou te foder.

Vou meter nela com tanta força e rapidez que ela nunca mais vai me esquecer. Quando ela voltar para quem quer que a foda regularmente – isto é, se eu não o encontrar e matá-lo – ela não conseguirá ter um orgasmo sem ver meu rosto.

O pensamento me irrita ainda mais.

— Não pare — ela arfa.

Enquanto a levo ao orgasmo novamente, seus dedos se torcem na cama. Suas coxas tentam se fechar, mas eu as afasto com um joelho enquanto suas paredes esmagam meus dedos a cada espasmo.

Ela captura meu pulso, seu olhar suplicante me implorando para parar porque é demais. Retiro meus dedos de sua boceta e os lambo até ficarem limpos enquanto ela observa; luto contra o gemido profundo que ameaça deixar meus pulmões devido ao seu gosto viciante.

Minha boca desce até a dela, e antes que eu possa capturar seus lábios, ela inclina a cabeça para o lado.

— Não. Não me beije.

Ela o beijou.

Minhas narinas dilatam de raiva, e eu a viro.

— De quatro. Não quero olhar para você — as palavras parecem veneno na minha língua.

Ela obedece, lentamente, então olha para mim por cima do ombro com uma sobrancelha levantada.

— Para que eu possa imaginar você como outra pessoa.

Ela revira os olhos, puxando um travesseiro para baixo do corpo.

— Você é um babaca do caralho.

Claro que isso não a incomoda. Stacey está aqui para ser fodida e é isso.

Sua bunda sobe, e eu cuspo em seu buraco traseiro. Ela estremece e olha para mim enquanto eu giro a ponta do meu polegar em torno dele.

— O quê?

Ela range os dentes e dá um tapa na minha mão.

— Se você ousar colocar alguma coisa aí, eu arranco suas bolas.

Luto contra uma risada, dando um tapa na sua bunda, meu pau se contraindo enquanto ela choraminga com a dor. Eu posso ver tudo – sua boceta brilhante e o buraco proibido em que eu quero enfiar minha língua. Eu me deleito com o fato de ter sido o primeiro a gozar em todas as áreas.

Eu deslizo a cabeça do meu pau em sua coxa, capturando a umidade, então esfrego em sua boceta e bunda.

Ela estremece, e eu recuo antes de ignorar sua ameaça e tentar enfiar no buraco de trás.

Ela está pingando, e eu esfrego meus polegares em suas coxas

internas, espalhando seu gozo. Então, agarro sua blusa na minha mão, empurro até sua cabeça e enfio seu rosto no travesseiro.

Suas costas têm algumas tatuagens para combinar com aquelas em seus braços e pernas. Stacey é como uma maldita obra-prima de todos os meus designs. Eu amo tatuagens; adoro desenhá-las, especialmente para ela.

Vejo minha favorita, que desenhei quando estávamos em um hotel em Londres, na mesma noite em que perdemos a virgindade um com o outro. Tenho a mesma tatuagem – K e S, integradas em um desenho distorcido de escrituras significativas, rosas e videiras que tornam nossas iniciais difíceis de perceber.

Ela não queria que Luciella ou Tylar notassem. Porque eu era seu segredinho sujo, e ela queria que continuasse assim.

Um aperto surge em meu peito, mas eu o engulo e enfio dois dedos dentro dela novamente. Ela está pronta.

Há um véu de escuridão descendo na minha mente, algo contra o qual estou sempre lutando, e agora, de todas as horas, não é o momento certo para ele aparecer. Meus olhos involuntariamente piscam rapidamente, o que não consigo controlar, e o quarto fica embaçado.

A voz de Bernadette está na minha cabeça, como se ela estivesse sussurrando sobre o meu ombro esquerdo sobre o quão bom garoto eu sou e o quão bem estou indo – o quanto a garota abaixo de mim está se divertindo enquanto eu a fodo até a morte.

Unhas arranhando minhas costas e rasgando a pele. Os gemidos da mulher para ir mais forte.

Um tiro e sangue.

Ela está morta, e Bernadette quer que eu continue, mas eu não consigo. A voz de Stacey me puxa da minha espiral.

— O que você está esperando? — Meus dedos não estão se movendo dentro dela.

Caralho, eu estava viajando?

Engulo em seco.

— Parece que preciso ganhar coragem para estar dentro de você de novo.

Ela fica tensa quando começo a enfiar meus dedos para dentro e para fora mais uma vez, metendo nela enquanto agarro seu ombro e enfio seu rosto de volta no travesseiro.

— Quantos caras já estiveram aqui?

Eu não preciso da resposta dela; eu já sei.

Meu coração está acelerado pra caralho, e eu me sinto tonto. Meu pau está pulsando na minha mão enquanto a garota que eu nunca esqueci se inclina para mim.

Estou a segundos de foder minha ex, e estou surtando.

Vergonha.

Eu não sei como fazer sexo casual hoje em dia. A última vez que fiz isso, eu tinha uma garota curvada assim na casa da piscina e segurei o olhar ardente de Stacey enquanto eu a penetrava.

Ela estava brava. Eu não dei a mínima. Isso era uma fração da merda que ela havia me feito passar.

— Se fizermos isso, não significará nada. Será uma transação de sexo e nada mais.

Ela está me olhando feio por cima do ombro novamente, o cabelo escuro caindo pelas costas.

— Sendo assim, vou me certificar de imaginar o seu melhor amigo e gemer o nome dele.

Eu aperto minha mandíbula até doer e me inclino para baixo, capturando seu pescoço pela frente.

— Cale a boca. — Eu vou matar Base antes que ele tenha a chance. — Fique longe dele.

Ela engole, sua garganta trabalhando sob minha mão.

— Vem fazer.

Puta merda.

Solto seu pescoço, agarrando seus quadris e arrastando sua bunda para mim.

Ignoro sua risada contagiante que quase puxa um sorriso para meus lábios e me alinho com sua boceta, antes de deslizar por sua fenda encharcada. Suas mãos fecham no travesseiro enquanto eu enfio minha ponta inchada em sua entrada acolhedora, seu calor envolvendo a cabeça do meu pau como se eu estivesse em casa.

Cacete, ela é mais apertada do que eu esperava.

Ela estava tão apertada assim para ele?

— Você vai se mover? — Stacey, embora extremamente paciente com minha situação, está a segundos de me estrangular. — Ou está admirando a vista?

Merda, eu viajei de novo. Eu não deveria ter cheirado aquelas

fileiras antes. Não consigo funcionar com ou sem elas hoje em dia. Se Stacey soubesse que eu estava usando alguma coisa, me expulsaria do quarto de hotel e me mandaria ir me foder.

Eu não estou nem usando camisinha, e não me importo. Vou enchê-la com cada gota do meu esperma e assistir vazar de sua boceta.

Se eu engravidá-la, ela estará acorrentada a mim para sempre.

Que porra eu estou fazendo?

Eu me arrasto para longe de Stacey, enfiando meu pau no short enquanto me afasto da cama. Ela se vira, se sentando e puxando a blusa para baixo para esconder os seios, então a segura para cobrir a boceta. Ela olha para mim interrogativamente, confusão por todo o rosto.

— Você nunca muda, não é? — minhas palavras saem antes que eu possa pensar.

De forma bem irritante, Stacey é muito linda e sexy, ela tem tudo que se pode querer em uma mulher.

Mas ela é o diabo. Uma cobra distorcida.

Stacey não é uma tarefa. Ela não está me pagando para dormir com ela, e eu não estou sendo mantido sob a mira de uma arma até gozar.

Mas ela também não é inocente.

Suas sobrancelhas se franzem, e em vez de me xingar pela minha atitude, ela pergunta:

— O que está errado?

Uma parte de mim quer confiar nela. Uma parte de mim ainda vê minha Stacey e o que costumávamos ser. Mas então eu me lembro de quem ela é, e o vídeo dela pisca na minha mente.

— Você está pálido.

Entro no banheiro com meu telefone e tranco a porta. Minhas costas batem na madeira. Deslizo para baixo e tento controlar minha respiração. Minha cabeça lateja de dor, como se houvesse ácido atrás dos meus olhos, meu pau instantaneamente murcha.

Inspire e expire. Apenas inspire e expire.

Stacey bate na porta, mas não consigo entender sua voz suave ou o que ela está dizendo.

Minhas mãos estão tremendo, meus joelhos saltando enquanto eu puxo meu cabelo e sinto a camada de suor no meu rosto. Minha visão fica turva, e eu sinto que estou perdendo a consciência.

Caralho. Está acontecendo de novo.

Porra.

CAPÍTULO 13



Kade

Passado

— Devagar, porra! — meu irmão postiço Jason berra, estendendo as mãos para bater as palmas no painel. — Por que estou te ensinando a dirigir se você não escuta uma palavra do que eu digo? Estamos nisso há seis meses!

Eu resmungo e balanço a cabeça de um lado para o outro.

— Estou a trinta, seu idiota dramático.

— Em uma rotatória — ele responde, bufando e se recostando na cadeira. Ele abaixa a janela, se arejando. — Porra. Vou mandar uma mensagem para Giana e dizer que talvez eu não chegue para o jantar hoje à noite.

— E então ela virá atrás de mim. Mantenha sua cadela na coleira.

Ele dá um tapa no meu braço e eu começo a rir.

— Você não tem mais dez anos. Posso acabar com você de olhos fechados.

— Eu adoraria ver você tentar.

— Vou dizer a Aria que você está fumando baseados na casa da piscina dela.

Reviro os olhos.

— Dá para você ser mais parecido com seu pai?

Ele zomba.

— Acho que você que é muito parecido com o seu.

Estreito os olhos para meu irmão mais velho. Irmão postiço, mas ainda assim, meu irmão. Nós sempre tiramos sarro um do outro, então

estamos acostumados com as piadinhas sobre pais e as tretas ocasionais.

Ewan é de boa. Ele é, basicamente, outro pai para mim e Luciella.

— Vou bater de propósito — digo a ele, e seus olhos se arregalam. Eu o interrompo antes que ele possa falar. — E vou soltar seu cinto de segurança antes de batermos em uma árvore. — Piso no acelerador. — A menos que você peça desculpas.

Ele se empalidece quando acelero, sem olhar para a rua vazia, mantendo meus olhos nele.

A adrenalina corre por mim quando ultrapasso o limite de velocidade, e sei que há uma curva chegando na estrada.

— Merda. Ok. Ok! — Jason solta um suspiro e murmura: — Me desculpa.

Eu sorrio e desacelero, aumentando o volume da música.

— Fracote.

Ele enxuga o suor do rosto.

— Cale a boca, seu psicopata impulsivo. Estacione em paralelo de novo.

Ele vem me ensinando a dirigir há meses. Desde que recebi minha licença provisória e passei no exame teórico, treinamos quando ele sai do trabalho, se a namorada dele não tiver planos com ele.

— Acho que vou pedir para Giana morar comigo — meu irmão diz enquanto dou marcha ré para o lugar escolhido, faço um retorno de três pontos e sigo em direção ao Lago Lomond. — Estamos juntos há anos. Certamente estamos prontos para esse passo, certo?

Eu ergo um ombro.

— Você está perguntando para um cara que não entende nada dessas merdas.

— Ah, sim, o puritano. Entendi.

Eu exalo.

— Falando nisso — começo, molhando meus lábios e me perguntando se devo mencionar o nome dela. Ele se importaria se eu beijasse a melhor amiga da minha irmã? Isso é mesmo uma coisa ruim? — Sabe quando você não conseguiu ir acampar... — Eu paro, sabendo que ele vai rir de mim quando eu disser que foi meu primeiro beijo. Ele sabe que sou virgem, mas só isso. — Nós brincamos de fazer desafios.

Jason faz uma careta.

— Que bom que eu não fui. Luciella estava lá?

— Ela saiu cinco minutos depois.

Ele concorda com a cabeça.

— Ótimo.

Eu posso não dar a mínima para o que ela faz, mas ele é o irmão mais velho protetor que eu deveria ser. Embora às vezes ele seja um idiota controlador e queira envolvê-la em uma bolha de cristal e mantê-la longe de todos os homens do mundo.

— Eu fui desafiado a... a beijar alguém. — Eu engulo em seco, irritado comigo mesmo por gaguejar. — Eu beijei alguém.

— Certo — Jason responde, confuso. — Isso é algo excepcional?

— Foi a primeira vez que eu fiz isso.

Com um som de descrença, ele inclina a cabeça.

— Você tem dezoito anos, cara. O que tem feito da vida?

Dou de ombros.

— Não estive interessado.

Ele cruza os braços.

— Você gosta dela?

Não ria, mas eu nunca fiz isso antes. Essas foram as melhores oito palavras que já ouvi em meus dezoito anos de caminhada nesta terra.

— Sim.

Ele dá um tapa no meu ombro e eu fico tenso, só relaxando quando ele o afasta.

— Bem, pelo menos meu irmãozinho não está tão perdido assim. Você fornicou com ela?

Eu rio.

— Ninguém fala isso, Jason, seu velho.

— Eu tenho vinte e nove anos, seu idiota.

Eu suspiro.

— Bem, Stacey...

— Uau. Espera aí. Você beijou a Stacey? Ela não te odeia?

Eu bufo, parando nos portões da mansão e esperando a segurança abri-los.

— Sim.

Jason solta um suspiro.

— Boa sorte com isso.

Eu sei. Vou precisar. Porque quando eu entrar nesta casa, vou ter que me esconder no meu quarto. Luciella está dando uma festa na piscina

interna com as amigas. Por mais que eu tenha visto Stacey de maiô inúmeras vezes, acho que não aguentaria vê-la agora, sabendo como é beijá-la.

E vou fazer isso de novo. Luciella vai me odiar pra caralho.

Continue, Stacey havia me dito na barraca, enquanto estava no meu colo com a língua na minha garganta, e pretendo continuar fazendo isso pra caralho.



— Estamos sem gelo! — Tylar exclama. — Stacey, é sua vez.

Quando ela assente e sai da piscina, desvio os olhos. Ver seu corpo molhado só vai piorar meu fascínio. Eu já fiz um print e cortei uma foto que Tylar postou nas redes sociais uma hora atrás, antes que meus amigos me obrigassem a vir aqui.

Todos aqueles anos de provocação finalmente voltaram para morder minha bunda. É claro que a primeira garota por quem me interesso acabaria sendo aquela que eu intimidei desde os quinze anos. Meus amigos ajudaram, mirando em Tylar e Luciella, mas meu único propósito era tornar a vida de Stacey um inferno.

Sem motivo algum.

Perdi a conta de quantas vezes ela me mostrou o dedo do meio, me empurrou e me chamou de babaca.

Tudo merecido, é claro.

Sua voz ofegante está na minha cabeça, e aperto minha garrafa de cerveja com mais força. É como um mantra de merda, constantemente me atraindo, me implorando para agir de acordo com meus impulsos. Estou de volta àquela maldita tenda novamente, com ela no meu colo.

Continue. Continue. Continue. Continue. Continue. Continue. Continue. Continue. Continue. Continue. Continue. Continue. Continue. Continue.

Eu quero continuar.

Cacete.

Ninguém me pergunta para onde estou indo quando saio da piscina interna, água pingando nos carpetes enquanto vou para a cozinha. Os funcionários me encaram, mas eu os ignoro. Não me incomodo em colocar uma blusa.

Só preciso tirar isso do meu peito.

Beijá-la. Pelo menos terminar o beijo. Então posso esquecer essa sede por mais.

Estou dizendo a mim mesmo que vou fazer um lanche, e é meio que verdade – o lanche é uma acrobata tatuada de um metro e sessenta com curvas deliciosas, tonificada por exercícios, que está cantando *Wrecking Ball* muito mal, enquanto a música ecoa por toda a mansão.

Ela não tem ideia de que estou encostado no batente da porta enquanto canta cada palavra. Ela é uma péssima cantora.

Bem, nem todo mundo pode ser perfeito. Mas caramba, ela poderia acordar uma pessoa morta com aquela voz horrenda.

Seu biquíni – uma coisinha preta minúscula – abraça seu corpo. Está marcando minha mente enquanto ela se move, batendo armários, ainda cantando junto enquanto a música atinge o refrão. Ela procura no freezer da geladeira, depois no freezer horizontal no canto, sem saber que estou aqui.

Ela não vai encontrar gelo aqui, mas vou deixá-la continuar.

É uma vista deliciosa.

Meu olhar cai vergonhosamente para sua bunda enquanto ela se estica para alcançar o armário de cima, gemendo quando falha.

— O gelo está na câmara frigorífica no porão — digo a ela, sorrindo quando ela pula de surpresa e se vira.

— Puta merda, Kade! — Ela pressiona a palma da mão no peito extremamente nu e molhado. — Acho que meu coração explodiu.

Eu rio e então me contenho. Não rio na frente de pessoas com quem não me sinto confortável. E ela é a última pessoa no mundo que poderia me fazer sentir confortável. Ela me deixa tonto, louco e nervoso pra caralho.

Em vez disso, eu pisco e empurro o batente da porta, andando até estar no centro da cozinha.

— Isso seria uma ruptura cardíaca, e é mais comum alguns dias ou semanas depois de um ataque cardíaco.

— Foi uma figura de linguagem, idiota — ela retruca, e eu não consigo parar de rir.

Ela bate a porta do freezer, colocando as mãos nos quadris. Quadris que eu segurei nas palmas das mãos.

Quadris que eu quero segurar de novo.

Ela molha os lábios, e meu olhar cai em sua boca.

Porra.

Tudo o que eu tenho imaginado é Stacey desde aquela noite, e isso está começando a me irritar. Foi ela quem fez isso comigo, então ela pode consertar.

— O que você quer? — ela pergunta, cruzando os braços. — Se está aqui para me provocar sobre beijar você e o quão ruim eu fui, não se incomode. Não estou com humor para suas besteiras hoje à noite, Kade.

A maneira como ela coloca meu nome para fora faz a ansiedade formigar na minha pele. Eu quero simplesmente dizer que tenho que beijá-la de novo, mas em vez disso, eu, estupidamente, respondo:

— Gelo.

Suas sobrancelhas se franzem.

— Gelo? Você está bebendo cerveja na garrafa. Por que precisa de gelo?

Porra. Ok, pense, Kade, seu idiota do caralho.

— Você estava demorando demais — eu digo, apoiando meu cotovelo no balcão da ilha. — E estava procurando no lugar errado.

— Que seja.

Antes que ela possa ir para as escadas que levam ao porão, eu dou um passo para o lado para bloqueá-la.

— Espere.

Ela tenta esconder, mas eu definitivamente a vejo olhando para o meu corpo. Ainda está molhado da água, assim como o dela.

Ela engole em seco e dá um passo para trás.

— O que foi?

— O beijo... — Não tenho a mínima ideia do que diabos estou fazendo, dizendo ou pensando. Tenho certeza de que minhas mãos estão tremendo. — O que você achou dele?

Eu sou um idiota – um idiota vergonhoso. Por que não digo a ela que me aliviei pensando nela há menos de doze horas enquanto estamos no assunto?

Ela dá de ombros, sem dar a mínima. Pelo menos ela não está rindo de mim.

— Eu tinha grandes expectativas, considerando o quão cheio de papo furado você é, mas já tive melhores.

O caralho que teve.

— Mentirosa. Eu fui seu primeiro beijo — respondo, me imaginando agarrando seu rosto e pressionando minha boca na dela.

Imaginando, sendo a palavra-chave aqui. Porque sou muito covarde para realmente fazer isso. — E você foi o meu.

— Sabe, eu tenho problemas em acreditar nisso. Se você precisa de uma desculpa para o quão ruim foi, não se culpe tanto. Eu sei que você ficou enojado com o desafio tanto quanto eu.

Eu não deveria ficar magoado com o comentário dela, mas fico.

— Eu não fiquei enojado.

Ela arqueia uma sobrancelha.

Perco a paciência e avanço lentamente em sua direção. Mesmo que ela pareça estar agindo de forma arrogante e indiferente a tudo isso, sei que seu pulso está martelando em seu pescoço. Estou perto o suficiente para ver a pele tremulando.

Quero puxar essa área entre meus dentes.

— Quer que eu prove pra você que não fiquei enojado?

Não faço ideia de onde veio isso, mas as palavras já saíram dos meus lábios. Eu realmente disse isso. Eu. Kade Mitchell. Acabei de perguntar a Stacey Rhodes se ela quer que eu prove que não me sinto enojado com o beijo. Insinuando.., que eu a beijarei novamente? Não sei.

— Sardentinha? — Eu forço, vendo sua imagem de garota má vacilar enquanto ela começa a morder o lábio nervosamente.

Chego mais perto, sentindo o calor do meu pânico interior, e ela deixa escapar:

— Estou molhada.

Inclino a cabeça.

— Que atrevido da sua parte. Não sei se você sabe disso, mas eu também estou.

Meu cabelo está molhado, assim como o dela. Pequenas gotas continuam escorrendo pelo seu corpo, e elas estão fodendo com a minha cabeça.

Ela fica quieta, mas posso ver a raiva em seus olhos. Isso a deixa ainda mais gostosa.

— Você me disse para continuar — eu aponto, meu próprio pulso acelerado enquanto dou mais um passo, eliminando ainda mais distância entre nós. — Ou vai mentir sobre isso também? Nós dois sabemos que nenhum de nós ficou enojado.

Seus olhos brilham, sua garganta se move enquanto eu descanso minhas mãos trêmulas no balcão de cada lado dela.

Stacey levanta o queixo.

— Foi um desafio.

O canto da minha boca se curva.

— Então eu te desafio a me beijar de novo.

— Sua irmã pode entrar a qualquer minuto — ela diz trêmula, e seu olhar se volta para a porta e depois para a entrada dos fundos. Nenhum funcionário. Nenhuma pessoa. Só nós.

Minha irmã não vai entrar. Ela é uma preguiçosa pra caralho, e a cozinha é muito longe para ela. De qualquer forma, Base vai distraí-la com seu flerte. Ele provavelmente já a empurrou na piscina uma hora dessas.

Gotas de água rolam por seu peito, e tento não assistir enquanto elas encharcam o volume de seus seios.

— Então é melhor que ela dê meia-volta.

— Ela me mataria.

Nós dois estamos oscilando na beirada desse jogo, a corda estica e afrouxa, nenhum de nós toma a iniciativa, e porra queria que ela tomasse, porque não tenho ideia do que farei se ela me rejeitar. Vou beijá-la e acabar batendo nossos dentes ou machucando-a.

Vamos lá, Kade, digo a mim mesmo. *Ela está querendo. Apenas beije-a e ignore o quanto você está surtando.*

— Duvido muito que ela fosse te matar.

Ela zomba.

— Uhm, você tá de brincadeira? Não viu como ela ficou brava porque fomos desafiados?

— Eu sinceramente não dou a mínima — digo, meus pulmões queimando com a pressão. — Eu vou te beijar, e então vamos voltar para a festa, tudo bem?

Seu olhar cai para minha boca e então se move de volta para encontrar o meu.

— Por que você quer me beijar?

— Porque eu gostei — admito facilmente, e seus olhos se arregalam. — Então preciso de outro gostinho, Sardentinha — digo em um tom baixo, minhas mãos coçando para tocá-la, para correr por seu cabelo e puxá-lo até que sua cabeça caia para trás, me dando acesso suficiente para devorar sua garganta. — Então vou te deixar em paz.

Tudo o que ela diz é:

— Tudo bem.

Meu peito sobe e desce, combinando com o dela.

— Tudo bem — eu repito, os dedos flexionando no balcão ao lado dela.

Engulo em seco e conto até três, mas não me abaixo para capturar seus lábios. Essa garota tem sido minha obsessão por muito tempo, e desde aquela noite na barraca, não consigo pensar em mais nada. É errado, e por mais que eu não queira ser como meu pai, acho que posso ser.

Quem fica assim depois de um beijo?

Ele era assim com minha mãe?

Será que vou ficar condenado a ansiar por essa garota para sempre?

Deixo de lado todos esses pensamentos enquanto ela diz:

— Mas... — Observo enquanto ela olha para a porta novamente. — Lu...

Ela está preocupada que seremos pegos. Isso é uma coisa boa, certo? Ela quer que eu a beije. Eu acho. Sinceramente, não dou a mínima se minha irmã entrar. Ela pode se foder e ficar fora disso. Seja lá o que isso for.

Continue.

Agarro seu queixo entre meu polegar e meus dedos, e abaixo minha cabeça, meu nariz cutucando o dela.

— Você me disse para continuar.

— Eu... eu disse — ela puxa o ar.

Meu polegar acaricia seu queixo e o inchaço de seu lábio inferior macio.

— Devo continuar?

Alguns momentos se passam, e algo se aperta dentro do meu peito, até que ela finalmente sussurra:

— Sim. — Em vez de ir para seus lábios, eu pressiono minha boca em seu queixo, e me deleito com o gosto de sua pele enquanto eu trilho beijos ao longo de seu queixo. Sentindo sua respiração arfar, eu a mordo, arrastando meus lábios para o pulso errático em seu pescoço que eu não conseguia parar de olhar.

Estremeço um pouco quando sua palma desliza para cima do meu peito nu, os músculos se esticando sob seu toque gentil. Ela tenta recuar como fez naquela noite na tenda, e minha mão livre captura seu pulso para segurá-la lá.

Toque para mim, é repulsivo e desnecessário. Eu mal abraço minha

própria mãe. Uma pessoa que quer me tocar, abraçar e sentir abertamente faz minha pele arrepiar. Eu sempre fui assim, mas quando Stacey me toca, mesmo que seja apenas uma mão no meu peito ou ombro, parece diferente.

Nada repulsivo. Mas ainda é estranho para mim. Desconhecido. No entanto, algo que quero explorar mais. Pressiono sua palma no meu peito e não a solto.

Ela deve pensar que sou um esquisito, mas eu gosto do toque dela.

Gosto do gosto dela.

Gosto do jeito que sua respiração falha quando eu beijo seu pescoço.

Eu chupo a pele de sua garganta, trazendo-a entre meus dentes. O som que ela faz me faz vacilar. Eu nunca fiz isso antes. Nunca beijei o pescoço de uma garota enquanto soltava seu queixo para agarrar seu cabelo e inclinava sua cabeça para o lado, para me dar mais acesso. Não sei como eu sei fazer isso. Eu apenas... sei.

Meus olhos se fecham enquanto ela passa os dedos pelo meu cabelo, a sensação é muito íntima e invasiva. Ela percebe e coloca as palmas das mãos nos meus ombros enquanto continuo devorando sua garganta.

Uma música lenta de rock está tocando agora, mas tudo o que consigo ouvir é ela. Ela choraminga, arqueando as costas enquanto chupo sua pele, e tenho certeza de que ouço meu nome sussurrado como uma maldita prece.

Eu me endireito, seguro seu rosto entre minhas mãos e pressiono meus lábios nos dela corretamente.

Sem fôlego, nos entregamos ao beijo, seus dedos cravando nos meus ombros enquanto eu abaixo minhas mãos em seus quadris, segurando-os enquanto ela separa seus lábios, permitindo que eu passe minha língua contra a dela.

É igual, mas ao mesmo tempo, diferente.

Antes, tínhamos que nos beijar. Desta vez, estamos fazendo isso por nossas próprias escolhas. Estou aprofundando o beijo e pressionando-a no balcão com mais força porque quero. Ela está chupando meu lábio inferior em sua boca e mordendo-o porque quer.

Ela não tem gosto de álcool. De uma bebida frutada, mas definitivamente sem álcool. Eu, acidentalmente, gemo enquanto ela chupa minha língua, e sem pensar, agarro a parte de trás de suas coxas e a coloco

no balcão.

Estamos nos beijando novamente, mais profundamente, suas pernas se abrindo para que eu possa ficar entre elas até que ela prende os tornozelos atrás das minhas costas, envolvendo os braços em volta do meu pescoço.

— Precisamos ter cuidado — ela diz contra minha boca, ainda passando a língua na minha. — Qualquer um — outro toque de sua língua — pode entrar.

Sua pele nua sob minhas mãos é quente, macia e viciante, e se fosse aceitável, eu beijaria suas coxas e chuparia a carne até deixar marcas permanentes. Eu lamberia todo o caminho até sua...

Não. Isso é muito longe. Se eu não parar, posso assustá-la.

Eu me afasto primeiro, enfiando minha mão no meu short de banho para cobrir o quão duro estou.

— Você esqueceu o gelo, Sardentinha.

Ela desliza para fora do balcão. Para meu próprio prazer, ela sorri enquanto morde o lábio, o mesmo que eu tinha entre os dentes.

— Me mostra onde está.

Sorrio enquanto a sigo para fora da cozinha, observando sua bunda por trás.

Eu menti quando disse que a deixaria em paz. Ela está alimentando minha obsessão, e só vai piorar. Isso é só o começo.

CAPÍTULO 14



Kade

Eu pisco para afastar a visão turva, sentando-me contra a porta do banheiro. A luz me cega, a dor de cabeça está quase insuportável.

Uma batida soa na porta.

— Kade?

Fecho os olhos e a ignoro, a dor nas têmporas aumentando. Inclino-me para frente e respiro fundo antes de pegar meu telefone e abrir minhas mensagens.

Dedos trêmulos voam sobre minha tela enquanto envio uma mensagem para minha mãe.

Eu: Você ainda está com meu pai?

Ela vê imediatamente, mas minha visão fica tão turva que esfrego a palma da mão em ambos os olhos. Só cheirei duas carreiras mais cedo, não o saco inteiro, mas sinto que estou a segundos de desmaiar por outra overdose.

Se minha mente viajar e pensar em Stacey novamente, vou ficar mais do que possesso.

Mãe: Sim, querido. Você quer falar com ele? Está tudo bem?

Eu: Sim. Ligo em dez minutos.

Lavo meu rosto com mais força do que o necessário, ignorando outra batida na porta. Meus pulmões estão lutando por ar, um zumbido doloroso em meus ouvidos é tão intenso que estou surpreso que não haja sangue saindo deles.

Agarro a borda da pia e abaixo a cabeça, os joelhos tremendo. Sinto como se algo estivesse sentado no meu peito – esmagando-o.

A chave do meu carro está ao lado da minha necessaire, então a pego – e imediatamente a derrubo no chão de mármore.

— Porra — murmuro.

A voz suave de Stacey me acalma de um jeito irritante.

— *Kade? Você está bem? Pode falar comigo*. — Ela está bem ali, do outro lado da porta. — *Me desculpa.*

Gemo em minhas palmas. É melhor ela se afastar.

Coloco minha cabeça sob a torneira aberta para molhar meu cabelo em água gelada e depois secá-lo com uma toalha, mas não me sinto melhor.

O que quer que esteja correndo pelo meu corpo está me paralisando – minhas mãos estão se contraindo, há formigamentos por todo o meu rosto e a última coisa que vou fazer é pedir ajuda a *ela*.

— *Não vamos deixar ficar estranho. Sei que não significou nada, ok? Podemos esquecer que aconteceu, se isso te fizer sentir melhor. Saia e podemos assistir a um filme ou algo assim.*

Jesus, por que não consigo respirar?

Abro minhas mensagens novamente, olhando para as mais recentes de Bernadette.

Bernadette: Enviei um contato para você lidar enquanto espera seu voo. Sem bagunça – entendeu?

Bernadette: Você está no hotel sozinho?

Eu: Sim.

Bernadette: Duas horas, Kade. É um grande pagamento para nós dois – não estrague tudo.

Minha resposta a ela, nem uma hora depois, foi a confirmação de que o trabalho havia sido concluído e uma foto da cabeça do cara. Embora eu tivesse feito uma bagunça para ela limpar de propósito. O alvo era um babaca abusivo. Ele merecia.

A bile sobe na minha garganta para acompanhar a ansiedade que me atormenta agora.

Stacey está sentada na cama, pernas cruzadas e parecendo preocupada quando saio do banheiro. Pego minha bolsa e jogo por cima do ombro.

— Kade.

Ela está de pé e vindo em minha direção agora. Eu desvio de sua mão.

— Não me toque, porra — as palavras saem estranguladas e forçadas.

— Aonde você está indo? — Ela para no meio do quarto. — Fale comigo. Não torne isso estranho.

Não respondo enquanto bato a porta e me certifico de que está trancada. Mando uma mensagem rápida para Barry e digo para ele colocar um guarda do lado de fora do quarto. Ele confirma instantaneamente.

Aceno para um dos meus enquanto saio da recepção do hotel; do lado de fora, um SUV preto tem mais dos meus caras esperando por instruções. Onde quer que eu vá, eles estão sempre por perto.

Sempre me observando. Sempre em alerta. Sempre esperando.

Quando me sento no banco do motorista do meu R8, balanço a cabeça de um lado para o outro, sentindo o cheiro dela em todos os lugares.

Será que não consigo escapar dela? Um – ela é minha *ex*. Dois – ela é a melhor amiga da minha irmã e está sempre lá. Três – ela está vindo para os Estados Unidos. Quatro – estou preso em um maldito quarto de hotel com ela.

E cinco – a maior reviravolta mental do ano – eu quero voltar e transar com ela até que perca os sentidos, ouvi-la gemer meu nome de novo, sentir sua pele sob minhas mãos e o gosto dela na minha língua.

Pressiono minha testa no volante para me livrar de todos os

pensamentos e lembrar do vídeo – aquele que começou tudo isso – felizmente amolecendo o que já estava começando a ficar duro.

Minha mãe atende no segundo toque.

— *Oi, querido. Temos dez minutos antes do fim da visita.*

Fazemos todo o vai e vem sobre como foi nosso dia enquanto tento me concentrar. Está ensolarado lá, chovendo aqui. Luciella discutiu com Base a manhã toda e mal pode esperar para nos ver.

Ela sussurra algo para meu pai:

— *Vou ao banheiro e darei um pouco de paz a vocês dois.*

Meus pulmões ainda estão pegando fogo.

— Obrigado, mãe.

Há alguns segundos de silêncio.

— *Kade?* — a voz profunda e ameaçadora ressoa pelo telefone.

Por mais que o mundo tenha medo de Tobias Mitchell, ele é meu pai. Ele tem seus problemas e um passado terrível, mas eu não sou muito melhor. Tirei mais de cem vidas em apenas dois anos, enquanto ele matou quatro pessoas.

Ele tem a desculpa de não distinguir o que é certo do errado, mas eu sei muito bem o que estou fazendo quando rastreio uma pessoa e a faço sangrar e implorar por misericórdia.

— Pai... — Eu paro, um caroço fechando minha garganta. Tudo está me atingindo ao mesmo tempo.

— *Filho?*

Meus olhos se fecham.

— Alguém... Alguém pode me ouvir?

— *Só eu.*

Eu cerro os dentes, sem saber o quanto posso dizer. Ele não sabe que estou ligada a Bernadette e seu mundo fodido, e não acho que nem mesmo a instituição poderia mantê-lo preso se ele descobrisse.

Ele começaria com Archie e o decapitaria enquanto Bernie assistia horrorizada. Quero ser eu a acabar com ela.

A pressão esmagadora contra meu peito se amplifica, e tenho certeza de que minha equipe sentada no SUV do outro lado do estacionamento pode me ver curvado sobre o volante.

Respiro o mais fundo que posso.

— Perdemos nosso voo. O próximo é só amanhã. — Eu paro, engolindo em seco, o suor brotando por todo o meu corpo. — Precisamos

dividir a porra de um quarto de hotel com apenas uma cama.

— *Olha essa boca*. — Ele suspira. — *O que você fez?*

— Coisa demais. — Eu consigo engolir outra vez, enquanto o suor escorre pelo meu rosto. — Pai... Eu não consigo respirar direito e meu... meu peito está me matando. Meus lábios estão formigando e minhas mãos também. Do jeito que costumava acontecer quando eu era criança.

Não nos falamos há muito tempo. Quase dois anos. Mas eu sei que ele pode me tirar dessa. Ele sempre conseguiu antes.

Meu pai faz um som com os lábios, e alguns segundos se passam. Eu posso ouvir o barulho do meu batimento acelerado em meus ouvidos.

— *Você consegue ver?*

Minha mandíbula se aperta e abre repetidamente, dedos obsessivamente batendo no meu volante. A cocaína deve estar saindo lentamente do meu sistema agora.

— Sim. Eu consigo ver.

— *Cinco objetos que você consegue ver. Me diga.*

Eu exalo, meus olhos examinando a área.

— Outros carros. Um poste de luz. A placa do estacionamento do hotel.

— *Ótimo. Continue.*

Meu pai fica em silêncio enquanto eu tento me concentrar. Lentamente, a dor no meu peito alivia um pouco, mas não completamente.

— Uma raposa acabou de correr pela pequena colina na minha frente.

— *Você se lembra que Luciella queria uma raposa como animal de estimação quando tinha dez anos?*

Um sorriso puxa meus lábios.

— Sim.

— *Mais uma, filho.*

Minha mente não está contra mim. Todo esse pânico está apenas na minha cabeça.

— Eu posso sentir o cheiro dela no carro. Ela ainda usa o mesmo perfume.

Eu sei que ele está balançando a cabeça em afirmação.

— *Aquele que você comprou para ela?*

— Sim.

Olho para o banco do passageiro e imagino suas pernas macias,

tonificadas por anos de dança, e seu cabelo voando ao redor de seu rosto enquanto eu dirijo mais rápido. Ela está rindo, e então, rastejando para o meu colo.

— O mesmo. *Flowerbomb*.

— *Você teve que passar um tempo com ela.*

Eu desvio o olhar da alucinação dela ao meu lado.

— Sim.

— *E como isso fez você se sentir?*

— Como se eu estivesse bem em quebrar as quatro primeiras regras. Mas agora me arrependo, porque no final do dia, ela não merece que eu quebre a quinta.

Meu pai me ajudou a formar as cinco regras. Eu estava em uma espiral logo depois que terminamos, e ele sabia que eu estava a segundos de perder o controle. Ele pensou que isso me ajudaria a largar a bebida, completamente inconsciente de todas as drogas que eu estava consumindo.

Eu precisava de algo para preencher o vazio, e festejar até entrar em coma era a melhor maneira quando eu tinha Bernadette no meu ombro, me levando para o submundo como um animal em um matadouro.

— Eu a observo — admito. — Quando ela está na mansão, no estúdio ou andando pelo shopping. Se não a vejo pelo menos uma vez por dia, eu perco a cabeça. Subi até a janela dela para vê-la dormir, e tenho tentado hackear o telefone dela no último ano. Eu hackeei o da Luciella.

E eu caço as pessoas com quem ela dorme e as faço desaparecer, mas guardo essa parte para mim.

— *Isso é um pouco exagerado* — meu pai responde. — *Mas eu entendo.*

Claro que ele entende.

— Mas eu não consigo parar de odiá-la.

— *Ajudaria se você a deixasse explicar.*

Minha mão quase esmaga o telefone no meu ouvido.

— Não. Nós já conversamos sobre isso. Nenhum daqueles fodidos merecem ser ouvido.

— *Pare de xingar*. — Meu pai fica em silêncio por um momento. — *O que está acontecendo? Sua mãe está preocupada com você.*

Desvio sua atenção de mim.

— Stacey tem muitos hematomas — digo. — Parecem recentes. Quando os vi, ela disse que a maioria são do estúdio. — Ficamos em

silêncio por um longo segundo, e acrescento: — Isso está me fazendo pensar.

Pego um cigarro e acendo, feliz que meus pulmões estejam funcionando o suficiente para que eu consiga a dose de nicotina de que preciso. A brasa lança um brilho suave ao redor do carro enquanto eu aspiro e inalo profundamente.

— *No que você está pensando?*

Sopro uma nuvem de fumaça pela janela.

— Ela mente bem, mas Luciella faz o mesmo treinamento que ela e não fica toda preta e azul. Alguém a machucou.

Stacey é, provavelmente, a melhor e mais manipuladora mentirosa que eu conheço. E digo isso por experiência própria. Já fui alvo de suas mentiras.

— *Você não percebeu nada enquanto a perseguia como um ex-namorado maluco?*

Meus olhos tremem com seu tom.

— Não.

— *Onde a Stacey está agora?*

— No quarto de hotel. A porta está trancada, assim ela não vai conseguir chegar até ela. — Eu gemo internamente assim que as palavras saem dos meus lábios.

— *Quem?* — seu tom é perigoso.

— Ninguém.

— *Kade. Então, quem não vai conseguir encontrá-la?*

— Não importa.

Sua mão bate em algo.

— *Não esconda algo assim de mim. Com quem você está encrencado?*

Dou outra tragada, aproveitando a queimação de cada inalação.

— Se eu te contar, você vai tentar escapar. É melhor você não saber. Vou lidar com isso.

Ele ri, e isso me dá um arrepio na espinha.

— *Você acha que estou preso aqui? Isso é um insulto, filho. Levaria menos de um dia para sair daqui e chegar na metade do caminho para a Escócia.*

Minha sobrancelha se levanta.

— Você poderia escapar?

— *Num piscar de olhos. Agora me diga o que está acontecendo?*

Eu ignoro a segunda parte.

— Por que não escapou então?

— *Minha família está feliz. Por que eu estragaria isso? Machuquei sua mãe tentando amá-la do jeito que ela precisava. Por mais que ela sempre tenha sido tudo para mim, eu nunca poderia dar a ela o que deseja.*

Eu me apego a esse assunto, sabendo que ele é tão iludido quando se trata da minha mãe, que vai continuar falando sobre isso.

— Acho que ela ainda te ama. Vejo isso na maneira como ela muda quando você está por perto.

Mas é verdade. O rosto da minha mãe se ilumina assim que ela vê ou fala com meu pai. Ela ama meu padrasto Ewan, disso eu sei com certeza, mas ela é totalmente diferente e mais *viva* quando está perto do meu pai.

Se ele não fosse um psicopata que a havia feito passar pelo inferno quando eles tinham vinte e poucos anos, então talvez eles tivessem uma chance. Mas, com toda a honestidade, pelos relatos que li sobre eles, eles eram tóxicos.

Além disso, eu gosto de Ewan.

Silêncio. E então:

— *Eu queria que isso fosse verdade, filho. Ewan é o amor da vida da sua mãe, e ela é o amor da minha. Não há como mudar isso.*

— Parece deprimente — eu digo, jogando meu cigarro acabado pela janela e fechando o vidro com o apertar de um botão. — Você está preso há mais de vinte anos e ainda a ama?

— *Não há um dia que eu não tenha me sentido assim.*

É, como eu disse... deprimente e iludido.

— *Posso ver que você está se sentindo melhor. Ótimo. Todos nós podemos ter dias ruins. Está tarde para você. Por que não tenta dormir um pouco antes do seu voo?*

Meus olhos se fecham enquanto minha cabeça cai para trás contra o encosto de cabeça.

— Ela está aqui, lembra?

Uma pausa, e ele ri com desdém.

— *Então, tenha algum autocontrole perto dela.*

Ouço minha mãe perguntando se está tudo bem, ao que ele diz que *sim* e que já está indo.

— *Vou passar um tempo com sua mãe antes que ela vá embora. Vá*

para o quarto dormir. E, pelo amor de Deus, filho, mantenha seu pau dentro da calça e fique longe de problemas.

Minha mãe repreende meu pai por sua linguagem. Eu rio.

— Certo.

Ele hesita.

— E Kade? Peço desculpas pelo que aconteceu da última vez que você esteve aqui. Eu não tinha ideia de que ela significava tanto para você.

A ligação termina.

Olho para a tela com um gosto amargo na boca. Meu pai sabe mais do que ninguém como é querer alguém que não pode ter. O bloqueio dele é ele mesmo, enquanto o meu é que não confio em um fio de cabelo da Stacey.

Temos seis horas antes do nosso voo. Não há a mínima chance de eu sobreviver a isso. Sou honesto o suficiente comigo mesmo para dizer que estou com medo de voltar para aquele quarto com ela.

Meu telefone vibra na minha mão enquanto caminho até o carro de Barry. Falando no diabo.

Stacey: Você não vai dormir no carro, né? Tem um assassino à solta! Eu vou dormir no chão ou na banheira. Um cara também está na porta – ele me disse para esperar seu retorno quando tentei sair para te buscar. O que está acontecendo?

Ela não faz ideia de que eu sou o monstro que assombra à noite.

Mordo meu lábio enquanto ela digita novamente, ainda sentindo o gosto dela mesmo depois de ter lavado meu rosto vigorosamente. Barry fica em silêncio enquanto eu entro no banco do passageiro do SUV.

Stacey: Eu entendo, você me odeia. O que aconteceu hoje à noite foi um deslize de nós dois, mas precisamos ser adultos e maduros sobre isso. Faremos um acordo de não chegar perto um do outro, mesmo que sejamos tentados, ok?

Eu: Pare de me enviar mensagens.

Uma resposta impulsiva da qual me arrependo assim que ela lê. Tento não sorrir quando ela envia um emoji de dedo do meio. Seu grito de guerra.

Olho para Barry, que está observando com uma sobrancelha erguida e esperando que eu fale, seus dedos pairando sobre seu laptop.

— Você está sorrindo? — ele me pergunta. — Não faça isso, é estranho.

— Vai se foder. Você consegue rastrear quem ligou para ela há cerca de uma hora?

— Posso tentar. O telefone dela ainda está bloqueado, não consigo invadir aquela merda.

— Ela também está machucada. — Esfrego meu rosto. — Acho que quem quer que seja o maldito, está batendo nela. Você pode dar uma olhada? Minhas mãos estão atadas enquanto estou com ela.

Barry concorda.

— Vou ver o que posso fazer. Você deveria dormir.

— Sim — digo com um bocejo.

Estou tentado a voltar para o quarto, só para vê-la, mas isso seria apenas alimentar o meu lado possessivo que a observa a cada passo diariamente.

Eu sou meu pior inimigo.

Eu a odeio, mas não consigo viver sem saber o que ela está fazendo.

Depois de dez minutos e outro cigarro, abro meu aplicativo secreto, transfiro fundos para ele e faço diferentes arranjos de viagem.

Tenho mais do que o suficiente de contratos, clientes e ações comerciais, então dinheiro não é um problema quando se trata de viajar. Com o número de tarefas que fiz nos últimos dois anos, minha conta bancária poderia rivalizar com a da minha mãe e a de Ewan juntas.

O contrato desta noite me rendeu trezentos mil. Levei menos de uma hora para fazer o trabalho. Eu costumava odiar, mas não tanto agora. Isso alimentou uma fome profunda em mim por sangue e destruição.

Sinto uma descarga de adrenalina quando machuco as pessoas.

Eu sei que é errado, mas está embutido em mim agora. Ainda consigo ver o sangue do cara que decapitei hoje à noite e ouvir seus gritos

de socorro enquanto eu o perseguia com um facão, usando a minha balaclava.

Assim que eu arranjo um horário e local para meu jato pousar e reabastecer, mando uma mensagem para Stacey.

Eu: Prepare-se. O jato sai em algumas horas.

Eu: E tente manter suas mãos para si mesma.

CAPÍTULO 15



Stacey

Meu corpo está pegando fogo.

Os toques persistentes de Kade são como fantasmas na minha pele.

Não tenho ideia do que aconteceu. Em um minuto, eu estava de quatro e pronta – esperando Kade me foder por trás. Meu coração batia tão rápido, uma faísca no meu peito, por estarmos tão próximos novamente. E no próximo ele estava branco como um fantasma e correndo para o banheiro com seus comentários merda de sempre.

Você nunca muda, não é?

Aparentemente não. Não quando se trata dele. Como podemos ter ficado separados por dois anos e entrar nessa de novo? Antes, estávamos aprendendo sobre os corpos um do outro e maneiras de fazer o outro se sentir bem.

Nós explorávamos, vivíamos e amávamos, e então deitávamos nos braços um do outro depois. Não havia grosseria ou ele me degradando de maneiras dolorosas.

Constrangimento queima em mim. Desde por ele ter notado os hematomas e cicatrizes que Chris deixou em mim, até deixá-lo – alguém que diz me desprezar – me fazer ter orgasmo... *várias* vezes.

Ele me odeia. Disso eu sei. Mas ele também está me confundindo. Passamos de quase transando para ele me dizendo que estávamos viajando em um jatinho particular.

E, por que havia um segurança do lado de fora do meu quarto? Kade o liberou quando entrou no quarto e pegou minhas malas, sem responder a nenhuma das minhas perguntas sobre como é possível que

estejamos entrando em um jatinho particular.

Vesti minha roupa mais próxima – um vestido preto de verão que fica no meio da coxa. Ele levantou a sobrancelha quando viu o que eu estava vestindo – seria perfeito para os Estados Unidos, mas estamos no meio do inverno escocês aqui.

Agora estamos dirigindo em silêncio, e continuo agarrando meu vestido com a tensão espessa que ainda existe entre nós.

Continuo olhando para Kade enquanto ele nos leva a um McDonald's 24 horas antes do voo, esperando para ver se ele quebrará o silêncio. Mas ele está no terceiro cigarro e ouvindo música alta, então duvido muito que ele o faça.

The Death of Peace of Mind do Bad Omens está tocando alto o suficiente para machucar meus ouvidos, e quando tento diminuir o volume, ele agarra meu pulso sem olhar para mim.

— Não toque no meu rádio, porra.

Eu puxo meu braço para longe do seu toque eletrizante, bufando e me curvando no assento.

— Eu prefiro o antigo Kade. Este novo é um chato e um babaca mal-humorado. Você não precisa continuar me tratando como merda.

Nenhuma resposta. Nem mesmo um insulto.

Quando chegamos ao McDonald's, ele não pergunta o que eu quero – ele pede Big Macs para nós dois e um acompanhamento de palitos de muçarela.

— E se eu quisesse outra coisa?

Kade sai da faixa de drive-thru e estaciona.

— Você não gosta de mais nada.

Eu pisco.

— Para alguém que não me suporta, parece se lembrar muito sobre mim.

Ele dá um sorrisinho presunçoso. Contendo-o, desprende o cinto de segurança e se reajusta com as pernas abertas.

— Infelizmente.

Nós comemos em silêncio. O rádio ainda toca, embora ele, pelo menos, tenha diminuído o volume agora, e seu telefone continue vibrando com mensagens. Ele nega uma ligação e joga o telefone no divisor.

— Pode ser algo importante.

— Apenas coma sua comida, Sardentinha.

— Não me chame assim.

Kade me encara até que eu desvie o olhar com as bochechas quentes.

Depois de mais alguns minutos de silêncio, ele pega todo o lixo e coloca na lixeira ao lado da qual estacionou. O rádio muda para as notícias; o assassinato horrível é a história principal, e o repórter explica que alguém foi detido, mas outro suspeito ainda está foragido.

— A chefe da polícia da Escócia, Bernadette Sawyer, está aqui conosco. Ela está trabalhando pessoalmente neste caso nas últimas horas. Há algo que você gostaria de dizer ao público, senhora?

Kade prende a respiração e diminui a velocidade.

— Certamente. Gostaria de garantir ao público que temos o melhor dos melhores na busca e pedimos insistentemente que qualquer um que tenha alguma informação se apresente. Acreditamos que havia dois agressores e detivemos um. O Holyrood Park permanecerá fechado até novo aviso.

— Há algo mais que você possa dizer sobre a vida inocente que foi tirada?

— Não é estranho perguntarem isso ao...

— Shh.

Reviro os olhos e cruzo os braços enquanto Kade aumenta o volume.

— O corpo foi identificado como Matthew Barnwell, um homem de trinta anos que estava voltando do trabalho para casa. A família foi notificada, e as redes sociais estão repletas de mensagens de apoio para esse respeitado membro da comunidade, com centenas de pessoas manifestando suas condolências.

Kade faz um som de desaprovação.

— Respeitado. — Ele balança a cabeça de um lado para o outro. — Ridículo pra cacete.

— Você o conhecia? — pergunto, intrigada. — O homem que foi morto?

— É claro que não.

Estreito os olhos, sobrancelhas franzidas em confusão.

— Então o que é ridículo?

— Ela não o conhece. Como pode dizer que ele era respeitado? Ela só fala merda.

— Bem, pelo menos ela parece gostosa — eu digo. — Tem uma voz cantada.

Nada. Nem uma palavra. Seus olhos tremem enquanto ele pisa fundo no acelerador. Ele entra em um longo trecho de estrada em direção ao aeroporto, sem postes de luz em um túnel de árvores.

Outra música do Bad Omens toca, e eu bato meu pé no ritmo da música. Pergunto a que horas decolaremos – não recebo resposta.

Pergunto por que ele está sendo um idiota – não recebo resposta.

Pergunto se ele quer falar sobre o que aconteceu antes e, claro, não recebo resposta.

Dar um tapa nele seria aceitável, certo?

— Vamos lá, Kade. Você vai me deixar no vácuo a viagem inteira?

— Não pretendo ver você durante a viagem inteira — ele responde, em tom monótono. — Assim que pousarmos, esse pesadelo acaba.

Cerro os dentes, irritação e fúria correndo em minhas veias.

Kade tem todo o direito de ficar bravo comigo, mas foi ele quem foi embora. Ele, quem ainda diz que me despreza.

No entanto, aqui estou eu, usando sua jaqueta porque estava com frio. Se Kade realmente, realmente odeia o chão em que eu piso, por que está me levando de jatinho com ele? Por que me encurralou contra a parede no estúdio? Me seguiu para fora da mansão para ver com quem eu estava conversando no portão? Por que me deu prazer? Por que tentou me beijar?

Reúno coragem suficiente para falar e me viro para ele.

— Eu não sabia o que estava fazendo — digo, preenchendo o silêncio e tentando acalmar meus nervos.

Eu torço meus dedos. Eu imaginei essa conversa acontecendo de um milhão de maneiras, e é sempre mais fácil falar na minha cabeça. Por que é tão difícil admitir o que aconteceu?

Kade, dirigindo mais rápido e me ignorando não está ajudando.

— Naquela noite, eu fui... — Estuprada.

Eu paro, um nó se formando na minha garganta. Não consigo dizer em voz alta.

— Não foi… — *O que você pensa*. — Eu não… — *Queria fazer aquilo*. Mas tudo o que consigo falar é: — Me… me desculpa.

Eu olho pela janela para esconder as lágrimas se formando atrás dos meus olhos enquanto tento e não consigo usar minha voz. Se eu contar a ele o que aconteceu e quantas vezes, ele vai pensar que sou mais suja do que

ele já pensa. Usada. Inútil. Ou ele vai dizer que sou uma mentirosa. Ele pode não acreditar em mim, e então eu seria chamada de uma caçadora de atenção, de manipuladora – tóxica.

Eu quero tanto contar a verdade a ele, mas nada sai.

Continuo sem resposta.

— Desculpa — eu digo novamente.

Kade zomba.

— Não desperdice seu fôlego. Eu não dou a mínima.

Balanço minha cabeça de um lado para o outro.

— Você obviamente dá, ou não me trataria tão mal.

Eu me viro para encará-lo novamente e deixo uma lágrima escorrer pela minha bochecha, meu lábio tremendo.

— Eu te amava. Eu queria tudo com você. Por que eu estragaria isso? Eu nunca teria intencionalmente...

Meu corpo se move para frente quando Kade pisa no freio, os pneus cantando na estrada até o carro parar. Cabelo no meu rosto, mãos no painel, eu o observo com os olhos arregalados enquanto ele respira fundo e pega seu isqueiro.

Ele empurra a porta e sai.

— Aonde você...

Minha voz é cortada por ele batendo a porta. Eu me viro para olhar para trás do carro e o vejo passando as duas mãos pelo cabelo.

Eu abro a porta do carro.

— Quer saber uma coisa? Vai se foder, Kade!

Eu caminho em sua direção, seus olhos sonolentos e fumegantes em mim enquanto ele fuma um baseado, e paro na frente dele.

— Você me deixou. Eu precisava de você, e você foi embora sem nem tentar lutar por mim!

— Por que eu lutaria por você? — ele zomba. — Eu vi o que aconteceu naquele vídeo, e isso foi o suficiente para me mostrar quem você realmente é. *O que está feito está feito*, certo? Volte para o carro e saia da minha frente.

Eu agarro seu baseado e jogo fora.

— Eu não sabia o que estava fazendo! Eu queria você...

— Stacey, por Deus. Cale a porra da boca.

Ele se aproxima.

— Você não merece tempo para explicar por que fez o que fez, e eu

realmente não me importo. Eu tive sorte de ter escapado de você.

Meus dentes cerram, novas lágrimas escorrem.

— Eu queria ir para casa, para você. Eu chorei por *você*.

— Você chorou por mim? Quando? Enquanto estava em cima dele?

Kade dá um passo em minha direção. Há centímetros entre nós, e eu não recuo quando ele segura meu queixo. Não é firme ou doloroso, mas o suficiente para mostrar que ele poderia me dominar em um segundo. Apesar de suas palavras, posso ver a dor em seus olhos.

— Eu vi a prova de você com ele. — Ele solta meu queixo e ombros e passa por mim. — Eles estão nos esperando no jatinho. Venha ou eu vou te deixar aqui.

Derrotada, fico ali e considero minhas opções. Posso pegar minhas malas e chamar um Uber para me levar ao terminal principal para nosso voo original, ou posso ir com Kade para este jatinho ridículo e caro e ficar em silêncio a viagem inteira.

Porque ele que vá se foder. Não ser ouvida por todos é uma coisa, mas não ser ouvida por alguém que você amava – confiava – é dez milhões de vezes pior.

Nunca fui ouvida. Meu próprio pai não me ouviu quando contei a ele sobre Chris me abusar. Ficar em silêncio é como estar em uma prisão mental.

Uma brisa sobe pelo meu vestido, e decido voltar para o banco do passageiro e fechar a porta.

— Eu odeio você — digo imaturamente. — Você nunca mais vai me tocar.

— Entendido. — Ele acelera pela estrada, seu cotovelo apoiado na lateral da porta do carro.

Ele escaneia um distintivo em uma cancela, que então desliza. Dirige direto para o hangar em direção a um jatinho prateado com um nariz pontudo.

Nunca vi um antes. Claro, Nora é rica, mas sempre voamos em um voo comercial quando saímos do país.

Um homem de terno está parado no final dos degraus rebaixados. Kade acena para ele quando caminhamos em direção ao jatinho.

— Barry.

— Senhor — ele responde. — Nós pegaremos suas malas. — Seus olhos pousam em mim. — Srta. Rhodes.

Inclino minha cabeça.

— Oi.

— Esse é meu assistente — Kade me informa enquanto me leva até os degraus.

— Como você pode pagar por tudo isso? — pergunto com admiração, meus olhos do tamanho de pires.

A única resposta de Kade – para minha surpresa – é envolver seus dedos em volta do meu pulso enquanto tropeço no topo da escada depois de ver o interior de couro creme e carvalho.

— Não, sério, como você pode pagar por isso?

Estou olhando para um frigobar cheio de vinho, champanhe e outras coisas caras. É como uma mini casa em um avião com o sofá e as oito poltronas com mesas entre elas. Sei que a família dele tem muito dinheiro, mas não tanto.

Então, o que diabos ele faz para poder pagar por isso? Estou tão confusa.

Kade me empurra para frente quando meus pés se recusam a se mover.

A porta se fecha e o jovem com sotaque inglês – Barry, o *assistente* de Kade – fala com ele sobre o plano de voo e uma reunião que ele agendou enquanto estiver nos Estados Unidos. Ele confirma que os cachorros de Kade estão atualmente no terreno da mansão com a equipe e que participarão de sua aula de treinamento avançada mais tarde naquele dia.

Levanto uma sobrancelha quando Kade pega seu notebook.

Sento-me na cadeira em frente a ele, ainda incapaz de encontrar palavras além de “porra” e “Jesus”. Esqueci que estava gritando com ele enquanto admiro nossos arredores.

— Não conte a Luciella sobre isso — Kade diz.

Barry serve uma bebida para cada um de nós e nos informa que partiremos em cinco minutos.

— Ela vai contar para minha mãe e eu não posso me dar ao luxo de tê-la me interrogando com perguntas irritantes.

Eu inclino minha cabeça.

— Você vai responder alguma das minhas?

Ele toma um gole e coloca seu copo de volta na pequena mesa entre nós, seus olhos voltando para a tela do notebook.

— Não.

— Você não é um assassino de aluguel maluco, é? — pergunto com um sorriso, tentando aliviar o clima. — Ah, espere, você é pago para fazer sexo. — Então eu paro, pensando. — Traficante de drogas?

Ele me encara.

— Sua voz está me dando dor de cabeça.

Eu reviro meus olhos e olho pela janela enquanto o jatinho sai do hangar. Uma sensação desconfortável atinge o fundo do meu peito quando penso em todas as maneiras que Chris vai me fazer pagar por ter desligado na cara dele, ou por ter feito essa viagem em primeiro lugar.

Deixei Kade desligar na cara do meu irmão postiço psicótico para que eu pudesse transar com ele. O que resultou em mim sentada na cara dele. Então sendo curvada e muito perto de ser fodida.

E agora ele está sentado na minha frente em um jatinho chique, tem um assistente, é estranhamente rico, e tudo o que consigo pensar é em terminar o que começamos no hotel. Eu o odeio. O detesto. Acho que poderia dar um tapa nele e não me sentir mal por dez minutos inteiros.

Ainda posso me sentir atraída por ele, no entanto. Especialmente quando ele passa a ponta do polegar pela boca enquanto olha para algo inquietante em seu notebook. Ele se mexe, suas pernas bem abertas, e acidentalmente bate seu joelho no meu.

Ele olha para mim, me pegando encarando-o, e desvio meu olhar para minhas mãos, que estão se mexendo no meu colo.

Este vai ser um longo voo.

CAPÍTULO 16



Stacey

O glamour de estar em um jatinho particular se foi depois de seis horas. Eu dormi. Bebi. Dormi de novo para me livrar da embriaguez. Implorei para esse idiota jogar “Eu Espio” comigo, o que ele obviamente recusou.

O que ele está digitando? Suas sobrancelhas estão franzidas enquanto ele se concentra na tela, e eu o observo. Ele boceja, e me irrita que ele consiga fazer isso parecer sexy.

Eu apoio meus cotovelos na mesa entre nós.

— Você não dorme? Está com uma aparência horrível.

Seus olhos estão fundos, olheiras, e seu cabelo já viu dias melhores. Esse cara não dorme há mais de vinte e quatro horas, e o dedo que ele bate na mesa quando não está digitando e a maneira como ele balança um joelho me fazem estudá-lo.

Ele está... diferente.

Eu quase diria que ele parecia estar descendo de uma brisa, pelo que me lembro de Chris se drogando e acordando no chão do meu quarto. Ou da maneira como eu me sentia na manhã seguinte às vezes em que ele me enfiava comprimidos goela abaixo.

Kade tomando estimulantes parece fora do personagem, considerando que ele é um fanático por ser fitness.

Mordo meu lábio. Sei que ele fuma maconha, mas Kade não usaria nada mais forte. Lembro-me de como ele odiava drogas quando éramos mais jovens. Ele tomava remédios para ajudar a regular tudo o que se passava em sua mente; sei disso porque sempre me sentava na pia e lhe

entregava um copo de água para engoli-los.

Ele odiava comprimidos; odiava pílulas que o controlavam.

Isso tinha mudado?

— Há um sofá na parte de trás do avião. Por que você não se deita?

Seus olhos azuis permanecem na tela.

— Não estou cansado.

Suspiro.

— Rico, grosso e aparentemente um imortal que não precisa dormir. Você é mesmo um bom partido.

Um leve sorriso toca sua boca, mas ele passa a mão no rosto para cobri-lo e continua digitando.

— Volte a dormir. Sua companhia era melhor assim. Estou muito ocupado.

— Fazendo o quê?

— Trabalhando — ele responde sem rodeios, encerrando nossa conversa.

Eu bocejo e sorrio para o assistente de Kade.

— O que mais há para fazer aqui?

Ele aponta para a TV, mas eu nego com a cabeça.

— Temos jogos de tabuleiro, se você estiver interessada em algum deles — ele oferece.

— Joga comigo? — pergunto a Kade, mas ele resmunga e nega com a cabeça, sem desviar o olhar do notebook. Eu sorrio para Barry. — E você?

Seu olhar vai para o irmão da minha melhor amiga, sua expressão preocupada.

— Senhor?

— Faça o que ela quiser — ele diz, acenando com a mão para mim com desdém. — Ela provavelmente vai até chupar seu pau se você pedir.

— Kade! — exclamo horrorizada, virando-me para me desculpar com o cara, que acena com a cabeça para mim e retorna ao seu assento habitual no canto. Eu fecho o notebook do idiota com força.

— Isso era realmente necessário?

Lentamente, seus olhos quase prateados deslizam para cima para encontrar os meus verdes, suas covinhas aparecem enquanto ele tenta me intimidar com um olhar furioso. Eu levanto uma sobrancelha, sem me importar que ele esteja prestes a explodir.

— Eu estava no meio de algo — ele resmunga.

Descanso meu cotovelo em seu notebook, apoio meu queixo na minha mão e sorrio.

— E agora você não está mais.

— Porra. — Ele balança a cabeça de um lado para o outro com um olhar inacreditável enquanto suas costas batem na cadeira. — Você é insuportável. O que quer de mim?

O notebook é colocado de qualquer jeito na mesa ao nosso lado, e ele empurra a que está entre nós até que ele se encaixe no suporte. Cotovelos nos joelhos, ele se inclina para frente. Mãos grandes e tatuadas esfregam seu rosto enquanto ele suspira, e eu me lembro de onde essas mãos estavam algumas horas atrás, e meu corpo grita para eu subir em seu colo e fodê-lo até a submissão.

Sua língua molhada estava dentro de mim há pouco tempo.

Eu me lembro de como meu orgasmo se sentiu acima dele, de quão poderoso era segurar seu cabelo e montar sua boca.

A maneira como seu nome em meus lábios saiu de forma tão natural.

Como seu pau duro pressionou em mim por trás, e o quanto eu queria empurrar para que ele me preenchesse.

Acho que ele também pode estar pensando isso, porque se recosta e se reajusta no assento.

— Pare de me olhar desse jeito.

— De que jeito?

Seus olhos se escurecem.

— Sabe de uma coisa? Eu não gosto de você, e você não gosta de mim, então por que você continua olhando para meu pau como se ele estivesse te convidando para chupá-lo?

Eu faço um barulho de *tsc*, mesmo que minhas bochechas estejam quentes. Seu assistente, definitivamente, o ouviu.

— Não podemos simplesmente deixar tudo de lado e ser amigos?

O olhar que ele me dá me faz apertar minhas pernas juntas, e eu tenho uma vontade repentina de aceitar o convite de chupar seu pau. Ele me deu prazer, então é justo que eu faça o mesmo.

Aparentemente, eu sou facilmente excitada por um Kade irritado.

— Nós não escolhemos ficar presos viajando juntos, então tire da sua cabeça que estamos perto de estar em um nível amigável. Pare de tentar falar comig... Que porra você está fazendo?

Eu deslizo do meu assento e fico de joelhos, agarrando suas coxas e cravando minhas unhas nelas.

— Mande o seu assistente sair daqui.

Kade engole em seco.

— Fora, Barry.

Ele sorri, mas esconde o sorriso tão rápido quanto apareceu.

— Sim, senhor. Me avise se precisar de alguma coisa. — Ele acena com a cabeça para mim. — Srta. Rhodes.

De joelhos, sorrio para ele.

Kade agarra meu queixo.

— Pare de olhar para ele assim — ele avisa.

Eu desvio o olhar de Barry, que está guardando seu notebook em uma pasta.

— Ou, o quê?

— Me provocar não é uma boa ideia, Stacey. — Ele se mexe no assento. — Não olhe para minha equipe. Nunca. Entendeu?

Reviro os olhos.

Um clique suave se segue, e Kade ainda está me encarando enquanto me acomodo em uma posição confortável entre suas pernas e esfrego minha mão em sua protuberância. Já dura. Ele não diz nada enquanto puxo seu short lentamente, levantando seus quadris para poder puxá-los para baixo e revelar sua cueca Calvin. Seu comprimento estica contra o material branco.

Ele sibila enquanto eu o esfrego, e eu olho para ele com um olhar semicerrado.

— Você odeia me querer, né? Está escrito por todo o seu rosto.

Ele fecha os olhos, jogando a cabeça para trás enquanto eu corro minha palma para cima e para baixo na parte inferior de seu pau. Isso o deixa ainda mais duro, a cabeça inchada saindo do topo de sua cueca com uma gota brilhante de excitação.

— Devo continuar? — pergunto com uma voz sensual enquanto lentamente abaixo sua cueca. — Ou você quer que eu pare?

Seus quadris sobem, mandíbula cerrada enquanto ele abre os olhos e me observa deslizar para baixo sua cueca.

— Eu vou te jogar para fora deste jatinho se você parar.

A ameaça vazia não deveria me excitar, mas há uma dor entre minhas pernas. O fato de *Take Me Back To Eden* do Sleep Token ter

começado a tocar apenas intensifica a carência.

Eu sorrio, chupando meu lábio para esconder meu sorriso enquanto o liberto completamente. Grosso, longo e embalado por veias, seu pau mal cabe na minha mão enquanto eu envolvo meus dedos em torno dele, acariciando suavemente e torcendo quando chego à ponta.

Movo minha mão para cima e para baixo, apreciando a maneira como seus músculos se esticam, seus olhos nos meus.

— Use sua boca.

— Diga “por favor”.

Ele levanta uma sobrancelha, ficando tenso enquanto eu espalho a excitação com meu polegar, trazendo-o à minha boca para que eu possa prová-lo.

Ele olha para meus lábios, seu peito subindo e descendo.

— Eu não imploro.

Dou de ombros e começo a me levantar, mas ele agarra meu ombro e me empurra de volta para baixo. Kade respira pelas narinas e aperta a mão em meus cabelos.

— Você vai chupar meu pau, Sardentinha? Se for, pare de brincar com ele e coloque-o na sua boca.

Minha boceta se aperta com seu tom sombrio.

— Me obrigue.

Cravo minhas unhas em uma de suas coxas enquanto ele agarra meu queixo, abre minha boca e bate em meus lábios com a ponta vazando de seu pau. Ele espalha sua excitação no meu lábio inferior, então solta meu cabelo para enfiar dois dedos na minha boca e pressiona minha língua.

Eu engasgo em torno de seus dedos, meus olhos lacrimejando.

— Vou foder sua garganta, e você vai ser uma boa garota e engolir cada gota do meu gozo.

Ele não espera por uma resposta; remove os dedos e enfia seu pau na minha boca, então agarra minha nuca e força minha cabeça para baixo para levá-lo mais fundo. Eu engasgo em torno de sua espessura, precisando de ar, mas querendo chupá-lo e senti-lo deslizando para dentro e para fora da minha garganta.

Olho para ele e vejo que está mordendo o lábio, tem desejo escrito por todo o rosto enquanto agarra meu cabelo e controla o movimento da minha cabeça. Seu pau se afasta levemente, então me engasga novamente enquanto vai fundo.

A saliva escorre dos cantos da minha boca enquanto ele move seus quadris, fodendo minha boca.

Minhas coxas imploram para se abrirem bem. Para eu alcançar entre elas para me dar algum alívio, ou pelo menos para causar algum atrito. Há algo em assistir um homem fechar os olhos e xingar enquanto é levado ao prazer que me deixa mais molhada.

— Porra — ele solta enquanto eu empurro contra seu abdômen para interromper seus movimentos e giro minha língua ao redor da cabeça sensível, chupando levemente, saboreando sua excitação. Eu o tiro da minha boca e volto a acariciá-lo, o que me rende um olhar furioso.

Eu não vou dar a ele as rédeas disso. Sou eu quem tem o poder aqui. *Eu* estou no controle. Aos seus pés e de joelhos, mas ainda assim, acima dele.

Começo a levá-lo para minha garganta por conta própria, mas ele agarra meu rosto, me forçando a olhar para ele.

— Olhos em mim — ele ordena. — Mantenha os olhos em mim.

Eu me sinto confortável enquanto envolvo meus lábios em volta de seu pau novamente e o provoco um pouco mais afastando minha boca. Eu me sinto confortável enquanto passo minha língua pela parte inferior e seguro suas bolas. E eu definitivamente me sinto confortável mantendo meus olhos nos dele, observando-o à beira de colapsar enquanto eu paro de chupar mais uma vez.

Nosso acordo para resistir à tentação deu errado.

Meus lábios pressionam a ponta e eu sussurro:

— Implore para eu continuar.

Kade agarra um punhado do meu cabelo.

— *Por favor*, coloque meu pau de volta em sua boca.

Ele não me dá chance de fazer nada antes de empurrar a ponta pelos meus lábios entreabertos e foder minha garganta novamente com rápidos movimentos dos quadris. Eu engasgo em volta dele, mas isso só parece levá-lo mais fundo na minha garganta, roubando meu ar enquanto meus olhos lacrimejam.

Ele puxa meu cabelo, seu pau deixando minha boca para me deixar respirar. Tenso, ele pergunta:

— Por quê?

Eu arfo para encher meus pulmões de ar, lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

— Por quê, o quê?

Ele olha para seu pau.

Dou de ombros com um sorriso suave.

— Eu te devo uma.

Ele não gosta dessa resposta. Seus olhos escurecem, e ele agarra seu pau e o bate contra meu lábio inferior, deslizando-o contra minha bochecha para enxugar minhas lágrimas.

— Isso não muda as coisas. — Kade desliza a mão no meu cabelo e puxa até que eu sinta uma pontada de dor, e minhas paredes internas se apertam de desejo. — Você fodeu comigo e eu não posso te perdoar por isso. Não espere nada de mim. Se quer chupar meu pau, faça isso, mas sem expectativas...

— Então pare de me impedir, seu idiota.

Eu o tomo fundo na minha garganta novamente, engolindo em volta dele, e seus dedos apertam meu cabelo, os olhos rolando para a parte de trás de sua cabeça.

Kade geme.

— Porra, Stacey.

Eu o seguro lá por alguns segundos, chupando e lambendo, seu pau inchando a cada pulsação. Um gemido profundo e vibrante sai de seu peito enquanto o levo ao máximo. Meus olhos lacrimejam mais, mas continuo observando-o enquanto fico lá por alguns segundos antes de voltar para respirar fundo. Meus mamilos apertam sob meu vestido, e eu luto contra a vontade de arrancar o tecido e acariciar meus seios doloridos.

Contra sua ponta inchada e vazando, eu sussurro:

— Ainda me odeia?

Ele geme e luta contra um rosnado.

— Pare de falar.

Kade me silencia ainda mais enfiando as duas mãos no meu cabelo e puxando minha cabeça para baixo. E então ele fode minha boca, fazendo a saliva se acumular – mais rápido e mais forte, até que eu gargarejo por ar, e tenho certeza de que seu assistente pode me ouvir engasgando com seu pau.

Seus grunhidos, gemidos e xingamentos ofegantes enchem o ar, quase abafando a música tocando nos alto-falantes em cada canto da aeronave.

Kade chupa seu lábio inferior, e eu posso dizer que ele está perto enquanto seu pau se contrai a cada puxão, entra-e-sai, e as carícias da minha

mão. Suas mãos ainda estão torcidas em meu cabelo, me segurando no lugar enquanto ele levanta seus quadris com força bruta. Eu engasgo, sufoco e gemo em torno de sua espessura, caindo em um zumbido enquanto suas estocadas diminuem.

— Você gosta disso, não é? — ele diz apressadamente. — Posso ver o quão excitada está. Que putinha, a minha Sardentinha.

Minha boca está esticada sobre sua base, e ele se enterra fundo, observando meus olhos lacrimejarem. Ele afasta fios de cabelo escuro do meu rosto e enxuga as lágrimas com o polegar.

— São essas lágrimas que eu quero. Nada desses outros dramas. Lágrimas por chupar o meu pau. Você está morrendo de vontade de se tocar, não está?

Consigo acenar positivamente com a cabeça, com a boca cheia de pau. Se eu não conseguir algum tipo de alívio, vou gritar. Estou doendo entre as pernas, meus seios estão pesados e estou distraidamente esfregando minhas coxas juntas.

Kade solta um suspiro, o peito arfando, enquanto ele lentamente bombeia seus quadris em minha boca.

— Me mostre o quão molhada está.

Sem hesitação, eu alcanço sob meu vestido para sentir como estou encharcada. Afastando minha calcinha, eu gemo ao redor de sua cabeça enquanto circulo meu clitóris com a ponta do meu dedo médio, finalmente obtendo a pressão que preciso. Eu mergulho e levanto meus dedos pingando para mostrar a ele.

Ele continua empurrando.

— Continue se tocando. Quero seus dedos profundamente em sua boceta enquanto gozo em sua boca.

Choramingo ao redor dele enquanto afundo dois dedos dentro da minha boceta e esfrego meu clitóris com a outra mão. Kade joga a cabeça para trás.

— Puta merda. Senti tanta falta da sua boca.

Eu empurro um terceiro dedo para dentro, e estou perto de explodir. Luto para não soluçar com a sensação surreal das minhas paredes apertando em volta dos meus dedos com o calor crescente.

— Você pode me levar mais fundo. Me leva para sua garganta. — Ele empurra na minha boca, e sua coroa inchada atinge o fundo da minha garganta e desliza para baixo.

— Isso. Tudo. Tome cada centímetro. Agora engula em volta do meu pau. Porra!

Já posso sentir a onda do prazer envolvendo minha espinha e se enrolando profundamente dentro do meu núcleo. Ambas as mãos de Kade fecham em punho no meu cabelo novamente para segurar minha cabeça, que balançava em seu pau, no lugar enquanto ele geme profundamente e se esvazia direto na minha garganta.

O comprimento dele pulsa e engrossa a cada contração, e ele xinga, agarrando meu cabelo dolorosamente enquanto eu chupo forte e meu próprio orgasmo chega, calor úmido e ofuscante percorrendo meu corpo.

Ele me observa gritar em volta de seu pau enquanto esfrego meu clitóris até não poder mais. Minha frequência cardíaca acelera para um ritmo perigoso, minhas coxas encharcadas, o cabelo uma bagunça.

Tiro meus dedos, e ele captura meu pulso para poder chupá-los. O calor de sua língua trabalhando contra eles e a maneira como seu olhar permanece fixo no meu faz meu coração bater ainda mais rápido.

A umidade escorre da minha boca enquanto eu lentamente levo o ar para meus pulmões famintos, um fio de baba se estendendo de sua coroa até meus lábios. Ele passa o polegar pela minha boca.

— Boa garota. Se tem uma coisa que sinto falta em relação a nós, é o quão bem você chupa meu pau. — Ele ainda está duro enquanto agarra meu pescoço. — Agora sobe aqui e monta em mim.

A forma como ele se recupera tão rápido sempre foi impressionante.

Não há hesitação – vou direto para seu colo e levanto meu vestido até meus quadris. Kade envolve seu braço em volta da parte inferior das minhas costas enquanto enfia seu pau entre minhas pernas.

Assim que vou me abaixar sobre ele, grito de surpresa quando Barry entra pela porta, nos informando que precisamos nos sentar para pousar.

Como se um balde de água gelada tivesse sido jogado em mim, torço minhas mãos no material da blusa de Kade e escondo meu rosto em constrangimento.

Puxando meu vestido para baixo nas costas para esconder minha bunda, ele encara Barry por cima do meu ombro enquanto ele passa por nós no corredor para pegar algo em uma bolsa.

Fecho meus olhos. Nenhum de nós se move de nossa posição atual.

Posso sentir a cabeça de seu pau rígido cutucando minha entrada, e

ele o esfrega contra minha boceta escorregadia.

Eu tremo e me abaixo um pouco. Sua ponta cutuca minha fenda, e ele se contrai. Um movimento, e ele estará propriamente dentro de mim.

— Talvez eu possa matar o Barry — sussurro contra o ouvido de Kade, sentindo-o tremer.

Kade suspira e abaixa a cabeça no meu ombro, agarrando meus quadris antes de me levantar o suficiente para quebrar a conexão íntima.

— Eu farei isso por você. Tenho uma arma na minha mala.

Eu rio, mas do jeito que ele está carrancudo para Barry enquanto me ajuda a ficar de pé e ajeita meu vestido, antes de puxar sua boxer para cima, tenho a sensação de que ele não está brincando.

CAPÍTULO 17



Stacey

O coitado do Barry tem que suportar os olhares mortais de Kade durante todo o pouso.

Ele nos oferece água. Kade ignora o gesto gentil, mas mantém os olhos nele. Aceito um copo e agradeço, só para fazer o cara se sentir melhor. Posso dizer que ele trabalha para Kade há um tempo e está acostumado com suas mudanças de humor. Ele não vacila com seu tom abrupto, e quando Kade diz para ele se sentar e nos deixar em paz, ele olha para Kade, dá uma olhadinha para mim e então, luta contra um sorriso enquanto vai se sentar e colocar seu cinto.

Enquanto limpo o rímel de baixo dos meus olhos e arrumo meu cabelo, luto contra um som de escárnio. Kade pode parecer intimidador e inacessível, mas ele não é *tão* assustador.

Ele se senta com o cotovelo no apoio de braço, a ponta do dedo na têmpora, as pernas bem abertas. A camiseta branca que está vestindo, estica bem em seu peito firme, o tecido franzido em seus ombros de onde minhas mãos estavam fechadas, e eu tento não ficar boquiaberta com sua constituição. Sua tinta. Seus braços musculosos e cheios de veias.

Cruzo as pernas e engulo em seco, ainda estudando-o.

Uma sobrancelha escura se levanta, e sou pega olhando fixamente. De novo.

Em vez de corar e desviar os olhos, estreito-os, pensando se devemos ignorar o fato de que Barry está aqui ou que estamos descendo. Poderíamos acabar logo com isso, essa tensão e frustração sexual, com uma foda rápida. Talvez então possamos superar essa atmosfera e ser civilizados.

Sustento o olhar dele até que ele finalmente desvia o olhar. A pressão da descida faz meus ouvidos estalarem e meu estômago revirar. Kade desliza a tela do telefone, despreocupado, enquanto tento não imaginar o avião caindo.

O jatinho dá um solavanco ao tocar o asfalto, os pneus cantando até que ele desacelera para um ritmo constante. Dou um suspiro de alívio. Odeio voar, mas a pior parte é o pouso. Não houve turbulência durante toda a viagem, mas avistei um raio de longe antes, o que fez os pelos da minha nuca se arrepiarem.

Kade apenas fez uma careta para mim quando perguntei o que aconteceria se nos atingisse.

Olho para fora da pequena janela; observo a chuva torrencial e a maneira como o vento bate contra as árvores. Aperto meus lábios e olho para meu vestido de verão.

Finalmente, Kade quebra o silêncio enquanto a aeronave nos leva para o meio de um hangar privado.

— Não deveríamos pousar até hoje à noite. São cinco da manhã aqui.

— Um dia extra nos Estados Unidos, então.

O telefone dele toca.

— Você não está entendendo — ele diz, virando o telefone para não ver quem está ligando. — Minha família vai saber quando nosso voo pousar. Eles não sabem que tenho esse dinheiro. Precisaremos ficar em algum lugar até o horário que pousaríamos no voo comercial.

— Você é bem espertinho, né? Diga a eles que pegamos um voo mais cedo de outro lugar. — Um encolher de ombros. — Sem estresse.

— Pare de ser difícil e me escute.

Eu murmuro um *tudo bem* e me encolho no meu assento, e ele continua.

— Preciso fazer algo. Vou deixar você em um hotel.

Meus olhos se arregalam enquanto desato o cinto da minha cintura.

— Você vai visitar o seu pai no instante em que deveríamos pousar. Você não é um robô, Kade. Precisa dormir.

Ele acena para mim com desdém.

Eu me levanto quando Barry diz que estamos prontos para ir. Ele abre a porta e desce os degraus, sorrindo para mim, mas abaixa o olhar assim que Kade o encara.

— Vou te mandar todos os detalhes — ele diz a Barry. — Fique por perto. — Então olha para mim. — E pare de sorrir para ela.

— Desculpe, senhor — ele responde, suas bochechas ficando vermelhas.

Eu o encaro.

— Pare de agir assim.

Kade levanta uma sobrancelha e me vira em direção aos degraus, então me segue para baixo.

— Assim como? Barry é meu braço direito há tempo suficiente para saber que não deve me irritar.

Meu coração dá um pulo no peito, porque, quer dizer que, ter Barry olhando para mim o irritou?

— Como ele sabe quem eu sou?

Kade acende um cigarro, aparentemente surdo, então entrega nossas malas para um homem de terno e agradece.

Está escuro e um pouco frio na chuva, mas nada como a Escócia.

Kade me oferece sua jaqueta novamente, que eu aceito de bom grado, tentando não inalar muito profundamente enquanto ele a coloca em meus ombros.

Para alguém que diz me desprezar, suas ações são completamente o oposto. Um homem acena para Kade e lhe entrega um molho de chaves.

Meus olhos se arregalam.

— De jeito nenhum — eu digo abruptamente. — Um Bentley... — Eu estudo as ligas espelhadas, a pintura cinza-metal e o interior preto e branco. — Um Bentley esportivo?

— É um Bentley Continental GT — ele diz, entediado.

— Não havia mais carros normais para alugar?

— Não é alugado.

Meus olhos se arregalam ainda mais.

— O que exatamente você faz por dinheiro?

Isso o irrita.

— Cale a boca e entre.



As primeiras duas horas dirigindo com a playlist do Kade são relaxantes, para dizer o mínimo. Os assentos são confortáveis e aquecidos.

O carro anda suavemente enquanto toca *Digital Bath* do Deftones. Eu o observo distraidamente, a maneira como ele gira o volante com a base da palma da mão, o segura enquanto acelera, seu cotovelo descansando entre nós enquanto ele fuma.

Ele para para comprar comida para nós, uma garrafa de água para mim e um energético para ele. Adormeço perto do fim e só acordo quando ele entra no estacionamento de um antigo armazém.

— Onde estamos? — pergunto, esfregando meus olhos atordoados com os nós dos dedos. Meu rímel deve estar uma bagunça. — Este é o hotel?

— Não. Preciso fazer algo antes de te levar. Isso era no caminho. Apenas fique aqui — ele me diz. — Mantenha as portas trancadas e não ouse me seguir.

Meu peito aperta com ansiedade instantânea.

— Onde estamos?

— Tenho negócios a tratar. Apenas se deite no banco de trás. Ninguém vai te ver.

Alguém bate na minha janela. Eu me encolho e olho para ver um homem com um piercing na sobrancelha e uma tatuagem de uma arma na lateral do rosto. Ele perdeu quase todos os dentes da frente devido a uma deterioração devastadora e nojenta. Ele usa um casaco jeans com distintivos por todo ele.

Fique quieta, Kade diz apenas com os lábios enquanto abaixa a janela.

O homem se levanta e caminha até o lado de Kade, onde se junta a ele um segundo sujeito.

— Sr. Mitchell. Bem-vindo de volta. — Ele dá um tapinha no ombro do outro homem. — Eles o chamam de Nāve em outros países, porque ele é um homem sem coração. Mortal, implacável e que sempre termina o trabalho.

Kade esfrega a mão no rosto em irritação.

— Claro.

Hein?

— Não esperávamos o senhor até amanhã.

Não tenho a menor ideia do que diabos está acontecendo.

Ele acena para alguém atrás dele, e as portas do armazém se abrem para revelar mais pessoas. Eles parecem uma gangue de motoqueiros.

— Vejo que trouxe uma puta diferente dessa vez. Onde está a loira que trouxe da outra vez?

Uhm, com licença? Puta?

Kade não se incomoda em responder.

— Vamos acabar logo com isso — ele diz, então se vira para mim. — Fique aqui.

— E arriscar que todos os saqueadores a vejam? — O homem solta uma risada, sua mão batendo no teto do carro. — Não seja ridículo. Quanto mais, melhor. — O Banguela vira as costas para nós e acena para seus amigos. — Nāve está aqui. Avise Crawley.

Quatro outros aparecem perto do carro, e Kade geme.

— Porra. Fique atrás de mim — ele avisa. — Não fale com nenhum deles. Não olhe nos olhos deles. Abaixe a cabeça. Entendeu?

Eu engulo em seco.

— Você está me assustando.

— Ótimo — ele retruca. — Não se deve mexer com esses caras. Eu deveria ter te deixado em um hotel.

— Ainda pode fazer isso — o pânico na minha voz é óbvio, meu coração dispara. Não quero entrar, não com todas essas pessoas que parecem que enfiariam uma lâmina nas minhas costas sem hesitar. — Por favor, me leve para um hotel, Kade. *Por favor*.

Ele desliga o carro, sua janela deslizando para cima.

— Eles vão me seguir até lá e mandar alguém te vigiar. Apenas fique atrás de mim e não diga uma palavra. Não tenho tempo para que minha equipe venha te buscar.

Kade sai primeiro e vem para o meu lado, abrindo a porta e se inclinando para abrir o porta-luvas.

Eu suspiro, cobrindo minha boca.

— Por que você tem uma arma? Achei que estava brincando quando disse que tinha uma!

Sua pele bronzeada e abdômen aparecem quando ele puxa a bainha de sua blusa e enfia a arma mortal em seu cós.

— Você ao menos sabe como usar isso? — pergunto baixinho.

Ele me dá um olhar enquanto desabotoa meu cinto, e sinto um metal frio na minha perna enquanto ele desliza uma lâmina pela minha coxa externa e enfia o cabo na lateral da minha calcinha. Sua voz é baixa, e mesmo que eu esteja com medo, meu pulso está acelerado pelo toque de sua

mão em mim.

— Por precaução.

— Kade. Sério. Estou com medo — admito lentamente enquanto sua palma desliza da minha coxa, e ele enxuga uma lágrima da minha bochecha. — Você conhece essas pessoas?

Ele me oferece a mão e me ajuda a sair do carro.

— Sim. Pare de fazer perguntas.

Eu imediatamente me arrependo de estar usando um vestido curto, mas pelo menos é longo o suficiente para esconder a pequena lâmina presa sob o cós da minha calcinha.

Ele coloca sua jaqueta em volta de mim mais uma vez, e eu agarro seu braço enquanto caminhamos em direção ao armazém. Mais homens aparecem quando entramos, e eu queria ter esperado pelo voo comercial.

Me sinto desconfortável enquanto dezenas de olhos me observam descer degraus de metal mal iluminados por luzes bruxuleantes.

Câmeras seguem nossas ações, e o ar frio se espalha pela minha pele.

— Eu não gosto disso — sussurro para Kade. — Posso, por favor, ir me sentar no carro?

Entramos em um elevador, e alguém está atrás de mim, perto demais para ser confortável.

Kade olha para o homem e me puxa para a frente dele, minhas costas para seu peito, e passa um braço em volta da minha cintura.

— Fique calma — um murmúrio contra meu ouvido que não acalma as palpitações rápidas do meu coração. — Se eles virem que você está com medo, vão se alimentar disso.

Consigo assentir. Ter seu braço em volta de mim não dispara descargas de prazer no meu âmago como deveria, mas é bom. Seguro. Quero ficar aqui para sempre – sua respiração batendo em meu pescoço, entrelaçando nossos dedos, seu corpo me envolvendo enquanto o elevador desce – mesmo sabendo que ele está apenas fingindo que sou sua puta e me protegendo.

— Respire, Sardentinha — ele sussurra. — Você está segura comigo.

A arma enfiada na cintura dele está cravada nas minhas costas, o lado cego da lâmina está pressionando minha coxa, e estou apavorada enquanto tremo em seu aperto.

Já estive em lugares como este antes com Chris, mas nunca houve armas ou uma ameaça à vida.

Bebida, drogas e sexo. Dor, beijos forçados e prazer pago.

Eu tinha achado que essas festas eram o covil de Satanás; não sabia que havia um lugar mais profundo do que os poços do inferno.

Há um fedor horrível quando chegamos ao fundo. Mais membros de gangue estão em pé ao redor de uma mesa quando entramos em uma sala cheia de caixas e lâmpadas suspensas. Plantas ilegais. Pó branco. Pílulas. Uma tela de vidro que dá para uma cadeira solitária no meio de uma sala de interrogatório.

O medo crava as garras em meus ossos, infiltrando-se em meu sangue e ameaçando parar meus órgãos.

— Nāve — um dos membros da gangue diz. Ele tem uma longa barba branca e dentes de ouro. Suas mãos repousam sobre a mesa entre nós, onde há um envelope marrom com o apelido de Kade. — Não esperávamos vê-lo até amanhã.

— Estou ciente, Crawley.

Estou em pé, atrás dele novamente, meus braços cruzados enquanto olho para o chão.

— Estou aqui pelo contrato e cinquenta.

— Só cinquenta? Da última vez você queria trezentos.

— Cinquenta — Kade diz novamente. — Coloque em uma mala.

Minha pele se arrepia quando dois caras cheirando a cerveja ficam ao meu lado.

— Sua puta está aqui como entretenimento? — um diz enquanto o outro faz o som de “uhm” e acrescenta: — Eu gostaria de ter um pedaço disso.

Solto um ganido quando ele me dá um tapa na bunda.

— Eu...

Suas palavras são interrompidas quando o braço de Kade se estica, seu cotovelo bate no nariz do cara mais próximo de mim, quebrando-o em um estalo sangrento. Sua arma está apontada para o outro, e ele parece despreocupado com as múltiplas armas agora apontadas para si.

— Encoste nela de novo e vou explodir a porra da sua cabeça.

Ai, meu Deus. Nós vamos morrer.

Kade não pisca, não abaixa sua arma. Descanso minha mão em suas costas.

— Por favor...

Por favor, pare. Por que estamos aqui? Por que você tem uma arma? Onde está o Kade com quem eu cresci?

— Nós ouvimos histórias sobre você. Não tenho medo. Vou tomar sua puta direto de suas mãos imundas, e você nunca mais a verá.

Kade suspira, como se isso não fosse nem um pouco traumático ou assustador.

— Última chance — sua voz é cortante. — Afaste-se.

Ele ri antes de mostrar os dentes.

— Ou, o quê? Eu sou um dos cinco líderes aqui, e eu... — Kade puxa o gatilho.

Pulo com um ofego estrangulado quando a explosão soa em meus ouvidos. O corpo do homem cai no chão, sem vida – morto – enquanto o vermelho escorre do buraco entre seus olhos.

Minha palma esmaga minha boca para abafar meu grito, a bile subindo pela minha garganta.

Imperturbável, Kade enfia sua arma na cintura.

— Nenhum de vocês vai encostar um dedo nela. Estamos entendidos?

Sombrio e intimidador, seu tom parece uma flecha vidrada em gelo atravessando meu peito, envenenando-me com puro medo.

— Se querem meus negócios, então ninguém vai tocá-la, olhar para ela ou mesmo reconhecer sua presença.

Para minha surpresa, todos concordam e abaixam suas armas com as mãos levantadas em sinal de rendição, e eu fico em choque enquanto eles continuam seus negócios. O sangue do homem forma poças no chão aos meus pés, e eu tento não vomitar.

Se eu correr, não tenho para onde ir.

Aperto o braço esquerdo de Kade com mais força enquanto eles discutem sobre drogas, pesos de sacolas que eles colocam em uma mala e um contrato que aparentemente deveria ser “fácil” para Kade, considerando sua experiência.

Meus olhos ardem, mas eu luto para não olhar para o homem morto ao meu lado.

CAPÍTULO 18



Kade

Passado

Não vejo Stacey há três dias, e estou pensando em pedir o número dela para minha irmã.

Seria muito mais fácil se eu o tivesse. Ou... ela iria me ignorar e dizer que tinha sido um erro e que eu a havia forçado a me beijar.

Espera. Eu a havia forçado? Tecnicamente, eu a tinha encostado no balcão da cozinha e a desafiado a me beijar de novo. Ah merda. Isso não é bom. Talvez eu devesse me desculpar? Ela ao menos me ouviria?

Meu pai me disse algumas noites atrás para eu relaxar, porque eu continuava pensando que tinha imaginado o beijo. Ele me disse para respirar fundo e dizer três coisas que podia ver, duas coisas que eu podia tocar e uma coisa que podia cheirar. Funcionou. Meus pulmões se encheram de novo, e minha visão turva diminuiu.

Então ele me disse para sair da minha cabeça e falar com ela. É seguro dizer que ainda estou preso na minha cabeça.

A nicotina se infiltra em meus pulmões enquanto observo a água do lago ondulando, o pequeno barco balançando de um lado para o outro contra o píer de madeira, o brilho suave das luzes iluminando a piscina externa.

Ainda acho ridículo que vivamos na Escócia – onde chove quase todos os dias e temos uma semana de verão por ano, se tivermos sorte – e tenhamos uma piscina externa. Já entrei nela quatro vezes, e cada uma delas resultou em bolas encolhidas e uma quase pneumonia.

Luciella e suas amigas entram muito. Não que eu, intencionalmente, fique exatamente onde estou agora e olhe para uma certa beldade de cabelos pretos por horas a fio. Base sentou comigo uma vez, e eu fiquei perdido em minha cabeça novamente, pensando que ele estava olhando para ela também.

Independentemente disso, ele não pode ter Stacey. Eu a reivindiquei e ninguém mais pode tê-la além de mim. Mais ou menos. Eu acho. Provavelmente não, mas eu queria ter feito isso.

Espere. Como alguém pode reivindicar uma pessoa?

Se eu falasse esses pensamentos em voz alta, ela fugiria do país e eu ficaria preso com meu pai. E eu não posso deixar que isso aconteça, porque preciso beijá-la novamente. Ou falar com ela. Ou ter sua atenção por mais de um minuto enquanto minhas mãos virgens tremem.

A ereção que continuo tendo toda vez que penso naquele momento na cozinha está se tornando um problema sério.

Pego meu celular e vejo que Luciella postou uma foto da nossa sala de estar principal com a TV, legendada como: noite de filmes, com Stacey, minha mãe e Ewan.

O cigarro quase cai entre meus dedos. Ela está lá embaixo.

Saber que ela está aqui me faz tomar banho rapidamente, escovar os dentes e vestir uma cueca boxer e calça de moletom. Não me incomodo em colocar uma blusa – a mansão está assando.

Antes que eu possa sair do meu quarto, paro meus passos, solto um suspiro e passo as mãos pelo meu cabelo antes de pegar meu telefone.

Abro minhas mensagens com Jason.

Eu: Ela está aqui. O que eu devo fazer?

Jason: Giana disse para ficar tranquilo e fingir que nada aconteceu.

Franzo a testa. Parece o pior conselho de todos.

Eu: Por quê?

Jason: Só Deus sabe. Ela deu uma piscadinha quando perguntei. Apenas relaxe e não a esfaqueie como seu pai fez com Aria.

Revirando os olhos, mastigo o lábio para suprimir uma risada enquanto disparo uma resposta.

Eu: Ele não a esfaqueou; o amigo dele é a esfaqueou, seu babaca. Um dia, quando meu pai vier atrás de você e do seu pai, eu só vou assistir.

Jason: Haha! Agora vai lá, caralho e não passe vergonha. Boa sorte. Você vai precisar com as olhadas que ela te dá.

Idiota.

Coloco o telefone no bolso, borrifo um pouco de loção pós-barba e desço as escadas. Tento não olhar para Stacey; ela está sentada no sofá com um vestidinho vermelho e meias felpudas de dormir.

— Você vai vir dessa vez, né? — Luciella pergunta a ela.

— Não posso.

— Por quê?

Ela dá de ombros.

— Eu só não posso.

Sento-me no assento único entre os dois sofás principais, um dos quais é ocupado pela minha irmã e Stacey, o outro por Ewan e minha mãe.

Pausando a TV, mamãe pergunta:

— O que vamos assistir?

— Temos *O Rei do Show* aí? — pergunto.

Luciella geme.

— Nós assistimos isso, tipo, umas mil vezes!

Eu bufo.

— É um bom filme.

— Sobre o que é? — Stacey pergunta, e cada gota de sangue no meu corpo vira gelo quando ela olha diretamente para mim.

— Um cara faminto por dinheiro e um musical — minha irmã, felizmente, responde. — Ele trai a esposa e ainda consegue um final feliz. A maior merda.

A boca da minha mãe se abre.

— Que linguagem é essa?

Dou um grunhido e balanço a cabeça de um lado para o outro.

— É um bom filme.

Minha irmã levanta o controle remoto.

— Estou com vontade de assistir terror.

As luzes diminuem e o filme começa, mas tudo o que continuo pensando é que eu deveria ter sido mais rápido que minha irmã para responder a Stacey.

Eu teria dado uma descrição melhor. No entanto, estou intrigado o suficiente para ficar aqui em vez de fugir para o meu quarto.

O filme está passando há pelo menos uma hora e eu não prestei atenção alguma nele.

Luciella continua gritando e saltando de susto; Ewan parece estar prestes a cair no sono.

Um arrepio percorre meu corpo, mas não estou a fim de ir pegar uma blusa. Pego um cobertor da cesta perto do sofá.

— Kade, querido, pode dividir com Stacey? — minha mãe pergunta. — Ela parece estar com frio.

Há um espaço ao lado dela, Luciella está do outro lado, mas prefiro enfiar alfinetes nos meus olhos do que sentar lá.

Beijá-la, tudo bem. Compartilhar um cobertor parece um pesadelo do caralho. Já estou nervoso por estar perto dela de onde estou. Vou ter uma ruptura arterial se chegar mais perto.

Levanto do meu assento confortável e me sento ao lado dela, oferecendo metade do cobertor.

Minha família leva apenas dez minutos para decidir que precisa sair do cômodo. Ewan e mamãe para cuidar da comida, e Luciella para falar com nosso pai no telefone.

Me deixando com Stacey. Sozinho. Compartilhando um maldito cobertor.

Estão tentando me matar.

— Este filme é horrível — Stacey reclama, cruzando os braços. — Não sei como as pessoas gostam de passar medo a cada dois segundos.

Engulo em seco.

— Sim.

— Preferia assistir ao filme que você mencionou? O Show do Rei?

Sorrindo, apoio meu cotovelo no braço do sofá.

— O Rei do Show — corrijo. — Você chegou perto.

Ela morde o lábio, e meus olhos vão para sua boca.

— Você acha que eles vão notar se trocarmos para esse?

— Luciella notaria se avançássemos cinco segundos.

— Uhmm. Verdade.

Nossos olhos se chocam, e o desejo insaciável de envolver minha mão em seu rabo de cavalo e puxá-la para mim aumenta a cada momento que passa. Eu poderia olhar para ela para sempre – os diferentes tons de verde-claro olhando para mim; a maneira como suas pupilas dilatam quando distraidamente estendo minha mão para frente, enrolando uma mecha escura em volta do meu dedo.

— Por que você me deixou te beijar? — pergunto, lembrando de sua boca na minha na cozinha alguns dias atrás. — Eu provoquei você por anos. Você deveria ter me dado um tapa.

Stacey cora.

— Eu, uhm, eu queria.

O cabelo se solta do meu dedo.

— Me dar um tapa?

Mexendo na ponta do cobertor, Stacey suspira. Seu tom é como uma carícia na minha bochecha.

— Você está fazendo algum joguinho? Está fazendo a garota te querer apenas para que a rejeite e saia por cima?

— Como posso sair por cima se ninguém sabe que eu te beijei de novo?

— Você entendeu o que eu quis dizer.

Eu múrmuro baixinho.

— Na verdade, não posso dizer que entendi.

A maçaneta da porta balança. Eu viro meu corpo para olhar atrás do sofá para a porta enquanto minha mãe aparece para dizer que está fazendo pizza. Eu aceno, passando a mão pelo meu cabelo enquanto a porta se fecha novamente. O movimento faz o cobertor se mover.

Não, não foi o movimento. Foi Stacey jogando-o para longe para subir em mim, acomodando-se no meu colo com suas coxas envolvendo

meus quadris.

— Se você está falando sério, então... — Ela agarra meu rosto para olhar para ela, para o anseio em seus olhos verde-floresta. — Me beija de novo.

Congelado. Completamente e totalmente congelado, tudo o que posso fazer é engolir o nó crescente na minha garganta que ameaça me sufocar.

Eu quero beijá-la. Porra, eu quero. Mas ser pego de surpresa me deixa desconfortável. Não tenho tempo para pensar ou planejar como tocá-la ou o que dizer. Eu sempre quero estar no controle, então tê-la assim me tira do meu eixo.

Tê-la me tocando sem me preparar faz meu sangue rugir em meus ouvidos.

Meu coração dispara em um ritmo insuportável, minhas mãos se cerram ao meu lado. Quero agarrar seus quadris e puxá-la para mais perto. Quero provar sua boca e ouvi-la gemer. Quero sentir seu corpo todo em mim.

Mas algo está me impedindo de me mover.

Sentindo minha ansiedade pela mudança repentina na atmosfera, as sobrancelhas de Stacey franzem antes que a compreensão chegue, e ela se levante para ficar de joelhos acima de mim.

Estou olhando para ela como se ela tivesse duas cabeças enquanto a minha própria, demora para processar nossa posição. Uma garota linda está montada em mim e tudo o que consigo fazer é me sentar aqui como uma estátua de olhos arregalados.

Por que diabos eu sou tão estranho? Por que não posso ser normal e não entrar em pânico e congelar, e, foder com tudo?

Ela solta meu rosto, e parte do sentimento ruim se alivia do meu peito.

— Eu... Meu Deus. Eu sou tão idiota.

Seu rosto está vermelho como um morango enquanto ela tenta sair de cima de mim. Envergonhada. Minhas mãos se movem sem que eu pense, e eu agarro seus quadris e a trago de volta para sentá-la no meu colo.

— Não. — Uma palavra, minha voz grossa e suplicante. — Não.

— O que você quer que eu faça?

— Seja paciente comigo — é tudo o que digo antes de capturar seus lábios com os meus.

Nossas bocas se fundem, e a maioria das minhas preocupações desaparecem enquanto ela envolve seus braços em volta dos meus ombros e me beija de volta. É um pouco avassalador, mas eu consigo lidar com isso.

Deslizo minha língua pelos lábios dela, e ela se abre para mim no momento em que um gemido sai da minha garganta. Tirando de mim o que ela quer, Stacey inclina a cabeça para aprofundar o beijo, até que meus dedos estejam cavando o material em sua cintura. A necessidade visceral de tocar sua pele nua é insuportável. Quero arrancar seu vestido de merda e lamber e morder cada centímetro dela.

É uma vontade ridícula, considerando que minha experiência é nula e eu provavelmente travaria na hora H.

Ela pega meu lábio inferior entre os dentes, e eu sibilo. Ela chupa, lambe e então força minha cabeça para o lado para arrastar sua boca molhada pela minha garganta.

Meu pau endurece até doer, e minha calça de moletom não faz nada para esconder isso.

Quase acomodado entre suas pernas, meu pau implora para ser liberado de suas restrições, mas isso só vai assustá-la. Como eu, ela nunca tinha beijado ninguém antes, então imagino que nosso status de virgindade seja o mesmo.

Meus dentes cerram enquanto ela devora meu pescoço, suas mãos viajando pelo meu peito nu e voltando para enrolar em volta dos meus ombros. Posso dizer que ela está traçando a tinta no meu braço esquerdo, e isso causa arrepios em mim. Testando onde ela pode tocar sem que eu fique tenso, ela me explora enquanto sua boca se move sobre a minha.

Ela pega minhas mãos, puxando-as de sua cintura. Eu franzo a testa e, lentamente, ela coloca minhas palmas logo acima de seus joelhos nus.

— Tudo bem? — ela me pergunta, arrastando-as cada vez mais para cima, deslizando sob o material de seu vestido. — Ou é demais?

Eu quase sorrio. Ela me entende, entende por que preciso ir devagar.

— Sim.

— Me diga se ficar demais, ok?

Um som profundo vibra no meu peito, e eu cutuco seu nariz com o meu e beijo seus lábios.

E então ela me beija novamente enquanto eu massageio meu caminho até seus quadris e traço o tecido de sua calcinha. Renda.

Provavelmente branca e inocente.

Minha respiração falha quando ela solta um gemido pelo meu toque, e ela mergulha sua língua em minha boca enquanto aperta as duas mãos em meu cabelo. Ela puxa, e eu aperto minhas mãos em seus quadris, morrendo de vontade de arrastá-la para frente para esfregá-la contra mim.

Rápido demais. Rápido demais.

— Peguei seu número do celular da Lu — ela diz em minha boca, puxando minha língua entre seus lábios e chupando com força. — Se eu te mandar uma mensagem, você vai responder?

Eu sorrio, minhas mãos se movendo por conta própria para agarrar sua bunda. Que é incrível, a propósito. Todas aquelas danças e movimentos aéreos que ela faz, definitivamente, valem a pena.

Se eu a trouxer um pouco mais para frente, ela sentirá meu pau e o quão sólido ele está para ela, e não tenho certeza se algum de nós está pronto para isso.

— Acho que você vai precisar descobrir por si mesma. — Ela choraminga enquanto eu mordisco seu maxilar. — Que Sardentinha furtiva, roubando meu número do telefone da melhor amiga.

Ela dá uma risadinha, e eu sinto cada músculo do meu corpo esquentar e ficar tenso com o quanto quero ouvi-la rir de novo.

Eu nos viro, e me acomodo em cima, uma mão ao lado da cabeça dela, me segurando. Minha boca está na dela mais uma vez, nossas línguas deslizando juntas enquanto minha mão vai do seu quadril para seu cabelo, depois de volta para o quadril, provando, lambendo e mordendo até ficarmos sem fôlego.

Ela abre as pernas, e meus nervos irritantes começam a aparecer de novo.

Eu estou duro. Meu pau dói. Minhas bolas estão apertadas, e nossos beijos estão ficando mais exigentes, mais íntimos enquanto seus tornozelos se prendem atrás das minhas pernas, cravando suas unhas nas minhas costas para me trazer para mais perto.

Qualquer um poderia entrar agora mesmo e me ver em cima de Stacey.

Independentemente disso, do peso no meu peito que só piora a cada segundo, eu ajeito o vestido dela no quadril e mergulho minha mão sob suas costas arqueadas para segurar bem sua bunda.

Distraidamente, enquanto minha língua prova a dela, meus quadris

balançam, e o comprimento do meu pau esfrega entre suas pernas ao mesmo tempo em que a arrasto contra mim. Por mais que eu tenha que lutar contra a vontade de cerrar os dentes com a sensação de formigamento na cabeça do meu pau e nas minhas bolas, minha mente me alcança, e eu congelo.

Minha boca se afasta primeiro, então minhas mãos deixam seu corpo, o choque correndo por mim.

Com os olhos arregalados, eu a encaro. Encaro o rubor em seu rosto.

— Me desculpa — eu me forço a dizer, meu coração batendo forte no meu peito, antes de me afastar dela. — Me desculpa — digo novamente, engolindo profundamente e voltando à minha posição original enquanto ela lentamente se senta e limpa a boca. — Não era isso que eu estava tentando... — Paro quando a porta se abre, o cobertor já jogado sobre nós.

Ewan entra primeiro com a pizza, e graças a Deus eu tinha me afastado a tempo, ou ele teria uma visão completa de mim prendendo a melhor amiga de Luciella no sofá e a fodendo a seco. Mamãe entra em seguida com duas tigelas de comida, Luciella atrás com uma bandeja de bebidas.

Olho para Stacey. Ela está mastigando a unha do polegar, os olhos fixos na tela pausada, um rubor ainda subindo do pescoço para as bochechas.

Nós dois controlamos a respiração enquanto Luciella me diz que nosso pai vai me ligar amanhã, e que já nem lembra mais o que estava acontecendo no filme. Ele reinicia, mostrando a garota gritando desesperadamente por sua vida.

Posso sentir o gosto de Stacey em meus lábios, crus por ela os ter mordido e chupado. O calor que irradia entre nós ainda está lá, e só se amplifica quando meus dedos tocam os dela, e ela pega minha mão sob o cobertor.

Em qualquer outra circunstância, eu me afastaria desse tipo de toque físico e imaginaria a pessoa em um milhão de pedaços. Eu sentiria pontadas nas mãos. Mas com Stacey, eu retribuo o sentimento entrelaçando nossos dedos.

Eu. Kade Mitchell, aos dezoito anos, seguro a mão de uma garota pela primeira vez.

E, eu gosto.

Quando o filme termina, e precisamos nos soltar, vou para minha cama, encontrando uma mensagem de um número desconhecido.

Número Desconhecido: Eu sei que você não estava tentando... você sabe. Nós dois nos empolgamos. Está tudo bem. Não pense demais nisso.

Número Desconhecido: E, eu quero assistir O Show do Rei com você.

Eu rio, salvo o número dela e digito uma resposta.

Eu: Não se você continuar errando o nome. Só vou aguentar até certo ponto, tanto desrespeito por essa obra-prima.

Sardentinha: O Rei do Show! Mas sim, eu quero assistir com você. Você pode dizer não. Não quero que você sinta que TEM que assistir.

Eu: Eu tenho escolha?

Sardentinha: Claro que não. Vou ficar aqui na quarta-feira depois da aula de dança. Você vai estar em casa?

Nenhuma garota nunca esteve no meu quarto, a menos que eu conte minha mãe quando ela grita comigo. Dez, Base, Jason e Ewan já, mas mais ninguém. Eu gosto de ter meu próprio espaço, mas algo sobre ter Stacey aqui parece... Eu não sei.

Eu: Venha para o meu quarto quando Luciella dormir. Se você errar o nome do filme mais uma vez, vou te

expulsar e dizer à minha irmã que a amiga dela beija muito mal.

Sardentinha: NÃO VAI NÃO!

Eu: Vejo você na quarta-feira, Sardentinha.

CAPÍTULO 19



Stacey

Meus pés me carregam inconscientemente para fora do armazém, em choque demais para parar.

Kade diz meu nome, mas não consigo parar, falar ou mesmo respirar. Arranco a faca da minha calcinha e a jogo no chão. Tudo o que consigo ver são as pegadas vermelhas dos meus sapatos no chão do armazém.

— Stacey.

Eu desvio do carro, mirando nos portões da frente e repetidamente dizendo a mim mesma que vai ficar tudo bem. A única coisa que preciso fazer é pegar uma carona para o hotel e encontrar o quarto de Lu, onde estarei segura. Só preciso fugir de todo o caos e perigo dele.

Preciso fugir do homem que conheci quando era uma adolescente ansiosa – o homem que atirou na cabeça de alguém como se não fosse nada.

— Stacey.

O portão desliza e se abre quando me aproximo, mas Kade envolve sua mão em volta do meu braço e me gira para encará-lo antes que eu o alcance.

— Fique de boca fechada sobre isso.

Eu cerro meus dentes com força suficiente para doer.

— Vai se foder! — Eu me livro do aperto dele, mas ele entra na minha frente.

— Fique brava comigo o quanto quiser, não me importo. Mas não pode falar uma palavra sobre isso com minha irmã.

— Eu quero ficar longe de você. Não vou dizer nada, mas isso tudo

é um absurdo. — Eu cubro minha boca para parar o soluço. — Você o assassinou!

Kade pisca uma vez, imperturbável enquanto vira a lâmina na mão sem quebrar o contato visual.

— Merdas acontecem.

Eu não tenho como responder a isso. Meu corpo ainda está tremendo, meu coração ainda está batendo forte no meu peito e estou com dor de cabeça. Sangue está respingado no meu vestido e mancha minha pele. Se eu não lavar logo, posso vomitar tudo o que comi pelas últimas vinte e quatro horas.

— Vou te levar para um hotel. Podemos encontrar todo mundo mais tarde.

— Vou pegar um táxi — eu respondo. — Não vou a lugar nenhum com você.

Ele suspira.

— Para com isso, Sardentinha.

— Não! Você não pode me chamar assim! — A tensão na minha cabeça piora. — Você matou alguém! — Eu choro. — O que aconteceu com você?

— Me deixa te levar para um hotel. Você está coberta de sangue.

— O que aconteceu com você? — Eu me mantenho firme, minha visão embaçada. — Não tenho ideia de quem você é. Você não é o Kade por quem me apaixonei.

Ele balança a cabeça de um lado para o outro e a abaixa.

— Acho que não sou.

Tenho certeza de que estou branca como papel.

Kade olha para cima, dá um passo cuidadoso em minha direção e tenta tirar fios de cabelo – agora pegajosos de sangue – do meu rosto, mas eu recuo do seu toque.

Sua mão congela, então ele a deixa cair ao lado do corpo.

— Você está com medo de mim.

Desvio os olhos.

— Você sabe que é a única pessoa no mundo que eu nunca machucaria, certo?

— Se esse fosse o caso, então você não teria saído da minha vida quando eu mais precisei de você. — Balanço a cabeça de um lado para o outro. — Você já me machucou.

— Não vamos fazer isso — ele diz, exalando e colocando as mãos nos bolsos. — Eu nem deveria estar falando com você.

Eu rio sarcasticamente.

— Ah sim, esse era definitivamente o caso algumas horas atrás, não era?

— Você sabe o que quero dizer.

— Não. Eu não sei o que você quer dizer. O que aconteceu com o cara que odiava quando seus amigos usavam drogas? Agora você está comprando cinquenta mil em drogas, você aparentemente tem prostitutas e mata *pessoas*?

Sua mandíbula se aperta.

— Isso não tem nada a ver com você. Fique na sua, porra, e esqueça isso, está bem?

— Eu não posso... — Eu viro as costas para ele. — Não posso esquecer. Eles sabiam quem você era e perguntaram por que sua outra prostituta não estava com você. Você... Você não precisava ter atirado nele.

Kade respira fundo, o som de seu isqueiro piscando antes que eu sinta o cheiro da nuvem exalada de seu baseado.

— Posso garantir que ele não será a última pessoa em quem eu atirarei.

Entender suas palavras é difícil. Eu já fui apaixonada por ele. Ele era o irmão chato da minha melhor amiga que gostava de me provocar, mas era inofensivo e divertido, e eu faria qualquer coisa para voltar a isso.

Ah, como eu faria as coisas de forma diferente se pudesse voltar. Sem mentiras. Sem segredos. Sem hesitar em contar a todos que estávamos juntos.

Tento me afastar novamente, mas Kade agarra meu pulso.

— Você está sendo dramática. Aqui não. Entre na porra do carro.

Eu me afasto de seu aperto e me viro, mas só consigo dar dois passos antes que ele pragueje baixinho, me arranque do chão e me jogue por cima do ombro.

O mundo vira de cabeça para baixo, e eu suspiro enquanto bato meus punhos em suas costas e chuto minhas pernas.

— Me põe no chão, seu filho da puta!

Meus movimentos não fazem nada, dados os músculos que ele tem.

— Não tenho tempo para suas besteiras, Stacey.

— Esse é um nome adorável — uma voz diz, e Kade para de andar.

Tento ver para quem Kade está olhando, mas estou presa olhando para sua bunda.

— Vou ter que perguntar a sua chefe quanto ela custa. Quando seu tempo com ela acaba?

— Saia do caminho, Crawley.

Agarro o material da blusa de Kade em suas costas, congelada de medo quando mais dois caras aparecem ao nosso lado.

— *Dvigatsya* — Kade diz, e franzo a testa para a língua que eu não tinha ideia de que ele falava. Seu tom diminui. — *Ona ne prodayetsya*.

O homem ri profundamente.

— *Ona seichas.*

— Stacey — outro diz, rindo enquanto se inclina para ficar no nível dos meus olhos e sorri para mim. — Eu pagaria um bom dinheiro por você.

Um dos braços de Kade desaparece de volta das minhas pernas, embora ele ainda me mantenha segura sobre seu ombro, e ouço uma arma sendo engatilhada.

— Não me faça dizer isso de novo. Saia do caminho.

O homem que está olhando para mim se levanta e então desaparece de vista.

— Relaxe — Crawley diz, de volta ao inglês. — Viemos em paz. Estamos apenas curiosos sobre sua pequena.

Kade aperta suas mãos em volta das minhas pernas.

— Saia do meu caminho ou colocarei uma bala entre seus olhos.

Eu gemo e cubro meus ouvidos, esperando o estrondo. Meu vestido de alguma forma ainda está escondendo minha bunda – talvez graças à maneira como Kade posicionou seu braço.

Eu ouço passos no cascalho, e Crawley, o velho líder, está me observando enquanto Kade se dirige ao carro com a arma ao seu lado, o dedo ainda no gatilho.

Eu sou jogada de seu ombro, minhas costas pressionando o metal frio do carro enquanto ele abre a porta do lado do passageiro.

— Pare de olhar para eles — Kade sibila. — Ei... — Ele levanta meu queixo. — Olhos em mim. Acalme-se. Você está respirando rápido demais, e eu não posso lidar com você desmaiando agora.

Eu não tinha ideia de que estava em pânico até agora, até que as palavras atingiram meus ouvidos, e percebi que meu coração estava acelerado em um ritmo inquietante, meus olhos queimando.

Não me lembro de entrar no carro ou de prender meu cinto de segurança. Acho que ele fez isso.

Outra porta bate, e o motor liga, roncando abaixo de mim. Ele dá marcha ré para fora da área como se estivesse sendo perseguido, e eu preciso agarrar o painel, evitando por pouco o chicote, enquanto ele desvia o carro para a esquerda e acelera pela estrada.

— Diga-me três das suas coisas favoritas.

Olho para Kade.

— O-o quê?

— Suas três coisas favoritas. Diga.

Eu me concentro na minha respiração.

— Dançar.

— Continue — ele força, enquanto vira uma esquina, sem olhar para mim. — *O Rei do Show.*

Ele faz uma pausa.

— Mais um.

— Os... — Eu solto um suspiro. — Os cachorros. Milo e Hopper. Sinto falta deles.

Kade acelera novamente, empurrando minhas costas para o assento, e percebo que suas perguntas me distraíram – agora estou respirando corretamente novamente.

Alguns minutos se passam, o carro ainda acelera, e eu finalmente sento no assento e cruzo os braços.

Ele diminui a velocidade e para em um semáforo.

— Você deveria ter entrado no carro quando eu disse da primeira vez. Agora eles sabem seu nome.

Eu não respondo – apenas olho pela janela.

As luzes das lojas e postes de luz se fundem em uma cor brilhante. Meus olhos ardem, mas continuo olhando pela janela, incapaz de entender nada do que ele está dizendo.

Kade não está feliz. Está reclamando, mas eu o ignoro, o que o irrita ainda mais. Não tenho certeza do que ele esperava, me levando para um prédio cheio de pessoas assim.

O sol está nascendo à distância, mas por mais lindos que sejam os tons laranja e amarelo, não consigo me concentrar.

Tento fechar os olhos e dormir.

Minhas mãos ainda estão tremendo, e continuo vendo o corpo do

homem caindo no chão toda vez que fecho os olhos. Ouço o som que a arma fez quando ele puxou o gatilho e sinto como meu coração parou quando testemunhei alguém sendo assassinado. Lembro-me do jeito que Crawley e seus homens olharam para mim – a prostituta de Kade.

Já testemunhei Chris espancando pessoas, assisti a lutas ilegais em gaiolas e pessoas levando garrafadas e sendo esfaqueadas. Mas nunca a morte. Nunca um assassinato.

Kade pode ser preso e ficar na cadeira por um longo, longo tempo.

— Pare de pensar nisso.

Vai se foder.

Chegamos ao hotel. Ele leva nossas malas para a recepção e pede por quartos.

— Dois quartos.

Seus impressionantes olhos azuis prateados estão em mim, mas eu o bloqueio. Preciso de espaço, e a última coisa que preciso é estar perto de Kade quando parte de mim o teme.

— Dois? — a moça repete, observando Kade. Felizmente ela não notou o sangue em meu rosto. Um aceno de cabeça positivo, e ele suspira.

— Sim.

Ele paga pelos dois quartos e agradece à mulher. O elevador demora alguns instantes para chegar, e ele escaneia um cartão para nos levar ao décimo primeiro andar.

Meu quarto fica em frente ao dele. Ele destranca minha porta, e eu a abro e entro. Ele me segue, colocando minha bolsa e mala ao lado da cama.

— Tenho trabalho a fazer — ele diz. — Você vai ficar bem?

Não.

— Sim — eu respondo, mantendo meus olhos no tapete vermelho. É quase da mesma cor do sangue que se formou em meus pés. — Por favor, vá embora. Vou pegar um táxi para encontrar Luciella mais tarde.

— Olhe para mim.

Eu nego com a cabeça.

Kade está na porta, batendo no topo do batente. Eu estremeço quando ele começa a dar um passo à frente, e ele congela.

— Não tenha medo de mim, Sardentinha. Às vezes as pessoas precisam mudar para sobreviver.

Eu olho para meus dedos, torcendo-os juntos.

— Que língua foi aquela que você falou?

Ele passa o polegar pela costura dos lábios, um baseado recém-enrolado de trás da orelha.

— Russo.

Eu aceno, incapaz de perguntar mais nada.

Ele espera um longo minuto antes de sair, a porta se fechando com um clique delicado. Não o ouço abrindo a porta do próprio quarto, mas ouço seus passos ficando mais silenciosos enquanto vou até o banheiro e encho a pia.

Lavar o sangue do meu rosto leva alguns minutos. Então, tiro o vestido do meu corpo abalado e olho para meu reflexo exausto e perturbado.

Não há luz em meus olhos, apenas lágrimas pelo garoto que conheci. Lavo-me na pia novamente, mas não é o suficiente. Sinto-me suja.

Tomar banho não faz nada para aquecer o meu corpo. Nem me enrolar em um cobertor e observar o sol se mover no céu.

Algumas horas depois, ouço sirenes. A polícia está a caminho para prender Kade?

Meu lábio treme novamente e fico irritada comigo mesma por ser tão fraca. Eu entreguei meu coração àquele garoto quando era adolescente e, mesmo agora, anos depois, ele ainda o segura. Mas, desta vez, ele o está esmagando com vingança, por coisas fora do meu controle.

Eu não estava mentindo quando disse que o que aconteceu não tinha sido minha culpa. Eu não tinha ideia do que estava fazendo ou em que maldita realidade eu estava. Tudo o que eu sabia era que nunca tinha sentido esse nível de pânico antes. Eu só queria meu namorado e só descobri na manhã seguinte que não estava na cama dele.

Não tenho ideia do que aconteceu com ele desde que terminamos, mas não tenho certeza se o Kade por quem me apaixonei ainda existe.

Eu me enrolo na cama e tento relaxar meus pensamentos. Demoro quase quatro horas para me sentir menos à beira de um colapso. Quando consigo, tiro meu telefone da mochila de couro e o ligo.

Minhas notificações apitam, loucas. A maioria é de um número desconhecido – Chris usando um descartável.

Em uma mensagem, ele descreve em detalhes alarmantes o que vai fazer comigo quando eu chegar em casa, mas em vez de sentir medo, deslizo a tela e apago toda a conversa antes de bloquear o número.

Kyle me diz para ter um bom voo.

Lu me informa que ela nunca sobreviverá a esta viagem com Base. Eles saíram ontem à noite para beber com a mãe dela e Ewan. Base fez um *ménage à trois* no quarto ao lado do dela e perguntou se ela queria participar.

Estou marcada em alguns vídeos e fotos do estúdio. Minhas meninas estão praticando para a competição que está por vir. Algumas outras são acrobacias de pole e argola, alongamentos e movimentos de dança.

Quando termino de responder a alguns dos meus alunos, meu telefone apita com mensagens ilegíveis de Kade.

Kade: Staaa acdada Stcy?

Kade: Boaaaa nte Srdtinha.

CAPÍTULO 20



Kade

— Quantos você acha que tem lá dentro?

Barry está sentado ao meu lado no carro, que está estacionado em frente ao prédio que Stacey e eu deixamos há duas horas. Três SUVs também estão estacionados, de olho nos arredores enquanto prendo o cinto de munição na cintura e encho cada compartimento com carregadores e punhais.

Olho para cima e inclino a cabeça de um lado para o outro enquanto penso na minha resposta.

— Talvez cinquenta.

— *Facinho*, então — ele diz com seu sotaque Geordie.

Eu dou uma risada com seu sarcasmo.

— Eles estão todos armados, então provavelmente não.

— Tem certeza de que sabem o nome dela?

— Você tá surdo? — eu estalo, fechando a cara para ele. — Já repassei a mesma conversa cinco vezes.

— Só acho um pouco dramático fazer isso por causa de um nome.

— Você trabalha para mim há mais de um ano e acha isso dramático?

Ele faz uma careta.

— Teve aquela vez que você tentou incendiar a casa de alguém. Pela mesma garota, devo acrescentar. Isso não é um passo longe demais?

Paro de carregar meu cinto e aperto a ponta do meu nariz.

— Se eles disserem o nome dela para Bernadette, ela vai rastrear Stacey e provavelmente conseguir desenterrar nosso passado. Não quero

imaginar a merda que ela faria com ela para me tornar mais obediente.

Barry sabe de tudo. Tive que contar a ele, ou ele pensaria que eu estava apenas perseguindo uma garota inocente. Ele me envia relatórios quando não tenho tempo para observá-la. Ele acha que, como uma pessoa de vinte e um anos, eu deveria encontrar outra obsessão que não me leve ao assassinato.

Sou radical? Sim. Mas para minha própria sanidade, preciso saber o que ela está fazendo. Isso é estranho? Odiá-la e ainda precisar saber o que ela está fazendo? Mesmo que ela seja uma cobra?

Uma cobra que ainda me pertence.

— Você planeja matar uma gangue inteira por uma garota que aparentemente te traiu?

Eu cerro os dentes e tento não esmagar o rosto dele.

— Sim — eu respondo enquanto abro a porta. — Você conseguiu descobrir quem ligou para ela no hotel?

— Não. Aquele telefone está protegido por uma barreira de aço do caralho.

— Continue procurando.

Barry não responde já que ele também sai do carro e verifica seu cinto de munição, escondido sob seu traje. Eu o fiz usar o mesmo que eu, já que o material absorve a maior parte da potência dos tiros.

Quinze caras nos seguem, mas tenho mais três de prontidão e um atirador no telhado do prédio em frente ao armazém. Música heavy metal toca de dentro enquanto arrombamos o portão.

Nossos passos são silenciosos no armazém, nossas armas apontadas enquanto subimos as escadas. Eu mando alguns caras para a esquerda, outro grupo para a direita, e Barry e outros três me seguem.

— *Livre* — alguém diz pelo meu fone de ouvido enquanto outro diz: — *Um já foi*.

Mantenho minha arma levantada, mirando para frente enquanto dou um passo para o lado de um canto, o silenciador abafando o tiro que dou. A bala afunda no crânio do homem, matando-o instantaneamente. Mais quatro caem, e colocamos explosivos nas paredes.

Bernadette me enviou para a Rússia para um treinamento intenso com suas forças armadas, um grupo de soldados trabalhando sob seu pagamento que não se conteve em me torturar enquanto eu aprendia a lutar, atirar, esfaquear e resistir a táticas de interrogatório.

Barry fica ao meu lado enquanto eu guardo minha arma e pego duas lâminas, apertando os punhos e sinalizando para minha equipe me seguir.

Eu enfio uma faca sob o queixo de alguém, arrancando sua mandíbula, então o esfaqueio no olho enquanto cubro sua boca mutilada com minha palma.

— Vai dormir — eu sussurro em seu ouvido enquanto arranco a lâmina de seu olho e corto sua garganta. Seu corpo cai aos meus pés, e eu passo por cima dele enquanto limpo minha faca em seu colete jeans.

— Os líderes estarão no porão — digo a Barry. — Deixe Crawley para mim.

Enquanto o elevador desce, o resto da minha equipe desce as escadas. Verifico se minha pistola está carregada e então viro uma lâmina na minha mão enquanto espero. Faz apenas algumas horas que eu estava neste poço com Stacey, segurando-a em meus braços para tentar acalmá-la.

Agora estou coberto de sangue, adrenalina em minhas veias como uma criança na véspera de Natal.

Assim que o elevador chega ao fundo, as portas de correr de metal rangem e abrem, e tiros são disparados de ambos os lados. O impacto de uma bala atingindo meu colete blindado me joga contra uma parede, a dor lancinante rouba meu fôlego.

Antes que o babaca possa acabar comigo, eu lanço uma lâmina em seu rosto, e Barry quebra seu pescoço.

Nós colocamos mais alguns explosivos enquanto corremos pelo porão, atirando em todos. Eu desvio de um machado que vem direto para o meu peito.

Pelo meu fone de ouvido, um dos meus caras diz:

— *Fuller está ferido*.

Amaldiçoo para mim mesmo e vou em direção a eles para encontrar Fuller com um ferimento de bala no peito.

— Mantenha pressão. — Eu aponto para um dos meus membros mais novos. — Leve-o até nosso médico. Não vá para o hospital.

Ele concorda e vai embora enquanto Barry e outros três ficam à minha esquerda. Nós desviamos e atiramos, matando pelo menos vinte membros de gangue antes de plantarmos o último explosivo.

A música heavy metal ainda está tocando, e enquanto carrego minha arma, aceno distraidamente e assobio a melodia.

Sorrio para Barry como um louco.

— Pronto?

— Você é louco, sabia disso?

— Sim.

Sangue mancha meu rosto, e Barry está quase irreconhecível sob os respingos vermelhos no dele. Faço sinal para todos nos seguirem para fora, e assim que o elevador nos leva de volta para cima, as portas de metal mal impedindo que as balas as penetrem, corto a energia.

Um soco vem em minha direção por trás, a ardência na minha bochecha é bem-vinda com toda a adrenalina bombeando em minhas veias.

Crawley manca para o lado e agarra a parede, evidentemente tentando fugir do lugar e deixar seus homens para trás. Ordeno que minha equipe abaixe a mira.

— Senhor?

Olho para Barry.

— Saiam. Todos vocês.

Meu assistente demora um segundo a mais antes de dizer a todos para voltarem para seus veículos. Suspiro e tiro o baseado de trás da orelha, surpreso que ele tenha sobrevivido ao tiroteio.

— Pensar que você poderia me socar e escapar impune foi um erro, mas o pior foi ter olhado na direção dela.

Crawley zomba enquanto agarra sua coxa, sangue escorrendo entre seus dedos.

— Sua puta?

Meu maxilar fica tenso enquanto o encaro, minha paciência esgotada, a ponto de estalar.

— Ela não é minha puta. — Acendo meu cigarro e inalo, esperando que isso acalme meu temperamento, porque não estou com vontade de torturar esse cara. — Você teve contato com minha chefe desde que saí?

— Por que eu teria contatado a Sra. Sawyer? — ele pergunta, confuso enquanto agarra sua perna ferida com mais força e tropeça na parede, deslizando por ela até cair de bunda. — A garota era a filha dela?

Faço uma careta e exalo.

— Não. Cassie é ainda mais insuportável.

— É por isso que você está aqui? Por causa da sua puta? — Ele ri. — Compartilhar é se importar, Nāve.

Reviro os olhos.

— Pare de me chamar assim. Meu nome… — Agarro seu queixo

com um aperto doloroso que o faz se debater. Pressiono a ponta brilhante e quente do meu cigarro em sua bochecha enquanto digo: — Meu nome não é Nāve, porra.

Ele grita enquanto sua pele queima sob a brasa, lágrimas enchem seus olhos.

Eu solto, estendo a mão para trás para pegar uma das lâminas no meu cinto de munição e a coloco entre nós.

— Meu nome é Kade. Kade Mitchell. Filho de Tobias. Talvez eu devesse esculpir isso na sua pele? Será que ainda me chamaria de *Nāve*, então?

— V-Vai se foder.

Bato na mão dele enquanto ele tenta me dar um soco, fraco, enquanto morre lentamente pela perda de sangue. Ele deve ter levado um tiro.

Em vez de dar a ele um fim rápido colocando uma bala entre seus olhos, eu esculpo cada letra do meu primeiro nome em sua testa suada, em letras maiúsculas até que ele tenha saliva escorrendo pelo queixo, imóvel, quase inconsciente.

— Pronto — eu digo, admirando as quatro letras vermelhas com um sorriso. — Agora você nunca vai esquecer quem eu sou.

— Você é a Morte — ele diz em um murmúrio baixo e arrastado. — Sua hora vai chegar. A sua e a da sua puta.

Eu jogo minhas mãos para o lado, exasperado.

— Ela não é minha puta. — Eu apoio meus cotovelos nos joelhos. — Na verdade, ela não é uma puta. Ela é a garota que eu observo, a garota pela qual eu sou tão obcecado que sinto que estou enlouquecendo. Eu dei a ela meu coração quando era adolescente, e sabe o que ela fez? Ela o *despedaçou*. Ela é uma cobra venenosa. Espere. Você sequer entende uma palavra do que estou dizendo, Crawley?

Ele está se perdendo, não está mais ouvindo.

A luz deixa seus olhos, e eu reviro os meus e passo o lado afiado da minha lâmina em sua garganta para ter certeza de que ele está realmente morto. Sangue escorre de seu pescoço e encharca minha mão. Eu massageio o líquido quente entre meu polegar e dedos antes de me levantar.

Stacey ficaria maravilhosa coberta de sangue. Contanto que não seja o dela.

Eu afasto o pensamento.

— Exploda — eu ordeno.

— *Você ainda está no alcance, senhor* — Barry diz pelo meu fone de ouvido. — *Precisa sair da área.*

Eu sorrio e limpo o sangue dos homens de Crawley do meu rosto – já está começando a secar – então olho para o poço do elevador.

— Eu vou ficar bem. Pode explodir.

Há um punhado de homens ainda lá embaixo, presos e feridos, tentando sair. A escada está bloqueada, a eletricidade cortando o elevador.

Eles serão soterrados no porão do armazém.

Todos eles encararam Stacey. Todos eles a queriam. Mas ninguém nunca pode tê-la – nem mesmo eu.

Tiro minha jaqueta e a jogo para o lado, então enrolo minhas mangas até os cotovelos com minha lâmina ainda na mão. Desabotoo minha camisa manchada enquanto caminho pelo estacionamento e arranco a bala alojada em meu colete blindado.

Isso vai deixar um hematoma. Já sinto a pele sensível e a dor no meu lado onde ela impactou.

Chego ao carro e encontro Barry sentado no banco do passageiro.

— Eu mandei explodir.

— Por mais imortal que você pareça pensar que é, não vou colocar sua vida em perigo, senhor.

— Eu lhe dei uma ordem.

Ele suspira.

— Para sua segurança, escolhi não segui-la.

— Você e Stacey estão começando a me irritar com essa merda de língua afiada.

Ele ri e então toca na tela do telefone, abrindo o aplicativo que conecta todos os explosivos e os ativa. O clarão vem primeiro, e então o som estrondoso do mundo explodindo quase rompe meus tímpanos. A bola de fogo irrompe como um vulcão nos céus, e eu sorrio para a arte que criamos. Eu teria ficado em pedaços se ele tivesse explodido quando eu disse.

Eu anuncio a todos:

— Bom trabalho, equipe. Juntem as coisas e descansem um pouco.

Eu me viro para meu assistente.

— Preciso concluir um contrato. Você vai ficar bem limpando isso, indo para o hotel e esperando por notícias?

Barry acena e sai, dando um tapinha na frente do carro.

Olho para o que antes era um armazém cheio de uma gangue, agora obliterado e cheio de corpos mortos e incinerados.

Se Bernadette descobrir que eu erradiquei um clube de motoqueiros inteiro, ela vai surtar. Não tenho tempo para isso. Vou precisar mentir e dizer a ela que tivemos uma altercação e eles ameaçaram nos expor, então eu simplesmente tive que explodi-los.

Tinha sido inevitável. Um absurdo. Um enorme infortúnio.

Talvez assim as pessoas aprendam a não mexer no que é meu.

CAPÍTULO 21



Kade

As sirenes zumbem à distância – a equipe de limpeza de Barry, não os serviços de emergência –, certifico-me de que todos tenham ido embora e então insiro a localização do meu alvo, gemendo quando percebo que é uma mansão infestada de segurança. Sigo o mapa, parando em uma área arborizada para queimar minhas roupas e vestir um terno novo que havia guardado em uma mala junto com as drogas que usarei para entrar.

Antes de fechar a mala cheia de equipamentos, cheiro duas carreiras de cocaína, odiando-me um pouco mais do que há um momento. Mas preciso aliviar a vibração em meus ossos, algo que acontece quando fico muito tempo sem um estimulante. As drogas não estão sendo forçadas a entrar em mim agora; acho que isso parou quando comecei a desejar as sensações que elas ofereciam.

Tiro a mala do carro, deslizo a alça para cima e a arrasto atrás de mim enquanto caminho para a entrada da garagem que leva aos portões elétricos. Aperto a campainha e me apresento como distribuidor do Sr. Lennox, e quem quer que esteja do outro lado da linha me deixa entrar.

Reviro os olhos para a equipe de segurança. Foi tão fácil para mim entrar aqui totalmente armado?

Sou direcionado para a sala principal, onde um homem acima do peso e com aparência oleosa está sentado atrás de uma mesa, fumando um charuto. Anéis de ouro brilham em cada dedo.

— O que você tem para mim? — pergunta, tossindo através da fumaça.

Ele se recosta enquanto jogo a mala em sua mesa e a abro,

mostrando a ele todo o pó branco dentro. Um sorriso, e ele gargareja repugnantemente em sua garganta.

Mas o Sr. Lennox não tem a chance de levantar nem um saquinho para inspecionar antes que eu arranque minha arma do cós e atire nele bem no peito quatro vezes, o silenciador silenciando os estalos.

Seu corpo cai instantaneamente, e eu tiro uma foto e envio para Bernadette, exigindo o resto do meu pagamento.

Deixo a mala para trás, mas só consigo chegar à escada principal antes que tiros sejam disparados em mim.

Eu me jogo atrás de uma mesa virada, rindo da minha sorte enquanto saco minha outra arma, então eu tenho duas atirando enquanto corro para o pilar, desviando das balas que passam zunindo pela minha cabeça.

A cocaína não está ajudando minha precisão, então, largo uma das minhas armas e pego uma lâmina, agarro um cara por trás e enfio no pescoço dele, usando seu corpo como escudo enquanto sigo para a porta dos fundos.

Não sei como diabos chego ao meu carro, ou quanto tempo eles me perseguem até eu capotar meu Bentley em uma vala. De alguma forma, escapei ileso, mas estou puto por ter destruído meu carro novo e ter que correr a pé até despistá-los.

Há sangue nos meus olhos, deixando minha visão vermelha enquanto digito uma mensagem para meu assistente na tela quebrada do meu telefone.

Barry me pega em um posto de gasolina próximo e bufa durante todo o caminho até o hotel, dizendo que preciso ter mais cuidado. Ele me oferece um lenço para o meu rosto, mas eu dou de ombros, agradeço e pulo para fora do carro.

A recepcionista não me pergunta se estou bem enquanto passo pela recepção e vou para o elevador. Um casal entra no segundo andar, mas eles se mantêm no canto da pequena caixa de metal, longe de mim – um homem coberto de sangue com um cinto de munição totalmente à mostra.

Acho que meu lábio está cortado; arde um pouco.

Meus passos são desajeitados e desequilibrados quando saio do elevador, as luzes brilhantes me fazem apertar os olhos e proteger os olhos com a mão espalmada.

Quando chego aos nossos quartos, mando uma mensagem para

Stacey que acho que pode ser ilegível e, quando não recebo resposta, ignoro meu próprio quarto e sento do lado de fora do dela, me divertindo no meu telefone.

O primeiro clipe que salvei é das nossas últimas férias na Grécia. Assisto ao vídeo do bar de karaokê, nós na varanda, outro de Stacey tomando sol e eu dando zoom em seu rosto – em sua pele bronzeada e sardenta. Um que ela gravou de nós de mãos dadas e caminhando pela praia arenosa. Pauso o clipe quando ela beija minha bochecha, estudando o sorriso em seu rosto, que combina com o meu.

Vídeos e mais vídeos, imagens e mais imagens me assombram, mas nunca consigo excluí-los.

Eu me odeio pra caralho por abrir o arquivo. Geralmente o mantenho bloqueado e bem escondido de olhares curiosos. É torturante, a maneira como me faz sentir. Eu luto com emoções desde que era criança. Eu me senti vivo pela primeira vez quando tive Stacey, e agora tudo dentro de mim está preto.

Estou morto por dentro.

O polegar que estou usando para deslizar pelas fotos está coberto de sangue. Cada imagem faz um buraco no meu peito já vazio; eu quero desesperadamente pular de volta para essa realidade, me esconder da pessoa que me tornei. Mas não tem como. Ela não é a mesma Stacey de então, e eu definitivamente não sou o mesmo Kade, também.

Eu percorro nossas mensagens, até algumas das primeiras que trocamos.

Nossa primeira foto juntos: eu dormindo com meus braços em volta dela, de quando ela acidentalmente passou a noite. Ela está sorrindo para a câmera, o dedo médio de sempre levantado. A legenda faz o canto da minha boca levantar, mesmo que não devesse.

Você ronca tão alto, idiota.

Nós éramos crianças cegas pelas emoções.

Nós tínhamos tudo. E ela estragou tudo.

Matar pessoas da alta sociedade, lidar com traficantes, beber uma quantidade ridícula de álcool, decapitar e estripar, e até mesmo entrar no território de uma gangue para desencadear o inferno, eu consigo lidar – mas não uma traição. Não uma mentirosa de merda que me fez pensar que era alguém para mim quando não era.

Como alguém pode olhar outra pessoa nos olhos e dizer que a ama,

apenas para ir transar com outra pessoa horas depois, está além da minha compreensão.



Estou sentado do lado de fora do quarto de hotel de Stacey há duas horas, muito mais disperso do que o planejado. Talvez seja o baseado que fumei há dez minutos que estava cheio de erva, ou talvez eu esteja apenas cansado – isso parece uma forte possibilidade.

Ou talvez a coca daquela gangue de motoqueiros fosse duvidosa, e eu esteja sob o efeito de drogas adulteradas.

Não quero entrar no meu quarto. Se alguém sobreviveu e me seguiu de volta, preciso estar alerta. Eles podem entrar no quarto de Stacey.

Outra morte em minhas mãos não será um problema.

Gosto de matar pessoas que merecem a morte. É um grande prazer ver a luz se apagar de seus olhos enquanto dão seu último suspiro.

São apenas duas da tarde, e eu já matei pelo menos sessenta pessoas e ganhei cento e cinquenta mil. Stacey ficaria enojada comigo se soubesse.

Ela não respondeu, então só posso presumir que esteja dormindo.

Bom. Eu posso acabar dizendo algo pelo qual vou me arrepender enquanto estou chapado assim. Você pensaria que, tomando estimulantes, eu estaria de ótimo humor, mas me sinto como se quisesse me enforcar. Mas eu não faria isso – isso deixaria uma bagunça para trás, e ninguém precisa lidar com essa merda.

Ela se importaria se eu morresse?

Não estou com medo – se acontecer, aconteceu, mas uma parte de mim gostaria de saber como ela se sentiria.

Arrependida? Triste? Aliviada? Eu veria lágrimas em suas bochechas como vi no jatinho?

Um flash dela de joelhos diante de mim faz minha cabeça cair de volta para a porta, meu pau traidor se contraindo irritantemente. Eu quero dar um tapa nele.

Ainda posso sentir seus lábios apertados em volta do meu pau, ver suas lágrimas escorrendo pelo rosto por causa da falta de ar e o jeito que ela engoliu cada gota do meu esperma. Isso está me deixando louco. Eu estava a segundos de estar dentro dela, e eu teria estado se não fosse por Barry. Eu nunca quis matar meu assistente antes. Ele me irrita na maioria das vezes,

mas nunca o imaginei morto.

Eu já quis bater em Base quando ele disse que ela era gostosa.

Ela me torna mais perigoso do que já sou.

Se ela apontasse para uma pessoa aleatória e me dissesse para atirar, eu puxaria o gatilho sem fazer perguntas. No entanto, não suporto respirar o mesmo ar que ela. Eu até me imaginei matando-a uma ou duas vezes e me arrependi das imagens mentais instantaneamente.

Quanto mais cedo ela se encontrar com Luciella, melhor.

Porra. Minha cabeça está latejando. O saguão está claro e mal consigo forçar meus olhos o suficiente para ver. As paredes estão se fundindo; o chão se transformou em lava, mas está macio sob minhas palmas.

Definitivamente, eram drogas duvidosas.

A porta na qual estou encostado se abre e eu caio de volta no quarto de hotel de Stacey. Cabelo escuro aparece, olhos verdes me encarando, confusos e aterrorizados.

— Mas que diabos? — ela sibila antes de franzir a testa para as manchas vermelhas em todas as minhas roupas e corpo. — O que aconteceu com você?

Eu resmungo e esfrego meus olhos com meu indicador e polegar. Por mais que as palavras estejam correndo soltas na minha cabeça, estou muito fodido para falar direito. O que eu quero dizer é que terminei o trabalho e quero saber se ela ainda está com medo de mim, mas eu balbucio cada palavra em sílabas confusas.

Eu tento me levantar, mas meu corpo se recusa. Pareço uma tartaruga virada de cabeça para baixo sob efeito de cocaína.

— Por que você está coberto de sangue? — ela pergunta, olhando para cima e para baixo no corredor antes de abrir mais a porta.

Não é meu sangue. Eu estou perfeitamente bem.

— Entra.

Stacey exigente é gostosa.

Mas eu não consigo me mover.

— Ah, pelo amor de Deus.

De alguma forma, ela consegue me arrastar para seu quarto, pegando a lâmina que eu tinha mantido ao meu lado e fechando a porta.

— O que você fez? — Ela é bonita quando está brava. — Você está bêbado?

Eu não toquei em nenhuma bebida, mas não vou dizer isso a ela.

Não que eu pudesse, porque o quarto está girando *pra* caralho e eu sinto como se estivesse flutuando. Esfrego meus olhos com os nós dos dedos. Não, estou perdendo a visão.

Isso é novo.

O quarto fica escuro – ou meus olhos estão fechados? Não sei.

Sinto algo molhado e suave contra meu rosto. Stacey se ajoelha para lavar o sangue de mim com uma toalha de mão que ela molhou em água morna. Estremeço quando ela arrasta os dedos pelo meu cabelo, enroscando e puxando.

Ela não me impede de segurar seus quadris para ficar ereto.

— Como esse sangue foi parar no seu cabelo?

Sardentinha, baby, eu sou um animal do caralho. Você deveria ter me visto agindo como Jackie Chan, enquanto lidava com minhas merdas hoje.

— Você vai me responder?

— Não... — Faço uma pausa, tentando desacelerar meus pensamentos enquanto a cocaína corre por minhas veias. Abro meus olhos, e eles queimam com a falta de sono. — Não... tenha medo de mim.

Minha visão fica turva novamente enquanto Stacey passa o pano na minha testa.

— Eu consigo lidar com você me odiando, Kade. — Ela amassa o pano para encharcar meu cabelo, e minha cabeça cai em seu ombro enquanto ela esfrega o tecido na minha nuca. Água escorre pelas minhas costas. — O que eu não consigo lidar é com você jogando sua vida fora por qualquer problema que tenha se metido.

Eu bufo fracamente.

Se você não tivesse me traído, eu não teria estado do lado de fora do estúdio naquela noite, pensando em entrar para te ver, e Bernadette não teria me encontrado.

Minha voz interior é egoísta.

Não posso culpá-la pelo monstro que me tornei. Não, isso é culpa minha.

O rosto dela é a última coisa que vejo antes que minha visão fique turva e eu perca a consciência.

CAPÍTULO 22



Kade

Passado

Depois que passei no teste de direção há dois dias, Jason me levou para sair, e eu perguntei bêbado para Stacey se ela ainda viria ao meu quarto para assistir a um filme. Ela disse que sim.

Estou uma bagunça, um saco de nervos enquanto arrumo meu quarto pela centésima vez. Minha mãe trouxe uma pilha de roupas limpas mais cedo e perguntou por que eu estava aspirando minhas cortinas às onze da noite.

É justo dizer que ela tirou o aspirador de pó da minha mão e me disse para dormir.

Minha cabeça está a mil esta noite. Até limpei a tela da minha TV.

Estamos trocando mensagens o dia todo, e percebi algumas coisas. Quando ela está em casa, ou não tem sinal ou não se preocupa em verificar o telefone. A única razão pela qual recebi tanta atenção dela hoje é porque ela saiu com o pai em algum evento.

Gostaria de pensar que ela não está me enviando mensagens porque está entediada. A ideia de que ela está voluntariamente não falando comigo todas as outras vezes me deixa ansioso e desconfortável.

Talvez eu devesse tomar banho de novo?

Releio nossas mensagens recentes para passar o tempo.

Sardentinha: Tem certeza de que quer me ver?

Sardentinha: Tudo bem se não quiser.

Eu: Para com isso.

Sardentinha: Suas habilidades de comunicação são uma merda. O que significa, para com isso, neste contexto?

Eu: Se você não vier para o meu quarto mais tarde, vou te sequestrar da sua cama e te arrastar para cá.

Sardentinha: Ah, ok. Isso é um pouco ameaçador, mas um pouco doce.

Eu não sou doce. Não sei como ser. Quando li aquela mensagem antes, eu a encarei por cinco minutos inteiros antes de pegar outro cigarro.

Com uma pontada no estômago, eu espero. Fumo outro cigarro, escovo os dentes novamente e verifico meu quarto mais uma vez para ver se não fiz bagunça.

Meu telefone apita, e eu preciso de toda a minha força, para não atacá-lo. Desespero não é atraente e, aparentemente – de acordo com a namorada de Jason – eu deveria esperar pelo menos dez minutos antes de responder.

Duro apenas trinta segundos antes de ler e responder.

Sardentinha: Ela está dormindo.

Eu: Venha.

Quando alguém bate na minha porta, já estou andando tanto de um lado para o outro no quarto que estou surpreso por não haver fumaça saindo do meu carpete.

Abro a porta e me afasto ansiosamente para deixar Stacey entrar. Ela está usando jeans e um suéter de tricô, o cabelo preso para trás.

— Oi.

— Oi — respondo timidamente, fechando a porta e trancando-a.

Não sei mais o que dizer, e ela obviamente sente o mesmo. Ela olha ao redor do meu quarto, e eu a sigo enquanto ela explora. É grande, maior do que a maioria dos quartos, e as portas duplas que levam à minha varanda a intrigam.

— Vejo você parado aqui em cima muitas vezes. — Ela sai para o frio, olhando para o terreno da mansão. — Sempre fumando.

— Não posso fumar no meu quarto — digo a ela, encostando-me na parede de pedra ao lado dela. — Minha mãe me mataria.

Ela sorri, seus dentes perfeitos, brancos e retos.

Quando voltamos para dentro, percebo que ela treme. Fecho as portas da sacada e ofereço roupas mais confortáveis para ela assistir ao filme. O jeans que está usando fica ótimo nela, mas algo sobre ela usar minhas roupas parece muito melhor. Não esperava que ela aceitasse minha oferta, ou que pegasse minha blusa e short e fosse ao banheiro para se trocar.

Deito na cama e coloco o filme, tentando não pensar em como meu coração está acelerado ou na fina camada de suor se formando entre minhas sobrancelhas.

— Isso é enorme para mim — Stacey diz enquanto abre a porta do banheiro. Minha blusa está quase nos joelhos dela. — Acho que não preciso do short.

Ah, cacete.

Ela o coloca na minha cômoda, e eu engulo em seco enquanto ela caminha em direção à minha cama.

— Meu pai vai me buscar de manhã. Vou voltar para o quarto de Luciella depois do filme. — Ela coloca o joelho na beirada da minha cama. — Ela não pode descobrir que estou aqui. Você contou a alguém?

— Não — minto. Jason e meu pai estão totalmente cientes. — Qual é o problema se ela descobrir?

— Você está brincando? — ela responde, e meus olhos a seguem enquanto ela rasteja para o meu lado para se acomodar contra a cabeceira da cama. — Eu precisaria escapar do país se ela soubesse que estou aqui.

— Parece dramático.

— Este filme é realmente bom? — ela pergunta, mudando de assunto. Ela cruza os braços no peito, e devo admitir, ver seu corpo vestido com minha blusa preta me faz querer nunca começar esta porra de filme.

— O melhor. Se você não gostar, então temo que essa coisa entre nós não vá funcionar.

Ela bufa.

— Sem pressão, babaca.

Acabei de dizer que éramos uma coisa, e ela não me corrigiu. Isso é positivo, certo?

Suas pernas nuas estão bem próximas das minhas, e do jeito que ela está sentada, minha blusa está subindo por suas coxas. Contra meu melhor julgamento, que me diz que eu deveria desviar o olhar e começar o filme, eu digo:

— Se você estiver planejando me atacar de novo, recomendo não fazer isso enquanto assistimos ao filme.

Stacey dá um tapa na minha perna.

— Cale a boca ou eu vou embora.

Não. Ela não vai. Não até que cheguemos aos créditos, e eu a tenha beijado pelo menos dez vezes. Eu deveria dar o primeiro beijo enquanto a ansiedade não está arranhando meu peito e estou pensando demais.

Meus nervos não levam a melhor enquanto me inclino para frente, meus nós dos dedos em seu queixo para inclinar sua cabeça para trás e capturar seus lábios com os meus. Uma carícia de nossas bocas – tão suave e tão viciante quando ela faz um som baixinho. A palma da mão de Stacey pressiona instantaneamente minha bochecha enquanto ela me beija de volta.

Eu poderia beijá-la para sempre.

Não sei por que demorei tanto. Eu deveria ter feito isso anos atrás. Talvez se eu tivesse, eu a teria por mais tempo. Ela seria minha namorada agora, e todos saberiam que ela era minha e eu era dela.

Nós separamos nossos lábios, inclinando nossas cabeças para aprofundar o beijo. Enrolo meus dedos em seu cabelo e a puxo para mim. Perto o suficiente. Minha mão livre agarra vergonhosamente a estrutura da minha cama.

Eu quero continuar a beijá-la. Quero continuar traçando sua língua com a minha, ouvir sua respiração pesada e a sensação de seus dentes pegando meu lábio inferior entre eles. Eu quero tocar sua pele e subir em cima dela. Quero fazer tudo o que imaginei.

Mas não faço.

Eu me afasto, cravando os dentes no meu lábio inferior e sentindo o gosto do seu protetor labial frutado. O peito dela está subindo e descendo; o meu também. Minha testa está contra a dela e, em vez de me afastar totalmente dela, eu a beijo novamente.

É profundo e selvagem. Stacey corresponde a cada golpe da minha língua enquanto posiciona minha mão em sua cintura, agarrando meus ombros e me arrastando para cima dela. Gosto que ela esteja assumindo o controle, porque eu realmente não tenho a mínima ideia do que estou fazendo.

Ela tem gosto de doce intoxicação enquanto puxa meu cabelo. Não sei quanto tempo ficamos assim, mas meus lábios estão em carne viva, meu pau está mais duro que uma pedra e minha blusa subiu tanto no corpo de Stacey que consigo ver sua calcinha e a parte de baixo do sutiã.

A imagem vai me assombrar para sempre. No bom sentido. Eu acho.

Interrompo o beijo, ficando de joelhos e arrastando meu olhar pelo corpo dela. Cada curva.

Cada desenho tatuado. Quero tocá-la em todos os lugares.

— Você não pode ser real, Sardentinha. — Abro minha mão em sua barriga e a deslizo para cima. — Você é linda pra caralho. Foi feita para mim.

— Por mais que eu não queira acariciar o seu ego, você também não é tão ruim — ela responde com uma risadinha, e o jeito que ela diz acariciar faz meu pau estremecer.

Não há como esconder o quão excitado estou. Não sou pequeno, e meu short não faz nada para esconder a tenda sob o tecido. Ela continua olhando para baixo, para ele.

— Nós vamos devagar — ela diz. — Certo?

Nós.

Eu aceno com a cabeça e retiro minha mão.

— Certo. Mas se você quiser alguma coisa — eu digo, os olhos percorrendo o comprimento do seu corpo —, é só me dizer.

Ela coloca minha mão em suas costelas.

— Quero que você me beije de novo.

Ah, graças a Deus. Se ela tivesse me pedido para um oral ou para transar com ela, eu teria me desintegrado em uma pilha de pó.

Eu me abaixo sobre ela e esmago minha boca na dela, devorando seus lábios. Ela chupa minha língua, e eu gemo em sua boca enquanto seu tornozelo engancha atrás da minha perna.

— Eu confio em você — ela sussurra para mim, agarrando meu queixo, então meu olhar é puxado de volta para encontrar o dela. Seu cabelo envolve o travesseiro; olhos verdes, lábios carnudos.

— Quero que você confie em mim também.

Stacey pega a mão em suas costelas e lentamente a desliza por baixo do sutiã – renda preta fina com detalhes costurados em rosê que combinam com sua calcinha. Eu cerro meus dentes e controlo cada respiração através das minhas narinas na maciez de sua pele ali.

— Eu confio em você — ela diz novamente.

Minha mão congela, meus pulmões se contraem. Que porra eu estou fazendo? Não posso sentar aqui e acariciá-la. Não posso fazer nada disso sem estragar tudo. Eu vou fazer algo errado.

Ela percebe minha hesitação.

— Você não vai me machucar.

— Eu poderia.

Ela segura minha bochecha delicadamente, sua voz baixa.

— Não, você não poderia, e você não vai.

— Você quer que eu faça isso? — pergunto enquanto seguro seu seio, precisando de confirmação. Foi ela quem colocou minhas mãos nela, mas agora, eu preciso ouvi-la dizer a palavra de três letras.

— Sim — ela suspira. — Eu quero que você faça isso. Mas não quero que você faça nada com o qual não se sinta confortável. Nós podemos parar, ou ir mais devagar. É só me dizer.

Sem ter que pensar novamente, eu deslizo minha outra mão sob seu sutiã e apalpo seu outro seio. Minha mente ainda não alcançou meu corpo, então enquanto eu empurro seu sutiã até seu queixo para ter uma visão completa, eu a acaricio. Seus seios são pequenos, cheios e empinados, e eu quero saber como eles seriam na minha boca. Quanto prazer ela teria se eu os beijasse?

Seus mamilos se contraem em picos quando eu passo meu polegar em um deles, e ela solta um gemido baixo.

— Porra — eu digo abruptamente.

Stacey suga o lábio inferior na boca e o morde, sua respiração mais pesada.

— Eles não são grandes nem nada de especial.

— Fique quieta.

Ela sorri, mas o sorriso logo some, sua boca aberta enquanto eu rolo seu mamilo entre meu polegar e indicador. Eu me inclino para beijá-la novamente, engolindo seus pequenos gemidos enquanto eu belisco e rolo, acariciando seus seios ao mesmo tempo que a devoro.

Finalmente, eu solto seus mamilos, me viro de costas e a puxo para cima de mim.

Eu puxo minha blusa.

— Tire isso — eu ordeno, quase explodindo em minha boxer enquanto ela a tira de seu corpo e a joga para trás dela. — Perfeita pra caralho.

Ela respira profundamente enquanto eu alcanço e apalpo seus seios novamente. Meu pau está esticando em meu short, e o fato de ela estar sentada a uma polegada dele não ajuda. Eu nunca olhei para alguém e quis transar com essa pessoa. Sim, eu me imaginei colocando Stacey em todas as posições possíveis, mas nunca quis agir nesses cenários.

Não que ela não seja fodível; eu simplesmente não sou esse tipo de cara.

Mas com Stacey apenas de calcinha, montada em mim na minha cama, suas pupilas dilatadas e um rubor na pele, eu quero afundar meu pau nela fundo o suficiente para nunca mais tirá-lo de volta.

Estamos nos beijando novamente, e eu ganho alguma confiança em deixar minhas mãos explorarem seu corpo quase nu. Pego na sua bunda nua, movo para as suas costas, rolo seus mamilos e os belisco enquanto ela choraminga meu nome.

Ela geme em minha boca quando eu belisco mais forte, meus lábios viajando por sua garganta para que eu possa sugar seu pulso, que martela contra minha língua. Eu quero continuar, pegar seu mamilo entre meus dentes, mas volto para sua boca em vez disso.

Ela choraminga enquanto eu puxo seu cabelo, nos virando novamente para que eu esteja entre suas pernas.

— Nós nunca vamos assistir a essa porra de filme.

— Como era mesmo o nome? — ela brinca, sorrindo enquanto eu mordisco seu maxilar e tiro o cabelo do seu rosto.

Eu me aproximo dela, entrelaçando uma mão com a dela enquanto a outra enrola uma mecha de cabelo preto no meu dedo.

— Você disse que seria uma boa garota.

Quando mandei uma mensagem bêbado na outra noite, ela disse que eu tinha que levá-la ao McDonald's toda semana, agora que eu tinha licença, e eu disse que só se ela fosse uma boa garota.

A resposta dela?

Eu sempre sou uma boa garota, Kade.

Eu quase morri.

Ela finge suspirar.

— Estou sendo uma garota má?

Por dentro, eu gemo enquanto olho para seu corpo, agora vestido apenas com sua calcinha.

— Muito.

— Então é melhor você colocar o filme. — Stacey morde meus dedos de brincadeira antes de, infelizmente, colocar minha blusa de volta. — Ou eu vou assistir com Luciella.

— Mentira. Ela nunca assistiria de bom grado.

Stacey se aconchega ao meu lado, e eu envolvo meu braço em volta dos ombros dela. O filme começa, e nós dois focamos nossa atenção nele, em silêncio, a menos que ela esteja me fazendo perguntas sobre ele. Ela sorri muito. Seus olhos se arregalam muito. Ela aperta muito seus dedos nos meus.

É uma sensação boa.

Eu a sinto afundar em meu abraço enquanto a cantora de ópera começa. Eu não assisto a tela da TV; estou olhando para ela. Seus olhos estão fixos no filme; ela está pendurada em cada palavra, cada letra que sai dos lábios da ruiva.

— Por que é tão triste? — ela pergunta com o queixo trêmulo. — A esposa dele pode ver a maneira como ele está reagindo. Eu quero abraçá-la.

— Eu sei.

— Mas a música é tão linda e de partir o coração.

— Eu sei.

Nós assistimos ao resto do filme, e quando os créditos aparecem, nós dois estamos bocejando, as pernas entrelaçadas, seu cabelo selvagem no meu rosto.

— Eu adorei — ela diz com outro bocejo. — Precisamos assistir de novo.

— Quando você quiser.

Estou a segundos de adormecer. Nunca dividi a cama com ninguém. Mesmo quando eu era criança e Luciella tinha medo do escuro, eu dormia no chão dela até ela se acalmar.

A ideia de dormir ao lado de alguém nunca me ocorreu. Eu nunca quis. Nunca imaginei. No entanto, com Stacey enterrada ao meu lado, seu joelho sobre mim, eu fecharia meus olhos alegremente e adormeceria. Seguro sua coxa, meu nariz em seu cabelo e não me incomodo em perguntar se ela vai ficar.

Jason está certo – eu gosto dela. Isso é estranho, considerando que só a beijei algumas vezes? Existe uma linha do tempo para sentimentos e toda essa besteira emocional?

Ela ainda não sabe, mas meio que está presa a mim. Não posso dizer isso em voz alta sem que ela saia correndo para as colinas, mas o fato de eu nunca ter olhado para outra garota com interesse ou pensado nelas como bonitas até vê-la diz muito.

Mas não tenho ideia do que fazer com ela.

Stacey se move ao meu lado, descansando a cabeça no meu peito; ela provavelmente consegue ouvir o quão rápido e forte meu coração está batendo. Ela é paciente comigo. Vai me dar tempo para me ajustar a tudo isso. Até a maneira como ela coloca a palma da mão no meu peito ao lado da cabeça é gentil.

O cheiro do seu shampoo e o som de sua respiração profunda são as últimas coisas de que me lembro antes de adormecer. Caio no primeiro sono tranquilo que tive em anos enquanto nós dois nos abraçamos.

Quando acordo de manhã, a blusa que dei a ela está cuidadosamente dobrada na minha cômoda – e ela se foi.

Pego meu telefone e percebo que tenho uma mensagem dela. Uma foto que ela enviou há uma hora. Estou desmaiado, de conchinha com ela, meu rosto enterrado em seu cabelo. Ela está sorrindo sonolenta e mostrando o dedo do meio, com uma mensagem abaixo da imagem que diz:

Você ronca tão alto, idiota.

CAPÍTULO 23



Kade

Meus olhos se esforçam contra a luz enquanto Stacey me segue para fora do hotel.

Ela não falou uma palavra comigo. Acordei na sua cama, ela no chão com um cobertor – tremendo. Joguei um edredom sobre ela e me esgueirei para o meu quarto antes que acordasse.

Stacey lavou todo o sangue das minhas mãos, braços e rosto, até do meu cabelo, e então dormiu no chão duro.

Mandei uma mensagem de texto pedindo desculpas, e tudo o que ela disse foi que tínhamos quinze minutos antes de precisarmos sair.

O silêncio está começando a me irritar.

Quando pergunto se ela quer pegar comida, ela solta apenas um "uhm". *Uhm*. Que porra é essa? Um sim ou um não?

— Onde está seu carro? — ela pergunta, olhando ao redor do estacionamento.

Por um segundo, não tenho ideia enquanto olho ao redor também, então me lembro, e solto um suspiro, ainda mais irritado por ter o destruído.

— Precisamos pegar um táxi.

— O que aconteceu com seu carro?

Dou de ombros e pego um cigarro. Provavelmente ainda está enterrado em uma vala, a menos que Barry tenha limpado isso também, mas ainda não tive notícias dele.

Ela digita em seu telefone enquanto se inclina contra uma parede, cruzando os braços com uma carranca no rosto, então verifica as horas em seu relógio enquanto bate o pé. Divertido, eu me inclino contra o corrimão e

encho meus pulmões com algo que nem de longe é tão venenoso quanto ela.

Meu lado está muito machucado, mas eu acolho a dor. Isso me impede de olhar para Stacey e querer iniciar uma conversa com ela, vê-la sorrir ou tê-la de joelhos novamente.

Acho que ela estava tocando o hematoma enquanto eu dormia, a menos que eu estivesse alucinando. Lembro-me de abrir meus olhos para seu rosto contorcido em confusão enquanto as pontas dos dedos traçavam a pele arroxeada, seu lábio tremendo antes que tudo ficasse preto novamente.

Assim que vou perguntar, ela marcha em direção ao nosso carro. Tenho que me apressar para alcançá-la.

Eu deveria agradecê-la por pelo menos ter cuidado de mim quando eu obviamente não conseguia nem falar.

— Sobre antes...

— Não — ela avisa. — Só entre no carro, Kade.

Eu franzo a testa com a maneira como ela diz meu nome.

— Tudo bem. Luciella acha que acabamos de sair do voo — eu digo enquanto entramos no táxi. — Vamos parar em algum lugar para comer e ir encontrá-los. Minha avó não estará lá. Infelizmente, ela está gripada. — A última parte é dita com sarcasmo.

Nada. Nenhuma resposta.

Se ela não fosse Stacey, meu lado violento iria querer esmagar sua cabeça no vidro por me ignorar. Fazê-la sangrar. Gritar por perdão.

O tratamento do silêncio que dou a ela é para o seu próprio bem.

Stacey me ignorar agora é apenas um comportamento infantil.

Não deveria me importar, que ela não olha para mim, mas me vejo ficando agitado e um pouco nervoso por ela estar apagando minha existência. Ela é a única pessoa no mundo que já me fez sentir assim, e isso me faz cerrar os punhos de raiva.

Eu sou Kade Mitchell. Não me importo com emoções. Não me importo com as pessoas, especialmente com as que me fodem. Então, por que não consigo parar de olhar para ela?

Meu telefone toca com meu próximo contrato. Meio milhão. Um dono de clube de onde ficaremos. Conhecido por ser um aliciador.

A última parte confirma que vou gostar do serviço.

Leio o arquivo enquanto Stacey olha pela janela.

Ele se safou de estupro, por ter roubado milhares de uma senhora e drogado uma garota menor de idade antes de fazê-la dar um boquete nele.

Quando eu pegar esse idiota, vou fazer doer. A família da jovem está pagando a Bernadette – e a mim – mais do que o suficiente para prolongar a dor. Eles entraram em contato com Bernie algumas semanas atrás, depois de ouvir sobre ela de parentes na Escócia, e pediram especificamente o seu melhor.

E eu nunca decepciono.

O hotel em que estamos hospedados tem uma piscina nos fundos, cercada por espreguiçadeiras. Base tem me enviado fotos dele em uma delas com uma cerveja. Mamãe e Ewan aproveitaram ao máximo o bar, e Luciella esperou impacientemente por sua melhor amiga, que atualmente está digitando em seu telefone com uma carranca e mordendo sua unha do polegar.

O silêncio está me deixando desconfortável. Foda-se.

— Me desculpa — eu digo, cruzando meus braços. — Por ter te acordado. Eu estava apenas... — Drogado pra caralho. — Bêbado.

Ela não tira os olhos do telefone.

— Está tudo bem.

Não está nada bem. Olhe para mim. Grite comigo. Faça alguma coisa, cacete.

Passamos as últimas vinte e quatro horas discutindo e nos fazendo gozar, e agora ela não pode me dar um olhar porque eu atirei em alguém que estava tentando sexualizá-la? Claro, ela não tem ideia do que aconteceu no resto do dia, mas eu só estava fazendo meu trabalho.

Um trabalho que eu nem quero, porra.

Mas se eu disser a Bernadette que estou fora, eu e meu pai provavelmente veremos uma sentença de morte. O resto da minha família vai piorar.

Recusei um contrato há pouco tempo, e ela ameaçou meus cachorros. Meus *cachorros*, inferno.

Balançando a cabeça de um lado para o outro, apoio os cotovelos nos joelhos.

— Tudo bem. — *Não tem o que fazer*. — Esqueça as últimas vinte e quatro horas.

— Já esqueci.

Minhas mãos se fecham com raiva desnecessária, e eu mexo minha mandíbula.

— Ótimo. — Quando chegamos ao hotel, Stacey me ignora e sai do

carro.

Preciso conter minha irritação e dizer a mim mesmo para não arrastá-la para um quarto e dobrá-la sobre meus joelhos. Essa atitude dela é absurda.

Abraço minha mãe e aceno para Base me seguir até nosso quarto enquanto Luciella solta um grito animado e agarra sua amiga para um abraço.

— Cara, eu tenho tantas histórias do caralho pra você — Base diz enquanto destranca a porta do quarto de hotel. — Vamos sair mais tarde, certo? Fiz um *ménage à trois* ontem à noite e peguei os números delas!

Luciella franze o rosto enquanto ela e Stacey param algumas portas depois da nossa. Perfeito. Exatamente o que eu preciso.

— Por favor, Sebastian, pare de ser tão vulgar.

Apesar da minha fúria agora, luto contra um sorriso enquanto Base a encara.

— Não me chame assim.

— É seu nome, não é? — Ela abre a porta; Stacey entra sem dizer uma palavra. Os olhos da minha irmã queimam em mim. — Esteja pronto em uma hora. E não ouse estragar isso para o nosso pai.

Estreito minhas sobrancelhas.

— Com quem diabos você pensa que está falando?

Ela balança a cabeça de um lado para o outro.

— Alguém que costumava ser meu irmão, mas agora está possuído por um demônio fodido e ferido. Se recomponha, Kade. Quando foi a última vez que você dormiu?

Olho para ela.

Base cruza os braços bufando.

— Não me chame de Sebastian.

— Tudo bem, Sebastian — Luciella grita enquanto bate a porta.

— Talvez eu mate sua irmã — ele diz, balançando a cabeça em negação e pegando uma das minhas malas. — Ela está sendo uma peste desde que saímos da mansão. Perguntei se queria se juntar a... — Ele para. — Não importa.

Ótimo.

O quarto é grande, com duas camas de solteiro, uma suíte com chuveiro e banheira, e uma varanda com vista para a piscina.

— Acha que elas vão sair hoje à noite também? — ele pergunta

enquanto se joga na cama. — Luciella não vai me dar a hora do dia, então talvez eu aborde a melhor amiga dela.

— Parece tóxico.

— Porque eu, Sebastian Ivanovich Prince, sou tóxico. — Ele pisca para mim e diz em russo: — Vou fazer sua irmã perceber que sou o seu amor verdadeiro transando com a melhor amiga dela.

Com os olhos tremendo, vou para o banheiro para tomar banho – de novo.

— Espere. Você entendeu o que eu disse? — Base se senta, confusão no rosto. Ele não tem ideia de que sou multilíngue. — Ei, o que houve? Você disse que estava tudo bem se eu gostasse de Luciella?

— E está. — Eu paro antes de fechar a porta. — Estou apenas cansado.

Ele resmunga.

— Tudo bem. Vou fazer planos. Me dê seu telefone. O meu está sem bateria.

Eu jogo para ele. Tenho todas as minhas coisas de trabalho sob senhas – a última coisa que preciso é que ele saiba da vida secreta que eu vivo; que não sou a estudante de engenharia que ele acredita que eu sou.

Mas ele inclina a cabeça assim que o destrava.

— Uhm, Kade? — Ele se levanta da cama, virando a tela para mim, e meu coração se afunda. — Por que você tem uma foto de ultrassom no seu telefone? Você engravidou alguém?

Antes que ele possa inspecionar a foto e ver o nome da mulher, eu a tiro da mão dele.

— Carregue e use seu próprio telefone, e não, eu não engravidei ninguém.

— Isso era uma ultrassonografia.

Balanço minha cabeça de um lado para o outro.

— Estou falando sério, Base. Esquece isso.

— Eu sou seu melhor amigo. Você pode me contar essa merda. Quem você engravidou? Quando você vai ser pai? Eu preciso saber esse tipo de coisa! Eu serei o tio Base!

Se ao menos ele soubesse a idade desse ultrassom.

Eu o encaro enquanto seguro meu telefone na palma da mão.

— Pare.

Levantando as duas mãos, ele se afasta. Ele não acredita em mim,

mas eu não insisto no assunto antes de voltar para o banheiro e tentar não desmaiar de tão rápido que meu coração está disparado.

Assim que a porta está trancada, ligo o chuveiro, esperando o lugar ficar embaçado com a cabeça entre as mãos. Tenho a pior enxaqueca se formando, sinto como se tivesse sangue e tripas por todo o corpo, e estou desconfortável pra caralho.

A água escaldante queima minha pele por dez minutos antes de eu desligá-la, me vestir e ir até a recepção para encontrar minha mãe, Ewan e minha irmã.

Base e Stacey não vão ver meu pai. Minha mãe sugere que eles tomem uma bebida e nos esperem, o que me irrita porque sei que Base vai flertar com ela até sua língua cair.

O táxi para a instalação do meu pai leva meia hora, e Ewan fala comigo sobre seu novo projeto e como posso ajudar. Ele está tentando me fazer voltar para a construção com ele; ele provavelmente percebeu que estou um pouco fora dos trilhos. Eu sempre gostei de ajudar – isso mantinha minha cabeça no lugar – mas agora não tenho tempo, nem capacidade mental para me concentrar em algo assim.

Ewan nos diz que vai nos encontrar em uma hora, que vai falar com alguém no prédio sobre um empreiteiro. Ele sempre quer dar aos meus pais um tempo juntos. Ajuda o meu pai a ter tempo com minha mãe. Eles têm um grande vínculo, considerando sua história horrível.

É um amor distorcido, e bagunçou tanto a cabeça do meu pai que ele não consegue se concentrar em mais ninguém sem compará-las a ela ou instantaneamente se tornar obsessivo novamente.

Ele é um psicopata diagnosticado que ama minha mãe – de um jeito aprendido, estudado, mesmo que não seja como uma pessoa neurotípica amaria. Seus sentimentos são limitados, mas o bastante para manter o laço entre eles intacto.

Meio triste se você pensar sobre isso. Estar apaixonado pela mesma mulher por mais de vinte anos e saber que eles nunca terão um final feliz deve ser difícil. Às vezes comparo a história deles com a minha e a de Stacey, e me pergunto se ainda estarei vigiando-a em vinte anos.

Provavelmente.

Merda. Eu sou como meu pai.

Assim que entramos na área principal da instalação, um parque coberto com um lago artificial, avistamos papai no banco de piquenique –

aquele em que ele sempre se senta e espera por visitas.

Ele olha por cima do ombro e seus olhos brilham.

— Oi, querida — ele diz enquanto se levanta e abraça minha mãe. Eles se abraçam, como se não tivessem passado horas juntos ontem. — Você dormiu bem?

— Dormi — responde minha mãe, segurando seu rosto e alisando os polegares sobre sua pele. — Você se barbeou. O comentário de Luciella sobre ter cabelos grisalhos na barba subiu à sua cabeça?

Ele dá um sorriso de lado. Minha mãe sorri e cora.

Eu e Luciella ficamos atrás deles em silêncio.

Olhos escuros e ameaçadores pousam em mim, e pela primeira vez em Deus sabe quanto tempo, acho que ele pode me bater. A ansiedade me atinge enquanto ele se move, estudando meu rosto, meus olhos, todas as tatuagens que adquiri nos últimos dois anos.

— Oi, filho.

Com os lábios retos, eu aceno.

— Pai.

Normalmente, quando eu visito, ele me puxa para um abraço ou me oferece algumas palavras de incentivo sobre o quão bem estou, o quanto meus treinos têm me feito justiça. Mas desta vez, ele apenas me encara, tentando me ler.

Dormindo o mínimo possível, com uma dor na lateral por causa do tiro, um rosto machucado pelo soco de Crawley, uma ressaca e mal tendo cuidado da mina saúde pelos últimos três dias, eu ficaria surpreso se estivesse parecendo normal agora. Provavelmente, estou pálido e com uma aparência exausta. E eu definitivamente, esqueci de pentear meu cabelo. Está uma abominação de cachos e ondas por todas as direções, caindo sobre a minha testa.

Luciella interrompe o momento estranho, abraçando-o, e só então ele se anima e nos leva para a área do lago.

Ele segura a mão da minha mãe, Luciella engata o braço em volta do dele e eu caminho atrás deles – em silêncio, incapaz de sequer pensar em um assunto para começar a conversa enquanto eles discutem o que planejam fazer nos próximos dias.

Eu não deveria estar aqui. Não há razão para eu estar aqui.

Ele perdeu outro recurso, mas eu já sabia que perderia. Ele queria visitar a Escócia por um fim de semana, mas como não fiz o que me foi

dito, Bernadette garantiu que o recurso não fosse aprovado, e agora ele está permanentemente impedido de entrar no Reino Unido.

Duvido muito que qualquer país o deixaria entrar de qualquer maneira. Ele é conhecido mundialmente como um louco psicótico.

Luciella diminui o ritmo para andar comigo.

— Qual o seu problema? Fale com ele.

Dou de ombros.

— Não sei o que dizer.

Não visito meu pai há quase dois anos. A última vez que tivemos uma grande discussão e eu derrubei uma das mesas de piquenique. Ele tem mais cabelos grisalhos agora, mas ele vai na academia que eles têm aqui e come de forma saudável.

Você pensaria que um homem na casa dos quarenta, pareceria ter pelo menos quarenta, mas ele é apenas uma versão um pouco mais velha de mim, com o mesmo nível de condicionamento físico. Ele provavelmente seria capaz de me dar uma surra sem nem se esforçar.

— Talvez deva começar se desculpando — ela diz, observando ele e minha mãe rirem de algo enquanto ela descansa a cabeça em seu ombro. — Você o chamou de lunático, disse que era um desperdício de oxigênio e que era melhor morrer pelo que havia feito com a nossa mãe, antes de ir embora.

Assim que essas palavras saíram dos meus lábios, eu me arrependi delas. Mas eu estava furioso demais com ele para me virar e pedir desculpas, para retirar tudo. Ele ficou magoado com o que eu disse – foi a primeira vez que o vi chorar.

Ele tentou concordar comigo, que minha mãe não o merecia, ou nada que tivesse a ver com ele, mas não esperei para ouvi-lo se explicar. Saí furioso, bloqueei o número da instituição e continuei com minha vida.

Tudo porque ele tentou falar comigo sobre Stacey. *Você não a odeia, filho. Você só está bravo com ela*. Ele sabia tudo sobre nós. *Deve haver uma razão para ela estar agindo assim*. Cada viagem. *Ninguém muda da noite para o dia*. Cada vez que me senti feliz. Ele até sabia até quando eu a tinha pedido para ser minha namorada. *Você precisa ouvi-la, Kade. Se você a ama, deixe-a se explicar.*

Tobias Mitchell não era a pessoa ideal para dar conselhos sobre relacionamentos. Quero dizer, fala sério. Uma vez, ele parou de tomar os remédios e sequestrou minha mãe para chantageá-la a ter um

relacionamento com ele.

Ele tem mil e uma facetas de obsessão psicótica, mas, de alguma forma, foi ele quem me fez ver que eu estava me apaixonando por Stacey quando eu era adolescente.

— Deveríamos voltar em alguns minutos — minha irmã sussurra para mim enquanto nossos pais falam sobre a noite deles. — Talvez tomar um café?

Meu pai me dá um olhar mortal, e sinto todo o sangue sumir do meu rosto.

— Sim. Boa ideia.

Nós os deixamos em paz e vamos para o refeitório. Sento-me em uma das mesas enquanto Luciella vai fazer o pedido, retornando com um chá grande para ela e um café com leite para mim.

— Sinto muito pelo que eu disse antes. Sobre não se parecer mais com meu irmão.

Eu bufo.

— Está tudo bem. Eu não tenho sido muito presente.

— Você está... Você está realmente bem? Sabe que pode falar comigo.

Nós já fomos tão próximos quanto irmãos poderiam ser uma vez, mas quando a melhor amiga dela me arruinou, eu não conseguia suportar olhar para nenhuma delas. Quase contei a ela sobre nós tantas vezes enquanto ligava para casa bêbado, quase disse a ela que eu e Stacey estávamos namorando escondidos e que eu sentia muito.

Mas o pedido de desculpas teria sido uma mentira.

— Eu tenho uma pergunta — digo. Formulo uma mentira para poder dar mais informações a Barry. — Quando estávamos no avião, Stacey tirou o moletom. E, ela está com alguns hematomas. — Bebo minha bebida quente, ignorando a queimadura na minha língua. — Ela disse que eram do estúdio.

Preciso saber quem fez aquilo. Se minha irmã me disser que ela está saindo com alguém, vou garantir que a última semana da vida dele seja vivida em terror. Eu vou cegá-lo, arrancar as pontas dos dedos dele, enfiar uma chave de fenda em seus ouvidos e fazê-lo engasgar com seu próprio pau.

Luciella franze a testa.

— Uma coisa que todos nós sentimos inveja é o quanto demora

para Stacey ficar roxa. Tem certeza de que eram hematomas?

— Tenho. Ela também tem cicatrizes.

Minha irmã estuda seu copo de papel.

— Notei as cicatrizes. Ela disse que a maioria delas é de alguma queda ou acidente bobo. Não notei hematomas. Vamos sair com você e Base hoje à noite, então talvez eu peça para ela usar um vestido curto e ver o que ela diz.

Paro de beber e coloco meu copo na mesa.

— Você e Stacey vão sair com a gente? Desde quando?

— Base me convidou mais cedo — ela responde, dando de ombros. — E eu disse sim.

Caralho, não quero sair com a Stacey hoje à noite. Já tenho planos e preciso cumprir o contrato até às três da manhã.

— Eu poderia perguntar diretamente a Stacey como ela conseguiu os hematomas — ela diz, mordendo seu salgado.

— Não a coloque em uma situação desconfortável assim.

Ela arqueia uma sobrancelha e olha para mim até eu me sentir inquieto.

— Por que você está tão preocupado? Pensei que vocês dois não se suportassem.

— Eu não me importo. Foi só uma observação. Ninguém gosta de ver outra pessoa parecendo que levou uma surra.

Ela murmura em concordância e termina sua bebida.

— Vou ficar de olho nela — diz, então seus olhos se arregalam.

— Ah, o caixa disse que há muitos paparazzi lá fora, aparentemente. Eles devem ter descoberto que estávamos visitando o papai.

— Incrível — eu digo sarcasticamente. — Para onde vamos depois? — pergunto. Sei que Base já planejou.

Vou apenas me certificar de que eu saia, conclua meu trabalho e volte sem que eles percebam.

— O lugar em frente ao cassino, perto do calçadão. Começa com M?

Eu grito interiormente. Este dia não pode ficar pior.

De todos os clubes que poderíamos ir, eles escolheram logo aquele cujo dono eu preciso matar, porra?

— Seu pai quer falar com você. — Minha mãe aparece na entrada do refeitório. Ela inclina a cabeça para o corredor. — Sozinho.

Suspiro e sigo as placas de volta para a visitação enquanto respiro fundo.

Assim que entro, papai fixa seu olhar furioso em mim.

— Senta aqui, cacete. — Sem pestanejar, faço o que ele manda.

— Desde o começo. — Tento não desviar os olhos da intensidade do seu olhar. — Diga-me o que diabos está acontecendo... Desde o começo, Kade.

Dou de ombros.

— Não sei do que você está falando.

— Não se faça de bobo.

— Não tem nada acontecendo. — Balanço a cabeça de um lado para o outro, olhando para ele com uma expressão séria. — Não se incomode com a minha vida.

Olhos escuros me encaram como se eu fosse o vilão.

— Você está usando drogas?

Tenho certeza de que o branco dos meus olhos ainda tem um tom vermelho, e distraidamente fungo e olho para meus joelhos saltitantes sob a mesa.

— Não.

Pelo jeito que respondo, não há dúvida de que essa é a maior mentira que já contei para ele. Não tenho tempo para nada disso.

— Vou perguntar de novo. Você está usan...

Eu me levanto abruptamente da mesa.

— Não vou jogar esse maldito jogo — eu estalo enquanto caminho em direção à saída. Meu pai grita algo para mim, mas eu o bloqueio e gesticulo para o porteiro me deixar sair.

Ele sabe que estou usando alguma coisa, o que significa que minha mãe logo saberá. E então meu plano de me manter fora do radar deles vai por água abaixo.

CAPÍTULO 24



Stacey

Eu amo Luciella, mas com o número de lojas de vestidos em que ela me arrastou antes de voltarmos para o hotel, pensei em empurrá-la na frente de um carro em alta velocidade.

Aparentemente, o clube para onde vamos é chique e caro, então ela quer que nos misturemos com as garotas glamourosas usando os vestidos mais ousados que já vi na vida.

Parece até que ela estava tentando me deixar pelada com os pedaços de pano que escolheu. Lu nunca foi de exibir seu corpo, então por que justo hoje à noite?

Eu disse não a todos os vestidos que ela jogou em mim, escolhendo o que tinha mais tecido.

Não estou no clima esta noite. Passar horas com Base enquanto ele listava todos os motivos pelos quais Luciella e ele deveriam se casar me dava dor de cabeça.

E não quero passar tempo nenhum com Kade. Fico irritada só de ver a cara dele.

Ele teve outra discussão com o pai mais cedo, e Lu me disse que ele saiu furioso. Foi a primeira vez que eles se viram em dois anos. Eles conversaram brevemente no telefone, mas Tobias aparentemente não ficou feliz quando viu seu filho.

Deito na cama lendo enquanto Luciella leva horas no banheiro. Mando mensagens para Tylar, digo a Kyle que estou me divertindo e que talvez precisem me buscar em Glasgow quando eu pousar, e apago as mensagens de sempre de Chris e seus vários outros números.

Recebi duas há uma hora e me recuso a responder.

Kade: Já melhorou seu humor?

Kade: Vou entender isso como a porra de um não.

O cara pode ir se foder. Ele literalmente me disse para esquecer o que tinha acontecido entre nós, e agora está irritado por eu estar ignorando-o?

A porta se abre e eu rapidamente desligo as mensagens enquanto minha melhor amiga sai com um sorriso. Ela está usando um vestido azul-marinho que contorna cada curva de seu corpo, acentuando seu peito, seu cabelo loiro cacheado, preso para trás. Ela está linda. Embora ela e Kade sejam gêmeos, eles não são idênticos – ela puxou a mãe, e Kade – obviamente – puxou sua aparência e personalidade de Tobias.

O sorriso de Luciella se transforma em uma carranca, suas mãos agora nos quadris.

— Por que você não está pronta?

— Preciso tomar banho.

Ela geme dramaticamente.

— Você poderia ter tomado banho no quarto da minha mãe ou de Kade.

Vou passar a última opção.

Quando estou de banho tomado e pronta, Lu me encara como se não tivesse me visto arrumada milhões de vezes.

— Cacete, você está sexy. Precisamos bancar o cupido uma da outra hoje à noite.

— Isso teria sido possível se você não tivesse concordado em sairmos com seu irmão gêmeo e Base.

Ela resmunga.

— Foi uma decisão impulsiva.

A seda preta do meu vestido desliza contra minhas pernas lisas enquanto caminho até o espelho. Há uma fenda na perna até o quadril, e o vestido mergulha em um V profundo na frente para que meu decote fique à mostra. O detalhe da malha e meus seios pressionados juntos, felizmente, escondem a cicatriz ali.

O dragão enrolado em volta da minha perna é como arte tipográfica. Do meu joelho até o ápice da minha coxa, a tatuagem é feita de citações dos meus livros, filmes, letras e frases idiotas favoritas que Kade e eu costumávamos trocar. Elas são pequenas o suficiente para você pensar que são apenas linhas e sombreamentos – a menos que você olhe de perto – o que significa que levou cinco sessões para terminar.

Kade a desenhou para mim.

A letra de *From Now On* de *O Rei do Show* é a que eu mais gosto. Assistimos ao filme juntos na primeira vez que fui ao quarto dele, e rapidamente se tornou nosso favorito – mais como uma obsessão compartilhada.

Kade pode ter coberto as que ele fez para mim, mas eu sempre vou manter as minhas.

Ela olha para o meu pescoço quando eu peço para ela prender minha corrente.

— O que são esses hematomas? Eles estão por toda parte.

Todo o sangue escorre do meu rosto. Eles não são mais roxos e azuis escuro, mas amarelos desbotados. Pensei que seriam menos visíveis agora.

— Ah, eu... — *Pense. Pense, Stacey.* — Eu caí da escada.

— Uhmm. Deve ter sido uma queda e tanto — ela diz enquanto digita no telefone com os polegares rápidos. — As da sua casa?

Eu mordo o interior do meu lábio.

— Sim.

Ela me encara.

— Você pode confiar em mim. Sabe disso, certo?

— Eu caí, Lu.

— Se alguém estiver te machucando...

— Lu, sério, pare. Estou bem. Eu caí da escada quando estava atrasada para a aula outro dia, ok?

Alguns segundos, e ela se vira para o espelho para passar o batom.

— Contanto que você saiba que pode falar comigo.

E, felizmente, esquece o assunto.

Pelo menos, eu acho.

Luciella fecha a porta no momento em que Aria anda pelo corredor, entrelaçando seu braço no de Ewan.

— Ah, vocês estão lindas — ela diz, nos dando um sorriso caloroso.

— Lembre-se do que eu disse, querida. Me ligue se estiver perdida ou se beber demais.

Ela suspira.

— Eu tenho vinte e um anos, mãe, não doze.

— Então pare de agir como uma pirralha — a voz profunda de Kade vem de trás de nós, e embora meu sangue ferva com sua proximidade, eu pinto uma expressão vazia quando me viro para encontrá-lo encostado no batente da porta com os tornozelos cruzados.

Desvio meu olhar quando ele olha para mim. Planejo dar o mesmo tratamento gelado que recebo dele há anos, mas acho que vou ter que me esforçar essa noite.

Meus olhos voltam para ele, e seu olhar se volta para sua mãe.

Eu sempre achei Kade gostoso, desde o momento em que o conheci na casa da piscina e ele foi rude comigo. Stacey, de quinze anos, sentia arrepios no peito toda vez que o via.

Mas esta... esta é minha versão favorita dele. Ele está vestindo calça preta de terno, sem paletó ou gravata, e uma camisa branca impecável enrolada até os cotovelos para exibir seu relógio caro. Seu cabelo escuro está tão bagunçado como sempre, do jeito que ele gosta.

Sei que se eu levantar a camisa dele, verei um hematoma enorme no seu lado, e quero senti-lo tremer sob meu toque novamente.

Foi inapropriado da minha parte tocá-lo, mas o roxo profundo de sua pele me deixou muito curiosa. Os olhos de Kade estão fixos em sua gêmea.

— Estamos atrasados para nossa reserva.

— Eu sei — Lu retruca, virando-se para sua mãe. — Deixei minha bolsa na sua mala.

Ewan solta seu braço do de Aria.

— Vamos lá — ele diz, conduzindo Luciella pelo corredor. — Preciso pegar minha carteira de qualquer forma.

Quando eles desaparecem, fico com Kade e sua mãe, me sentindo muito, muito exposta no que estou vestindo. Ela sorri no silêncio, então diz a Kade:

— Você está elegante. Espero que esteja se sentindo melhor.

Aria faz um som de *tsc* para o seu silêncio, e eu olho para ela enquanto ela verifica seu relógio.

— Vou ver o que está os fazendo demorar tanto — ela diz. —

Talvez você tenha mais sorte em arrancar palavras dele.

Abaixo minha cabeça.

O silêncio preenche o corredor.

— Algum motivo para você estar me ignorando? — Kade pergunta.

Impulsividade e idiotice me fazem girar meus saltos ridiculamente altos para encará-lo.

— Vou pedir para Lu para irmos para outro lugar, longe de você e Base.

— Tenho certeza de que Base ficará com o coração partido. — Ele enfia as duas mãos nos bolsos, lambendo os lábios enquanto me observa. — Ele ia dar em cima de você, já que minha irmã não está dando atenção a ele. Mas não é bem sua praia, né? Você prefere homens mais velhos e quartos de hóspedes.

— Vai tomar no cu! — eu fervo, a memória fodida *daquela* noite afundando meu peito. — Quando eu finalmente deixar Base me ter, vou garantir que você esteja por perto para testemunhar como eu tive que te assistir na casa da piscina.

— Que imatura. — Kade ri profundamente. — Não esperava nada menos.

— Não esperava nada menos do quê? — Lu pergunta, aparecendo atrás de mim, sua cabeça inclinada para o lado em confusão. — Não importa. Precisamos ir! — Ela se vira para seu irmão. — Cadê o Base?

— Aqui, princesa — ele cumprimenta enquanto sai do quarto de hotel ao nosso lado, e eu empalideço ao pensar que ele pode ter nos ouvido. — Desculpa. Tive que raspar minhas bolas.

— Que maravilha — ela responde com uma expressão contorcida. — Vamos!

Ela anda na frente, Base a seguindo até que eles se viram e ficam fora de vista.

Kade se afasta da parede, inclinando-se para sussurrar:

— Se você não fosse uma cobra tão traiçoeira, eu diria o quão gostosa está esta noite.

Reviro os olhos, embora sinta que meus nervos estão pegando fogo enquanto caminhamos em direção aos elevadores.

— Seus insultos estão ficando cada vez mais fracos.

— Assim como você.

Estalo a língua.

— Me chame de fraca de novo. Eu te desafio, porra.

— Nós não temos exatamente o melhor histórico com desafios. Temos, Sardentinha?

Viro minha cabeça para Kade, parando meus passos, e ele quase bate em mim.

— Não me chame assim. O que aconteceu com o “esquecer tudo”?

— Esquecer, o quê? — ele provoca, um brilho em seus olhos. Kade parece terrivelmente alegre comparado a como ele estava antes.

Ele não cheira a álcool, mas suas pupilas estão um pouco maiores do que o normal. Eu me afasto dele.

— Pare de falar comigo. Você é irritante.

Kade bufa, e continuamos andando pelo corredor.

— Estou conversando, não tentando te foder.

— Graças a Deus. Já fingi orgasmos suficientes com você para durar uma vida inteira.

Arfo quando Kade me agarra pelo pescoço e me prende na parede em um piscar de olhos, seu peito e aperto me segurando no lugar enquanto sua respiração pesada atinge meu ouvido.

— Vou dizer ao Base para levar minha irmã sem nós e provar o quão cheia de merda essa porra de declaração é.

Calafrios percorrem meu copo, meu pulso vibrando contra sua palma.

— Prefiro que não. — Dou um tapinha em seu ombro, esperando esvaziar seu ego de alguma forma e esconder o quanto ele me afeta. — Mas obrigada pela oferta.

Sua mandíbula se aperta, olhos escurecendo enquanto ele dá um passo para trás e solta meu pescoço. Suas mãos fecham em punhos ao seu lado, mas a sensação de sua pele ainda está em mim, sombras causando estragos em meus hormônios.

— Eu queria que você nunca tivesse conhecido Luciella. — E o balde de gelo que me atinge então, lava esse sentimento. — Queria não ter te beijado naquela noite.

Socá-lo seria ruim, mas eu quero muito fazer isso agora.

— Queria nunca ter chupado seu pau. — Viro as costas para ele. — Mas merdas acontecem. — Jogo suas próprias palavras de volta para ele, as mesmas que ele usou do lado de fora daquele armazém de horrores.

— Gostaria que você nunca tivesse montado meu rosto — ele

murmura baixo o suficiente para que só eu possa ouvir. Base e Lu estão nos esperando no elevador. — Mas sacrifícios precisam ser feitos quando se está entediado.

— Foi a pior chupada da minha vida.

— Com o quão alto você gritou meu nome, duvido muito. — Minhas unhas afundam nas palmas das mãos quando alcançamos o casal que já está discutindo.

Piso intencionalmente em seu pé quando entramos no elevador, e juro que o vejo tentando conter um sorriso. As covinhas que tracei com meus dedos inúmeras vezes afundam profundamente, e preciso desviar o olhar antes que Lu perceba que estou fodendo seu irmão com os olhos.

Ele fica ao meu lado enquanto as portas se fecham. Espelhos enfileiram-se em todas as paredes, e eu olho para cima para vê-lo me encarando através do nosso reflexo.

Enquanto Lu verifica seu telefone, e Base a observa, eu mostro o dedo do meio para ele como um adulto deveria fazer.

Ele reprime um sorriso e balança a cabeça de um lado para o outro.

Base me olha de cima a baixo, então olha para Lu.

— Caralho — ele geme. — Kade, você me mataria se eu fizesse um *ménage* com sua irmã e a melhor amiga dela?

Eu rio.

A carranca de Kade se torna mortal.

Luciella dá um tapa na cabeça dele com sua bolsa e diz para ele calar a boca.

CAPÍTULO 25



Stacey

O clube movimentado é grande o suficiente para que mal nos vejamos. Kade e Base ficam no bar enquanto o último flerta com todo mundo. Eu e Lu sentamos em uma mesa, e acho que bebi todas as suas doses.

Luciella grita por cima da música que Tylar está voando para cá, que ela terminou o trabalho mais cedo e tem uma semana de folga. Ela acha que nossa amiga está mentindo, porque Dez também está vindo para encontrar seus amigos.

Ela não gosta muito disso.

— Por que é um problema tão grande se eles estiverem juntos?

Ela parece mortificada.

— Imagine se eu ficasse com Base! Ele é o melhor amigo do meu irmão.

— Certo, entendo essa parte. Mas Dez não é seu irmão.

Ela morde sua bochecha.

— Só não quero que as coisas fiquem complicadas. E se eles terminarem e virarem uma bagunça? Seria estranho. Se ele a traísse, eu o mataria. Eu diria a ele para ficar longe da minha casa, e então isso causaria uma guerra entre mim e meu irmão. — Ela dá de ombros. — Não quero que isso aconteça.

Eu entendo, mais ou menos. Se ela se sente assim sobre Tylar e Dez, surtaria se soubesse sobre mim e Kade – passado e presente.

Base cai na cabine ao lado de Lu e joga o braço em volta dela.

— Já estão a fim do *ménage*, garotas?

Ela balança a cabeça de um lado para o outro, tentando esconder o sorriso no rosto sem mover o braço dele.

— Nos seus sonhos.

Ele pisca para ela.

— Sonhos podem se tornar realidade, princesa.

E eu entendo isso como minha deixa para ir embora.

— Vou tomar uma bebida mais forte. — Sei que Base não está falando sério. Ele quer Luciella, não eu.

Eu peço uma vodca quando um jovem em um terno preto justo, seu cabelo dourado perfeitamente penteado, aparece ao meu lado; ele sorri enquanto me dá uma segunda olhada, encostando-se no bar e me olhando de cima a baixo.

Agradeço ao barman e tomo meu drinque com um canudo, ignorando-o.

— Gerald — o cara diz com seu forte sotaque americano. — As bebidas da senhorita são por conta da casa.

Eu quase engasgo.

— O quê? Não.

— Eu sou o dono. Uma moça tão bonita quanto você não deveria pagar por bebidas.

Minhas sobrancelhas se erguem.

— E por que você faria isso?

Dando de ombros, ele arrasta seu olhar para cima e para baixo no meu corpo novamente.

— Sou uma pessoa legal e generosa. — Ele pisca e pega sua bebida antes de desaparecer na pista de dança.

Uma mão firme pousa em meu quadril, enviando tremores instantâneos para baixo enquanto uma voz familiar sussurra em meu ouvido:

— Você precisa parar de flertar com meu alvo de meio milhão de dólares.

Eu não me viro, mas inclino minha cabeça um pouco, meus olhos no dono do clube, que agora está rindo com um grupo de garotas.

— Ele vale meio milhão?

Minha respiração para quando ele puxa minhas costas para seu peito, a fenda do meu vestido lhe dá acesso ao contato pele com pele enquanto ele move sua mão para baixo.

— Quanto mais perigoso, mais eu ganho.

Olho para o cara pulando pela pista de dança com um sorriso bobo.

— Ele não parece perigoso.

Seu queixo repousa no meu ombro, e meu olhar dispara para a cabine em que Lu estava, mas ela e Base não estão lá.

— As aparências enganam — Kade diz, seus nós dos dedos subindo e descendo pelas minhas costelas, a outra mão perigosamente perto de uma área que está atualmente coberta de calor pulsante enquanto ele arrasta os dedos pela fenda do meu vestido, enviando choques elétricos ao meu núcleo. — Fique longe dele. Preciso fazer meu trabalho e não preciso ter que lidar com você no meu caminho.

Engulo em seco. Seu toque é suave e carinhoso enquanto o show de laser da cabine do DJ aumenta com a música intensa tocando.

Sem fôlego, consigo virar meu corpo para quebrar o contato, olhando para ele enquanto respondo severamente:

— Não me diga o que fazer.

Kade ri, empurrando a língua contra sua bochecha. O sorriso em seu rosto faz minha pele vibrar.

— Mas você obedece a ordens tão bem — ele diz, esfregando uma mecha do meu cabelo escuro entre os dedos. — Não obedece, Sardentinha?

— Não me chame assim. — Eu franzo as sobrancelhas para ele, ignorando o pulso crescente entre minhas pernas. — E, me diz você: eu sou boa em seguir regras, Kade?

Flertar com ele assim – bem, nossa versão de flerte – é ridículo e estúpido. Luciella pode aparecer a qualquer momento e ver nossa proximidade, a maneira como Kade solta meu cabelo e segura minha bochecha com a mão, inclinando-se para o meu ouvido oposto.

— Era uma das minhas coisas favoritas sobre foder você.

O zumbido no meu sangue, os nervos pegando fogo como inferno, me fazem lutar contra a pressão nas minhas coxas. Contra a necessidade entre minhas pernas, lembrando de todos os comentários horríveis que ele me fez, eu afasto sua mão do meu rosto.

— Se bem me lembro, você foi quem precisou de instruções sobre como fazer uma garota gozar. Pare de menosprezar o que eu fui em nosso relacionamento para se fazer parecer melhor.

Ele ri, tomando um gole de sua bebida.

— Esses showzinhos que você continua dando são fofos.

— Fofos? Não, você que é uma montanha russa ambulante. Num minuto você age como se me odiasse, depois está tentando me foder ou me mandando mensagem. Se resolve aí com sua mão, porque não tô nem aí.

Então, um sorriso brinca em meus lábios, porque eu quero irritá-lo, levá-lo ao limite do tanto quanto ele me levou nos últimos dois anos.

— Agora, eu vou ali, dançar com o seu alvo. Depois vou dizer a ele para me levar para casa e me foder tão forte que vai me fazer esquecer você para sempre. Isso corresponde às suas expectativas sobre mim?

Com a bebida na metade do caminho para seus lábios, ele congela.

— Se isso é você tentando me deixar com ciúmes, não vai funcionar. Eu tive dois anos para superar você.

Pego meu copo do bar.

— Você não vai se importar se eu pedir licença, então.

— Aonde você vai? — ele pergunta enquanto eu desço do banco do bar.

— Descobrir se o seu alvo sabe como fazer uma mulher gritar seu nome de verdade.

— Eu não faria isso se fosse você.

— Ainda bem que não é você, então — retruco.

Seus olhos não saem dos meus enquanto eu recuo, mortalmente calma, e tenho certeza de que ele não está nem respirando. Posso sentir seu olhar na minha pele enquanto atravesso a multidão dançando.

Senti uma raiva escaldante quando o vi com aquela garota na casa da piscina. Sim, eu o tinha visto nas revistas e colunas de jornais que adoravam cobrir seus fins de semana selvagens com várias mulheres, mas estar lá – vendo pessoalmente – foi muito pior.

Ele viu um pequeno clipe meu sendo violada e, pela forma como foi editado, parecia que eu estava transando com outra pessoa de bom grado.

Parecia que eu estava gostando, cortando os momentos em que tentei ir embora ou implorei pelo meu namorado, mas ele interpretou isso como uma traição minha. Entendo por que ele foi embora e se recusou a me ouvir. Eu vi o vídeo, e ele parecia terrível.

Não mostrou nenhuma das outras pessoas que me atacaram enquanto meu irmão assistia. Eu não consenti com nada que aconteceu comigo naquela noite.

Vagabunda.

Você prefere os mais velhos, não é?

Você está morta para mim.

Bem, eu estava morta para mim também.

O alvo de Kade se ilumina quando me aproximo, dançando e envolvendo meus braços em volta do seu pescoço, e suas mãos gananciosas imediatamente encontram meus quadris. Deixo a batida fluir por minhas veias, ignorando seus sussurros em meu ouvido sobre o quão gostosa eu sou, o jeito que ele me morde e a forma como ele arrasta as palmas por todo o meu corpo. Nenhum fogo está acendendo em meu âmago, nenhuma frio na barriga ou o desejo de arrancar suas roupas.

Quanto mais perigoso, mais eu ganho. Ridículo. Esse cara é inofensivo, animado, e até parece ser doce.

Ele me gira e me puxa de volta para ele, e eu quero olhar por cima do ombro para ter certeza de que Kade está nos observando. Para ver se ele está bravo.

Porque eu sei que está.

Kade quer torcer meu pescoço tanto quanto quer foder meus miolos. O sentimento é definitivamente – e irritantemente – mútuo.

Nós nos viramos, o Sem Nome está de costas para o bar, minhas mãos em seu peito, e eu posso ver Kade por cima do ombro, dado o quão baixo seu alvo é. Ele está tomando sua bebida com uma expressão vazia, mas seus olhos não saem dos meus.

Ele inclina seu copo na minha direção com um leve aceno de cabeça.

A raiva aumenta, e quando o Sem Nome dá um beijo em meus lábios, eu não o afasto.

Foda-se Kade. Ele tem me tratado como merda e falado coisas horríveis para mim. Posso ter estado de joelhos e montando seu rosto não muito tempo atrás, mas estou fazendo exatamente o que ele quer.

Estou esquecendo o que aconteceu.

Não sinto absolutamente nada enquanto Sem Nome pressiona seus lábios nos meus – mais desleixados agora – e segura minha bunda com firmeza.

Preciso tirar esse cara daqui antes que ele acabe morto. Não para o benefício do Sem Nome, mas para que Kade não tenha mais uma morte em seu currículo.

Quando a língua desconhecida tenta passar pelos meus lábios, não o deixo entrar; afasto-me e continuo dançando com ele.

Espero que Kade esteja furioso.

Meus níveis de imaturidade já atingiram os céus agora.

A bebida de Kade acabou – agora ele está encostado no bar com as mãos apoiadas e me encarando. Só para ser mais madura, mostro o dedo do meio, sussurrando para Sem Nome me levar para os fundos.

Sei que Kade consegue ler as palavras em meus lábios.

A mão do Sem Nome agarra a minha, e ele me arrasta para fora da pista de dança, pelo corredor estreito onde ficam os banheiros e para fora da entrada dos fundos em um beco escuro e úmido. Quase não há luz, e estamos fechados por paredes altas. Eu imediatamente me sinto desconfortável e com frio.

Não vou para casa com homens aleatórios. Precisei dar tudo de mim para entrar em um aplicativo de namoro depois do que aconteceu comigo. Isso é puramente para salvar a vida dele.

— Você precisa ir embora — eu digo enquanto ele fecha a porta.

O homem não escuta, me puxando para ele e acariciando meu rosto com as duas mãos.

— Mas a diversão acabou de começar, linda.

Eu me mantenho calma enquanto empurro seu peito, mas ele não se move um centímetro do aperto que tem sobre mim.

— Me solta!

Ele esmaga sua boca na minha dolorosamente, e o pânico se instala. Eu mordo seu lábio, com força, até sentir o gosto de cobre e então piso em seu sapato com meu salto.

Sem Nome limpa o sangue do lábio, olhos arregalados, antes de atacar.

— Sua provocadora de merda...

Um punho voando em seu rosto o interrompe, lançando-o contra a parede com tanta força que estou surpresa que seu crânio não esteja rachado.

Kade segura meu queixo enquanto procura por quaisquer ferimentos. Seu polegar limpa o sangue do meu lábio.

— Ele bateu em você?

Puxo meu queixo para longe.

— Não. O sangue é dele.

— Que merda você pensa que está fazendo? Que parte de “ele é perigoso” você não entendeu?

Ele bate o cotovelo no rosto do Sem Nome quando ele se joga em direção a Kade em um ataque fraco. O homem cai no chão novamente, gemendo e segurando sua boca que sangra excessivamente.

Meu ex aponta para ele.

— Fique no chão, porra. Vou lidar com você em um minuto.

Eu cruzo meus braços.

— Eu disse a você o que eu estava fazendo — afirmo. Uma grande parte de mim quer correr de volta para o clube para fugir do Sem Nome, para longe de seus avanços horríveis, mas também não quero que Kade mate outra pessoa. — Só deixe ele ir.

Esta versão dele não é real. Não pode ser.

— É o meu trabalho — ele retruca.

Quando Sem Nome se levanta novamente, Kade range os dentes e o agarra pelo pescoço, jogando-o contra a parede.

— Você gostou disso? Gostou de ter a porra da atenção dela?

— Cara, vamos lá. — Ele ri, os dentes manchados de vermelho enquanto cospe para o lado. — Eu tenho opções muito melhores do que ela, se estiver procurando por qualidade.

Franzo a testa com o comentário.

Kade dá uma cabeçada nele – seu nariz explode em vermelho, seu crânio estalando contra a parede. Ele tira a camisa do cós e puxa a arma que tinha antes, pressionando-a sob o queixo de seu alvo.

Eu corro para frente.

— Kade, pare! Você não quer fazer isso, não de verdade.

— Parar? — ele retruca, agarrando o cabelo do cara. — Você sabe por que fui designado para matá-lo?

Os olhos do Sem Nome se arregalam, implorando e suplicando silenciosamente, mas a atenção de Kade está em mim.

— Um pai contatou minha chefe e queria ele morto por ter drogado sua filha menor de idade e a estuprado.

Paro de respirar, meu estômago se embrulha.

— Ele é um filho da puta imundo. Não é, seu idiota? Quantas garotas foram vítimas suas?

Sem Nome sorri. Preciso desinfetar minha boca.

— Então, você sabe que tenho o suficiente para fazer um bom negócio com você.

Ele drogou e estuprou alguém.

Não enxergo mais o jovem americano, mas Chris e vários outros homens, presos nas garras de Kade, indiferentes enquanto falam sobre todas as maneiras como queriam me foder naquela noite. A maneira como Chris os incitou. Cobrou por cada transa. Filmou.

Vejo meu irmão pairando sobre mim enquanto eu alucinava, implorava para ele me levar para casa e chorava que queria meu namorado. A maneira como seus lábios se sentiram na minha testa enquanto ele deixava outras pessoas me violarem com a boca. Dentes afundando em meu peito, deixando uma ferida que levou semanas para cicatrizar.

Sem Nome não é o Sem Nome. Ele é outro Chris, que droga e destrói, quebra e manipula. Ele é um monstro.

Fecho minhas mãos em punhos ao lado do corpo, sem me importar com o quão psicótica pareço.

— Bata nele de novo.

CAPÍTULO 26



Stacey

Kade dá um soco no estômago dele, tirando o ar de seus pulmões.

— De novo?

Lágrimas queimam meus olhos.

— Sim. Faça doer.

A coronha da arma encontra sua cabeça três vezes, e o Sem Nome desliza pela parede com sangue escorrendo da linha do cabelo.

— Ele deveria cumprir dez anos — Kade diz, chutando as pernas do Sem Nome enquanto ele tenta se levantar. — Eu li o relatório dele. Porco nojento.

Você quer transar com ela? Me dê trezentos e ela é sua.

Preciso pagar pelos meus serviços também?

Que tal um desconto de irmão mais velho?

Kade se vira para mim.

— O que você quer que eu faça agora?

A adrenalina corre em minhas veias, e preciso liberá-la. Respiro fundo enquanto estudo Kade. Enquanto meus olhos seguram os dele, meu peito afunda com o quanto eu queria que estivéssemos de volta no quarto de hotel, no jatinho, de férias ou deitados em uma praia em algum lugar.

É tão estranho, esse sentimento intenso. Como se ver Kade desse jeito, ativasse algo dentro de mim. Só uma vez. Posso tê-lo uma vez e tirá-lo do meu sistema.

Inclino minha cabeça para o Sem Nome.

— Acaba com ele.

O joelho de Kade atinge seu rosto sem hesitação, e ele se esparrama

no chão. Ele se vira para mim, a arma ainda na mão, esperando.

— E agora?

Minha pele queima com profunda necessidade, meus mamilos se apertam, esfregando contra meu vestido, que está implorando para ser arrancado. Eu não deveria ficar excitada com sua violência.

Ele é uma máquina, e eu o quero.

— Termine o que começou.

Ele dá um passo cuidadoso em minha direção, e meu coração gagueja.

— O que foi que eu comecei?

Levanto uma sobrancelha.

— Você quer uma audiência?

Ele lentamente diminui a distância quando não respondo, porque meu corpo está muito vivo e carregado de energia para fazer qualquer coisa além de esperar por seu toque.

— Eu te fiz uma pergunta.

Levanto meu queixo, meu coração dispara, minha boceta se apertando enquanto os olhos de Kade viajam para cima e para baixo no comprimento do meu corpo.

— Você me odeia?

Ele franze a testa.

— O quê?

— Eu disse: você me odeia?

— Sim.

— Você quer me machucar?

— Às vezes. Mas não do jeito que você pensa.

Meu olhar cai para a arma, e eu envolvo meus dedos em seu pulso e o levo para meu rosto. Manipulo seu aperto para pressionar o cano na minha testa, e como pensei, meu clitóris lateja com o perigo.

— Isso faz você se sentir melhor? Você me odeia, pode acabar com isso agora.

O clique fraco me diz que ele liga a trava de segurança, mas não afasta a arma.

— Você poderia me matar agora mesmo.

Ele engole em seco e agarra o cabo.

Tudo dentro de mim está vibrando, até meus dedos dos pés enquanto Kade empurra o cano do silenciador com mais força contra minha

testa, me fazendo voltar para a parede.

— Você adoraria atirar em mim, não é?

Kade lambe os lábios, finalmente falando.

— Seria mais incômodo do que valeria a pena.

— Porque você teria uma bagunça para limpar?

Ele nega com a cabeça.

— Porque eu ficaria louco sem poder te observar. Eu te odeio. Odeio quem você é, mas não consigo parar de pensar na sua boceta apertando meu pau enquanto estrangulo você. Eu te imagino coberta de sangue, que não é seu. Meu nome em seus lábios. Gritando por mais enquanto você se desculpa de novo, de novo e caralho, *de novo*. — Kade pressiona o cano com mais força na minha testa. — Ódio não é a palavra que eu usaria quando se trata de você.

Eu sorrio.

— Sempre um romântico, Kade.

Ele murmura, o cano da arma deslizando suavemente pela lateral do meu rosto. Ele arrasta o metal pelos meus lábios, puxando o inferior para baixo antes de arrastar o metal entre meus seios.

O frio contra minha pele aquecida me faz ofegar.

— O ano que passamos juntos foi o pior ano da minha vida — ele diz. — Se eu pudesse voltar atrás em cada momento, cada mentira, eu voltaria.

Não há veneno em suas palavras, porque seus olhos estão semicerrados, seu pau está duro e pressionando contra minha coxa, sua respiração instável.

— Parece que você me superou mesmo nesses dois anos.

Kade olha para mim, os olhos cheios de um vazio crescente – sua alma ondulando em um vórtice no qual eu quero mergulhar.

Meus pulmões param quando ele arrasta a arma para baixo, para baixo, para baixo, até chegar à fenda do meu vestido.

— Eu superei você, assim como você, facilmente, me superou.

A ponta do silenciador fica entre minhas pernas enquanto Kade agarra meu cabelo, alongando minha garganta. Eu suspiro quando a arma pressiona minha boceta ao mesmo tempo em que sua língua desliza pela minha garganta, os dentes mordiscando meu maxilar.

— Quero que você goze na minha arma. — Ele a move contra minha boceta, minha calcinha no caminho, e eu solto um gemido.

Parando seus movimentos, ele chupa meu maxilar.

— Continue. Esfregue-se nela.

Esfrego meus quadris contra a arma, precisando de mais pressão. Minha espinha formiga, um calor crescente se acumulando em meu núcleo de quão intenso é, ter a boca de Kade em meu corpo e sua arma contra o material da minha calcinha.

— Você gosta disso? — sua voz é baixa, e sua língua faz cócegas no meu lóbulo da orelha enquanto ele fala, sua respiração engatando em meu ouvido enquanto eu apalpo seu pau. Ele murmura: — Porra.

Gemendo, eu esfrego mais forte, perseguindo aquela eletricidade. O puxão do meu cabelo, a mordida na minha omoplata, a maneira como sua energia se funde com a minha, me faz tremer enquanto já estou a caminho da euforia.

Choramingos são arrancados dos meus pulmões enquanto o calor aumenta no meu núcleo, minhas pernas tremendo enquanto o silenciador corre do meu clitóris para minha entrada, deslizando e rangendo, fazendo meus dedos dos pés se curvarem e minhas mãos agarrarem seus ombros.

Gemo mais alto enquanto ele arranca minha calcinha e desliza sua arma entre minhas pernas novamente, pressionando-a na minha boceta, mas sem entrar.

— Kade — eu arfo enquanto o prazer se intensifica.

Ele sibila enquanto eu arranho sua pele quando meu orgasmo atinge como uma onda gigante, segurando o metal em mim enquanto eu pulso contra ele.

Ele se intensifica enquanto ele suga meu pulso e sibila:

— Isso mesmo. Porra, goza na minha arma inteira.

Eu gemo alto o suficiente para que o som ecoe ao nosso redor, jogando minha cabeça para trás enquanto minhas pernas tremem, e Kade tem que me segurar.

Minha euforia continua pelo que parece uma eternidade, e eu a acolho enquanto ele me segura. Quando eu suspiro, meu coração dispara enquanto o auge me atinge, ele me gira, pressiona seu peito nas minhas costas e afunda seus dedos dentro de mim. Seu pau duro está contra minha bunda enquanto ele puxa meu vestido para cima.

Mordo meu lábio enquanto ele enrola seus dedos dentro de mim e me fode com eles – forte e rápido. Pronta, estou desesperada para que ele os substitua por seu pau.

Eu estremeço quando ele os puxa para fora.

— Preciso entrar nessa boceta — Kade rosna enquanto me empurra para frente, me curvando, a ponta vazando esfregando contra meu clitóris e entrada. Ele aponta a arma para o Sem Nome, que mal está consciente.

Com uma estocada punitiva e dura, ele entra, totalmente embainhado dentro de mim. Não consigo conter o grito que solto ou o tapa da minha mão sobre minha boca. Minha boceta acolhe seu pau, apertando-o. Ele é grande, grosso, e minhas paredes apertadas se espremem enquanto ele lentamente se afasta – então estoca de volta até que cada centímetro me preencha mais uma vez.

Cheia. Estou tão cheia.

Ele puxa meu cabelo para levantar minha cabeça para o lado, me forçando a encarar o Sem Nome.

— Ela é linda, não é? Você concorda, ou não a teria beijado.

Arfo enquanto ele empurra com força, metendo mais fundo, meus olhos fixos na arma que ele está apontando por cima do meu ombro.

— Veja o que eu faço com ela. Veja como ela aceita meu pau enquanto você fica deitado aí e espera pela morte. Deixe que os gritos dela por mais, sejam a última coisa que você escute.

Sem Nome mal consegue abrir os olhos, sua cabeça balança, mas eu não me importo. A sensação de estar tão completa, tão apertada em volta de Kade, me faz pressionar para trás, encontrando seus movimentos.

Por alguma razão diabólica, ter o irmão da minha melhor amiga me fodendo enquanto uma versão de Chris está deitado em nossa frente me deixa ainda mais excitada. Ele está sob a mira de uma arma. Prestes a morrer, e a última coisa que ele verá será eu sendo fodida por Kade Mitchell.

Minha boceta aperta seu pau que não para de meter, a música fraca do clube mal abafa o som de quão molhada estou.

Quando ele desacelera, eu imploro:

— Não. Não seja gentil.

Ele enrola meu cabelo em seu punho, puxando minha cabeça para trás.

— Você não merece que eu seja gentil, Sardentinha.

E com isso, ele me fode rudemente como se eu fosse sua inimiga, cada movimento de seus quadris quase me tirando dos meus saltos. Eu gemo mais enquanto ele estoca em mim, meu vestido amontoado na minha

cintura, seios saltando, meu clitóris latejando para ser tocado.

O pau de Kade desliza para fora quando ele se vira e me levanta em seus braços, então pressiona minhas costas contra a parede. Sua cabeça cutuca minha fenda encharcada, e eu enlaço meus dedos em seu cabelo.

Enquanto ele empurra, eu gemo:

— Meu Deus.

Há um beliscão na minha bunda, e ele range.

— Eu não estou fazendo todo esse esforço para você chamar o nome de outro filho da puta. — Ele se afunda em mim com mais força. — Diga *meu* nome, porra.

— Kade — eu arfo, quase inaudível enquanto ele afunda fundo.

Ele geme tão intensamente, tão baixo, que eu sinto vibrar em meus ossos.

— Abra a boca! — ele ordena enquanto levanta a arma, o silenciador pressionando meus lábios. — Chupe enquanto eu te fodo.

Por um segundo, eu hesito, mas então meus lábios se separam quando o metal cutuca entre eles.

Minha coluna arqueia quando ele me fode e eu chupo sua arma, medo e prazer se misturam com a ideia de que ele pode atirar a qualquer momento e me matar.

Seu dedo está no gatilho, afinal.

— Você sabe quantas pessoas morreram por causa dessa arma?

Eu engasgo quando ele a empurra mais para dentro da minha boca e agarra minha bunda. Aperto em volta do seu pau e gemo em volta do metal enquanto uma onda de euforia me atinge.

— Você sabe quantas vezes eu imaginei te foder com isso? Só para te matar logo depois? — Minhas paredes internas tremulam ao redor dele enquanto cada terminação nervosa se transforma em fogo selvagem por todo o meu corpo; cada célula zumbindo enquanto vejo estrelas. Tento gritar seu nome, a palavra inaudível.

Ele tira a arma da minha boca e levanta meu queixo enquanto tento recuperar o fôlego, choramingando enquanto ele continua me penetrando.

— Você é uma garota tão boa para mim, não é? — Kade passa a saliva pelos meus lábios, minhas costas batendo na parede enquanto ele me penetra com um rosnado. — Mas às vezes você é uma garota má comigo, e isso me deixa bravo pra caralho.

Um murmúrio ao lado nos interrompe, e a mandíbula de Kade se

aperta enquanto ele diminui suas estocadas. Eu recuo e cubro meus ouvidos enquanto ele coloca quatro balas no Sem Nome antes de largar a arma.

— Cansei de ter uma audiência — ele diz enquanto se afasta e me faz encarar a parede, me curvando mais uma vez. — Não suporto você. Beijando caras aleatórios no clube.

Ele empurra para dentro de mim novamente, e minhas palmas batem na parede para me manter firme.

— Eu deveria atirar em você também — ele range enquanto agarra um dos meus seios, seus quadris estalando, me preenchendo impiedosamente de novo e de novo, fazendo minha boceta se apertar e pulsar em volta de seu pau.

— Mais forte — eu gemo.

Kade dá um tapa na minha bunda com força suficiente para doer, e minha boceta tremulando, estrangula sua espessura. Meu corpo quase bate na parede quando ele mete em mim, e meus braços lutam para me manter no lugar.

— Você sempre respondeu tão bem a mim. *Bem. Pra. Caralho*.

Cada estocada me faz soltar um gemido. Ele aperta mais forte em meu cabelo, nós dois nos movendo enquanto nossos gemidos e xingamentos ecoam em uma sinfonia perfeita.

Na minha visão periférica, vejo um rio de sangue correndo em nossa direção. Estamos transando ao lado de um cadáver.

Eu fecho minhas mãos contra a parede enquanto ele aperta meu mamilo e o torce.

— Porra, Kade.

Estou tão perto de novo. Tão perto. Meus dedos dos pés se curvam, olhos fechados enquanto sinto um calor infernal correndo por minhas terminações nervosas.

Kade agarra meu queixo e vira minha cabeça para encará-lo por cima do meu ombro.

— Abra seus olhos, porra. Olhe para mim enquanto goza.

Eu faço o que me pede, vendo seus lábios se abrindo com suspiros a cada estocada de seu pau dentro de mim.

O desejo ardente envolve a base da minha coluna – e eu explodo em um milhão de pedaços.

Sua mão desliza para o meu pescoço, e ele quase corta meu ar enquanto me fode durante meu orgasmo. Seu aperto é tão forte quanto

minhas paredes ao redor de seu eixo. Pontos pretos aparecem da pressão, mas isso só amplifica meu orgasmo.

— Isso. Bem aí. Merda. Eu posso sentir sua boceta agarrando meu pau. Vou gozar dentro de você, Sardentinha. E eu quero que você ande pelo clube com isso escorrendo pelas suas pernas, para que todos saibam o quão suja você é.

Meu corpo se contrai ao redor dele repetidamente, pulsando com calor, meu coração acelerando a um ritmo perigoso enquanto meu orgasmo atinge seu ápice agonizante. Minha visão escurece, o som distante da música desaparece, e só restamos eu e Kade, e a maneira como ele me rouba o ar.

Ele congela em um gemido enquanto seu pau se contorce profundamente dentro de mim, me bombeando com seu esperma. Kade está cravando os dentes no meu ombro, mas não consigo gritar seu nome; tudo o que posso fazer é soltar um grito silencioso enquanto sua mão aperta ainda mais minha garganta – até que ele me solta.

Tremendo, nós dois ofegamos, suor escorrendo em nossas peles enquanto tentamos nos recompor. Seu coração está disparado contra minha pele, combinando com o meu.

— Você não faz ideia de quanto tempo esperei para que fosse assim.

Exalo profundamente enquanto encho meus pulmões famintos, totalmente satisfeita, mas querendo que ele permaneça no lugar.

— Eu também.

Ele abaixa a cabeça para que nossas bochechas se encontrem, ambos respirando pesadamente.

— Eu machuquei você?

— Não — consigo dizer.

Quando olho para o lado, seus olhos estão fechados, seu nariz cutucando minha bochecha delicadamente. Ele vira mais a cabeça, inclinando sua boca para perto do canto da minha. Eu viro minha cabeça completamente também, e ele abre seus olhos dilatados e me encara, lábios entreabertos, olhar caindo para minha boca.

Kade estende a mão para segurar o lado do meu rosto, acariciando o polegar contra a pele brilhante – a pressão dele me sufocando. O toque suave, acolhedor e amoroso me confunde.

Seu olhar cai para minha boca novamente, e eu quero tanto beijá-lo. Quero tanto deixá-lo me beijar.

Mas é demais.

Desvio o olhar antes que isso fique mais complicado. Beijar sempre foi uma coisa importante para ele – para nós. Ele odiava formas casuais e desnecessárias de afeição. Nós dois, nos beijando agora, seria um erro instantâneo que Kade jogaria na minha cara no futuro.

Além disso, não sou nada além de uma puta para ele.

Estremeço quando ele desliza para fora, e sinto o frio da noite enquanto ele se afasta e enfia o pau na calça. Ele ajeita o cabelo, seu peito subindo e descendo, então verifica se o Sem Nome está morto antes de pegar sua arma.

Kade liga para alguém enquanto ajeito meu vestido – minha calcinha está destruída – e o pânico começa a se instalar. O que eu acabei de fazer foi... desumano. Doentio. Errado. No entanto, eu me senti viva.

Ele conta a alguém a localização do corpo e escreve uma mensagem por um minuto antes de tirar uma foto do Sem Nome.

Meus olhos lacrimejam de raiva por quão despreocupado ele está com o que acabou de fazer e o que está fazendo agora. Eu me afasto, colocando distância entre nós enquanto aliso meu cabelo. Kade não diz nada enquanto guarda o telefone, me observando, quando me afasto do cadáver em frente ao qual acabamos de transar.

Eu me sinto suja.

Você está morta para mim.

— Valeu a pena? — pergunto a ele, apontando para o corpo. — Cometer um crime para ter meio milhão na sua conta.

Kade ri silenciosamente e enfia a arma de fogo na cintura.

— Tenho muito mais do que meio milhão na minha conta.

— Me dá nojo o quão orgulhoso você se sente de si mesmo.

Limpo meus olhos novamente, irritada comigo mesma por ser tão emotiva.

— Você está chateada? Por quê?

Desvio dele tentando não deixar que me toque.

— Ei. Fale comigo, Sardentinha.

Esse apelido desencadeia tantas memórias para mim.

Poderia passar a vida inteira ouvindo sua voz no telefone, Sardentinha.

Que saudade desse seu rostinho irritante. Te vejo logo, Sardentinha.

Posso te tocar, Sardentinha?

Não estou convidando você, Sardentinha. Estou afirmando que você vai a um encontro comigo.

Sardentinha. Sardentinha. Sardentinha.

— Eu queria poder odiar você do mesmo jeito que você me odeia —consigo dizer, arrastando meu olhar cheio de água dele, pisando no rastro de sangue. — Essa pessoa que você é agora, eu queria que você não fosse ela. — Fecho meus olhos enquanto respiro fundo e caminho até a porta, seu esperma já vazando de mim.

Eu paro.

— Você me faz sentir desprezível por algo que não foi minha culpa. E por mais divertido que tenha sido brincar com você nos últimos dias, agora, já te tirei do meu sistema.

Abrindo a porta, não olho de novo para ele.

— Limpe sua bagunça antes que seja pego. Tenha uma boa noite, Kade.

CAPÍTULO 27



Kade

Passado

Sardentinha: Você ainda está com o carro do Jason? Pode me buscar mais tarde? Serão umas duas da manhã quando eu terminar todas as minhas rotinas. Tudo bem se você não puder. Posso pegar um Uber.

Eu: Posso te buscar. 2 da manhã?

Sardentinha: Sim. Não estou usando um pingo de maquiagem, então não olhe para mim.

Eu: Você se esqueceu que te vejo sem maquiagem desde os 15 anos? Te vejo às 2.

Ela fica offline, e eu tomo um banho rápido para tentar ficar sóbrio depois de ter fumado muitos baseados. Estou muito chapado, e acho que aquele baseado extra foi uma má ideia. Dez e Base ficarão na casa da piscina até o sol nascer, e estou pensando em voltar para lá por uma hora. Tive que sair de lá quando Base começou a falar sobre minha irmã em russo

e Dez me perguntou quem era Sardentinha depois de dar uma olhada na tela do meu celular.

É seguro dizer que eles estão mais do que entusiasmados por eu não ser mais sexualmente indiferente.

Acabou de passar da uma. Se eu tirar um cochilo e programar um alarme para meia hora, nunca vou conseguir buscá-la. Mas se eu for ficar com meus amigos, estarei muito fodido para dirigir.

Jason me deixou usar o carro dele enquanto está com o da Giana. Não acho que ele ficará muito feliz em saber que estive fumando nele ou que planejo buscar Stacey enquanto estou chapado pra caralho.

Me deito na cama, meu cabelo ainda úmido. Sinto como se estivesse me afundando nela, como se o edredom estivesse mais confortável do que o normal, que meu travesseiro fosse um marshmallow enorme.

Sem querer, fecho os olhos. E ainda sem querer, adormeço.



Sento-me, meu corpo dolorido pelo ângulo em que dormi. Gemo, esfrego meu rosto, me levanto, estalo meu pescoço para a esquerda e para a direita e então estico meus braços acima da cabeça. Solto um suspiro. Quando meus olhos caem no relógio ao lado da minha cama, vejo que são sete da manhã, e uma sensação repentina de dilaceramento atravessa meu peito.

— Merda! — Corro para pegar roupas na minha cômoda, calçando meias e depois um dos meus tênis. Pulo pelo chão enquanto calço o outro sapato e pego as chaves de Jason da minha mesinha. Então paro, me congelando completamente. São sete da manhã, o que significa que eu deveria buscá-la há cinco horas. Ela não vai estar mais lá. Quão longe fica a casa dela do estúdio? E se ela tiver precisado ir andando?

Duas mensagens e uma chamada perdida.

Sardentinha: Está muito frio. Vou te esperar lá dentro. Me avise quando chegar.

Sardentinha: Me desculpa. Eu não quis passar dos limites. Nunca esclarecemos o que estávamos fazendo,

então presumi que estávamos... Não sei? Não namorando, mas também não exatamente tendo algo casual, já que estamos saindo escondidos há um mês. Não vou pedir de novo. Foi errado da minha parte.

Eu: Merda, me desculpe! Eu peguei no sono. Você chegou em casa bem? Não se desculpe, você não fez nada de errado. Me mande uma mensagem quando acordar.

Jogando meu telefone na cama, penso em todas as maneiras de me dar um tapa, ficando mais ansioso com o silêncio dela.

E se ela ainda estiver lá? *Porra. Kade, seu idiota.*

Saio correndo do meu quarto, quase derrubando minha mãe no corredor.

— Eu estava levando isso para o seu banheiro. Aonde você vai?

— Uhum... preciso fazer uma coisa.

Ela agarra meu rosto com uma mão.

— Seus olhos estão vermelhos. Você está fumando de novo?

— Não — minto. — Acabei de acordar. — Eu me endireito. — Achei que você estivesse trabalhando hoje.

— Era para eu estar. Minha paciente, um garotinha, morreu ontem à noite. — Ela me dá um sorriso tenso.

Ela está exausta.

— Não me olhe assim. Pode ir.

Eu concordo com a cabeça.

— Sinto muito. Durma um pouco. Você está com uma aparência de merda.

Minha mãe estreita os olhos.

— Vá embora logo, antes que eu te force a limpar a piscina comigo.

Quando vou me virar, ela diz:

— E, Kade? Sei que Ewan já falou com você sobre isso antes, mas se você estiver dormindo com ela, por favor, use proteção.

Eu empalideço.

— Não preciso ouvir isso de você. E eu não estou dormindo com ela, tudo bem?

— Então seja paciente. Stacey estará pronta quando estiver pronta.

Eu paro.

— É ela quem está sendo paciente comigo.

Minha mãe me encara por um segundo, e então seus lábios se abrem.

— Ah.

Sim. Ah.

A suposição de todos de que eu durmo com qualquer uma está começando a me irritar. Como se eu não estivesse irritado comigo mesmo por ser um babaca ansioso perto dela, preciso lidar com meus amigos, e agora minha mãe, pensando que estou transando com a Stacey.

Espere aí.

— Como você sabe? O pai te contou?

Ela começa a se afastar.

— Seu pai me conta tudo. Agora vá. Vejo você quando chegar em casa.

Chuva torrencial cai enquanto eu dirijo para longe da mansão e para fora dos portões, ganhando velocidade quando chego à rodovia. Ela ainda não respondeu à minha mensagem, então mando outra enquanto dirijo, perguntando se ela está em casa.

— *Oi, você está ligando para a Stacey. Deixe uma mensagem.*

Desligo e dirijo mais rápido.

Vou direto para o estúdio e chego lá em meia hora. As portas estão trancadas, e penso em chutá-las para ver se ela está lá dentro.

Ligo novamente. Ninguém atende. Ela pode estar dormindo lá dentro.

Bato na porta – três pancadas fortes.

— Stacey? Você está aí?

Nada.

Volto para o carro e acendo um cigarro, debatendo se devo pedir o endereço de Stacey para Luciella para garantir que ela ainda não esteja caminhando para casa.

Meu coração se parece estranho. É a reação que eu costumava ter quando criança, pensando que um dos meus pais me pegaria mentindo ou me dariam uma bronca quando eu fizesse algo errado. Aquela incerteza de que algo ruim está prestes a acontecer.

Sei como o frio na barriga se parece, mas isso é diferente. Sinto-me

mal, como se pudesse abrir a porta do carro e vomitar.

Estou tonto e percebo que estou respirando rápido e com dificuldade.

O que há de errado comigo?

Saio do carro novamente, a chuva me encharcando enquanto fico olhando para o prédio do estúdio. O frio ajuda o que quer que esteja me destruindo por dentro, mas ainda sinto a sensação de torção no estômago.

Caminho pela lateral do prédio, verificando as outras portas e janelas, suspirando de alívio quando uma se abre. Eu entro. Ela se fecha atrás de mim, e estou cercada pela escuridão. Os LEDs sempre estão acesos, então quando vejo um brilho rosa sob uma das portas no corredor, vou até lá.

Stacey não está aqui. O lugar está vazio e cheira a pinho – como sempre acontece quando ela limpa depois que termina. Postes e aros me cercam, tablados de proteção empilhados à direita, uma parede inteira de espelhos à esquerda.

Encontro a pasta com detalhes de todos e procuro o nome de Stacey. Cinco minutos depois e nada. Quantos alunos eles têm?

Abro o arquivo de detalhes dos funcionários.

Bingo.

Stacey Rhodes. Qualificações de ensino e treinamento em pole fitness, pole dance, dança erótica, arco aéreo, disco, dança para crianças, dança contemporânea, dança com fogo e tecidos.

Cacete. Minha garota é talentosa.

Saio do estúdio assim que encontro o endereço dela.

Stacey mora em um condomínio chique. Sua casa é grande, com três andares, tijolos brancos e portões de segurança. Todas as luzes estão apagadas, exceto uma no canto superior direito. As cortinas estão fechadas, mas consigo ver a sombra de alguém se movendo.

Termino meu cigarro e jogo pela janela, debatendo o que dizer. Um pedido de desculpas, obviamente. Uma explicação. E, espero, que ela me perdoe e me diga para entrar.

Vou beijá-la e, então, voltar a dormir na cama dela. E. ficaremos bem. Se esse é o caso, por que minhas mãos estão tremendo tanto?

Interfono para abrirem o portão, espero alguns minutos e, quando ninguém me dá acesso, subo no muro. Não estou nem aí se eu disparar alarmes. Preciso vê-la.

Mas nada acontece, então a família dela definitivamente precisa demitir a equipe de segurança.

Ando em volta da pequena fonte na escada da frente e bato na porta. Uma vez. Duas vezes. Uma terceira vez para garantir.

Meu coração dispara a um ritmo insuportável e enfio as mãos nos bolsos para impedi-las de tremer quando ouço a porta destrancando.

Um homem com barba grisalha a abre.

— Posso ajudar?

A chuva escorre pelo meu rosto.

— Stacey está aqui?

— Quem é você? — ele pergunta, cauteloso. Como se eu tivesse invadido a casa deles e pedido para sequestrar sua filha. — Como você entrou?

Eu dou de ombros.

— Eu escalei o muro. Stacey está aqui?

— Você... — Ele engasga, empurrando os óculos para cima do nariz. — Quem diabos é você? — Antes que eu possa encará-lo e dizer para ele parar de usar aquele tom do caralho comigo, uma voz suave me interrompe.

— Pai, está tudo bem.

Uma pequena mão repousa em seu ombro, e a porta se abre mais. Meus pulmões se enchem quando Stacey aparece de pijama.

— Ele é um amigo.

Amigo é o caralho. Em vez de mostrar qualquer indício de como essa palavra me queima, mantenho minhas mãos nos bolsos e espero o pai dela sair fora.

Stacey espera até que ele esteja fora do alcance da voz e então se vira para mim.

— Por que você...

— Eu caí no sono — interrompo, dando um passo cuidadoso em sua direção. — Não foi porque eu não quis. Você está bem? Teve que vir andando? Você pegou um táxi?

— Meu pai foi me buscar. Você não precisava vir até aqui. — Então ela franze a testa. — Como descobriu onde eu moro?

Invadi o estúdio e violei sua privacidade, então escalei o muro quando o portão não abriu.

— Tenho os meus meios.

— Ah... — Ela dá batidinhas na porta, mordendo o lábio. — Você precisa ir.

Meu estômago se aperta.

— Por quê? Eu sinto muito. Eu queria ir te ver. Queria muito.

Ela olha para trás, então seus olhos focam em mim novamente.

— Te vejo mais tarde, tudo bem? Obrigada por trazer meu telefone.

Franzo a testa.

— Uhm?

Ela me dá um sorriso tenso enquanto fecha a porta, e eu congelo momentaneamente. Eu sabia que iria estragar tudo.

Esfrego a mão no cabelo, pego o telefone e digito outro pedido de desculpas enquanto saio.

O portão se abre para mim e entro no carro.

Meu coração está batendo tão forte.

Antes que eu possa ir embora, a porta se abre e olhos verdes olham para mim.

— Oi.

Olho para ela enquanto ela se senta.

— Oi.

— Meu telefone acabou a bateria, é por isso que não consegui responder. Você não precisava ter vindo até aqui. Meu pai é meio estressado o tempo todo e não é muito fã de receber garotos aqui em casa. — Ela prende o cinto. — Não que eu receba garotos aqui. Ele só é... autoritário às vezes.

— É — respondo. — Fiquei com medo de que você tivesse vindo andando para casa. Quis te encontrar.

— Às oito da manhã?

Dou de ombros.

— Você está... de boa comigo?

— Claro.

Estou confuso. Pisco para ela.

Ela suspira.

— Você assustou meu pai. Ele foi pego de surpresa. Ele geralmente é bem legal.

— Então, você não está brava comigo?

— Claro que não. Achei que tivesse passado dos limites. Você pode dirigir para algum lugar?

Ligo o motor.

— Você não passou. Poderia me pedir para te levar para a porra da Austrália e eu daria um jeito de fazer isso. Para onde você quer ir? Luciella ainda está em Stranraer.

— Para qualquer lugar. Não posso ficar fora por muito tempo.

Aceno, e em um silêncio confortável, dirijo até o Lago Thom e estaciono perto da água.

Não movo minha mão quando ela a pega, entrelaçando nossos dedos e descansando-as em seu colo. Ela parece tão inocente, doce e adorável pra caralho.

Vou sentir falta dela quando eu for para os Estados Unidos por duas semanas.

Stacey não solta minha mão enquanto ela desabotoa seu cinto e vira seu corpo para mim. Eu faço o mesmo.

— Por mais que eu devesse estar te dando uma bronca por invadir o estúdio e depois meu jardim, acho fofo que você tenha ido tão longe por mim.

Eu inclino minha cabeça.

— Você sabe que eu estive no estúdio?

Assentindo, ela ri.

— Eu recebi um alerta no meu telefone. Vi quando liguei. Você tem sorte que Tylar não recebeu um também. Ela teria chamado a polícia.

— Acho que sou sortudo.

— Uhmm.

— Uhmm — eu repito. — Tem certeza de que não está brava comigo? Eu caí no sono de verdade.

— Acredito em você — ela diz com um brilho nos olhos. — Você é só um amigo de qualquer forma.

Estreito meus olhos em fendas.

— Diga isso de novo e vou te expulsar deste carro e ir embora.

— Você, pelo menos, vai me beijar antes de fazer isso?

— Talvez — eu digo, soltando sua mão e enrolando uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Talvez eu só te expulse e vá embora.

Ela bufa.

— Você acha mesmo, que vou acreditar, que depois de tudo o que fez para me ver, me deixaria aqui?

— Acho que vamos ter que descobrir.

— Ok, amigo.

Abro minha porta e ela solta um grito, se afastando da porta do passageiro. Enquanto tento segurar sua perna, ela mergulha no banco de trás. Eu vou com ela e, em vez de arrastá-la para fora, eu a prendo embaixo de mim, ambas as mãos acima de sua cabeça. Respiramos pesadamente. Nós dois estamos sorrindo, sua risada faz meu sorriso aumentar ainda mais.

Do I Wanna Know? do Arctic Monkeys está tocando fracamente no rádio. Seus olhos caem para a minha boca, dedos entrelaçados com os meus, e enquanto abaixo minha cabeça lentamente, meu nariz cutuca o dela.

— Eu não sou seu amigo, Sardentinha. Você sabe por quê? — Beijo seus lábios. — Porque amigos não fazem isso. — Eu a beijo novamente, seu lábio superior, depois o inferior, antes de arrastar minha boca pela linha afiada de sua mandíbula. — Se eu fosse seu amigo, não pensaria em você a cada segundo do dia. Não gostaria de sentir você. — Pegando a carne entre meus dentes, eu chupo, e ela arfa. — Por inteira.

E, estou falando sério. Eu a quero. Eu a quero tanto que meu pau está dolorido de tão duro. Não quero apenas transar com ela e desaparecer como Dez e Base fazem; quero compartilhar cada primeiro momento com ela e ficar por perto.

Não importa o que aconteça, a progressão entre mim e Stacey será lenta. Progresso é progresso. Acredito de verdade que ela não vai desaparecer porque preciso fazer as coisas em etapas.

Puxo meu rosto para trás para olhar para ela.

— Eu sou seu amigo?

— Não.

Pegando seus pulsos com uma mão, uso a outra para tirar o cabelo de seu rosto, apoiando-o como um colar em sua garganta. Seu pulso está rápido contra minha palma, suas pupilas dilatando mais a cada segundo que passa. Há uma emoção em ver meus dedos flexionarem em torno de seu pescoço, uma emoção que eu nunca soube que existia.

Eu me inclino e a beijo novamente, chupando seu lábio inferior e então deslizando minha língua em sua boca. Stacey persegue meus lábios enquanto eu tento me afastar, e seus pulsos se soltam; ela enfia as duas mãos em meu cabelo e aprofunda o beijo. Prová-la, senti-la embaixo de mim, até mesmo sentir seu perfume me faz separar suas pernas com meu joelho e me acomodar adequadamente entre elas.

Não congelo quando sinto meu pau contra ela – ou quando ela

envolve suas pernas em volta da minha cintura e trava seus tornozelos.

— Está tudo bem?

— Sim — respondo em sua boca, nossas línguas se entrelaçando, lábios se movendo, cabeças inclinadas. Meus quadris rolam distraidamente para dentro dela, e nós dois suspiramos.

Faço de novo. E de novo. Caralho. E de novo.

Ela está puxando meu cabelo quando agarro sua coxa, mantendo o ritmo lento enquanto a beijo.

— Quero tocar em você. Posso?

Ela assente com a cabeça, seus lábios entreabertos, pupilas totalmente dilatadas.

Viro-me de lado, trazendo sua boca de volta para a minha enquanto meus dedos viajam lentamente de sua bochecha, através de sua mandíbula, descendo pela extensão de sua garganta e parando em sua omoplata direita.

— Eu não deveria ter invadido o estúdio — digo enquanto passo a mão por seu seio, seu mamilo duro. Ela está sem sutiã, porra.

— Estou feliz que tenha feito isso — ela arfa, passando a língua no meu lábio inferior e o pegando entre os dentes enquanto eu provoco o cós da calça dela. — Também estou feliz que tenha dormido.

— Sim?

— Sim. Você não estaria aqui de outra forma. — Paro de respirar quando ela abaixa a mão e agarra meu pau. — E, eu não seria capaz de fazer isso.

Pressiono minha boca na dela com mais força, então me afasto e puxo seu cós.

— Vou tirar isso.

Levanto seus quadris, puxo o material para baixo de suas pernas lisas e beijo a lateral de seu joelho. Quero colocar fogo em seus sapatos quando o tecido prende neles. Tiro os dois tênis e os jogo em algum lugar no carro, seguido por sua calça.

Apenas de calcinha e um moletom rosa, Stacey Rhodes está deitada embaixo de mim, sem fôlego, os lábios carnudos, implorando para que eu mergulhe de novo.

Então, é isso que faço. Engulo cada suspiro, cada som que ela faz enquanto minhas mãos exploram seu corpo.

Choramingando, ela crava as unhas no meu braço e eu abaixo minha mão. Eu a observo deslizar sobre a pele macia de seu abdômen, os

músculos que ela vem construindo há anos, e parar no cós de sua calcinha.

Eu a sinto com a ponta do meu dedo médio. O material está encharcado pra caralho, e eu não tinha ideia de que Base estava falando a verdade quando se gabava sobre o quão molhada conseguia deixar alguém. Stacey está molhada pra valer para mim enquanto eu a provoco, a beijo e pressiono contra seu clitóris através de sua calcinha.

— Isso é bom? — pergunto, circulando lentamente meu dedo. Ela geme e levanta os quadris.

— Sim.

— Você precisa me dizer o que fazer — digo, sem sentir um pingo de constrangimento. — Quando você se toca, o que te excita?

Stacey molha os lábios e coloca uma mão no meu pulso, a outra afastando o triângulo de tecido que a cobre.

— O que você estava fazendo agora, continue.

Sua cabeça cai para trás no assento enquanto eu faço exatamente isso, enquanto sinto a maciez de suas dobras, a excitação contra meus dedos, o clitóris inchado que a faz choramingar quando o circulo com meu polegar. Quente, úmido, seus olhos selvagens ao mesmo tempo em que me inclino para capturar sua boca.

Meu pau endurece ainda mais.

— Você é perfeita pra caralho.

Sua boca se separa da minha com um suspiro enquanto eu empurro um dedo dentro dela bem devagar. Gentilmente, espero, sentindo sua tensão, mas ela está encharcada o suficiente para que eu, provavelmente, possa empurrar outro. Vou esperar ela se ajustar, no entanto.

— Dói?

— Não — ela responde e puxa meu rosto de volta para o dela. — Continue.

Eu, lentamente, coloco meu dedo médio até que esteja fundo até os nós dos dedos, então, deslizo para fora e de volta para dentro. Cada vez que eu empurro, seu corpo treme. Adiciono um segundo dedo, tomando cuidado para não machucá-la, e seus lábios viajam para minha garganta, sugando enquanto ela ofega.

Enterro minha cabeça para baixo, inalando o cheiro de seu shampoo de coco. Coloco os nós dos dedos profundamente, junto com os dois dedos, mantendo meu polegar em seu clitóris, circulando, bombeando, sentindo sua respiração contra meu pescoço enquanto vou um pouco mais rápido, um

pouco mais forte e curvo meus dedos.

— Me diga se eu estiver fazendo alguma coisa errada — digo, desviando de sua mão enquanto ela tenta me tocar. — Não. Isso é sobre você.

Stacey tem uma fina camada de suor sobre ela – suas bochechas estão vermelhas, seu cabelo selvagem, mas seus olhos estão mais selvagens.

Meu pau quase explode quando ela diz:

— Eu acho que vou...

Ela não consegue terminar a frase. Não porque eu a interrompo, mas porque suas palavras são cortadas quando algo irrompe dentro dela, apertando meus dedos.

Se estilhaçando inteira, Stacey geme e crava as unhas na minha pele. Eu sibilo, capturando seu lábio inferior entre meus dentes enquanto continuo a fodê-la com meus dedos. Posso senti-la pulsando, o calor úmido encharcando minha mão quando ela balança os quadris durante o orgasmo que a atravessa.

Quando retiro lentamente meus dedos, encharcados em sua excitação e gozo, ela estremece de leve. Descanso minha mão em sua coxa.

— Você está bem?

Ela assente e sorri.

— Isso foi inacreditável. Precisamos fazer isso, tipo, o tempo todo.

Rio, limpando meus dedos no meu moletom cinza.

— Tudo bem para mim. Amigos vão em encontros? — pergunto a ela, sorrindo. — Ou eu estaria cruzando a linha ao levá-la para um antes de partir para os Estados Unidos?

Stacey envolve seus braços em volta de mim.

— Somos amigos — ela diz, e eu sinto vontade de jogá-la no lago. — Mas também somos mais.

— Uhmm…

Ela faz “uhmm” de volta.

— Você ainda não me convidou.

Estreito os olhos.

— Não estou convidando você, Sardentinha. Estou afirmando que você vai a um encontro comigo.

CAPÍTULO 28



Stacey

Dez e Tylar desembarcaram ontem, mas eu estava cansada demais para ir com Luciella, Aria e Base buscá-los. Depois da nossa noite fora, fui atingida por uma enxaqueca e fiquei na cama por quase dois dias antes de me levantar do colchão.

Não procurei por Kade. Ele também manteve distância, já que não o vi. Nenhuma ligação ou mensagem. Embora eu só agora, tenha parado de senti-lo dentro de mim – a dor entre minhas pernas tem sido um lembrete severo da necessidade do meu corpo pelo dele.

Tylar me tira do meu torpor.

— Você vai com a gente para o bar? Tem mesas de sinuca!

Ela está tomando seu coquetel enquanto nos sentamos ao lado da piscina, o sol brilhando sobre nós. Base e Dez estão jogando bola enquanto bebem cervejas. Lu está entre eles, tentando pegá-la e reclamando que não estão jogando limpo, e Aria está tomando sol com um livro aberto no rosto.

Ewan está trabalhando com um de seus contratados, algo que ele vem montando perto da instituição de Tobias há algum tempo.

E como eu disse, Kade está desaparecido.

— Uhm, você está bem? — Ty pergunta quando eu não respondo.

— Ah, desculpa. — Eu afasto a sensação desconfortável. — Sim. Claro.

Ela inclina a cabeça, óculos escuros quase maiores que seu rosto mostrando meu reflexo.

— Tem certeza de que está bem?

Aceno com a cabeça uma vez.

Para ser honesta, estou nervosa pra caramba. Perguntei à mãe de Kade se ela poderia me colocar na lista de visitas para ver Tobias, e amanhã de manhã, estarei sentada com ele – o psicopata que eu costumava estudar religiosamente. Cada artigo, cada documentário, até mesmo a entrevista vazada com ele do dia em que ele foi preso – eu havia me debruçado sobre tudo, fascinada por sua mente e a maneira como ela funcionava; a maneira como seus olhos, desprovidos de qualquer coisa, escureciam sempre que Aria Miller era mencionada.

Naquela época, eu não tinha ideia de que chegaria o momento em que eu foderia o filho dele. *Repetidamente*.

Não estou nervosa por estar indo ver Tobias – estou apavorada.

Meu telefone vibra enquanto organizamos nossas coisas e voltamos para o hotel. Dez dá um tapa na bunda de Tylar quando ele passa por nós no corredor, e ela me olha de soslaio, provavelmente se perguntando se percebi.

Eles não são muito discretos. Não tiraram os olhos um do outro desde que chegaram, e eu sei que a pequena marca vermelha na garganta dela foi feita pelos dentes dele.

Ele pisca para ela enquanto entra no quarto, Base logo atrás. Mas eu ouço antes de poder entrar no meu próprio quarto, Dez dizer ao amigo que Kade está quase saindo da casa da namorada e os encontrará mais tarde.

Namorada. Tipo, Kade tem uma namorada. Ele está em um relacionamento. E nós estivemos de brincadeira. Ele esteve dentro de mim algumas noites atrás e então simplesmente... desapareceu.

Mal consigo controlar meu temperamento quando bato a porta do quarto de hotel, ignorando a expressão preocupada de Tylar enquanto vou para o banheiro e me tranco. Respiro fundo, olhando para meu reflexo no espelho.

Kade tem uma namorada. Desde quando, porra? Por que diabos ele não me contou?

Quando eu estava de joelhos para ele, prestes a chupar seu pau, ele me disse que não significava nada, e eu estava bem com isso não sendo nada. Mas isso é muito baixo. Esta não é quem eu sou, não durmo com homens comprometidos e completamente indisponíveis.

Eu me sinto suja e usada.

Ele não é meu, e eu não tenho nenhum direito sobre o idiota. Mas quero lhe dar um tapa forte o suficiente para que sua namorada pergunte a

quem pertence a marca da mão.

Pratico um sorriso falso, lavo minhas mãos e saio do banheiro para encontrar Tylar mandando mensagens na cama enquanto Luciella procura uma roupa.

Tento não pensar naquela noite enquanto me sento ao lado de Ty. Suas mãos em mim. Seus quadris metendo em mim, seu pau enorme martelando minha boceta apertada. O rubor que posso sentir em minhas bochechas e a maneira como minhas coxas ficam tensas é muito irritante. Nós transamos. Nós discutimos – como sempre – e no bom e velho estilo Kade, ele desapareceu. E agora ele, aparentemente, tem uma namorada.

Luciella suspira enquanto seu telefone apita.

— Base continua me chamando para um encontro.

— Então vá a um encontro com ele — digo ao mesmo tempo que Tylar diz:

— Vá em frente.

— De jeito nenhum.

Dou de ombros.

— Mas você gosta dele.

— O quê? Não, eu não gosto.

Posso ver através da mentira dela, mas tudo bem. Luciella sempre foi assim. Sua família tem uma má reputação, mas ela fez da missão de sua vida ser uma boa pessoa, não sair da linha ou se meter em qualquer tipo de problema.

Incluindo ficar longe de Sebastian Prince.

Depois que arrumamos o quarto e nos vestimos, Lu vai ver sua mãe enquanto Ty pinta minhas unhas.

— Você está saindo com Dez de novo — digo baixinho. — Estou feliz por você.

Ela cora.

— Por favor, não diga nada. Vou contar para a Lu, mas gosto de ficar na nossa bolha onde somos só nós dois. Ela vai ficar brava e tentar me fazer terminar com ele, e não estou pronta para nem considerar isso.

— Eu te entendo. — Eu a observo passando o pincel em cada unha. — Não termine com ele. Promete?

— Prometo. — Ela sorri, pintando minha unha. — Eu tentei ficar longe do Dez, mas me senti tão perdida sem ele, Stacey. — Ela tampa o esmalte, soprando nas minhas unhas. — Vou contar para a Lu em breve.

— Se você não quer ser pega antes disso, talvez tente ser um pouco mais discreta — digo com uma risadinha. — Ele estava com a mão na sua bunda no bar ao lado da piscina e então beijou sua bochecha.

— Lu estava muito ocupada discutindo com Base na piscina para notar.

Eu bufo.

— Isso é verdade. Aqueles dois estão brigando a viagem inteira.

— E você e Kade?

Olho para ela.

— O quê?

Ela me dá um olhar cúmplice antes de se levantar e examinar seu trabalho.

— Você fica bem com esmalte escuro — ela diz, mudando de assunto. — Combina com sua alma.

— O que você quis dizer sobre mim e...

— Ela combina com essa cor, não combina, Lu?

Luciella está de volta, olhando para o espelho e passando batom vermelho nos lábios.

— Tão sombrio quanto seu coração frio.

— Vão se foder vocês duas.

— Base e Dez vão sair com a gente hoje à noite e eu *não* estou feliz.

Tylar sorri enquanto desvia o olhar, e eu tento não rir. Ela não faz ideia do quanto Base a afeta.

Visto minha calça e blusa, olhando para meu telefone quando ele apita.

Kade: Você vai sair hoje à noite com Luciella e Tylar?

Olho para minhas amigas, ambas agora arrumando o cabelo e a maquiagem no espelho enquanto digito de volta, meu pulso batendo forte em meus ouvidos.

Eu: Por quê? Sua namorada não quer mais sair com você?

Assim que clico em “enviar”, me arrependo da resposta mesquinha, ciumenta e totalmente infantil. Por que não posso simplesmente ignorá-lo e continuar com minhas férias?

— Ok. Vamos lá! — Lu exclama, um sorriso estampado em seu rosto, e quando ela abre a porta, Base e Dez estão encostados na parede, ambos vestidos impecavelmente. O primeiro olha Lu de cima a baixo com um sorriso que ilumina todo o seu ser enquanto ela resmunga e passa por ele.

Ela olha para nós.

— E agora, temos apenas amanhã à noite, para uma noite das garotas antes de voltarmos para a Escócia. Longe desses idiotas.

Ela, claramente, diz isso para que ele ouça.

— Estou sentindo o amor — Base murmura, e ela lhe dá uma cotovelada na lateral.

Enquanto estou no táxi, sinto meu telefone vibrar, mas ignoro. No bar, ele queima na minha palma, e eu anseio por ler as mensagens que tenho certeza de que são de Kade, mas me contenho.

O lugar é pequeno, não muito movimentado e não tem cheiro de nada. Mas antes que eu possa dar uma boa olhada ao redor, meus olhos pousam em uma figura alta e musculosa no bar, uma tatuagem subindo pelo pescoço, cabelo escuro bagunçado como sempre. Kade se vira para nós, levantando sua garrafa de cerveja enquanto seus amigos vão em sua direção.

Desvio o olhar e vou procurar a cadeira mais distante da mesa de sinuca que os garotos escolheram, e Tylar pede bebidas para nós. Meu telefone vibra novamente, meus olhos indo para Kade enquanto ele digita na tela.

Outra notificação chega.

Gemendo, desisto e verifico meu celular.

Kade: Do que diabos você está falando?

Kade: Eu não tenho namorada. Quando eu teria tempo para isso? Você acha que eu te foderia se estivesse com outra pessoa?

Kade: Apesar que, você fica bem com ciúmes.

Estreito meus olhos para a tela. Murmurando um “idiota” baixinho, digito de volta rapidamente antes que minhas amigas vejam.

Eu: Já à arrogância não fica bem em você. Também, não estou com ciúmes. E não minta. Dez disse que você estava saindo da casa da sua namorada para encontrá-los. Eu não dou a mínima, mas não chegue perto de mim novamente.

Olhando para cima, vejo seus polegares trabalhando rapidamente em seu telefone, suas sobrancelhas franzidas de raiva, e não posso deixar de me sentir um pouco aliviada, porque de alguma forma, acredito nele. Eu o observo mordendo o lábio, ainda digitando uma resposta. Quando a notificação chega, ele olha para mim, e nós seguramos o olhar um do outro até que sinto um calor traiçoeiro subindo pela minha espinha.

Kade: Não tenho uma namorada, caralho. Tive que mentir para eles. Quando eu terminar esse jogo, vá ao banheiro atrás de mim. É mais fácil conversar.

Eu: Agora você quer conversar? Não, obrigada.

— Quem está fazendo você ficar de cara feia para o seu telefone? — Ty pergunta, e eu rapidamente desligo a tela.

— Ninguém — respondo, e seus olhos vão para os garotos. — Essa bebida é minha? — aponto para o coquetel vermelho, e quando ela acena, tomo um grande gole. — Por favor, me diga que não vamos ficar aqui a noite toda.

Ty e Lu dizem o oposto ao mesmo tempo. Luciella resmunga e coloca o rosto nas mãos.

Então falamos sobre quais são nossos planos para quando chegarmos em casa, já que Lu está desesperada para sair de perto de Base e

encurtar a viagem. A conversa continua por horas, e Tylar e Dez vão para o bar várias vezes, sorrindo entre eles. Lu os observou algumas vezes, mas depois que digo para ela parar, ela dá de ombros e vira uma bebida que Base comprou para ela.

Ela não é de beber muito, então acho que irá embora em breve. Ou Aria vai buscá-la, ou eu a levarei, ou Base vai pegar um táxi de volta para o hotel com ela, como fez da última vez. Ele até a colocou na cama e ficou com ela até que dormisse.

Outra bebida, e Ty e Dez estão desaparecidos. Dei uma garrafa de água para Lu quando nos sentamos em uma mesa de sinuca em frente àquela em que Kade e Base estão jogando.

Tento ignorá-lo. Mas estou tento dificuldades, especialmente quando seus dedos percorrem minha espinha enquanto me espremo para passar por ele para colocar minha bebida na pequena mesa.

Luciella vaia o melhor amigo de seu irmão quando ele encaçapa uma de suas bolas.

— Você é choooocantemente ruim, Sebastian.

Ele ri, tomando um gole de sua cerveja e apoiando o quadril na mesa.

— Você vai gritar meu nome inteiro quando eu te prender na mesa com meu pau?

Kade quase engasga com sua bebida.

— Pelo amor de Deus, cara.

— Vou ao banheiro — anuncio e pulo da mesa.

O lugar está quase vazio, então posso ouvir os passos atrás de mim enquanto sigo pelo pequeno corredor, para a passagem estreita que tem três portas.

— Stacey.

Minha pele vibra. Paro, respirando fundo.

— O quê?

Ele puxa meu cotovelo.

— Eu não tenho namorada.

— Eu vi sua mensagem, estou ciente.

Seus olhos azuis me observam, e posso dizer que ele quer dizer algo. Talvez dizer que foi um erro. Porque foi.

Cruzo meus braços.

— Você disse que queria conversar. Então converse.

Um homem mais velho aparece atrás de nós, e saímos do caminho dele – então, quando outra pessoa sai, Kade xinga e abre a porta da sala de manutenção e me puxa para dentro.

Quando a porta se fecha, ouvimos o grito vindo de Tylar quando Dez sai dela – ambos completamente nus com o cheiro de sexo no ar.

Cubro meus olhos e me viro.

— Desculpa!

— Caralho. Guarda esse seu pau — Kade resmunga.

— Por que vocês estão aqui? — Ty pergunta, e eu me viro para ver que eles estão, felizmente, escondidos. Ela cobre os seios com a blusa de Dez.

— Vocês estavam procurando por nós?

— Eu queria falar com Stacey — Kade diz. — Podem dar o fora?

— Chegamos aqui primeiro, seu babaca! — Dez fecha o zíper da calça jeans e fica na frente de Tylar enquanto ela se ajeita. — O que vocês dois estão fazendo aqui? Estão transando de novo?

Tylar nem sequer se encolhe com as palavras. E quando a encaro, ela me dá um sorriso tenso. Claro que ela sabia. *Perfeito*.

Ela beija minha bochecha enquanto eles saem, e Dez – de forma muito nojenta – joga sua camisinha em uma caixa cheia de lixo.

A porta se fecha, e somos só nós dois. A tensão está aumentando, mas eu me recuso a deixar qualquer calor se acumular ou a pensar em quão bem nos encaixamos tão intimamente – e o quão viciante é.

— Eu não quis desaparecer logo depois do que aconteceu — ele diz, dando um passo em minha direção, mãos nos bolsos. — Sei que você acha que sou desrespeitoso e tudo mais que me disse, mas eu pretendia falar com você no dia seguinte.

— E o que você teria me dito? Obrigado pela rapidinha, sua cobra? Desculpe por ter te fodido enquanto matava alguém?

— Você quer que eu me desculpe por isso?

Engulo em seco.

— Não. Só quero que me deixe em paz.

— Quer? — Mais um passo. — Porque eu sou um assassino?

— Porque você é meu ex e não me suporta.

Kade inclina a cabeça – mais um passo.

— E se eu tiver boas intenções? E se eu disser que não quero dormir com você, mas ser seu amigo?

— Eu nunca poderia ser sua amiga — digo, incapaz de me mover enquanto Kade invade meu espaço. Sua forma musculosa se eleva sobre a minha, e eu estico meu pescoço para encará-lo. — Não sou nada além de uma puta para você, lembra?

Seus olhos estão queimando em minha alma aparentemente sombria.

— E eu não sou nada além de um pedaço de merda para você. Deve ser toda a coisa de odiar um ao outro que nos atrai um para o outro.

— Eu não me sinto atraída por você — minto.

Não me afasto quando sua mão sobe para empurrar uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha, seu polegar acariciando minha bochecha.

— Bem, eu me sinto atraído por você, Sardentinha. E me enfurece que eu sinta isso. Posso estar dentro de outra pessoa, mas tudo o que consigo ver é você.

Minhas sobrancelhas se franzem.

— Não sei se você estava tentando ser sincero, mas isso fez você soar como um babaca.

— Não sou um homem sincero. Talvez eu fosse quando era adolescente, quando eu adorava o chão que você pisava, mas agora? Quero arrancar suas roupas e cravar meus dentes em sua pele.

Minha respiração falha quando ele se aproxima ainda mais.

— Quero te degradar enquanto você senta no meu pau. Te elogiar enquanto você engole cada gota do meu esperma. Quero marcar cada centímetro da sua pele com a minha boca e me certificar de que você não consiga nem olhar para outro homem.

Respiro fundo, prendendo a respiração em meus pulmões enquanto ele abaixa sua testa para a minha.

— Quero você, mas não posso te ter — ele diz. — Você merece muito mais do que eu. Se soubesse metade das merdas que tive que fazer, não estaria neste espaço apertado comigo agora.

— O que você fez?

Kade suspira, afastando-se um pouco.

— A empresa para a qual trabalho me tem pelo pescoço. É tudo o que você precisa saber.

— O que você precisa fazer por eles?

— *Mani pārdod seksam un nāvei, lai aizsargātu visus, kurus mīlu.*

Kade se inclina mais para mim, levantando a outra mão entre nós

para colocar outra mecha de cabelo atrás da minha orelha. Inclino minha cabeça, completamente confusa com qualquer idioma que ele esteja falando.

Ele lambe os lábios.

— *Tajā skaitā jūs, vasaras raibumi.*

— Você está falando em um idioma diferente de novo...

— Letão, de quando fui enviado para lá por seis meses. Conheço quatro idiomas. Não muito bem, mas estou trabalhando neles. Faz parte do trabalho.

Inclino minha cabeça.

— O que isso significa?

Ele dá um meio sorriso, se afastando de mim, suas mãos me deixando até que eu tenha espaço suficiente para respirar. Ele abre a porta e faz uma pausa.

— Espero que você nunca descubra.

CAPÍTULO 29



Kade

Passado

Como Luciella me convenceu a ir a uma boate nos Estados Unidos está além da minha compreensão, mas aqui estou eu, sentado no bar enquanto ela fala a todo vapor sobre biossíntese.

Aqui, eu sou tecnicamente menor de idade, mas Base nos arrumou identidades falsas ano passado e elas de alguma forma funcionaram muito bem.

Já tomei três cervejas e ela ainda está falando com a garota.

— Ah! Este é meu irmão. — Ela me empurra em sua direção. — Kade, esta é Annika.

Inclino minha cerveja para ela.

— Olá. — Então viro para o lado e me inclino no bar.

Luciella me cutuca com o cotovelo enquanto a loira sorri e vai embora.

— Fale com ela, seu idiota!

Eu rio.

— Não tem chance nenhuma de eu deixar minha irmã bancar a cupido para mim.

— Você é irritante — ela responde antes de pedir ao barman outro copo de Coca-Cola. — Base está a uma hora de distância. Ele veio em seu jatinho com o avô e dois de seus guardas para uma reunião. Ele disse que viria nos encontrar.

— É por isso que você quis vir aqui e se esforçou para arrumar seu cabelo?

— Eu sempre me esforço!

Solto uma risada.

— Sua negação é óbvia demais. Vou fumar um cigarro. Venha comigo.

— Não — ela responde, virando-se para Annika. — Vou ficar aqui.

— Não vá a lugar nenhum — eu aviso.

Assim que saio, o frio me atinge e acendo um cigarro. A música toca alto e sinto uma sensação estranha, então mando uma mensagem para Luciella e digo para ela vir para fora e ficar comigo.

Luciella: Pare de ser protetor. Estou bem.

Eu: Se alguém te sequestrar, não vou te procurar.

Luciella: Seria uma bênção se alguém me sequestrasse para longe de você.

Meus olhos pousam em uma mensagem de Tylar. Não me lembro de ter o número dela.

Tylar Spence: É a Stacey. Você está livre para falar?

Aperto o botão de ligar antes mesmo de pensar. Nunca falamos ao telefone, então isso é estranho, eu acho.

Isso também pode ser uma ligação ruim, já que não tenho tido notícias dela.

Ela atende no primeiro toque.

— *Oi.*

Fecho os olhos e encosto a cabeça na parede atrás de mim.

— Porra. É bom ouvir sua voz.

— *É?*

— Sim. Por que você está usando o telefone da Tylar?

— *Ela deixou no estúdio. O meu estragou. Quebrei a tela e estou esperando consertar.*

— Achei que você estivesse me ignorando de propósito.

Ela ri.

— *Eu estava pensando em fazer isso.*

Levanto uma sobrancelha.

— Mesmo?

— *Sim. Você deveria ter me levado para um encontro antes de viajar.*

— Vou te compensar por isso — respondo com um sorriso. — Como foi seu dia?

— *Tem sido tranquilo* — ela começa. — *Não. Quero saber sobre sua noite. Luciella disse no nosso grupo que estava conversando com uma garota bonita e achou que vocês tinham química. Ela disse que ia apresentar vocês dois.*

Sorrio.

— Minha Sardentinha está com ciúmes?

— *Você pode fazer o que quiser, é claro. Não falamos sobre exclusividade. Ela é legal? Ai, Deus. Não me diga. Isso significa que podemos sair com outras pessoas? Você quer sair com outras pessoas? Tudo bem se quiser.* — Ela fica em silêncio. — *Estou me envergonhando. Sinta-se à vontade para desligar a qualquer momento e acabar com o meu sofrimento.*

Eu rio.

— Não teve nada disso. Luciella ficou falando com ela no bar e queria que eu flertasse com ela. Eu disse não, é claro. E eu nunca desligaria na sua cara.

— *Eu desligaria na minha cara* — ela murmura. — *Você não respondeu as minhas perguntas, mas não se sinta pressionado. Só quero saber em que pé estamos.*

— Em que pé estamos?

— *Estamos vendo outras pessoas? Não quero dizer que somos namorados. Quero saber apenas se somos casuais ou não?*

Posso dizer que ela está colocando a mão no rosto.

— *Estou fazendo isso de novo. Desculpa. Sei que só faz seis semanas. Vou ficar quieta agora.*

— Sou novato nisso, então não faço ideia de como funciona. Se você quiser sair com outras pessoas, vá em frente. — As palavras têm gosto de veneno. — Mas não posso prometer que os corpos deles não vão

aparecer no Rio Clyde.

Silêncio, e então:

— *Isso foi meio fofo.*

Inspiro profundamente, soltando a fumaça.

— Se isso te faz sentir melhor, não tenho interesse em mais ninguém.

— *Ok* — ela responde baixinho. — *Isso é, uhm, bom*.

— E quando eu te vir, vou te tocar de novo. Só para você saber.

— *Eu gostaria disso. Mas só se você me deixar te tocar.*

Meu pau responde às palavras dela se contorcendo.

— *Ah, Lu acabou de dizer no nosso grupo que não consegue te encontrar.*

A contorção se desaparece rapidamente.

— Merda — respondo. — Conversaremos mais quando você consertar seu telefone.

— *Sim*.

Não quero encerrar nossa ligação, mas digo:

— Até logo, Sardentinha.

— *Até*.

A ligação termina e meu humor está muito melhor. Tanto que, quando o Base finalmente aparece, fico bêbado e danço pela balada com ele e minha irmã ao som de uma música eletrônica até desistirmos às seis da manhã.



Assim que a vejo andando pelo corredor do meu lado da mansão, meu mau humor causado pela viagem de horas, desaparece. Seus olhos encontram os meus quando chego ao pé da escada e, como algo saído de um filme, Stacey corre. Seu cabelo longo flui atrás dela, seu robe se solta, revelando seu pijama do Grinch, e quando ela pula em meus braços, eu a pego pela coxa e a ergo para mim.

— Isso é dramático, mas eu senti sua falta. Senti sua falta pra caramba.

Eu sorrio.

— Também senti sua falta — respondo, beijando seu ombro nu enquanto seu robe pende de seu corpo. Dou um passo. — Venha para a

cozinha comigo.

Ela balança a cabeça em negativa, se inclina para trás e passa os dedos pelo meu cabelo.

— Me beije. Então, me leve para o seu quarto.

Stacey tem um gosto frutado com um toque de menta quando meus lábios pressionam os dela. Sua boca macia se move com a minha enquanto suas pernas apertam em volta da minha cintura, e meu aperto em sua coxa segue para sua bunda.

De alguma forma, consigo continuar beijando ela enquanto a carrego escada acima para o meu quarto, e sem quebrar o beijo nos abaixo na cama. Nossas bocas se inclinam, as cabeças se viram enquanto nos devoramos – mãos no cabelo, lábios entre dentes, nossos nomes saindo de nossas bocas, tamanha a saudade que sentimos um do outro.

— Eu disse a verdade quando falei que você podia sair com outras pessoas — ela sussurra contra meus lábios. — Mas eu preferiria que você não fizesse isso.

Separo suas pernas com meu joelho e me acomodo entre suas coxas.

— Por quê? — Ela suspira enquanto eu me pressiono contra ela.

— Eu gosto de você — Stacey admite. — É muito cedo para dizer isso? Me desculpa.

— Pare de se desculpar.

— Mas é muito cedo para dizer isso? Não sei nada sobre a linha do tempo dos relacionamentos.

Eu a beijo uma, duas, três vezes.

— Somos nós que fazemos nossa linha do tempo. Se você está se sentindo de uma certa maneira, então, está se sentindo de uma certa maneira. Se ajudar, eu também gosto de você.

Ela se alegra, sorrindo tanto que sinto vontade de abraçá-la para sempre.

— Eu fico com frio na barriga.

— Eu também.

Stacey abaixa a mão até a bainha da minha blusa e a puxa para cima. Eu me sento, alcanço atrás da minha cabeça para tirá-la e a jogo do outro lado do quarto. Ela arrasta a mão pelo meu peito, que só está começando a aparecer direito agora que estou trabalhando com Ewan. Ela para no cós do meu short.

Seus olhos verdes encaram minha alma, alma que eu destruiria por ela.

— Eu fico ansiosa.

— Eu também — respondo, meu coração acelerando enquanto seus dedos se dobram no cós, brincando com o tecido em vez de tirá-lo.

— Você está ansioso agora?

— Sim. Mas eu quero...

Ela puxa meu short.

— Quero tocar em você.

Porra.

Coloquei minha própria mão em volta do meu pau mais vezes do que posso contar, mas a ideia de ter a dela perto de mim é como estar chapado. Bem, eu presumo que seja. Nunca usei drogas, além de fumar baseados com Base e Dez.

— Deite-se ao meu lado, de lado.

Eu me viro de costas e posso dizer que ela está mesmo ansiosa. Em vez de dizer para ela tirar meu short, eu a puxo para mim e beijo sua boca, seu nariz, sua testa, todos os lugares que consigo.

— Nós não precisamos ficar ansiosos — digo para ela, mas também, para mim mesmo. — Gostamos um do outro, e é isso que as pessoas fazem quando gostam uma da outra.

— Posso te dizer uma coisa?

Merda.

— Claro.

Ela balança a cabeça de um lado para o outro.

— Quero te dizer como me sinto em relação a você, mas não consigo. — Então Stacey abaixa a cabeça para o meu peito. — Deus, eu realmente sou um desastre.

Enlaço nossas mãos.

— Me diga. Posso garantir que o sentimento será recíproco ou maior ainda da minha parte.

— Ouvi uma música e ela me fez pensar em você instantaneamente. — Suas bochechas ficam vermelhas. — Pode me pedir para parar agora.

— Que música?

Ela cobre o rosto com a mão livre.

— *Spiracle* de Flower Face. A letra. É tão poderosa e bonita e... explica como me sinto sobre você. — Ela tenta se levantar da cama. — Vou

me esconder do mundo agora.

— Pare de ficar tão envergonhada — digo, rindo e a arrastando de volta para o meu lado. — Eu vou ouvir mais tarde.

— Eu vou entender totalmente se você quiser terminar comigo.

— Cala a boca.

Ela me encara.

— Seu grosso.

— Me diga três coisas sobre você.

Ela inclina a cabeça e não diz nada por cinco segundos inteiros.

— Eu gosto de dançar.

— Evidentemente.

— Sanduíches.

— De frango — eu digo. — É o que você sempre come. — Stacey sorri.

— Gosto de cachorros.

— De que tipo?

Ela dá de ombros.

— Grandes. Eu sempre fico com medo de pisar nos pequenos. Você gosta de cachorros?

— Sim. Quero ter dois Dobermanns.

— Dobermenn.

Eu franzo a testa.

— O quê?

— Dobermenn é o plural.

— Não sei se você está falando sério ou não.

Ela suspira com um sorriso.

— Pense sobre a regra em inglês!

Não vou pensar de jeito nenhum.

— São dois. Então, Kade! — Ela fica em silêncio quando eu começo a desabotoar sua camisa de pijama.

Ela estremece quando meus dedos deslizam contra sua pele nua. Levo minha boca até seu pescoço.

— Você vai parar de falar agora e me mostrar como se sente?

Quando ela confirma com a cabeça dramaticamente e me beija, puxo o edredom sobre nós, devorando-a até que ela esteja puxando meu cabelo e sem fôlego.

— Tira meu short — ordeno contra sua garganta, sugando o pulso

irregular enquanto minhas mãos exploram seu corpo. Apalpo seus seios, rolando seus mamilos entre meus dedos e finalmente sentindo a contenção do meu short desaparecendo.

Cravo meus dentes em sua pele e fico mais duro, mais grosso com seus gemidos suaves. Caio de costas novamente, sem quebrar nosso contato enquanto pego sua mão e a coloco perto do meu pau.

Eu trilho beijos por sua garganta, ao longo de sua mandíbula até chegar à sua boca.

— Me mostre como é, Sardentinha. Me mostra como é ter você me fodendo com sua mão.

Lentamente, de uma forma que chega a ser perigosa, Stacey desliza sua língua pelos meus lábios entreabertos no mesmo momento em que sua mão se move sobre meu pau.

Sibilo em sua boca enquanto ela me espalma, e ela gentilmente arrasta seus dedos para cima e para baixo na pele quente, o comprimento sólido que pulsa e se contrai a cada deslizamento de seus dedos. Sensações correm para minha cabeça, e eu tento não me empurrar.

Meus olhos se fecham enquanto ela envolve seus dedos em volta de mim. Meu coração se reinicia, um zumbido baixo na base da minha espinha enquanto ela desliza o polegar para cima, limpando a gota de excitação da cabeça intumescida.

Ela está me estudando enquanto puxa minha boca para a dela. Uma distração, talvez, porque eu posso sentir seu coração batendo forte enquanto seguro seu peito e aperto.

— Relaxa — eu sussurro. — Está tudo bem. Somos nós.

— Eu gosto do som disso — ela responde calmamente. — Estou fazendo certo? — ela pergunta enquanto começa a mover sua mão para cima e para baixo no meu comprimento. — Ou está muito apertado?

Ela está meio que esmagando meu pau em suas mãos.

— Afrouxe um pouco.

Stacey faz isso, e meus olhos reviram enquanto ela torce o pulso quando chega à ponta, batendo sua boca na minha.

Minhas bolas se apertam quando ela continua, todo o sangue do meu corpo correndo para entre minhas pernas. Gemo enquanto arrepios começam a viajar da minha virilha até minha espinha.

— Vá mais rápido — eu digo a ela, meus dentes cerrando quando ela faz isso. Alcanço por baixo dela para agarrar sua bunda, levantando

meus quadris para foder no aperto que ela tem no meu pau. Minha mão livre agarra seu maxilar, inclinando sua cabeça para o lado para que eu possa beijar sua garganta.

Ela bombeia mais rápido, da base à ponta, girando seu pulso e gemendo enquanto eu chupo a pele acima de sua clavícula. Meus músculos têm espasmos por todo o corpo, e eu já estou tão perto.

Mordisco sua garganta, respirando pesadamente, minha visão turva, e quando sinto o puxão em minhas bolas, eu gemo com a pressão crescente e digo:

— Vá devagar. Cacete, vá devagar.

Estou muito perto da euforia, assim que ela afunda seus dentes em meu lábio inferior, e tudo se choca contra mim de uma vez. A parte de trás da minha cabeça pressiona o travesseiro. Mais devagar, mas ainda muito apertado, Stacey continua acariciando, mas se afasta para me observar durante minha liberação. Coração batendo forte, meus olhos se fecham e meus músculos se contraem em minhas coxas; eu fecho ambas as mãos, rangendo xingamentos e seu nome, minha respiração parando completamente.

Gotas de esperma atingem meu peito no orgasmo mais forte que eu acho que já tive. Meu coração bate rápido, meus pulmões desesperados por ar enquanto minha mente fica em branco. Satisfeito e relaxado, encontro sua mão livre e a seguro enquanto flutuo de volta à realidade.

Quando abro os olhos corretamente, ela sorri para mim enquanto solta meu pau.

— Isso é outra coisa que definitivamente deveríamos fazer de novo.

Eu rio, tirando os cachos do rosto dela e colocando-os atrás da orelha.

— Só porque eu gosto de você.

Stacey sorri mais, beijando minha bochecha.

— Eu também gosto de você. Agora, onde ficam suas toalhas? Tá cheio de gozo na minha mão, e em você, por todo lugar.

Ela vai até meu banheiro e me joga uma.

— Preciso voltar para o quarto da Lu. Vejo você mais tarde?

Inclino minha cabeça enquanto me limpo.

— Você só veio aqui para me usar?

— Sim. Organize nosso encontro, idiota. — Então ela veste seu robe e sobe na cama para beijar meus lábios antes de desaparecer do quarto.

Fico olhando para a porta fechada por muito tempo com um sorriso bobo no rosto, então pego meus fones de ouvido e ouço a música que ela mencionou.

Parece que estamos no mesmo nível.

Assim que termino, a única coisa que me impede de caçá-la e arrastá-la de volta para minha cama é que estou procurando lugares para levá-la onde não seremos notados. Entre ela não querer que minha irmã saiba e as pessoas constantemente me seguindo com uma câmera e uma história falsa, não posso levá-la para sair por aqui.

Encontro algo perfeito e, quando conto ao meu pai no dia seguinte, ele paga por tudo. Não sei como diabos ele tem acesso a dinheiro ou a uma conta bancária, mas ele tem muitos contatos. Ele me envia mais para me divertir e me diz para ter um bom fim de semana.

Quando ela me manda uma mensagem depois, dizendo que seu telefone está consertado, nos encontramos na casa da piscina, onde nos beijamos, nos tocamos e nos beijamos um pouco mais, antes de sairmos e tentarmos não nos olhar durante o jantar.

Basicamente, eu a jogo no quarto de hóspedes no dia seguinte e a sinto se desfazendo em meus dedos novamente. Está se tornando uma das minhas coisas favoritas, assisti-la enquanto um orgasmo a estilhaça, ver seus olhos vidrados enquanto ela flutua em euforia antes de voltar para mim – isso e ter sua mão em volta do meu pau.

No dia seguinte, dou um tapa na bunda dela enquanto passo por ela na cozinha e digo para ela cancelar quaisquer planos que tenha para o próximo fim de semana. Ela me manda uma mensagem mais tarde para dizer que está livre e exige saber para onde estamos indo, mas eu digo que é uma surpresa.

Vou levar a Sardentinha para o melhor primeiro encontro de todos.

CAPÍTULO 30



Stacey

Sentada na recepção, verifico as horas novamente, esperando pacientemente ser chamada.

Seguro o livro contendo minhas anotações sobre a maneira como Kade tem agido, os sinais de que ele está usando drogas e as palavras que ele disse. Tenho tudo pronto para passar para o pai dele e, com sorte, ele saberá o que fazer.

Só quero ajudar.

— Visitante de Tobias Mitchell.

Levanto-me e caminho lentamente pelo corredor, seguindo uma mulher de saltos altos. Meu peito dói de tanto que estou prendendo a respiração.

Ela me mostra um pequeno quarto. Há uma cama de solteiro no canto, uma mesa no meio com dois assentos, dois copos de água e duas maçãs.

Pensei que Kade havia dito que eles se encontravam com ele em um parque artificial?

Sento-me à mesa, mexendo no caderno pelo minuto mais longo da minha vida.

Meus nervos quase se despedaçam quando a porta se abre, e a presença alta e musculosa toma conta de toda a energia do quarto. Ou o oxigênio foi sugado dos meus pulmões, ou eu simplesmente não estou respirando enquanto Tobias Mitchell, em toda a sua selvageria, fixa os olhos em mim.

— Você — é tudo o que ele diz.

Engulo em seco. Isso foi um erro.

Mas eu não consigo controlar meu corpo, não consigo me levantar e correr dali, não enquanto ele dá passos cuidadosos em minha direção e se abaixa no assento à minha frente.

A veia em seu pescoço é grossa, e caramba, parece exatamente a mesma que a de Kade. Eu sabia que ele era bonito, por fotos e vídeos, mas de perto? Sinto como se estivesse vagando em território proibido, só de ter tais pensamentos sobre ele.

— O que diabos você quer? — ele estala, e a noção de que eu o achei gostoso desaparece. — Onde está Aria?

— Você sabe quem eu sou?

— Já vi fotos suas — ele rosna. — Por que está aqui?

— Preciso falar com você sobre Kade.

Em silêncio, ele me observa enquanto coloco o caderno na mesa, com as mãos tremendo.

— Você tem muita coragem de vir me ver.

Engulo o grande caroço que ameaça me estrangular.

— Eu só quero ajudá-lo.

— Ajudá-lo? Você não acha que fez o bastante arruinando-o?

— Eu não o arruinei — estalo e imediatamente me arrependo da maneira como as palavras saem.

Tobias se recosta na cadeira.

— Por mais que eu tenha tentado fazê-lo te escutar, meu filho nunca mais foi o mesmo desde que me disse que sua namoradinha perfeita o havia traído. Ele se tornou destrutivo. Ele é como eu nesse sentido.

— Ele não é como você — digo, querendo dizer isso da maneira mais genuína. — As emoções dele...

— As emoções dele foram aprendidas e controladas — Tobias interrompe. — Mas quando ele começou a sair com você? Ficava constantemente no telefone comigo; ou sentado conversando com Aria, tentando descobrir o que havia de errado com ele. Kade queria saber por que sentia algo que não fazia sentido para ele. Meu filho queria medicação para suprimir desejos e impulsividade, para ter certeza de que não te arruinaria como eu fiz com a mãe dele. Mas mal sabia ele, que tudo o que estava sentindo era amor.

Engulo um caroço. Eu sabia que Kade tinha lutado no começo do nosso relacionamento. Todos os seus sentidos e emoções eram selvagens e

pessoais. Kade me perguntou se eu achava que ele era abusivo, manipulador, se estava me coagindo a um relacionamento. Eu fiz o meu melhor para tranquilizá-lo de que eu estava nisso porque queria estar.

Kade era um anjo naquela época, mas agora ele é, definitivamente, uma manifestação de Tobias.

Tobias continua quando eu fico quieta.

— Ele sentia que tinha se tornado uma obsessão, a ideia de ter você só para ele. Isso eu conseguia entender. Isso eu podia ajudá-lo a controlar. Imagino que você conheça a nossa história? A minha e a da Aria?

O mundo inteiro conhece a história deles.

— Os artigos que li diziam muitas coisas.

— Eu a destruí porque não estava no controle. Não estou dizendo que a tratei mal. Estou dizendo que fiz da vida dela, um inferno, pequena. Parei de tomar meus remédios, parei de fazer terapia porque pensei que seria bom para ela ter um namorado normal. A maior parte disso é um borrão, mas lembro do que senti quando ela me deixou, o que senti quando a vi se afundar no álcool e quase perder o emprego. Você sabia que a droguei com meus remédios? Pensei, na época, que a estava ajudando.

— Eu li que você trocou o anticoncepcional dela pelos seus remédios para engravidá-la dos gêmeos.

Ele me encara.

— Isso não é verdade. Eu não tinha intenção de engravidá-la. Por que iria querer passar meus genes?

Dou de ombros uma vez.

— Você trancou ela e a melhor amiga, Gabriella McGhee, em gaiolas para cachorros. Gabriella morreu por sua culpa. Depois, você degolou um dos amantes dela bem na sua frente, o sangue dele espirrou nela inteira.

— Foi uma época sombria — é sua resposta, monótona e cuidadosa. — Não me lembro da maior parte. Só posso ser grato por Aria ter me perdoado depois de anos tentando ser melhor para ela.

— É verdade que você a esfaqueou?

— Não. Não fui eu.

Seus olhos tremem, e eu me arrependo de ter mencionado qualquer coisa. Preciso aprender a manter minha boca fechada.

— Esses foram erros que nunca poderei desfazer. Perdi o controle de partes de mim. Mas como você disse, meu filho não é como eu; ele tem

todas as chances do mundo de ter uma vida normal.

Não tenho tanta certeza.

— Alguém pode nos ouvir?

Um sorriso irônico surge em seus lábios.

— Sem câmeras. Sem microfones. Nada. Só nós dois, pequena. Mas tenha cuidado, tenho apenas um tipo e o nome dela é Aria. Mas como Kade disse que você prefere os mais velhos...

Reviro os olhos.

— Quais as chances de Kade ter uma vida normal quando está matando pessoas e usando drogas?

Tobias, congelado em seu assento, com os olhos escurecendo, me observa cuidadosamente. Suas mãos estão unidas, as pontas dos dedos pressionadas juntas.

— Elabore.

— Eu o vi atirar em duas pessoas — digo, forçando as palavras a saírem. — Uma foi por dinheiro. A outra foi porque o homem me tocou. — Meus polegares giram juntos e eu engulo em seco. Sinto que estou fazendo algo sujo com Kade, mas ele não pode fazer isso sozinho. Ele precisa de ajuda, e eu sei que Tobias fará o que puder. — Tenho certeza de que ele está usando drogas. Bebendo excessivamente.

— O que mais?

Cerro os dentes para me impedir de chorar. Lágrimas queimam no fundo dos meus olhos e meu peito se aperta. Não porque estou dizendo ao pai dele que ele está em apuros, mas porque essa versão de Kade não é real. Odeio que estejamos nessa posição.

O Kade que eu conhecia não sabia nem segurar uma arma, muito menos atirar.

E, agora, estou sentada com seu pai psicótico, tentando não chorar enquanto conto a ele sobre o que aconteceu no armazém. O apelido que ele tem. Como é capaz de falar línguas diferentes. O dinheiro. A mala cheia de pó branco.

Cada vez que explico algo, Tobias abaixa a cabeça e seus nós dos dedos ficam brancos.

Eu deveria estar contando isso para a mãe dele, mas por mais que Kade ame Aria, ela não será capaz de pará-lo. Não tenho muita certeza se o pai dele também pode. Mas vale a pena tentar.

— E você? — ele pergunta quando termino de contar o máximo

possível. — Quando você começou a se importar com ele de novo?

Franzo a testa.

— Eu nunca parei de me importar com Kade.

Ele balança a cabeça de um lado para o outro.

— Isso é mentira. Você sabe o quão horrível foi sentar aqui e assistir meu filho desmoronar por causa do que você fez com ele? Quantas vezes ele teve que me ligar e me dizer que a vontade de se afogar, de se jogar de uma ponte estava piorando, e ele estava com medo. Posso não entender completamente como o amor verdadeiro, a confiança e a lealdade funcionam, como é ter o coração arrancado, mas eu vi tudo isso através do meu filho enquanto você quebrava cada uma de suas emoções. Como você ousa sentar aqui comigo e dizer que se importa com ele?

Começo a falar, mas fecho a boca quando ele estreita os olhos para mim.

— Aria o encontrou perto de uma overdose em seu barco. Se ele não tivesse conseguido enviar a localização, provavelmente estaria morto.

O quê?

— Eu não sabia — respondo baixinho, uma imagem vívida na minha cabeça de Kade tentando freneticamente alcançar seu telefone, seu corpo falhando enquanto tossia e estremecia. Eu me levanto. — Eu... eu não sabia.

— Você não merecia saber.

Meu olhar dispara em sua direção enquanto paro de andar.

— Eu não merecia saber? Por quê? Porque eu, *aparentemente*, o traí?

— *Sim!* Ele não entendia certas emoções até te conhecer — ele grita, se levantando tão rápido que sua cadeira cai. — Você, com certeza, o ensinou a entender as negativas. Tanto que ele estava totalmente preparado para *acabar com a própria vida* por causa disso.

— Sinto muito que seu filho tenha feito isso, eu sinto mesmo, mas se ele tivesse se sentado e me deixado explicar, saberia que o vídeo de dez segundos que ele recebeu foi editado ao extremo; tirado de três horas de sedação e abuso sem consentimento.

Meu coração para quando finalmente consigo falar. Lágrimas caem pelo meu rosto, e eu as limpo enquanto minha voz falha.

— Me ajude, antes que ele acabe morto, e nós dois o percamos.

Empurro o caderno em sua direção enquanto ele me estuda, em

silêncio – pensando.

— Sei que você acredita que Kade merece melhor do que eu, e está tudo bem. Mas eu *nunca* parei de amá-lo. Nem uma vez. Mas isso... — Eu bato no caderno, nossos olhares ainda travados. — Isso é mais importante. Você é a única pessoa que eu conheço que pode ajudá-lo. Vou tentar descobrir mais para você, mas, por favor, não faça nada até eu descobrir quem é a chefe dele.

— Você espera que eu fique aqui sentado e não faça nada?

Meu lábio treme.

— Por favor. Eu entrarei em contato.

— Aria e eu temos uma linha privada que você pode usar; vou dizer a ela para lhe dar o número.

— Obrigada.

E com isso, limpo meu rosto com a manga e puxo minha bolsa para cima do meu ombro.

Ainda me observando, o pai de Kade coloca sua grande palma sobre o caderno.

— Isso o quebrou. O que ele pensou que viu acontecendo... o quebrou.

Antes de sair, respondo:

— Estamos todos quebrados de alguma forma, Tobias. Mas também podemos ser consertados. — Minha mão pousa na maçaneta. Uma voz profunda me impede.

— Você não caiu da escada do estúdio, caiu?

Por uma fração de segundo, sinto meu coração se despedaçar. Minha compostura escorrega, e tento não chorar e puxá-lo para um abraço, para enterrar minha cabeça em seu peito poderoso. Lu sempre disse que os abraços de seu pai eram os melhores.

Nego com minha cabeça.

— Não.

— Você abortou o bebê?

Meus olhos se fecham.

— Não.

— Meu filho sabe a verdade?

Cerro meus dentes, apertando minha mandíbula dolorosamente enquanto me viro para ele.

— Isso só teria piorado as coisas. Eu contarei a ele quando estiver

pronta. Isso é mais importante.

— Você foi atacada.

Aceno em concordância com a cabeça.

— Por quem?

— Por favor. — Eu tremo. — Precisamos nos concentrar em Kade primeiro. O que está feito, está feito.

Tobias se levanta, andando para ficar na minha frente. Eu não recuo quando ele coloca a mão no meu ombro.

— Ela era minha neta. Ninguém tira nada de mim e sai impune. Assim que eu lidar com Kade, vou caçar quem foi o responsável. Eu prometo a você, pequena.

Sorrio fracamente.

— Você não vai precisar caçá-lo, ele mora bem debaixo do meu teto.

CAPÍTULO 31



Stacey

A tela acima de nós pisca com o aviso de check-in para nosso voo de volta.

O número que Aria me deu para o telefone secreto de Tobias queima no meu bolso – onde meu telefone começa a vibrar.

Deslizo minha bolsa pelo meu braço e a puxo para ver o nome de Kade na tela. Olho para sua irmã, que não sabe de nada, assobiando para si mesma enquanto uma multidão na nossa frente discute sobre o peso de suas bagagens.

Não atendo, mas mando uma mensagem perguntando se ele pretendia me ligar mesmo. Então seu nome aparece na minha tela novamente.

Na terceira ligação, finalmente digo a Tylar que preciso atender e empurro minha mala para fora da fila. Não adianta tentar falar com um Kade bêbado enquanto faço o check-in. Vou entrar na fila quando terminar de falar com ele.

Assim que atendo, franzo a testa para seu silêncio, cobrindo meu outro ouvido.

— Kade?

— *Eu não... eu não quero trabalhar* — ele diz, e eu posso dizer que ele está muito bêbado. — *Fala comigo, Sardentinha*.

— Estou aqui — respondo, colocando o cabelo atrás da minha orelha. — Achei que você tivesse saído com Dez e Base? Você foi embora da boate?

— *Não quero trabalhar* — ele diz novamente, mas eu posso ouvir

sua voz ficando estranha, como se ele estivesse tentando ficar acordado. — *Não quero.*

— Onde você está?

Ele tosse, então ouço o som do isqueiro se acendendo, seguido do barulho dele inalando e soltando uma baforada de fumaça.

— *Eu te acordei?*

Suspiro.

— Não. Onde você está?

— *Em um beco*. — Ele bate as mãos. — *Não consigo me livrar do sangue. Minhas palmas estão vermelhas pra caralho.*

Meus olhos se arregalam.

— Você está sangrando?

Ele ri uma vez – baixo e mortal.

— *Não é meu. Está escuro aqui, eu meio que gosto.*

— Onde estão Dez e Base? — Olho para Tylar e Lu, ainda esperando impacientemente. O aeroporto está tão barulhento que decido sair rapidamente para ouvi-lo melhor. — Kade?

— *Na boate. Tive que sair para cuidar de um trabalho idiota.*

Encosto minhas costas na parede ao lado da entrada, o frio beliscando minha pele.

— Por que você me ligou?

— *Porque eu queria* — ele responde, inalando mais fumaça. — *Você se lembra quando combinamos de parar de fumar?*

— Sim? — Eu não toquei em um cigarro desde então.

— *Eu costumava fumar um pelas suas costas.*

Eu rio, minhas bochechas esquentando.

— Eu sabia. Você nunca foi bom em esconder seus cigarros.

Nós conversamos sobre aqueles tempos, e tento não pensar nele tentando se matar depois que nos separamos. Quinze minutos se passam, talvez mais, e eu espero que um de seus amigos o encontre logo, ou que ele pegue um Uber para seu hotel. Ele me diz que Barry está vindo, mas então diz que ele pode estar morto, e eu arfo.

— *Estou brincando.*

— Isso não tem graça, Kade. Meu portão vai fechar em breve, então preciso desligar.

— *Acho que queria que sua voz fosse a última que eu ouvisse…*

Eu me endireito.

— O quê? O que você quer dizer com isso?

— *Tomei algo que não devia, e eu precisava ouvir você antes…* — ele balbucia. — *Espera, eu não estou alucinando, estou? Você está realmente falando comigo?*

— O que você tomou? Que tipo de droga?

Eu puxo a alça da minha mala e corro de volta para o aeroporto. Mas congelo no lugar quando vejo o portão fechado e a mesa vazia. Onde estão minhas amigas?

Tenho uma mensagem de Tylar dizendo que elas vão perder o sinal e para me apressar.

— *Sardentinha, por favor, fale comigo.*

— Onde estão Dez e Base? — pergunto pela décima vez. — Você precisa chegar até eles. Volte para o clube.

Ele não responde.

— Onde você está? — pergunto. — Me diga onde você está.

— *Eu já…* — Ele respira fundo. — *Eu já disse que estou no… beco.*

— Me mande sua localização. Estou indo te buscar.

Kade resmunga, mas uma notificação aparece, e eu corro para o primeiro táxi que vejo. Um homem idoso me cumprimenta e coloca minhas coisas no porta-malas, e eu mostro a ele minha tela, a chamada ainda ativa. Ele insere as informações em seu banco de dados e a rota aparece.

— *Estou cansado.*

— Fique acordado.

Imploro para o motorista acelerar, e Kade repete a mesma coisa várias vezes – que ele queria ouvir minha voz. Ele não acredita que sou eu de verdade e acha que alguém está pregando uma peça nele. Quanto mais demora a viagem, mais confuso ele fica. Eu o coloco em espera rapidamente, mas Lu e Ty vão direto para o correio de voz, assim como Base e Dez.

— *Você ainda está aí? Você parece minha ex. O nome dela é Stacey.*

Pressiono minha testa nos joelhos.

— Eu *sou* a Stacey.

— *Uhmm. Nos seus sonhos.*

Fecho meus olhos.

— Você está bem? Como se sente?

— *Não consigo tirar o sangue das minhas mãos, e alguém está*

dando cambalhotas na minha frente. — Kade bufa. — *É meio assustador. Ei! Sai fora!*

— Calma. Estou quase aí.

Há outra voz. Barry.

— *Que porra você está fazendo?*

Kade boceja.

— *Relaxando*.

Barry pega o telefone.

— *Quem está falando?*

Desligo assim que o carro chega ao beco. O motorista coloca minhas malas na calçada, e eu corro até ver Barry parado sobre Kade, iluminando-o com a lanterna do celular.

Arfo quando o noto caído no chão entre duas grandes latas, de costas para a parede, outro baseado entre os dedos. Ele aperta os olhos contra a luz ofuscante, levantando uma mão vermelha para se proteger dela.

— Vocês dois estão aqui para me matar?

Barry suspira.

Eu me ajoelho entre suas pernas e ilumino meu rosto com a luz do meu próprio telefone para que ele possa me ver.

— Sou eu. Vamos lá. — Ofereço minha mão e empalideço com as manchas vermelhas em suas roupas. — Coloque seu braço em volta de mim

— Isso é muito atrevido da sua parte, mas tudo bem.

Ele pega minha mão, e eu tento não encarar o vermelho em sua pele – ou seus olhos, que estão indo em todas as direções possíveis. Barry e eu ajudamos Kade a se levantar, e ele cambaleia, jogando um braço sobre meus ombros, o outro sobre os de Barry.

— O carro está logo ali — Barry diz, e nos apressamos.

Kade estuda meu rosto.

— Você é muito parecida com minha ex.

— Eu sei — digo, olhando para Barry. — Você tem um hotel para levá-lo?

— Não — Kade deixa escapar enquanto Barry me diz que sim, se afastando enquanto me sento ao lado dele. — Eu não quero trabalhar.

Eu o impeço de tentar abrir a porta do carro. Kade está tão fodido que não consegue lutar contra mim.

— Eu não vou trabalhar, porra!

— Você não vai — eu respondo. — Por favor, se acalme, Kade.

Quando chegamos ao hotel de Barry, ainda estou esfregando suas costas; ele está curvado para frente no assento com a cabeça entre as pernas.

Conseguimos levá-lo para dentro. A recepcionista não pergunta por que há um homem encostado na parede do saguão, falando sobre sabores de chocolate. Mas ela me oferece água e avisa que há um serviço de limpeza, caso eu precise.

Tentar colocar Kade no elevador é difícil. Ele acha que estou colocando-o em uma prisão. Ele me diz que não é um animal que pode ser enjaulado. Então, eu e Barry o carregamos escada acima, onde ele cai quatro vezes. Na última vez, ele consegue agarrar meu braço enquanto cai.

Kade ri quando caio em cima dele, me dizendo que não só pareço sua ex, como também sou tão desajeitada quanto ela.

Kade já desabotoou a calça e está me perguntando quanto paguei enquanto Barry pega água na geladeira.

— Preciso limpar essa bagunça. Vou ficar fora por alguns dias. Fique aqui. Certifique-se de que ele beba bastante água e descanse.

— Para onde você vai?

Ele olha para Kade.

— Se eu não resolver isso, Kade provavelmente acabará na prisão pelo resto de sua vida. Ele atirou em um líder político na frente de muitas testemunhas.

Olho para Kade enquanto Barry sai – ele está balançando pela sala, cantarolando *From Now On* de *O Rei do Show*.

— Beba isso. — Entrego a água para ele. — E tente vomitar.

Ele faz uma careta.

— Vomitar? Não, obrigado.

Ele vira a água de uma vez e joga a garrafa fora, depois começa a falar comigo sobre reciclagem.

Kade, então, se deita na cama, olhando para o teto.

— Você pode fingir que fizemos sexo?

Eu franzo a testa.

— O quê?

— Só... diga a ela que fizemos. Eu não quero trabalhar — ele diz, arrastando mais um pouco.

Lenta e desleixadamente, Kade começa a tirar suas roupas. Primeiro a blusa, depois tenta abaixar a calça, o que eu eventualmente o ajudo. Tudo está enlameado e coberto de sangue. Até suas meias e cabelo.

— Provavelmente não vou conseguir ficar duro.

— Você matou alguém hoje à noite?

— Vários alguéns, sim. — Ele puxa um baseado de trás da orelha e tenta acendê-lo com um isqueiro que não existe. — Porra. — Ambas as mãos caem, e ele geme. — Eu odeio isso.

Vou até o banheiro e molho um pano, voltando para encontrá-lo sentado na beirada da cama, cotovelos nos joelhos, apenas de boxer. Enxáguo o pano depois de limpar seu rosto e volto para seus braços, seu peito e sua nuca.

Estou entre as pernas dele, esfregando seu cabelo, quando ele me puxa para seus braços. Meu corpo responde ao toque possessivo – paro de limpar quando seus braços fortes me envolvem, apoiando as mãos em seus ombros.

— Você está bem? — pergunto baixinho enquanto Kade pressiona sua testa na minha barriga.

— Posso te segurar e fingir que é ela?

Eu inclino minha cabeça, estreitando minhas sobrancelhas enquanto olho para ele.

— Quem?

— Minha ex-namorada.

Jogo o pano de lado e passo meus dedos por seu cabelo.

— Tudo bem — digo suavemente. — Deite-se.

— Você vai dizer a ela que fizemos sexo? Não vou aceitar seu dinheiro. Eu prometo.

— Para Stacey? Dinheiro por... sexo?

— Porra, não. Ela me odiaria ainda mais. — Ele franze as sobrancelhas em confusão. — Obviamente por sexo. Por que mais você estaria aqui?

— Ah — eu respondo, me sentindo mal. — Desculpa.

— Não se desculpe. Você já pagou a ela?

— Não. Só... — Eu engulo. — Deita.

Ele se achata na cama e olha para mim.

— Mas você é muito bonita.

Eu mastigo o interior da minha bochecha.

— Obrigada.

Seus olhos estão fechados e sua pele está quente, então eu digo para ele ficar em cima das cobertas. Mastigo meu lábio, debatendo se eu deveria

ficar aqui e ver se ele adormece sem mim ao lado dele.

Ele vai acordar amanhã e me mandar ir me foder.

Eu acho.

Não tenho mais certeza. Ele deixou claro que eu o enojo, mas ainda assim, se aproximou de mim. Eu nunca estive tão confusa na minha vida.

Vou ficar com ele e voar para casa amanhã. Minhas amigas devem estar loucas de preocupação.

Tiro meu moletom, mas continuo com todo o resto, e me deito ao lado dele. Seus braços poderosos me puxam para ele, e eu luto contra um sorriso. Isso é errado. Isso é tão, tão errado. Ele não tem ideia de que sou eu.

Respiro fundo.

— Para quem eu deveria pagar para fazer sexo com você?

— A diaba. — Kade boceja. — Ela é horrível, se você ainda não a conheceu.

— Qual é o nome dela?

Ele nega com a cabeça.

— Não é permitido dizer.

— Você é um prostituto?

— Você poderia dizer isso, sim. Um acompanhante de luxo... — sua voz some.

Há silêncio, e eu enfrento o desconforto.

— Pode me contar sobre sua ex?

Eu sou uma idiota. Uma idiota que está arriscando tudo.

Posso sentir o sorriso quando ele responde:

— Ela tem sardas por todos os lugares. Eu costumava traçá-las quando ela estava dormindo. Você até usa o mesmo perfume que ela.

Kade aperta seu abraço, e eu entrelaço nossos dedos e prendo nossas mãos contra meu peito.

— Você se sente como ela também. Está tudo bem se eu te abraçar assim? Quando eu fico todo fodido, penso nela, e isso está ajudando.

Eu aceno com a cabeça e enxugo uma lágrima.

— Sim.

— Obrigado.

Meu coração está acelerado, mas ele não deixa claro se percebe.

— Ela foi meu primeiro beijo. Meu primeiro... tudo. Ela é a melhor amiga da minha irmã. Isso faz de mim uma pessoa má?

Balanço minha cabeça em negativa.

— Não.

Ele ri baixinho.

— Ela é engraçada. Se ela estivesse aqui e de bom humor, diria algo como... *Vamos dançar. Horizontalmente. Na cama. Preferencialmente nus.*

Sua tentativa de imitar minha voz é terrível, mas me faz rir.

— Ela parece engraçada — eu digo. — O que mais?

— Quero transar com ela na minha moto.

Meus olhos se abrem.

— Acho que ela iria adorar.

Sinto meu corpo derreter em calor líquido – tê-lo quase nu contra mim, dizendo coisas assim está fazendo meu coração acelerar ainda mais.

— Talvez eu a leve para sair quando chegarmos em casa, se ela me der atenção.

Viro de costas, e Kade abaixa a cabeça no meu peito, serpenteando um braço sob a parte inferior das minhas costas, o outro pendurado sobre minha cintura – aconchegando-se em mim.

— Vou levá-la para o meu apartamento em Stirling. — Assentindo contra mim, ele acrescenta lentamente: — Talvez ela passe a noite lá.

— Você tem seu próprio apartamento? — Sempre pensei que ele ficava em acomodações estudantis na universidade. Kade ri, e o som me aquece.

— Eu sou um homem adulto. Claro que tenho minha própria casa, sua bobinha.

Eu sorrio – o tom de sua voz ficando mais fofo conforme ele fica mais sonolento. Ele se enrola mais em mim, e eu brinco com os fios escuros de seu cabelo que estão espetados.

— Como você está se sentindo agora?

Ele suspira, gaguejando um pouco enquanto responde:

— B-Bem. Eu queria ouvir a voz dela. Mas ela não me respondeu.

Eu franzo a testa.

— Eu tenho muito dinheiro, mas é sujo — ele admite aleatoriamente, de olhos fechados. — Ela nunca vai me deixar gastar com ela, vai?

— Mas isso é algo que você quer? Porque se ela é sua ex...

Ignorando-me, ele relaxa completamente.

— Eu sinto falta dela — ele murmura. — Mas não temos chance de

recuperar o que tínhamos.

Luto contra a queimação em meus olhos.

— Eu sei

— Ela estava grávida. De uma menina. Nós a perdemos.

Meu coração se despedaça.

— Sinto muito.

— É uma droga.

A temperatura de Kade baixou, e um leve suor surgiu em sua pele. O quarto está quente, então tiro minha calça.

Sinto falta dela, ele tinha dito. Sinto falta dele também.

Mas Kade está certo – nós nunca daríamos certo agora. Muita coisa tinha acontecido. Chris interviria novamente e arruinaria tudo, e Kade não está estável o suficiente para manter um relacionamento com todos os esqueletos trancados em seu armário. Ele precisa de ajuda, e precisa rápido.

O travesseiro se move, e eu suspiro quando Kade me puxa para ele com mais força; eu me encaixo nele como a peça perfeita de um quebra-cabeça. Me sinto em casa em seus braços e quase começo a chorar com a intensidade do momento.

Virando em seu abraço, enterro minha cabeça em seu peito, inalando seu cheiro enquanto ele respira firmemente. Meus olhos finalmente se fecham quando o nascer do sol atravessa a janela e, pela primeira vez em muito tempo, estou nos braços de Kade, me sentindo mais segura do que nunca.

CAPÍTULO 32



Kade

Passado

Stacey sempre foi a garota fora do meu alcance. A garota que eu queria, mas nunca poderia ter. A melhor amiga da minha irmã que me odiava com cada fibra do seu ser.

Eu era o garoto perturbado. O garoto mentalmente fodido. Um garoto que lutava com as emoções básicas.

Mas sempre que estou perto dela, quero aprender tudo o que há para sentir. Quero ser bom o suficiente para ela. Quero ser capaz de me sentir assim e não me preocupar com isso se transformando em algo sombrio e sinistro, como aconteceu com meus pais.

Machucar Stacey me mataria.

Rabisco enquanto espero ela sair do chuveiro. Estamos em um hotel em Londres, logo após ver O Rei do Show ao vivo no teatro. Stacey chorou o show inteiro, e isso desencadeou algo protetor dentro de mim que eu nunca soube que existia.

Sem perceber, desenhei um esboço de nossas iniciais entrelaçadas uma com a outra – irreconhecível, a menos que você saiba o que procurar. Quero adicionar videiras e algumas rosas para deixá-lo bonito para ela, talvez uma escritura de algo significativo, mas não tenho ideia do que deveria dizer.

Deixo em branco e trabalho mais nos detalhes.

Quando a porta destranca, rapidamente enfio o papel no bolso e me levanto. Segurando uma toalha em seu corpo molhado, ela para no meio do quarto.

— Oi.

Eu sorrio.

— Oi.

— Eu não tinha intenção de dormir — ela diz. — Quando acordei e você tinha ido embora, pensei... — Ela puxa o lábio entre os dentes.

Eu me aproximo dela, comendo a distância lentamente. Ainda estou duro de quando devorei sua boceta. Ela adormeceu logo depois.

— Você pensou, o quê?

Ela estremece enquanto eu arrasto meus dedos pelo braço dela.

— Eu... — Ela para, sua cabeça inclina para o lado enquanto eu me aproximo e pressiono beijos castos contra seu pulso vibrante. Meus dedos provocam sua toalha, testando sua reação, e eu paro quando ela hesita. — Eu sou muito inexperiente, Kade.

— Quase desmaiei quando você chupou meu pau no estúdio antes de virmos para cá.

A sala estava girando, e não tenho vergonha de admitir que escorreguei para o chão e precisei de um segundo. Ela fez isso de novo enquanto eu dirigia até aqui, e não tenho ideia de como não bati o carro.

Ela cora.

— Ainda sou inexperiente em outras coisas.

Eu seguro sua bochecha gentilmente, abaixando minha voz:

— Eu também.

— Não te incomoda que eu não saiba o que estou fazendo?

Soltei uma risada incrédula.

— Stacey, eu também não sei o que diabos estou fazendo. — Acaricio sua bochecha com meu polegar. — Nós somos iguais. Quando estivermos prontos, aprenderemos um com o outro. Sem pressa. Ok?

Ela me encara, e eu juro que vejo um escudo atrás de seus olhos se abaixando.

— Você quer esperar? — ela pergunta suavemente, seus olhos caindo para minha boca. Sua toalha permanece sobre ela enquanto ela envolve seus braços em volta do meu pescoço, ficando na ponta dos pés. — Para mais?

— Só se você precisar que eu espere.

— Acho que preciso de você agora — ela diz enquanto seu nariz cutuca o meu. — Eu quero experimentar tudo. — Sua voz cai para um sussurro contra minha boca: — Com você. Agora.

O beijo vem primeiro, então seu corpo é esmagado contra o meu enquanto eu a levanto em meus braços, a toalha caindo no chão. Com um zumbido de satisfação, suas costas batem no colchão, e eu estou sobre ela.

Ela está desabotoando minha camisa enquanto minhas mãos exploram seu corpo. Cravo meus dedos em seus quadris e pressiono meu pau endurecido entre suas pernas.

Então eu me afasto e desafivelo meu cinto, puxando o couro para fora e jogando-o do outro lado do quarto. Ela alcança dentro da minha cueca e apalpa meu pau, deslizando suas unhas na parte de baixo.

Chuto o resto das minhas roupas para fora da cama e me acomodo entre suas pernas novamente, beijando seu pescoço.

Seus mamilos estão duros e esfregam contra meu peito enquanto deslizo a cabeça do meu pau contra sua coxa interna, engolindo seus gemidos quando meus dedos empurram dentro dela.

Ela parece tão molhada, quente e pronta. Ela parece minha.

Stacey Rhodes é minha.

Enquanto eu a fodo com meus dedos, chupo um mamilo em minha boca, e seu corpo começa a tremer.

Com minha mão livre, apalpo o outro seio, rolando seu mamilo entre meu indicador e polegar.

Gemo quando meu nome sai de seus lábios, beijando ao longo de sua clavícula, seu pescoço, então voltando para sua boca.

— Está tudo bem? — pergunto a ela enquanto meus dedos aceleram, curvando-se para encontrar aquele ponto doce que faz seus olhos se revirarem. — Responda, Stacey.

— Sim! — Ela suspira na minha boca, e eu saboreio cada gemido com a minha língua. — Posso... — ela alcança entre nós e pega meu pau em um punho — ... fazer isso?

— Sim — eu assobio, empurrando meus quadris para frente enquanto deslizo outro dedo dentro dela.

O quarto fica quente enquanto nos beijamos e fodemos com nossas mãos, choramingando e gemendo na boca um do outro. Ela morde meu lábio e chupa, e eu beijo um rastro em sua garganta enquanto todo o sangue do meu corpo vai para meu pau.

Ele pulsa em sua mão; os beijos ficam mais famintos – e mais bagunçados.

— Eu quero você — ela diz contra meus lábios, liberando meu pau

e enganchando seus tornozelos em minhas panturrilhas para me puxar para ela. — Você por inteiro.

Eu a encaro, sinto-a embaixo de mim, sinto meu coração batendo forte no peito enquanto admiro sua beleza. Cabelos escuros a cercam no travesseiro, e com suas sardas e o rubor em suas bochechas, seus cílios longos e lábios carnudos, eu honestamente não poderia pensar em uma pessoa mais perfeita para vivenciar tudo isso.

Ela é a definição de beleza, e ela me quer. Ela me pertence.

Estou na palma da mão dela, e ela nem é minha namorada.

Mas eu posso machucá-la. Eu vou machucá-la. Vou fazer alguma coisa errada e fazer disso um pesadelo para ela.

— E se eu te machucar?

Stacey pega meu rosto em suas mãos.

— Ouvi dizer que pode ser desconfortável na primeira vez. Mas estou pronta, Kade.

Minhas sobrancelhas se estreitam.

— Mas eu não quero te machucar.

— Vamos devagar. Não dói quando você usa seus... Se eu me sentir desconfortável, vou te dizer, ok?

Aceno com a cabeça e então, sinto vontade de me esfaquear no pau.

— Eu não trouxe camisinha.

Ela sorri.

— Zíper frontal da minha mala.

— Eu deveria ter vergonha de ter esquecido, mas meio que me excita que você tenha trazido. — Stacey sorri enquanto vou até sua mala e pego um pacote fechado de camisinha. — Você até sabia que tinha que ser da grande. — Eu rio e tiro o plástico. — Boa garota.

Ela rasteja até a beirada da cama e me distrai.

— Fique aqui. — Ela aponta para a frente dela.

Eu não hesito. Quando estou no lugar, ela me diz para abrir a caixa, mas quase a deixo cair na cabeça dela enquanto ela chupa meu pau em sua boca.

Ela o tira de entre os lábios.

— Abra a caixa e desembrulhe uma.

Enquanto sua língua desliza pelo meu pau se contorcendo, eu engulo em seco, rapidamente rasgando a caixa em pedaços.

— Você sabe como colocar uma? Ou quer que eu tente fazer isso?

Não quero admitir que experimentei todos os preservativos imagináveis enquanto estava entediado no meu quarto, então, em vez disso, balanço a cabeça de um lado para o outro e digo a ela para fazer isso.

Ela não tira os olhos de mim enquanto o rola para baixo no meu pau e volta para o seu lugar no meio da cama, cabeça no travesseiro.

Enquanto subo em cima dela e alinho a ponta do meu pau em sua entrada, tento me concentrar nela e não no pânico que cresce no meu peito. Se eu fizer isso errado, posso machucá-la. Se eu for um fracasso e incapaz de fazer qualquer coisa, nunca mais farei sexo.

Vou cortar meu pau fora se machucá-la.

E se eu não for bom?

Já ouvi Dez e Base discutindo sobre foder pessoas muitas vezes, até tive uma descrição completa do último de quão quente, apertado e celestial é estar dentro de alguém.

Mas não é nisso que estou pensando.

Tudo o que se passa pela minha cabeça é que sou horrível na maioria das coisas. E, isso será, inevitavelmente, uma droga para ela.

Ela teve que me dar um passo a passo na primeira vez que fiz sexo oral nela, pelo amor de Deus.

— Ei — sua voz suave quebra meus pensamentos internos, suas mãos no meu rosto. — Fique aqui comigo.

— Eu estou — minha voz treme. — Desculpa.

A mão dela desliza pelo meu peito.

— Não se desculpe.

Mordo a língua para me conter. Ela percebe, me dá aquele sorriso lindo que aquece meu coração disfuncional, então se levanta para pressionar os lábios nos meus.

Não apressamos nada enquanto nos beijamos. A ponta do meu pau está entrando nela, e meus braços estão tremendo pra caralho. Sinto como se ela estivesse tentando me empurrar para fora, como se houvesse um punho em volta do meu pau tentando me forçar a sair.

Paro de pressionar meus quadris para frente. Respiro fundo. Beijo sua testa e pergunto se ela está bem, e quando ela acena e pressiona os calcanhares na minha bunda, eu lentamente empurro para dentro dela.

Centímetro por centímetro, olhos travados, lábios entreabertos, nos tornamos as primeiras vezes um do outro. E se depender de mim, as últimas.

— Porra. Você está me apertando tanto. — Tento me mover um pouco mais fundo, mas ela estremece, então fico parado. — Não precisamos fazer isso se estiver te machucando.

Eu recuo, suas paredes internas me empurrando para fora com a pressão. Com minha cabeça ainda dentro, espero que ela fale.

— Não. — Ela prende os tornozelos atrás das minhas coxas com mais força. — Não dói, é mais uma pressão. Só... — Ela gentilmente rebola os quadris, e eu sibilo com a sensação. — Continua.

Eu abaixo meu corpo para o dela, meus cotovelos descansando em cada lado de sua cabeça enquanto a beijo. Stacey chupa minha língua enquanto eu lentamente me afasto alguns centímetros e deslizo de volta para casa, o que me rende um gemido.

Os músculos do meu estômago se contraem a cada estocada cuidadosamente controlada e mantenho meus olhos em Stacey. Procurando por qualquer sinal de desconforto, mostrando a ela que ela tem toda a minha atenção, que isso pode ser sexo, mas é ela, sua alma e seu coração que estão deixando minhas emoções à solta.

Seus dedos cravam em meus bíceps enquanto vou mais fundo, uma mistura de um gemido e um suspiro preenchendo o espaço entre nós. Mantenho minha testa na dela.

— Como você está?

Stacey balança os quadris nos meus, quase me tomando por inteiro e gemendo:

— Eu quero mais.

— Mais?

Ela concorda.

— Sim. Me dê mais, Kade.

Eu dou uma estocada mais forte para testar como é e cerro os dentes. Porra. Suas pupilas estão totalmente dilatadas; ela está bêbada de prazer, e quando entro nela, seu corpo treme embaixo de mim. Eu bato naquele ponto que a faz ver estrelas e então faço de novo, enganchando meu braço atrás do joelho dela para abri-la mais.

Eu a fodo, não o mais rápido possível, mas profundamente. Cada deslize do meu pau, a maneira como sou estrangulado por suas paredes, me faz gemer e beijá-la. Cada movimento da minha língua acompanha o ritmo dos meus quadris, ela se encaixando em mim, e nós deixando os sons escaparem de nossos lábios.

Eu tinha quinze anos quando a conheci, e foi quando minha obsessão começou. Agora, enquanto sinto seu corpo se despedaçando ao meu redor e embaixo de mim, o orgasmo batendo nela com meu nome em seus lábios, sei que é uma obsessão que nunca vou superar.

Porque conforme o prazer floresce em mim e dispara por cada músculo do meu corpo, minhas bolas se apertam e eu me esvazio na camisinha.

Desabo sobre ela, tomando cuidado para não esmagá-la enquanto recupero o fôlego, então me afasto para sair dela. Assim que jogo a camisinha na lixeira ao lado da cama, acaricio sua bochecha.

— Fale comigo, Sardentinha. Como você está se sentindo?

Ela sorri.

— Incrível.

— Você não está dolorida?

— Um pouco — ela admite, e olhamos para baixo entre nós, notando as manchas de sangue nos lençóis.

Eu impeço suas mãos de cobrir seu rosto.

— Você não precisa ficar envergonhada com essas coisas. Não comigo, ok?

— Isso não te dá nojo?

Eu nego com minha cabeça.

— Contanto que você esteja bem, eu não me importo com mais nada.

— Eu estou bem.

Beijo a ponta do nariz dela.

— Então, eu também estou.

Em seu estado pós-orgástico, Stacey se inclina e me beija. É um beijo casto, mas significa mais do que todos os outros que tivemos na última hora.

E é agora, enquanto a carrego para o banheiro e limpo nós dois, que percebo que posso estar sentindo uma emoção da qual só ouvi falar. Uma que eu não tinha ideia de que existia para mim – nunca soube que era capaz de sentir.

Uma emoção que me faz querer cegar cada indivíduo no mundo para que nunca vejam o quão linda ela é. Enfiar uma chave de fenda bem fundo nos ouvidos deles, para que nunca a ouçam rir. A ideia de alguém pensar que pode tê-la depois de mim faz meu sangue ferver.

Perigoso. Isso é tão perigoso.
Acho que estou me apaixonando por Stacey Rhodes.

CAPÍTULO 33



Kade

O sonho – ou melhor, o pesadelo – termina no mesmo lugar de sempre, e levo um longo minuto para me realinhar com a realidade.

Cabelos caídos sobre meu rosto, uma cabeça apoiada no meu braço esquerdo dormente, nossos dedos entrelaçados. Minha outra mão repousa contra um peito quente, uma palma me mantendo no lugar entre dois seios.

Eu nunca durmo quando estou trabalhando. Eu fodo e vou embora, então volto para Bernadette.

Quando abro meus olhos, o cheiro familiar de shampoo de coco e a sensação de estar contente fazem sentido quando vejo cabelos escuros, pele sardenta e tatuada, e Stacey em meus braços.

Pisco algumas vezes.

Stacey... Em meus braços. Pernas longas e nuas emaranhadas com as minhas.

Minha dolorosa ereção matinal está pressionando sua bunda através da minha boxer. Porque é só isso que estou vestindo.

Se eu tiver fodido Stacey e não tiver nenhuma lembrança disso, ficarei muito puto.

Ela se mexe, e uma parte – uma *grande* parte – de mim não quer que ela acorde, então podemos ficar nessa posição um pouco mais. Meus olhos se fecham novamente, e eu a puxo um pouco mais para mim. Nossos joelhos estão dobrados, minha forma grande, dominando a dela, mas ainda me sinto confortável e... não sei.

Não me lembro muito da noite passada. Assim que fui segurado por cinco caras e senti uma agulha pressionando meu braço, tudo meio que

ficou preto.

Ela deveria estar em casa com minha irmã e Tylar. Por que está aqui, em um quarto de hotel aleatório, aninhada em mim?

A sonolência matinal invade em minha mente, meus olhos se fecham novamente enquanto tento mover minhas pernas. Meu pulso dispara quando ela se encosta em mim.

Stacey se mexe mais uma vez, esfregando sua bunda contra meu pau e parando quando solto um gemido. Fico onde estou, enterrando meu rosto em seu cabelo e passando meu braço em volta de sua cintura.

O zumbido profundo e suave entre nós é quase intenso demais para aguentar.

Eu sei que ela está acordada, provavelmente perdida em sua cabeça e se perguntando o que diabos está acontecendo. Os músculos da barriga dela ficam tensos enquanto ela levanta a cabeça do travesseiro levemente.

A respiração de Stacey ficando mais pesada e seu coração disparado contra meu peito não deveriam estar me excitando, mas estou perdendo o controle aqui, desesperado para virá-la, puxar minha boxer para baixo e enfiar meu pau profundamente dentro dela.

Sabe quantas vezes eu quis acordar assim nos últimos dois anos? Com ela nos meus braços? Eu me odiava por querer tanto, mas eu teria quebrado todas as minhas regras para estar nessa posição.

E agora estou.

Bernadette mandaria matar Stacey se descobrisse. Já estou colocando-a em perigo só por ela estar aqui.

Um gemido escapa dos meus pulmões quando ela abre um pouco as pernas, então meu pau – esticado no material da minha cueca – se acomoda contra sua boceta. Eu sussurro:

— Por que você está na cama comigo?

Ela não fala, mas se esfrega contra mim. Somos um encaixe perfeito – duas peças de um quebra-cabeça com as bordas desgastadas. Seus dedos apertam os meus, sua respiração fica mais pesada, e eu empurro meus quadris para frente para fechar a distância infinitesimal entre nós.

Levanto minha mão da cintura dela e espalho meus dedos contra suas costelas.

— Sem sutiã — digo enquanto meu polegar acaricia sua pele.

Minha palma, de forma lenta e preguiçosa, viaja para baixo. Mais para baixo, até que pele encontra pele em sua coxa.

— Sim — ela confirma, sem fôlego.

— Eu vou te encontrar nua para mim se eu fizer isso? — pergunto enquanto meus dedos percorrem sua coxa interna e delicadamente arrastam para cima e perto de onde o calor líquido está se acumulando contra o material, separando a cabeça do meu pau de sua boceta. — Uhmm... Sua provocadorazinha. — Prendo meu dedo médio na borda de sua calcinha e deslizo contra suas dobras escorregadias, esfregando seu clitóris.

Molhada pra caralho para mim.

Bem quando eu acho que ela vai gemer meu nome, ela deixa escapar,

— Kade! Não! Eu preciso fazer xixi! — E puxa minha mão para longe do meio de suas pernas, quebrando a conexão.

Antes que eu possa responder ou mesmo abrir minha boca para deixar as palavras passarem pelos meus lábios, ela está entrando no banheiro e batendo a porta.

Olho para meu dedo médio e o deslizo em minha boca, saboreando-a enquanto minha confusão piora. Ela leva cinco minutos para sair, e eu a vejo esfregar o braço nervosamente.

— Estou um pouco confuso sobre o porquê de estarmos aqui — digo, inclinando a cabeça e observando-a dar alguns passos em direção à cama e parar. Como se ela quisesse subir de volta, mas não soubesse como eu reagiria.

Eu ficaria mais do que feliz em arrastá-la de volta, mas ela fala antes que eu possa debater se realmente devo fazer isso.

— O Kade bêbado decidiu usar alguma coisa mais pesada e então ligou para mim. Você parecia estar em maus lençóis e não conseguia falar com nenhum dos seus amigos, então saí do aeroporto para ir te buscar em algum beco. Barry estava lá e me disse para ficar aqui com você.

Não me lembro nem de ter visto Barry ontem à noite.

Mas lembro de ter ficado puto em uma cerimônia e atirado em alguém importante.

Faço “uhm” enquanto tento acalmar meu pulso irregular, mas conforme meu olhar desce pelas curvas perfeitas de seu corpo, ele só fica mais rápido.

— Foi legal da sua parte. Desistir da sua viagem para casa para vir me resgatar.

Stacey ri ironicamente, e isso faz meu pau endurecer ainda mais.

— Cale a boca. Eu ainda vou voltar. Este é o quarto de Barry; só estou me certificando de que você esteja bem antes de ir embora.

Deslizo as duas mãos atrás da minha cabeça.

— Nós transamos?

Ela zomba.

— Você nem sabia que era eu na cama com você. Por que transaríamos? Além disso, você deixou claro que só queria ficar de conchinha.

O canto da minha boca se curva levemente.

— Eu só queria ficar de conchinha.

— Sim. Parece que algumas coisas nunca mudam.

— Então você dormiu na cama comigo, só de blusa, e segurou minha mão nos seus peitos?

Ela aperta o maxilar.

— Se você vai ficar aí, apenas apontando o óbvio, vou pegar outro quarto de hotel.

Levanto uma sobrancelha.

— Você quer ficar um pouco mais?

— Eu nunca disse isso.

— Não — eu respondo. — Eu que estou te perguntando.

Diga sim.

Diga sim, porra.

Não quero que ela fique aqui se não quiser, mas também não quero que vá embora.

— Você disse que tinha tomado algo que não devia e pensou que eu tinha pago para fazer sexo com você. — Balançando a cabeça em negativa, ela acrescenta: — Eu nunca vi você assim. O Kade que eu conhecia odiava drogas e nunca se meteu nesse tipo de situação.

— O Kade que você conhecia morreu há dois anos — digo a ela. — Precisa esquecê-lo.

Ela morde o lábio.

— Ele não está morto.

Eu estarei em breve.

Ou ela estará.

Quero falar, mas estou paralisado pela tristeza que ela demonstra.

— Você me assustou ontem à noite.

Ela desliza de volta para o banheiro para escovar os dentes e lavar o

rosto, e eu a observo pela fresta da porta. Stacey para e abaixa a cabeça enquanto segura a pia, respira fundo e então, sai de novo.

— Tenho uma escova de dentes extra que você pode usar, e suas roupas devem estar prontas em breve. Tive que mandá-las para lavar porque estavam cobertas de sangue.

Assim que passo uma água no rosto e mijo, percebo que ela lavou o sangue de mim novamente – há uma toalha encharcada de sangue no lixo.

Saio do banheiro e tento não me importar que ela ainda esteja aqui.

Stacey me traiu. E o fato que estou começando a ignorar isso, está me irritando.

Meu telefone está desligado, felizmente, então ninguém pode entrar em contato comigo. Barry também deve ter se certificado de que eu não poderia ser rastreado até aqui.

Tecnicamente, era para eu estar seguro aqui.

— Vou chamar um táxi daqui a pouco — Stacey diz, sentando-se na beirada da cama. — Ainda é um pouco cedo.

— Um táxi?

Assentindo, ela diz:

— Não posso ficar aqui com você. Acabei de reservar outro voo, mas é em dois dias, então ficarei em outro lugar até lá.

Não quero que ela vá embora. Eu meio que gosto de ter meu telefone sem bateria e estar aqui...

Com ela.

Estou colocando-a em tanto perigo. Mesmo que Bernadette não deva ser capaz de me encontrar aqui, ainda há uma chance, por menor que seja, de que isso aconteça.

Então ela descobrirá sobre Stacey. E manter minha ex fora do radar dela será uma merda. Bernie não pode descobrir sobre ela, ou o que ela significa para mim.

O que ela significava.

— Estou doente demais para você ir embora — minto, caindo de volta no colchão. — Vá mais tarde. — Arrisco-me a olhar para cima e dizer: — Volte para a cama.

Stacey se levanta da beirada da cama e se vira com os olhos arregalados.

— O quê? Não. Posso ficar no sofá. — Ela aponta para o pequeno e definitivamente desconfortável sofá ao lado da janela. — Vá dormir. Vou

chamar um táxi quando você acordar.

— Como quiser — respondo e fecho os olhos.

Depois de alguns suspiros, uma tentativa de se acomodar no sofá, e uma olhada no celular, ela finalmente desiste e puxa o edredom para o lado para subir.

Sorrio.

— Eu sabia que você não ia conseguir resistir a mim.

Ela dá um tapa no meu peito.

— Odeio você.

Rolo para o meu lado e a puxo de volta para o meu peito, então estamos na mesma posição em que acordamos.

No entanto, desta vez, estou acordado e sóbrio.

— Eu também odeio você.

Mas amo o quanto nossos corpos respondem um ao outro.

— Você está ficando duro — ela diz, apontando o óbvio. — Pare com isso.

Eu rio – uma risada real e genuína que não solto há muito tempo.

— Não consigo evitar. — Meu cérebro reinicia quando ela ri. Porra, eu senti falta desse som. — Vire-se — exijo.

Ela se engasga e tensiona os ombros enquanto eu passo meus dentes em sua pele.

— Por quê?

— Para que eu possa olhar para você.

— Você já me viu um bilhão de vezes — ela responde, virando-se para me encarar. — Além disso, isso é meio assustador...

— Não termine essa frase, Sardentinha — aviso, agarrando sua bunda e trazendo-a de uma vez para a minha frente.

— Ou, o quê? — ela provoca, levantando seu joelho para que ele descanse no meu quadril. Sua blusa sobe, minha mão em sua bunda nua. Ela olha entre nós, meu pau sólido contra ela.

O que diabos ela esperava?

— Uau. Você está duro *pra cacete*.

Eu sorrio, seu calor irradiando contra mim.

— E você está molhada *pra cacete*.

Ela nega com a cabeça.

— Não.

Estreito meus olhos, e ela dá um gritinho enquanto a rolo de costas,

agarrando seus pulsos com uma mão e forçando-os acima de sua cabeça. Enfio minha mão em sua calcinha, gemendo profundamente quando sinto o quão encharcada ela está. Meus dedos provocam seu clitóris, então abro suas dobras com meus dedos indicador e anelar, e afundo o do meio profundamente.

— Sua mentirosa.

Ela choraminga quando eu afasto minha mão, arregalando os olhos enquanto pressiono meu dedo médio em sua boca.

— Abra.

Seus lábios se separam, e eu deslizo meu dedo contra sua língua, deixando Stacey provar a si mesma.

— Você ainda tem gosto de minha, Sardentinha.

Ela balança contra meu pau, e eu fico tenso.

— Continue fazendo isso e talvez eu te foda.

— Se eu deixar.

Minha mão afunda seus pulsos para dentro da cama, e eu a escuto puxar sua respiração.

— Você vai deixar?

Stacey, sendo a pequena provocadora que é, esfrega-se contra mim novamente em vez de responder. Eu gemo, agarrando sua garganta com minha mão livre. Sei que ela ama esse meu lado – dominador, bravo, mas ainda assim, cheio de desejo e luxúria. A raiva entre nós se mistura com a necessidade de foder os miolos um do outro.

A cabeça do meu pau está pressionando contra sua entrada, mas a calcinha dela e a minha cueca estão no caminho. Eu nunca odiei os tecidos tanto na minha vida.

— Além de estar com a boceta encharcada, seus mamilos estão duros, suas pupilas estão dilatadas e você está com a respiração pesada. Se não me disser que vai me deixar te foder, vou usá-los como indicadores e te foder de qualquer maneira.

— Você quer me foder?

— É claro que eu quero te foder. — Eu empurro contra ela, querendo que as barreiras entre nós se rompam. Seu pulso martela em sua garganta, e eu passo meu polegar em seu maxilar antes de arrastar seu lábio inferior para baixo. — Não estou duro à toa.

— Se você me quer — ela sorri enquanto solta duas palavras que tenho certeza de que a farão se sentir poderosa —, então, *implore*.

— Você quer que eu implore? Como quer que eu implore por sua boceta? Vocalmente ou de joelhos?

Seus olhos brilham.

— Dos dois jeitos.

Afrouxo meu aperto em sua garganta.

— Tudo bem.

Ela grita enquanto eu a puxo para a beira da cama pelas coxas, suas pernas balançando enquanto eu me ajoelho no chão entre elas.

— Mas acho que vou comer primeiro, se você não se importar?

Empoleirada em seus cotovelos, ela me observa pegar suas coxas, abrindo-as bem. Posso ver sua excitação através de sua calcinha, e salivo, desesperado por outro gosto.

Eu ainda a odeio pelo que fez, mas por algum motivo, o sentimento está diminuindo quanto mais tempo passo com ela. Será que esse sou eu, perdoando-a lentamente?

Estou quebrando a regra cinco?

Não.

Nós nos observamos enquanto eu beijo sua coxa esquerda interna e depois lambo e chupo meu caminho até sua calcinha. Suas pernas tremem quando alcanço sua calcinha rosa-clara, bem na área ao lado de seu clitóris. Eu me movo sobre ela com respirações quentes antes de beijar meu caminho para baixo em sua coxa direita.

— Vai se foder, Kade — ela ferve, seu peito subindo e descendo, suas mãos fechando as cobertas. — Como eu te odeio.

— Mesmo? — Ela puxa o ar enquanto eu falo contra seu clitóris, o material roçando meus lábios. — Até quando eu faço isso? — Seu corpo estremece quando a ponta da minha língua desliza para cima na lateral de sua boceta. — E isso? — O outro lado, e ela está choramingando. — E aqui?

Ela abaixa a cabeça em um gemido enquanto eu provoco sua entrada com a ponta da minha língua, o material fino não faz nada para me impedir de saborear sua excitação.

— Sua boceta é minha desde a primeira vez que abriu as pernas para mim. — Engancho meus dedos em sua calcinha. — Desde que se sentou ao meu lado na casa da piscina. — Deslizo o material por suas pernas, então jogo a calcinha de lado enquanto sua boceta me dá as boas-vindas. — Desde que você entrou naquela porra de barraca e me beijou.

Suas coxas ficam tensas enquanto eu mergulho minha língua dentro e a puxo para fora tão rápido, meus olhos fechando, dentes rangendo enquanto tento me controlar. *Porra*. Talvez eu goze antes dela.

— Eu vou te matar — ela murmura enquanto eu volto a beijar sua coxa, tentando controlar minha respiração, certificando-me de desviar de seu clitóris latejante, respirando contra ele antes de beijar a outra coxa. — Eu vou encontrar sua arma e atirar em você. Ou te estrangular.

— Eu te desafio a tentar — respondo, agarrando suas coxas em um aperto mortal, abrindo-as o máximo que sua flexibilidade permite. — Eu, por outro lado, sou bem habilidoso em acabar com a vida de alguém. Mas claro, tente, Sardentinha. Eu adoraria te foder enquanto você tenta me matar. — E então, enterro meu rosto entre suas pernas, devorando-a.

Seu corpo inteiro estremece quando eu enfio minha língua em sua boceta, antes de chupar e morder suas dobras e clitóris, deixando a saliva escorrer da minha boca enquanto eu lambo da bunda ao clitóris. Suas mãos soltam os lençóis e se enroscam em meu cabelo.

— Por favor, não pare — ela geme, esfregando sua boceta contra minha boca.

Stacey está molhada, encharcada para mim. Tem um gosto divino, viciante; eu morreria feliz, afogado em sua boceta.

Chupo seu clitóris com força enquanto enfio dois dedos dentro, suas paredes internas imediatamente os agarram com força.

Adiciono outro dedo. Outro suspiro dela, e eu estou dolorosamente duro na minha cueca. Quero soltar sua coxa e me masturbar, mas vou deixar isso para ela.

— Ah, porra, Kade! — ela geme alto enquanto eu curvo meus dedos, atingindo aquele ponto doce que faz sua boceta perfeita do caralho pulsar.

Ouvi-la dizer meu nome é melhor do que usar drogas. Meu peito se aperta como sua mão faz no meu cabelo, quase arrancando os fios escuros. Quero ouvi-la gritar mais alto. Quero que meu nome fique em seus lábios para sempre.

As pernas de Stacey tentam se fechar enquanto ela se desfaz contra minha língua, esmagando meus dedos. Eu os bombeio para dentro e para fora, forte e rápido, seus olhos rolando para a parte de trás de sua cabeça enquanto eu circulo minha língua em seu clitóris latejante.

Ela está me sufocando com suas coxas a cada pulsar e sacudida de

seu orgasmo, mas eu não me importo.

Vou desmaiar feliz onde estou com seus sucos por todo o meu rosto.

— Você tem um gosto tão bom — eu digo enquanto lambo cada gota de sua excitação. — Bom pra caralho.

Ela ofega, suor se formando em sua pele.

— É?

— É. — Tiro meus dedos dela, e ela estremece.

Subo em seu corpo trêmulo, pressionando minha dureza contra sua boceta, desesperado para estar bem fundo dentro dela.

— Abra sua boca. — Para irritá-la, eu acrescento: — Sua putinha suja.

Ela rosna, as unhas arrastando e cortando a pele da minha barriga, fazendo com que cada músculo se contraia.

— Não me chame assim.

Meu pau se contrai de dor, o olhar furioso em seu rosto. Ela ainda me quer, no entanto. Está enganchando seus tornozelos atrás das minhas costas e me puxando mais contra ela.

Eu agarro seu maxilar e abro sua boca.

— Língua para fora. — Recolho seu gosto em minha boca e cuspo na dela.

Seus olhos atordoados pelo orgasmo permanecem em mim enquanto ela desliza por sua garganta. Faço “uhm”.

— Viu? Você é deliciosa.

Ela concorda com a cabeça e pega meu pulso, levando meus dedos à sua boca para sugar seus próprios sucos deles. Fico mais duro ao vê-la engasgando enquanto eu os afundo bastante, meus nós dos dedos batendo em seus dentes.

— Boa garota.

Seus olhos ficam em chamas com meu elogio, observando minha boca enquanto afundo meus dentes em meu lábio inferior.

Quando retiro meus dedos, ela me encara.

— Você me chamou de puta.

Eu aceno com a cabeça.

— Chamei.

Ela limpa a boca e se senta, me empurrando para o meu lado. Então se levanta, cerrando os punhos enquanto caminha em direção ao banheiro.

— O que você está fazendo? — pergunto, levantando-me da minha

posição no chão. Meu pau endurece ainda mais quando ela tira a blusa, me dando suas costas nuas.

Engulo em seco enquanto ela olha por cima do ombro para mim.

— Vou tomar banho. — Prendo a respiração. Ela tem alguma ideia de quão linda é? Ela está completamente nua. E meu pau está dolorosamente duro.

Ela entra no banheiro, sem se preocupar em fechar a porta.

Merda.

Não siga.

Não siga.

Não siga.

Qual é a pior coisa que poderia acontecer? Já transei com ela nessa viagem.

— Foda-se.

CAPÍTULO 34



Kade

Assim que entro no chuveiro com Stacey, preciso usar todas as minhas forças para não cair de joelhos e implorar por seu perdão por quem me tornei.

Mesmo se eu fizesse isso, e ela me pedisse para parar com tudo o que tenho feito, não posso.

Menti quando disse que tive dois anos para superá-la.

Seus olhos verdes caem para meu pau, e ela envolve sua mão em volta dele, usando seu aperto para me puxar em sua direção.

— Eu sou uma puta?

Mordo meu lábio.

— Você é *minha* puta.

Ela estreita os olhos, me observando enquanto começa a me bombear em sua mão.

— Isso é melhor. Mas eu não sou sua.

— E eu não sou seu.

Ela continua acariciando meu pau, mas eu agarro seu pulso, porque estou muito excitado para segurar meu gozo. Quero me derramar dentro dela. Quero ver pingar de sua boceta, só para poder usar meus dedos e enfiar de volta dentro dela.

Nunca quis gozar dentro de alguém, mas com Stacey, sinto como se fosse uma necessidade. Talvez seja porque ela já havia carregado uma filha nossa e eu tinha testemunhado o início do inchaço de seu útero. Eu já a amava, mas saber que ela seria a mãe de um filho meu, me fez adorá-la de maneiras que eu não tinha ideia de que existiam.

Eu queria me casar com ela aos dezenove anos, pelo amor de Deus.

Nós éramos jovens, mas estávamos totalmente preparados para enfrentar cada obstáculo que fosse lançado contra nós.

Até aquele último.

Afasto meus pensamentos e olho para a linda mulher na minha frente – sua pele sardenta e bronzeada, as curvas que ela odeia, mas eu amo.

Eu a levo para a água, virando-a e pressionando minha frente em suas costas e acariciando seus seios. Rolo cada mamilo entre meu indicador e polegar. Meu pau se contraindo contra sua bunda.

— Eu preciso de mais.

Belisco seu mamilo, e sua cabeça cai de volta para meu peito.

— Mais, o quê? — pergunto.

— De você. Disso. Do jeito que me faz sentir.

Eu também. Eu também, caralho.

— Como é que te faz sentir?

— Bem — ela responde, agarrando a parte de trás da minha cabeça com uma mão e alcançando a outra atrás dela para o meu pau. — Tão bem, Kade.

Minhas bolas se apertam enquanto ela cuidadosamente me trabalha em sua palma.

— Só isso? — pergunto, sugando gotas de água de sua pele aquecida, trabalhando meus lábios na lateral de sua garganta. — Eu vou fazer você se sentir mais do que bem, porra.

Eu poderia empurrar para frente e ser totalmente embainhado em suas profundezas. Um movimento molhado, e eu estaria dentro dela. Um impulso, e ela estaria cheia do meu pau.

Tiro o aperto de Stacey do meu pau, ambas as minhas mãos em sua bunda agora, abrindo suas bochechas. A ponta inchada alivia entre elas, e eu paro de empurrar para frente quando a cabeça atinge a entrada de sua boceta.

— Você quer isso?

— Sim — ela respira, agarrando meu cabelo e arqueando as costas para que eu tenha um ângulo melhor. — Por favor, me foda, Kade.

— Você é tão bonita implorando — sussurro contra seu ouvido enquanto a ponta do meu pau se afunda lentamente nela. — Bonita *pra caralho*.

Uma estocada forte, e estou seguramente envolto por sua boceta.

Nós dois suspiramos, e fico parado, tentando impedir que meu coração disparado salte do meu peito.

— Mãos nos azulejos.

Ela solta meu cabelo e faz o que eu mando, curvando-se ligeiramente.

Limpo minha palma no meu rosto, observando seu corpo, meu pau dentro dela, sua boceta capturando-o firmemente. Corro minha mão por sua espinha, parando na base e pressionando meu polegar contra seu buraco apertado, fazendo-a estremecer.

— Posso te foder aqui?

— De jeito nenhum.

Rio e movo meu polegar.

— Da próxima vez.

Ela não responde, então eu agarro sua nuca e a forço a se curvar mais.

Chuto suas pernas para longe e agarro seus quadris, puxando até a ponta e afundando novamente. Tão apertada. Eu bombeio lentamente, rolando meus quadris contra ela. Cada impulso é cuidadosamente controlado e profundo.

Ela se move comigo enquanto a água nos encharca, e encontramos um ritmo em que meu pau é enterrado mais profundamente em suas profundezas.

— Mais forte — ela implora.

Eu me afasto completamente, e Stacey quase grita quando eu empurro de volta com força. De novo. De novo. Fodendo-a mais rápido e mais forte até que meus pulmões estejam travando e minhas bolas estejam batendo em seu clitóris. Meus dentes batem juntos, e eu agarro seus dois pulsos, acertando seu corpo contra os ladrilhos enquanto continuo empurrando meu pau dentro dela.

Ela geme repetidamente, alcançando meu cabelo novamente e puxando com força total enquanto devoro sua garganta com minha boca e dentes. Dor e prazer destroem meu corpo, e meu pau incha dentro dela.

Stacey vira a cabeça, seus olhos encontram os meus, e eu quero pressionar minha boca na dela. Ela está me olhando como se eu significasse tudo para ela, e isso me irrita, mas não porque eu não sinta o mesmo.

Nós somos o segredinho sujo um do outro. E provavelmente sempre será assim.

A água está caindo sobre nós, nossos corpos batendo um contra o outro, ruídos estrangulados saindo de nossas gargantas. Ela está choramingando, ofegante, e eu quero beijá-la pra caralho. Nossas bocas estão tão próximas.

Eu não beijo ninguém há muito tempo. Não de boa vontade. Se alguém paga a Bernie a mais, ela me obriga a beijar. Ela até me pagou mil dólares para sentir meus lábios nos dela.

Stacey nunca vai me deixar beijá-la. Eu sei disso. Mas isso não significa que eu não vá tentar, cacete.

Empurro mais fundo. Seus olhos ainda estão fixos nos meus enquanto começam a ficar vidrados, as pupilas totalmente dilatadas.

Ela está tão perto de perder o controle novamente.

Ela é deslumbrante.

Enrolo minha mão entre suas pernas, observando-a enquanto circulo seu clitóris. Ela abaixa o olhar para minha boca antes de fechar os olhos.

Meus dentes agarram seu lábio inferior, e ela entra em erupção. Eu não a empurro para o limite quando seu orgasmo atinge - eu a lanço para lá com uma força do caralho, enquanto ela detona em volta de mim, sua boceta apertando meu pau, me estrangulando tão forte que eu acho que vou ficar preso. Eu continuo, fodendo sua boceta com mais força, esfregando seu clitóris enquanto ela se desfaz.

Stacey arranca seu lábio inferior dos meus dentes, e eu sinto seu sangue em minha boca, sinto o calor dele em meus lábios. Eu o lambo enquanto a vejo desmoronar e continuo metendo dentro dela.

— Porra, eu amo estar dentro de sua boceta apertada. Foi feita para mim — digo, pressionando minha testa contra ela e segurando-a para mim. — *Você* foi feita para mim.

Seus olhos reviram enquanto suas unhas se afundam em meu couro cabeludo e pulso. Ela treme em meu aperto.

— Kade — sua voz é estrangulada por um gemido. — K...

Posso sentir a explosão de energia percorrendo o corpo dela e senti-la ao redor do meu pau quando seu corpo inteiro se contrai, suas pernas como geleia. Seus olhos se arregalam em um grito, meu nome saindo de sua boca enquanto atinge o auge.

Ela fica mole em meus braços, sem fôlego.

É possível que eu tenha acabado de dar a ela o orgasmo mais forte de sua vida. Sorrio enquanto Stacey olha para mim, seu peito e bochechas

vermelhos.

— Cale a boca — ela diz com uma risada baixa, recuperando o fôlego e limpando a boca. — Você me mordeu e cortou meu lábio.

— Você que se afastou — eu digo com um encolher de ombros. — Foi auto infligido.

Ela estremece quando eu saio dela e a viro para mim, segurando seu rosto em minhas mãos. Seus olhos estão vidrados de sua euforia.

— Ainda não terminamos.

Eu a ergo em meus braços, agarrando sua bunda e a carregando para o quarto. Stacey captura meu lóbulo da orelha entre os dentes, e eu sibilo com a pontada de dor, mas isso só me deixa mais duro.

Eu a deixo cair na cama e me acomodo entre suas pernas, chupando ao longo de sua mandíbula e então descendo até sua garganta. Ela enfia a mão no meu cabelo molhado, puxando com força e me fazendo gemer de uma raiva cheia de luxúria.

Estamos encharcando a cama enquanto exploramos um ao outro como se não tivéssemos feito isso um milhão de vezes.

Pego seu mamilo tenso na minha boca, e chupo, mordo e beijo enquanto ela choraminga. Eu a observo enquanto deixo beijos suaves na cicatriz entre seus seios, a pele levantada que ela escondera até agora, e juro que vou descobrir o que aconteceu.

Se eu perguntar, ela vai mentir. Ela sempre mente.

Minha boca viaja pela sua garganta, ao longo de sua mandíbula, e eu arrisco a sorte.

Mas Stacey desvia da minha boca quando tento beijá-la, e isso me fode o suficiente para que eu me incline e pressione minha mão no travesseiro ao lado de sua cabeça.

— Eu quero te beijar — digo a ela, pegando sua garganta e cortando seu ar. — Me deixa te beijar, porra.

Seus lábios se abrem, e eu a solto o suficiente para falar.

— É íntimo demais.

Um suspiro sai de sua garganta enquanto eu forço meu pau em sua boceta, me envolvendo em seu calor.

— E isso não é?

Ela vibra ao meu redor, ainda sensível do orgasmo.

— Você... Você transa o tempo todo. Eu não sou diferente do resto.

Isso não é nem um pouco verdade.

Agarro seu cabelo, puxando sua cabeça para trás, e começo a meter nela, levando sua perna até meu quadril para ir mais fundo.

— Isso é íntimo demais? — Eu cerro meus dentes enquanto ela tenta balançar a cabeça de um lado para o outro, gemendo alto quando meu pau ameaça se derramar dentro dela. — Devo ir mais forte? Mais rápido?

— M-Mais rápido.

Eu vou. Eu a fodo com cada grama de velocidade que tenho.

Saio dela, viro-a, empurrando-a para baixo para que ela fique de barriga para baixo, e meto nela novamente. Sua área sensível é esmagada contra o colchão a cada impulso, e cada nervo dentro de mim faísca, minhas bolas apertadas.

Meu corpo a cobre completamente. Estou aceitando o que ela está dando, e nada disso é forçado. Nós queremos um ao outro. Queremos isso. Queremos os malditos orgasmos detonando com tudo dentro de nós.

— Mais um, Sardentinha. Vamos lá. — Eu entrelaço nossos dedos em uma mão e seguro seu pescoço com a outra. — Me dá mais um.

Cerro meus dentes enquanto ela pulsa ao meu redor mais uma vez, gritando meu nome e agarrando os lençóis entre nossos dedos entrelaçados. Sua boceta aperta em volta do meu pau, sua garganta trabalhando sob meu aperto, e enquanto isso, minha visão embaça, o calor inunda a base da minha coluna e os músculos se contraem em minhas coxas.

Vejo estrelas antes de gozar, derramando cada gota dentro dela.

Eu desmorono, esmagando-a enquanto ofegamos pela euforia, lentamente arrastando meu comprimento por suas profundezas até que não aguento mais e saio.

Mas eu não me movo – fico em cima dela, pressionando meus lábios em seu ombro e tentando encher meus pulmões.

Eu me afasto dela, minha mão em suas costas.

— Você está bem?

Stacey consegue acenar e diz baixinho:

— Sim. Você está?

Eu franzo a testa. Ninguém nunca me perguntou isso depois do sexo – eu estou bem? Porra, sim, eu estou.

— Sim.

Há tantas palavras que quero deixar escapar, mas vou me arrepender delas assim que dizê-las. Nunca poderemos ficar juntos, não com nosso passado, segredos e minha vida. Não posso ter uma namorada e

depois ir foder e ser fodido por homens e mulheres enquanto drogas são injetadas em meu corpo.

Apesar dos meus pensamentos, eu me inclino para beijá-la, mas ela vira o rosto para longe de mim.

— Preciso ir buscar suas roupas na lavanderia — diz, se sentando e escondendo os peitos de mim. — Vou chamar um táxi quando voltar.

Franzo a testa enquanto ela rapidamente pega as roupas da mala e corre para o banheiro para se limpar e se vestir.

Afundo no colchão e esfrego as mãos no rosto. A realidade está lentamente se infiltrando, e quero chutá-la de volta para onde estava. Assim que colocar meu telefone para carregar, a bolha em que estamos estoura.

Não sou fã dessa ideia.

Stacey sai, agora vestindo moletom e legging.

— Você deveria comer alguma coisa. Acho que tem serviço de quarto.

Olho para ela enquanto se senta no sofá e estuda seu telefone, agindo como se eu não a tivesse feito explodir várias vezes, embora suas pernas ainda estejam tremendo um pouco.

— Por que você reservou seu voo para daqui dois dias?

Seus olhos encontram os meus sobre a tela.

— Era o próximo.

— Para Glasgow? — Balanço a cabeça em negação. — Tem voos todos os dias.

— Talvez eu não estivesse com vontade de voar?

Eu sorrio.

— Ou talvez você quisesse passar mais tempo comigo.

Ela zomba.

— Não se iluda, Kade. Vou para outro hotel, e você pode fazer o que quiser.

— Não. Quando eu pegar minhas roupas, você vai ao shopping comigo. Nós comeremos enquanto estivermos fora. — Eu inclino minha cabeça para o lado. — Vou deixar você dirigir qualquer carro que eu alugar.

Eu odeio alugar carros, mas não tive a chance de comprar um novo depois que destruí meu Bentley. A tela do telefone de Stacey chama sua atenção.

— Eu não sei dirigir.

Solto um gemido interno e me levanto da cama enquanto visto

minha boxer. Eu caminho até ela, levantando seu queixo para que ela pare de olhar para o telefone. Porra. Ela é linda. Eu nunca pensei o contrário.

— Fui eu quem te ensinei a dirigir, lembra?

Ela afasta minha mão e joga o telefone de lado.

— Por quê? Por que você quer passar um tempo comigo?

Dou de ombros, sabendo que venci.

— Porque você está se escondendo, e eu quero me esconder com você. — Acaricio sua bochecha e pressiono meus lábios em sua testa, pegando-a de surpresa. — Vamos nos esconder juntos, Sardentinha.

CAPÍTULO 35



Stacey

Não consigo pensar direito.

Minha testa repousa contra os azulejos do chuveiro enquanto eu me dou um tapa mentalmente, a Stacey interior me chama de todas as palavras vergonhosas imagináveis. No entanto, estou lutando entre sorrir ou me afogar em lágrimas.

Ah, Deus. Eu fodi o Kade. Ou... ele me fodeu. De novo.

Jesus. O que estávamos pensando?

Minha mente repassa tudo enquanto observo a água escorrendo pelo ralo.

Kade está usando meu telefone – presumo que no modo privado – falando com Dez e Base. Eu me certifiquei de apagar todas as mensagens que Chris enviou, e estou rezando para que ele não entre em contato enquanto Kade estiver usando meu celular.

Ele solta uma risada profunda, e seu tom é caloroso quando diz que se encontrará com eles amanhã, que eles irão para alguma festa.

A área entre minhas pernas está doendo enquanto enxáguo o condicionador do meu cabelo e esfrego o suor do meu corpo, minha pele fervendo com os efeitos posteriores dos orgasmos múltiplos causados pelo meu ex.

Depois que concordei em sair com ele por um tempo, ele me prendeu no sofá e me fez me estilhaçar *de novo*. Seus dedos sabem exatamente como me deixar louca, e acho que se eu gozar mais uma vez, vou desmaiar.

O tremor em meus ossos ainda está presente enquanto ensaboo

minha pele, dando um pulinho quando Kade abre a porta e entra casualmente usando uma toalha em volta da cintura.

— Ei! Você não pode simplesmente entrar aqui enquanto estou tomando banho!

Confuso, ele levanta uma sobrancelha através do vidro levemente embaçado.

— Eu estava dentro de você.

— E daí?

Silêncio, e então ele abre a porta do banheiro novamente para sair.

— Anda logo.

Kade deita na cama, olhando para o teto, seus dedos deslizando sobre seu peito nu repetidamente enquanto eu saio do banheiro. Vestida, meu cabelo molhado em um rabo de cavalo, pego meu telefone e verifico as notificações.

— Não tem nada. Nenhum namorado tentou entrar em contato com você.

Solto um som zombeteiro e calço meus sapatos.

— Vou buscar suas roupas.

Kade não diz nada enquanto saio do quarto. Eu sigo pelo corredor, pego o pedaço de papel que sua mãe me deu e rapidamente digito o número rabiscado nele no meu telefone.

Ele atende no primeiro toque.

— *Aria?*

Pigarreio.

— É a Stacey.

— *Ah. O que posso fazer por você, pequena?*

Passo pelo elevador e vou pelas escadas para ter certeza de que não perca meu sinal.

— Estou em um quarto de hotel com Kade.

— *Você não vai me dizer que esteve transando com meu filho a noite toda, vai?*

Fico atordoada em silêncio.

— *O que você quer?* — ele pergunta quando não consigo responder.

— Eu deveria ter ido para casa com Luciella, e ele me ligou. Ele... ele tinha usado alguma coisa, uma droga, e estava mal. — Meus pés me carregam para baixo de cada lance de escadas. — Eu cheguei até ele ao

mesmo tempo que seu assistente. Kade estava tão confuso que não sabia quem eu era. Pensou que eu tinha pagado para... para transar com ele.

Tobias fica quieto, sua respiração é tudo que eu posso ouvir.

Eu continuo enquanto desço os degraus.

— Ele estava coberto de sangue, também. O assistente dele disse que ele tinha atirado em alguém que não deveria.

Em voz baixa, Tobias pergunta:

— Ele tem um assistente?

Eu paro de andar.

— Essa é sua pergunta? Ele atirou em alguém, Tobias.

— Ele te contou o que aconteceu?

— Não. Kade estava tendo alucinações terríveis e ficava me perguntando quanto eu tinha pagado e se eu podia fingir que tínhamos transado.

Não acredito que estou falando sobre isso com ele.

— *Quem é ela?* — ele pergunta.

— Não sei. Ele a chamou de diaba.

— Mais alguma coisa?

— Só que ele é pago para matar e... acho que é um prostituto, mas não tenho certeza dessa parte. — Eu me odeio por contar ao pai dele, mas de que outra forma posso ajudá-lo? Tobias é minha única chance de tirar Kade dessa. — Kade quer que eu fique com ele até eu voltar para casa, para que possa se esconder comigo.

— Se esconder de quem?

— Não sei — respondo, entregando meu cartão à recepcionista com o recibo das roupas de Kade. O pai de Kade não responde.

Mordo meu lábio.

— Acho que o antigo Kade ainda está lá — digo. — Vou tentar descobrir mais hoje.

— Certo. Fique segura, pequena.

A ligação termina quando a recepcionista entrega as roupas, e volto para o quarto.

Kade não fala nada quando jogo a sacola para ele e vou para o sofá, para poder mandar uma mensagem para minhas amigas e perguntar como foi o dia delas.

Temos um bate-papo entre nós três, e Lu envia capturas de tela de uma conversa entre ela e Base – ele a chamando de Srta. Temperamental e

dizendo que ela está perdendo por se recusar a ir a um encontro com ele.

Lu: Dá para acreditar nesse cara?

Ty: Srta. Temperamental foi engraçado.

Lu: Não ouse dizer isso a ele ou eu nunca mais vou ouvir o fim disso.

Eu: Por que vocês dois estão conversando por aqui se estão juntas?

Ty: Ela está no banheiro há uma eternidade.

Lu: Ei! De qualquer forma, o que eu devo fazer? Bloqueá-lo? Contar ao Kade? Usar meu pai como ameaça?

Ty: Você poderia apenas aceitar?

Eu: Concordo com a Tylar.

Lu: Vou fingir que nenhuma de vocês disse isso. Vocês duas se esqueceram de quem estamos falando aqui? Ele flerta com minha mãe e Ewan, pelo amor de Deus!

Ty: Uhm, olá? Você já viu o Ewan?

Eu: Você já beijou o Base antes.

Lu: Pare de falar sobre meu padrasto, Tylar. E um desafio não conta!

Ty: Se você está dizendo, Srta. Temperamental.

Lu: Ahhh!

Eu rio da briga das duas. Por mais que eu quisesse estar com elas, ainda sinto um frio na barriga por Kade estar no banheiro, a apenas dez passos do sofá. Continuo lutando contra um sorriso, lembrando das mãos e boca dele em mim, ao mesmo tempo em que me repreendo por ter deixado isso acontecer.

Minhas amigas estão meio chateadas comigo por ter desaparecido – elas acham que esqueci meu passaporte. Mas Ty sabe a verdade – ela sabe que estou com Kade e me disse para aproveitar enquanto posso. Ela sabe que assim que voltarmos para a Escócia, a normalidade vai se instalar e o feitiço vai se quebrar.

Meu telefone apita novamente, e meu coração se afunda, o sangue escorrendo do meu rosto enquanto Chris envia mensagens de outro novo contato.

Número Desconhecido: Eu sinto muito, ok? Sinto muito mesmo pelo jeito que agi com você. Como é que Kyle recebe todo o seu amor de irmã e eu sou deixado de lado? Sempre foi assim. Minha própria mãe prefere a você e ao meu irmão. Você deixa Kyle te tocar? Você o deixa dormir ao seu lado e o abraça? Você já transou com ele? Você sorri muito para Kyle. Eu queria que você sorrisse para mim do mesmo jeito.

Número Desconhecido: Estou na sua cama, baby. Eu sempre estarei na sua cama. Mesmo quando você for casada com outra pessoa, serei eu a pessoa a colocar uma criança em você. Serei eu a ter o seu amor. Serei eu, quem envelhecerá com você. Pense nisso, ok? Esqueça que somos irmãos postiços. Esqueça tudo que eu fiz no passado e apenas... me ame de volta.

A bile sobe na minha garganta, a bolha em que eu estava me escondendo desde que voei para os Estados Unidos finalmente estourando. Minha realidade é que quando eu voltar para casa, Chris poderá me controlar novamente. Seu domínio sobre mim se afrouxou agora, mas se eu tentar correr, ele vai me encontrar.

E se eu contar a Kade, Chris vai machucá-lo.

Chris é a razão da minha vida estar de cabeça para baixo, e eu não quero arriscar que ele piore.

De alguma forma, consegui contar a Tobias um pedaço da verdade, mas dizer as palavras a Kade? Impossível.

— Você pode chamar um táxi? — a voz profunda de Kade viaja pela porta do banheiro.

Eu ainda posso sentir cada centímetro dele dentro de mim, e estou exausta por todas as vezes ele me fez gozar. Acho que tenho hematomas entre minhas coxas de quão forte ele meteu em mim também.

Estou tão confusa com tudo isso.

Tudo o que continuo pensando é que apesar de isso significar algo para mim, ele me odeia. Me apavora que eu vá quebrar meu próprio coração, porque eu falei sério quando disse que não podemos ficar juntos.

Seria muito tóxico. Nenhum relacionamento deveria ter segredos.

Não há futuro com Kade Mitchell.

Chamo um táxi e tento não deixar um Kade de banho tomado, vestido e perigosamente bonito me afetar enquanto ele sai com o cabelo úmido caindo sobre a testa, ajeitando o colarinho.

Ele para quando me vê olhando.

— O que há de errado?

Balanço a cabeça de um lado para o outro, os olhos o seguindo enquanto ele pega seu relógio caro na mesa de cabeceira.

Ele o prende no pulso, verificando as horas e, em seguida, inspecionando a pequena rachadura na tela do telefone.

— Para onde exatamente estamos indo? Tem um lugar do outro lado da rua que vende carregadores de telefone.

— Não vou carregar meu telefone — ele diz, jogando o celular sem bateria no criado mudo novamente. — Farei isso mais tarde. Vou alugar um carro; posso usá-lo para deixar você no aeroporto.

— Por quê?

Por que você está aqui? Você me odeia. Cada palavra cruel que me disse, prova isso. Estou morta para você, lembra?

Ele apenas dá de ombros.

— Não vou tentar te foder de novo, se esse é o seu problema.

Reviro os olhos.

— Meu problema é que algumas semanas atrás eu não passava de sujeira para você. Você ainda está bêbado? — Eu caminho para ficar na frente dele enquanto ele se senta na beirada da cama, calçando os sapatos. — É por isso que está me tolerando?

Quero jogar o abajur na cabeça dele enquanto ele ri e responde:

— Provavelmente.

— Sabe de uma coisa? Não vou fazer isso. — Gesticulo entre nós, mantendo contato visual enquanto a irritação se infiltra em meus ossos. — Eu e você terminamos. Você se certificou disso quando me deixou. Então o que diabos está fazendo agora, Kade?

Ele se levanta, elevando-se sobre mim.

— Por que você está aqui? Por que saiu do aeroporto e veio até mim?

— Porque você precisava de ajuda — eu respondo, cruzando os braços na minha frente. — E não responda minha pergunta com outra pergunta.

Kade dá um passo à frente, e eu dou um passo para trás.

— Eu quero que você responda. Eu te trato como merda, então por que veio atrás de mim?

Mais um passo dele para frente, e um meu para trás. Respiro fundo até minhas costas baterem na porta. Ele não para até estar bem ali, frente a frente, a uma polegada de distância.

Estremeço quando ele levanta a mão para tocar minha bochecha, mas ele para quando vê meus olhos fechados com força.

É um instinto que peguei por ter Chris me atacando sempre que pode. Ele me teve nessa posição várias vezes.

Kade percebe meu reflexo, e, então, apoia a mão na porta ao lado da minha cabeça.

— Me responda, Stacey!

Seus olhos são tão lindos, claros como os de seu pai. Mas eles também estão preocupados e cansados. Minha voz é baixa quando digo:

— Eu tenho o direito de ainda me importar com você.

Em silêncio, as sobrancelhas de Kade se franzem.

Meu telefone toca e eu me afasto dele.

— Eu não sou a cobra que você pensa que sou. Apesar do que você acha, eu me importo. Provavelmente mais do que deveria.

Abro a porta e saio, e Kade me segue.

CAPÍTULO 36



Stacey

Compramos hambúrguer, batata frita e bebida em um fast food. Não falamos nas duas horas desde que saímos do hotel. Ele pega minha mão enquanto andamos pelo shopping até uma das lojas mas rapidamente a solta quando percebe seu erro.

Franzo a testa para Kade quando ele pergunta se eu quero alguma coisa enquanto passo por roupas que eu levaria anos para poder pagar.

Quando Kyle me liga para dizer que Nora vai fazer seu exame anual de fígado, Kade mantém os olhos em mim, fumando um cigarro.

Eu quero voltar para o quarto, sozinha, e deitar na cama. Quero ficar longe desse imbecil que acabou de dar umas quatro voltas de 180º no humor dele.

Ele e Lu são realmente gêmeos. Uns malditos temperamentais.

— Precisamos ir a algum outro lugar?

Kade acena uma vez com a cabeça.

— Onde?

— Você verá — é sua resposta.

— Já tive conversas melhores com sua avó — eu digo, fazendo questão de esbarrar nele enquanto caminhamos. — E isso quer dizer muita coisa.

Entramos em outro táxi, e o joelho de Kade bate no meu. Olho para ele, mas ele está olhando pela janela.

— Pode parar aqui.

Meus olhos se arregalam quando vejo onde estamos.

— Não.

— Sim. — Ele sai e abre minha porta. — Vamos lá.

— Não.

Ele ri e agarra minha mão, me puxando para fora e agradecendo ao motorista.

— Pare de ser um babaca.

Aponto para a placa.

— Eu *não* vou andar de moto!

Kade me ignora e entra no prédio, os dedos envolvendo meu pulso levemente. Sento-me na recepção irritada, debatendo se devo correr agora ou fingir que ele me sequestrou.

Para meu horror, *ele compra uma.*

Compra. Uma moto. Do nada.

Dez minutos depois, Kade caminha em minha direção com dois capacetes.

— Vamos.

— De jeito nenhum.

— Vou te jogar por cima do meu ombro.

Ignorando o terror crescente em meu intestino, eu me levanto e caminho em direção aos fundos, atravesso as portas e entro no estacionamento, onde uma moto preta está parada, esperando para acabar com minha vida.

— Jesus, Kade. Não. Não vou montar essa coisa enorme! Ela vai me destruir.

Ele me dá uma olhada.

— Ainda estamos falando da moto?

— Cale a boca.

O funcionário ri, braços cruzados e encostado na parede.

— Nosso modelo mais recente. E o mais caro.

Fecho a cara para Kade.

— Pare de jogar dinheiro fora.

Ele balança a cabeça de um lado para o outro e acena para a armadilha mortal.

Suba na moto.

— Não — eu respondo, meu coração começando a disparar enquanto ele se aproxima de mim, levantando a mão e colocando uma mecha solta de cabelo atrás da minha orelha.

— Pare com isso. — Eu afasto seu toque. — Vou pegar uma carona

de volta para o hotel.

— Ou você sobe ou vou te dobrar sobre ela.

Ele está falando sério. O olhar excitado em seus olhos é o suficiente para deixar minha boceta instantaneamente molhada.

— Ficarei feliz com qualquer uma das opções. Você escolhe.

O homem atrás de nós limpa a garganta e se despede.

— O que será então, Stacey?

Forço um bufo.

— Nenhuma das duas é realista.

— Se você acha que eu não arrancaria esse seu vestidinho preto e tornaria tudo bem real, está errada.

Minhas paredes internas se apertam com nada além da imagem dele fazendo exatamente isso. Engulo em seco, o pulso no meu pescoço vibra, e tento parecer não afetada. Molho meus lábios com a língua e noto seu olhar caindo na minha boca.

— Há câmeras.

Ele sorri.

— É melhor você subir na moto, então.

Idiota.

E eu sei que ele também está falando sério. Se eu disser para ele me dobrar bem aqui, ele o fará. Por que há uma parte ousada dentro de mim que quer que ele faça isso? Seríamos pegos e presos por atentado ao pudor e atos obscenos em público, sem dúvida.

Não que nunca tenhamos transado em público.

Quando ele vê que desisti da discussão, parece divertido consigo mesmo e vai até a moto, verificando todos os botões ou o que quer que seja que tenha sua atenção.

— Para onde estamos indo?

Ele dá de ombros.

— Vamos dar um passeio. Um lugar para passarmos o tempo.

— Porque você está se escondendo da diaba?

Kade olha para mim enquanto liga a moto, o rugido do motor me faz pular. Minhas entranhas se reviram, e não tenho certeza se estou excitada ou apavorada. Talvez os dois.

— Exatamente. De quem você está se escondendo?

— Por que você faz o que faz? — pergunto em vez de responder enquanto Kade me entrega meu capacete. — Tipo, as coisas ruins e ser...

um acompanhante de luxo.

Ele esfrega a nuca antes de colocar o capacete, viseira para cima.

— Pelo dinheiro?

— Você está me perguntando ou me contando?

O capacete idiota não entra, e quando tento pela quarta vez, ele se aproxima de mim, tirando-o das minhas mãos.

— É um bom dinheiro. Não há nada de errado em trabalhar com sexo.

— Eu nunca disse que havia. Sou uma dançarina de pole dance, e sempre somos sexualizadas. Eu nunca envergonharia alguém por sua profissão.

Ele não responde, afrouxando as tiras. Seus cílios escuros são tão longos e grossos. Eu os encaro, assim como suas sobrancelhas e o pequeno hematoma em sua bochecha.

Me deixa te beijar, caralho.

Eu queria que ele me beijasse. Mas seria muito complicado se eu deixasse. Meus sentimentos ainda estão aqui – ele está apenas passando o tempo.

Engulo em seco. Eu fui a primeira dele, e, em certo momento, ele havia me dito que não conseguia se imaginar transando com mais ninguém. Estávamos apaixonados. Tínhamos um futuro, e iríamos fazer Luciella entender o que significávamos um para o outro. Ninguém jamais poderia nos separar.

Até que alguém nos separou.

— Como você se envolveu nessa linha de trabalho? — *Por favor, apenas me conte. Eu preciso entender. Eu quero entender*. — É por isso que você foi treinado para usar uma arma?

— Eu fui treinado para usar muitas armas. — Ele alcança atrás de mim e puxa meu rabo de cavalo até que ele fique solto, enrolando o cabelo em volta do seu pulso. Kade passa os dedos pelo meu cabelo, que fica bagunçado em meu rosto. Seu tom é suave: — Pare de fazer perguntas.

— Quando começou?

— Por que você transou com ele?

Eu o encaro, de olhos arregalados.

— Eu... eu... — *Diga, Stacey. Diga!*

Kade balança a cabeça em negativa diante do meu silêncio.

— Exatamente. Pare de me fazer perguntas e não vou fazer

nenhuma a você.

Abaixo meu olhar.

— Eu só quero entender.

O capacete se encaixa perfeitamente na minha cabeça agora, e ele prende o clipe no meu queixo. Sua proximidade está fazendo borboletas se enlouquecerem na minha barriga, e eu quero abraçá-lo. Tenho uma vontade repentina e irritante de esmagar meu corpo no dele em um abraço.

Eu quero chorar – soluçar em seus braços.

Kade dá um passo para trás, seus olhos traçando meu corpo, do meu vestido para meus sapatos e então para o grande capacete.

— Você não precisa entender. É a minha vida agora.

— Você gosta? Você pode pelo menos me dizer se está feliz.

Com os lábios se estreitando, ele puxa o visor para baixo, joga sua longa perna sobre a moto e bate no assento atrás dele.

— Suba.

— Você algum dia vai parar?

Ele suspira.

— Vamos lá, Stacey. Já faz dois anos. Não tem razão nenhuma para você saber de nada disso.

Eu cruzo meus braços.

— Você *pode* parar?

Sua cabeça cai em aborrecimento.

— É muito improvável que a oportunidade de parar apareça. Agora, suba, a menos que você queira a segunda opção? Foder você apenas com um capacete parece sexy.

Eu fico ao lado da moto.

— Mas...

Ele encosta no meu visor e fecha sobre meu rosto, encerrando a conversa. Ele não consegue ver através da película, mas estou estreitando os olhos para ele enquanto ele estende a mão para me ajudar a subir atrás de si.

Kade olha por cima do ombro.

— Os capacetes estão conectados ao Bluetooth da moto. Conecte seu telefone.

— Por que eu faria isso?

Posso dizer que ele está levantando uma sobrancelha.

— Música.

— Enquanto você dirige? — pergunto, mortificada. — Não! Você

precisa se concentrar.

— Pare de ser irritante. Eu já atirei enquanto dirigia e nunca cheguei nem perto de bater.

Dou um tapa no ombro dele.

— Você fez, o *quê*? E se você for rápido demais e eu não conseguir segurar e cair?

A moto vibra sob mim enquanto ele chuta o suporte. Ele levanta a voz para que eu possa ouvir.

— Só conecte seu maldito telefone, Stacey.

Eu me inclino para trás e pego meu telefone.

— Sabe, Base não deveria estar chamando Luciella de Srta. Temperamental quando ela tem você como irmão. — O capacete apita enquanto meu Bluetooth se conecta e eu abro minha playlist de músicas. — Você é de longe a pessoa mais temperamental que já conheci — digo baixinho.

— Eu ouvi isso — Kade responde, sua voz agora ecoando no meu capacete.

É claro.

— Bem quando eu pensei que teria um pouco de paz de você.

Eu não ouço o que ele responde quando *4runner* de Brenn! começa a tocar.

Ele traz os braços para atrás e pega os meus, enrolando-os ao redor de si.

— Segure firme, Sardentinha.

Grito quando ele parte, e decido que este será meu último dia na Terra. Ele está indo rápido demais, e acho que posso voar para longe.

A moto inclina para o lado quando ele vira à direita, e tenho certeza de que estou prestes a perder uma rótula.

— Estou com medo — admito, fechando os olhos com força para gritar enquanto ele avança no trânsito. — Devagar!

— Toda vez que você gritar, vou mais rápido.

— Vai se foder! — grito por cima da música. — Vai se foder, Kade Mitchell!

Ouço o sorriso quando ele diz:

— Nós vamos, assim que pararmos.

— Eu vou te matar.

Ele ri de novo.

Envolvo meus braços em volta dele com mais força enquanto ele parte para a direita, o vento chicoteando meu cabelo ao nosso redor. Ele desliza mais para o lado, tão perto de bater no chão, e me pego segurando sua blusa.

— Estou com tanto frio — suspiro.

Kade rapidamente diminui a velocidade e para no acostamento.

— Você deveria ter me dito. — O capacete sai, e ele tira o moletom e me dá.

— Aqui.

— Você não vai ficar com frio?

Ele balança a cabeça em negativa enquanto coloca o capacete de volta.

Kade me ajuda a tirar o capacete e veste o moletom antes de colocá-lo de volta. Suspiro com o calor. Eu o sinto ao meu redor. Meu capacete descansa contra suas costas enquanto ele começa, indo em um ritmo constante antes de acelerar, e meu pulso dispara com a adrenalina.

Mantenho meus olhos abertos dessa vez, aproveitando, a vista ao nosso redor se fundindo, até tudo se tornar uma massa de luzes e cores, e eu me pego sorrindo.

Estou sorrindo tanto que meu rosto dói.

Ele diminui a velocidade quando nos aproximamos de um sinal de pare e espera os carros passarem no cruzamento.

— Eu te ouvi rir, Sardentinha. Acho que, secretamente, você gostou.

— Eu não gostei — digo através de um sorriso, meus braços ainda ao redor dele, embora não estejamos nos movendo. — Eu estava tossindo.

— Que mentira.

Minha perna fica tensa quando ele se estica para trás, circulando seus dedos em volta da minha coxa e enviando tremores para todos os lados. Esperando. As luzes ainda estão vermelhas, e uma grande parte de mim quer que elas continuem vermelhas.

— Parece que você tem asma, então. Com essa tosse.

Engulo quando seu polegar se move contra minha perna.

— Cale a boca.

Ele ri profundamente.

As luzes ficam verdes, e seu toque desaparece enquanto partimos mais uma vez.

Nós finalmente paramos perto de uma praia, onde o sol está quase se pondo atrás do mar. Tons de laranja, vermelho e amarelo dançam juntos enquanto as pessoas ainda surfam, um grupo de adolescentes menores de idade bebe ao redor de uma fogueira, música tocando em um alto-falante, e um casal sentado na areia, observando o céu como nós.

Nós mantemos nossos capacetes, e quando a mão de Kade encontra minha perna novamente, mantenho meus braços ao redor dele.

Alguns minutos se passam antes que eu fale.

— Não quero ir para casa tão cedo.

— Você quer ir para outro lugar? — ele pergunta, e quando concordo, ficamos sentados por mais dez minutos, confortavelmente, antes que ele nos leve para um píer tranquilo.

A moto se move sobre a madeira até pararmos entre vários barcos. Ele chuta o suporte para baixo. Estamos invisíveis. Ninguém pode nos ver. Era esse o plano dele? Ele vai tentar me foder aqui?

Tudo não se passa de sexo?

— Desça! — ele me ordena, e eu franzo a testa em confusão. Quando não me movo, ele diz: — Sente-se na minha frente.

Deftones está tocando através dos capacetes, uma banda que percebi que Kade também tem ouvido muito ultimamente. Ele me ajuda a descer e, antes que eu possa perguntar o que está acontecendo, ele me levanta e me senta na frente dele, então ficamos cara a cara. Ele se move para trás, então, minhas pernas sobre as dele ficam mais confortáveis.

Ele abre sua viseira, depois as minhas, seus olhos são de tirar o fôlego como sempre.

— Você quer se sentar aqui um pouco?

Mordo meu lábio, a moto está quente embaixo de mim.

— E fazer o quê?

— Posso pensar em algumas coisas.

Inclino minha cabeça enquanto ele levanta a mão e desprende meu capacete, depois o tira. Ele cai no píer abaixo de nós, o moletom o segue. Ainda podemos ouvir a música.

A brisa bate na minha pele, mas não é por isso que meus mamilos estão duros ou os arrepios percorrem minha espinha. Seu toque é eletrizante.

— Você vai me deixar te beijar?

Nego com a cabeça, e Kade bufa.

Meu coração bate forte no meu peito enquanto ele traça seu dedo ao longo da minha clavícula, então o prende sob uma das alças do meu vestido e o puxa para baixo do meu braço. O outro segue. Ele desprende meu sutiã e o joga de lado.

O ar frio atinge meus seios, e Kade roça seus dedos sobre os dois até que eu esteja ofegante. Ele está duro.

É sequer possível fazer sexo nessa posição?

— Há tantas coisas que quero fazer com você agora. Acho que não consigo esperar até voltarmos para o quarto.

Minha respiração falha quando uma mão segura meu seio, acariciando-o enquanto seu polegar esfrega meu mamilo, sua outra mão desliza pela minha coxa nua.

— O que você vai fazer comigo?

Kade olha para mim com um olhar escuro e semicerrado.

— Tudo.

A moto permanece firme enquanto Kade afasta minha calcinha para sentir o quão encharcada estou.

Minha cabeça cai para trás enquanto ele circula seu polegar em meu clitóris, puxando seu capacete para que ele possa capturar um mamilo em sua boca. Isso dura segundos antes que ele o puxe entre os dentes e recue, deslizando-me totalmente em seu colo.

Eu me esfrego contra seu pau, e meus pulmões gaguejam com a sensação. Ele serpenteia um braço ao redor da parte inferior das minhas costas para me ajudar a me mover contra ele.

Então Kade me para, agarrando meu quadril, me movendo enquanto ele libera seu pau e me posiciona acima dele, coroando minha entrada.

Ele faz uma pausa.

— Você está tomando anticoncepcional?

Meus olhos se arregalam.

— Só *agora* você está me perguntando isso? Você gozou em mim umas cinco vezes nos últimos dez dias.

— Você está?

Eu aceno positivamente com a cabeça, tremendo enquanto ele esfrega a cabeça de seu pau para cima e para baixo na minha boceta.

— Estou.

— Você engravidou da última vez enquanto tomava — ele diz, me puxando para baixo e se afundando totalmente, me fazendo morder meu

lábio para não gemer ao ar livre. Podemos até não ser estar sendo vistos, mas alguém pode nos ouvir. — Quem disse que não vai acontecer de novo?

— Não vai.

— Porra — ele murmura enquanto eu lentamente rolo para dentro dele, assumindo o controle enquanto ele nos mantém eretos na moto. — Eu amo como você responde a mim.

Choramingando, eu tomo mais de seu comprimento.

— O cenário é muito sexy. Não deixe que isso suba à sua cabeça.

Ele solta uma risada ofegante.

— Claro, Sardentinha.

Eu suspiro enquanto ele empurra para cima para encontrar meus movimentos.

— Me foda mais rápido — ele exige.

Eu me inclino para frente, minha espinha formigando, os dedos dos pés se curvando enquanto eu o monto, atingindo aquele ponto sensível que já me faz ver estrelas.

— Kade — eu respiro. Sua boca bate contra a minha, e eu me afasto um pouco.

Nossos lábios estão tão próximos, estamos respirando o mesmo ar. Seu olhar cai para minha boca, e eu cravo meus dentes em meu lábio inferior.

— Me beija — ele diz. — Se quer que eu implore, então eu vou implorar para você me beijar, Stacey. Por favor — a última palavra é um sussurro.

Meus dedos roçam em seu cabelo enquanto contemplo pressionar meus lábios nos dele. Só uma vez. Eu posso beijá-lo uma vez.

— Estou interrompendo?

Nós recuamos e abruptamente nos afastamos um do outro, o pau de Kade deslizando livre, e ele puxa meu vestido para esconder meus seios. Ele empurra sua ereção para longe e se levanta, mas congela quando se vira.

— Você é um homem difícil de encontrar, Kade Mitchell. No entanto, pensei que fosse inteligente. Deveria usar sua conta bancária *não rastreável* quando não quisesse ser encontrado, lembra? — o homem diz.

Ele é escocês, e eu conheço seu rosto de algum lugar.

— Você quer me apresentar à sua namorada?

Eu desço da moto e pego o moletom de Kade, segurando-o no meu corpo. Meu coração martela no meu peito, minha excitação crescente

completamente desaparecida.

O homem alto e mais velho estende a mão.

— Archie Sawyer. É um prazer conhecê-la. Qual é seu nome?

— Não fale com ela — Kade retruca, me puxando para trás dele. — O que diabos você quer?

Archie cantarola.

— Nesse momento, quero saber quem tem mais sua atenção do que seu trabalho. Quem é ela?

Kade fica em silêncio.

— Ela é uma coisinha linda — ele diz. — É uma cliente?

Quando ele tenta se mover em volta de Kade, Kade o impede com uma mão em seu peito, o faz andar alguns passos para trás, e o empurra.

— Fique longe dela, porra.

— Interessante.

Meu corpo treme enquanto ele olha atentamente para mim e depois para Kade.

— Vou deixar vocês dois voltarem ao que estavam fazendo. Sugiro fortemente que ligue seu celular, então não preciso que meus homens te rastreiem novamente.

Ele se afasta de nós, dá alguns passos e para. Mas então levanta seu telefone. Kade não é rápido o suficiente para ficar no caminho quando tira uma foto minha.

O homem olha para sua tela, então olha para mim e pisca, antes de voltar lentamente para um SUV preto estacionado perto do píer.

— Precisamos ir — Kade explode enquanto o carro parte. Ele está em pânico enquanto me levanta para a moto e prende meu capacete no lugar. — Eu te coloquei em muito perigo. Me perdoe.

CAPÍTULO 37



Kade

Por que diabos essa moto do caralho não anda mais rápido?

Meu sangue ruge em meus ouvidos enquanto Stacey segura firme, me perguntando repetidamente pelo Bluetooth o que está acontecendo. Ultrapasso carros, verificando ao meu redor para ver se estamos sendo seguidos. Tenho certeza de que estamos. Archie não iria embora e me deixaria assim. O marido de Bernadette é um bastardo da pior espécie.

Verifico os espelhos enquanto diminuímos a velocidade no sinal. Dois dos meus carros estão seguindo de perto. Barry deve ter lidado com minha cagada, se já está aqui. Vou pirar com ele se estiver me seguindo o dia todo sem verificar se eu e Stacey não estávamos sendo seguidos.

Minha equipe está nos cercando, nos encurralando para nos proteger. Um bipe ecoa no meu capacete e a voz de Barry aparece.

— *Cinco carros, chefe. Tenho todos eles na mira.*

— Armados?

— *Sim*.

Xingo para mim mesmo e aperto o acelerador.

— Não pensou em me dizer que ele estava por perto? — estalo, veneno impregnando meu tom. — Ele tirou uma foto dela, porra.

— *Desculpa, senhor. Só chegamos quando ele tinha acabado de sair, e seu telefone está desligado. Eu o encontrei porque o senhor usou seu cartão do banco.*

O sinal fica verde, e nos movemos novamente, o vento chicoteando o cabelo de Stacey para todos os lados.

— *Sugiro que dirija mais rápido. Eles têm ordens para matá-la.*

Podemos distraí-los.

Merda.

Felizmente, Barry está conectado apenas ao meu Bluetooth, então Stacey não consegue ouvir o que ele está dizendo. Ela, no entanto, aperta seus braços em minha barriga, e me irrita o quão reconfortante é o sentimento, apesar de nossas circunstâncias.

Faço uma curva fechada à direita.

— Nos leve para o hotel e finalize tudo. Quero todos que temos por perto, prontos.

Três SUVs estão nos seguindo, perseguindo Barry em alta velocidade pelas ruas movimentadas. Consigo desviar no trânsito, então os carros de Archie vão se distanciando lentamente. Toda vez que passo rápido no sinal vermelho, Stacey grita para eu ter cuidado, pois os carros buzinam para nós.

Se ela tivesse ideia do risco que estaria correndo se eu deixá-los nos alcançar, me diria para ir mais rápido.

Eles têm ordens para *matá-la*. O caralho que vou deixar isso acontecer.

Existem regras para mim. Não tenho permissão para transar sem pedir. Não tenho permissão para ter uma namorada. E definitivamente não tenho permissão para tomar garotas bonitas em motos – num quase encontro.

Mas quando estou perto de Stacey, todo o bom senso sai pela janela – até minhas cinco regras são nulas. Não deveria ser assim. Quando acordei com ela em meus braços, eu deveria ter escapado e me afastado dela. Eu não deveria ter ligado para ela quando estava chapado, quando estava coberto de sangue e tão longe da realidade que pensei que ela estava pagando pelos meus serviços.

Eu deveria tê-la deixado em paz quando me afastei dela dois anos atrás. Deveria ter mantido distância – tê-la cortado completamente da minha vida, mas eu tinha que vigiá-la. Eu *precisava* vigiá-la. As únicas coisas que me mantinham são, eram os momentos em que eu via seu sorriso verdadeiro, ouvia sua risada quando acessava o sistema de segurança da mansão e ela estava com Luciella. Quando observava a maneira como ela se movia no estúdio de dança, sem perceber meus olhos curiosos.

Quando ela vai para casa, minha conexão é cortada. Há algo sobre aquele lugar. Eu nunca consegui hackear – ainda não consigo. Até o

telefone dela é intocável, e não importa o quanto Barry e eu tentemos, não conseguimos entrar nele também.

Barry acha que essa obsessão pela minha ex não é saudável. Eu discordo. É a única coisa que me mantém são no meu mundo.

Observá-la não é um problema. Provavelmente ainda a observarei quando eu a tirar deste país. Só preciso ser mais discreto.

Eu nunca deveria tê-la buscado naquela casa. Estar tão perto dela, estar em um quarto de hotel com ela, desencadeou algo animalesco em mim, e observá-la de longe, passou a não ser mais suficiente.

Eu não deveria ter forçado meu caminho de volta em sua vida. Ela estaria segura.

— Você ouviu tiros? — Stacey pergunta, sua voz cheia de pânico. — Kade, eu acho que eles têm armas!

— Eles têm.

— Ai, meu Deus — ela choraminga. Seus dedos agarram minha blusa. — Eu não quero morrer.

— Você não vai morrer.

Me chantagear com meu pai foi o suficiente para me fazer concordar com os termos de Bernadette, mas se ela descobrir quem Stacey é para mim – ou quem *foi* – temo pensar qual será a punição. A frieza causa estragos dentro de mim enquanto eu considero o quão pior isso pode ficar.

Barry dirige na frente, outro carro atrás, e me diz que o hotel foi evacuado.

Nós vamos entrar pelos fundos, e já temos uma equipe esperando por nós. Ele também me diz que Archie já enviou a Bernadette a foto de Stacey e eles estão conduzindo uma busca por sua identidade.

Agarro o guidão da moto.

— Caralho!

Maldito Archie. Um movimento e eu seria capaz de quebrar o pescoço dele sem nem piscar. Mas isso só irritaria sua esposa e não estou pronto para ir aos funerais dos meus entes queridos tão cedo.

Fumegando, eu corro e acelero entre os veículos para garantir que eles não me alcancem enquanto dois dos meus carros os distraem. Meu sangue ferve quando percebo que Archie provavelmente a viu antes de se fazer conhecido no píer. Viu o corpo dela, ouviu seus gemidos ofegantes e o jeito que meu nome soou em sua língua. O predador de merda provavelmente se divertiu nos observando, esperando o momento perfeito

para se anunciar.

Merda. Era isso que eu queria evitar. Pensei que por estar na América, teria alguma privacidade. Eu deveria ter percebido que manter meu telefone desligado e usar, acidentalmente, minha conta principal, teria enviado sinais para eles. Eu já estava na merda por ter atirado em um dos amigos de Bernadette. Um líder político, ou o que diabos ele era.

Um estrondo soa, e Stacey se encolhe ao meu redor.

Desvio quando outro tiro nos erra por poucos centímetros.

Aperto minhas coxas em volta da moto e me inclino para trás.

— Sente-se na minha frente — eu digo a Stacey enquanto um dos meus caras fica pendurado na janela e atira de volta. Tento manter minha voz firme enquanto digo: — Gire sua perna que eu vou te pegar.

— O quê?

— Eu preciso te proteger.

Quando ela não se move, e outra bala se aproxima de nós, cerro meus dentes.

— Mexa-se, Stacey.

Tento não surtar quando um assovio passa pelo meu capacete. Ela treme, mas suas unhas soltam minha blusa, e ela lentamente se move para o meu lado, agarrando-se a mim com força.

Pego sua perna primeiro e a puxo em volta de mim enquanto seus braços envolvem meu pescoço. Stacey sobe em volta de mim, e eu a ajudo, enquanto controlo a moto.

— Kade… — sua voz treme enquanto suas pernas cobrem minhas coxas

— Não me abrace, segure minha blusa na frente. — Eu quase acerto um caminhão enquanto acelero, balas passando zunindo por mim enquanto protejo Stacey ao mesmo tempo em que desvio do trânsito.

Seu corpo é tão pequeno contra mim, e me irrita que ela sempre pareça estar em casa. Agora que a tenho na minha frente, as balas estão miradas nos meus guardas.

Eles não vão me matar. Ganho muito dinheiro e sou um dos melhores assassinos; além disso, Bernie parece ser obcecada por mim. Ela é possessiva e controladora, e se tivesse sido ela quem nos pegara, Stacey já estaria morta.

Meu coração dispara enquanto eu repetidamente asseguro a Stacey que a levarei para o hotel, que a tirarei do maldito país antes que descubram

quem ela é.

Stacey chora e me segura com mais força, as pernas balançando sobre as minhas e ficando tensas enquanto eu empurro para a direita. Posso ouvir sua respiração pesada, os pequenos guinchos que ela faz quando desvio dos carros para a esquerda e para a direita.

Outro sinal vermelho, mas há muitos carros passando na nossa frente para arriscar passar por ele. Eu finalmente paro e olho ao redor. Barry e o resto dos meus homens estão em uma perseguição.

— Quem era ele? — ela pergunta, sem fôlego. — Ele parecia familiar.

— Alguém que eu jamais quero que você encontre de novo — respondo, esfregando sua coxa na minha, tentando confortá-la ao mesmo tempo em que seguro seu vestido.

Eu a ouço engolir em seco.

— Ele é perigoso?

— Perigoso é um eufemismo. — Olho para ela através dos visores. — Assim que lidarmos com eles e soubermos que é seguro, vou te levar para o jatinho. Quero que você vá direto para casa e diga ao seu irmão Kyle para não sair do seu lado. Vou garantir que eles não descubram quem você é.

— Não. Eu já tenho um voo reservado.

— Não discuta comigo sobre isso. Segure firme.

As luzes ficam verdes, e eu saio disparado, o capacete dela batendo no meu.

Ouço tiros atrás de nós novamente, a luta se aproximando. Se eu tivesse uma arma, ajudaria, mas não só estou irritantemente desarmado, como também preciso proteger Stacey.

— *Vá para a esquerda, senhor. Vamos para a direita. Passe pelos fundos do hotel. O caminho está livre.*

— Tenha cuidado. Se você for morto, vou te matar, caralho.

Barry bufa, a conexão ficando fraca.

— *Entendido, chefe.*

CAPÍTULO 38



Kade

Chegamos ao hotel em menos de uma hora e, como Barry disse, o lugar está limpo, exceto por todos os meus guardas do lado de fora e de dentro, patrulhando as escadas e a área ao redor.

Eu deslizo para trás, segurando Stacey. O lugar é como uma cidade fantasma. Assim que chegamos ao quarto, consigo respirar.

Stacey tira o capacete e o joga no sofá, com as mãos na cintura.

— Comece a falar. Agora.

— Não. — Aponto para a mala dela e as roupas ao redor. — Faça as malas.

Um dos guardas me deu um carregador, então conecto meu telefone e espero impacientemente a tela ligar. Olho para cima quando não ouço movimento. Ela ainda está parada no meio da sala, me encarando.

Gemo e belisco a ponta do meu nariz.

— Comece a se mexer. Faça as malas. Não temos tempo para você ficar brincando, cacete.

Assim que um monte de notificações aparece de Base, bêbado e sendo seu eu irritante, eu me jogo na beirada da cama, cotovelos nos joelhos. Stacey se aconchega na minha visão periférica, abaixando-se no sofá.

— Kade. Por favor. Preciso que você me diga o que está acontecendo aqui.

Ela merece saber. Mas eu também não quero que ela saiba. Ela vai me olhar diferente se eu contar tudo a ela? Ela vai entender por que precisa ficar longe de mim?

Voltei para casa porque Bernadette tinha afrouxado a coleira em mim depois de me fazer passar por um mês difícil de brutalidade, e a única razão pela qual não quebrei o pescoço dela ali mesmo foi porque ela ameaçou matar meu pai e fazer parecer suicídio. Toda essa merda com minha ex simplesmente... aconteceu.

A conexão entre nós é muito forte, e, além disso, eu nem tentei lutar contra a atração.

Eu a acolhi. Desde o momento em que a peguei naquela casa, me senti menos morto por dentro. Um ponto de luz na minha escuridão, com o nome dela nela.

Stacey partiu o meu coração adolescente, mas há mais problemas na minha vida do que ficar remoendo o passado. Não vou me casar com ela e ter filhos; não vou ter um final feliz. Não havia mal nenhum em nos divertirmos. Em brincarmos. Deixei claro quando ela estava entre minhas pernas no avião que isso não significava nada, mas acho que estava dizendo mais a mim mesmo do que a ela.

Eu apenas a machucaria ou a faria ser morta.

Tirei tantas vidas que a morte já não me afeta mais. O que isso diz sobre mim? Não mereço nada de bom na minha vida.

Ela merece alguém muito melhor.

— Kade.

Meu nome é um sussurro carinhoso, me afastando dos meus pensamentos erráticos. Ela se ajoelha na minha frente, gentilmente pegando meus pulsos para me impedir de enviar uma mensagem de texto para Base.

— Quem era ele? E por que você está tentando me tirar do país às pressas?

Arrepios me atacam, e eu olho para os dedos dela na minha pele, mas ela rapidamente os afasta como se eu a tivesse queimado.

Fecho os olhos, limpando as palmas das mãos no rosto antes de olhar para ela.

— Eu trabalho para ele e a esposa.

Correção: eu trabalho para Bernadette Sawyer. Archie é só uma praga imunda que paira na sombra podre dela.

Ela franze a testa, uma linha profunda se formando entre suas sobrancelhas. Esteja ela brava, confusa, feliz, excitada ou triste, Stacey é a definição de beleza.

— São eles que mandam seus contratos? — ela pergunta.

— Entre outras coisas, sim — respondo, concordando uma vez.

Seus olhos são hipnotizantes enquanto ela me observa; enquanto ela estuda minha expressão ansiosa. Se eu a trouxer para mais perto de mim, verei cada tom presente neles, os pequenos aglomerados de ouro circulando suas pupilas.

Lembro-me de quando descobrimos que teríamos um filho, eu queria que eles tivessem os olhos dela. Queria que eles tivessem tudo o que fazia Stacey ser quem era.

Inteligente. Corajosa. Confiante. Linda.



Enxugo uma lágrima do meu rosto enquanto seguro minha namorada em meus braços.

— Podemos tentar de novo, tudo bem? Nós deveríamos ser pais. Deveríamos ter uma família. Eu te amo, Sardentinha. Eu te amo tanto.

Stacey chora em meu peito, seu corpo tremendo a cada soluço enquanto ela balança a cabeça de um lado para o outro.

— Eu não consigo. Não vou conseguir passar por isso de novo, Kade.



Quero absorver tudo sobre ela enquanto posso. Porque tenho certeza de que esta pode ser a última vez que a vejo.

Tê-la tão perto de mim é cruel, mesmo para um homem como eu.

— Por que eles estão atrás de mim?

Porra. Como posso explicar isso? Ah, Bernadette enganou meu eu adolescente de coração partido e me fez entrar em sua casa, me manipulou até conseguir me levar para a cama e vem me chantageando desde então?

Que tal acrescentar que eles me viciaram em drogas?

Ou que Archie transou comigo enquanto eu estava inconsciente porque estava três horas atrasado para terminar um trabalho?

Eu quis morrer por semanas depois de acordar no meu próprio sangue e mijo. Ninguém, muito menos um garoto de dezenove anos indefeso e assustado, deveria passar por isso.

Estou planejando a morte dele há um tempo. Quando eu sair dessas

amarras, vou fazer doer pra caralho.

Uma mão pressiona minha bochecha, me puxando de volta para o agora.

— Para onde você foi?

Para onde eu sempre vou. O vazio na minha cabeça.

Engulo em seco. Stacey pega minha outra mão, que estava esfregando a lateral da minha perna repetidamente.

— Eu... eu não posso ter nenhum relacionamento fora do trabalho.

Stacey inclina a cabeça, soltando minha bochecha para pegar minha outra mão inquieta.

— Por quê?

Uma onda de humilhação percorre meu corpo.

— Porque eu pertenço a eles. Se eu não fizer o que eles dizem, as pessoas ao meu redor pagam o preço.

— O quê? — Seus olhos se arregalam. — Vá até a polícia!

Eu me forço a rir.

— A polícia pertence a eles, também.

Tecnicamente, eles são donos da Escócia e de mais da metade do submundo.

Suspirando, olho para ela, percebo o quanto ela está preocupada comigo. Tiro minhas mãos das dela e seguro suas bochechas, acariciando meus polegares sob seus olhos lacrimejantes.

— Não se preocupe comigo, Sardentinha. Eu já te disse, esta é minha vida agora. Não vou te arrastar para ela também.

— Você precisa contar a alguém — ela diz, segurando minhas mãos em seu rosto. — Por favor.

— E assistir minha família desaparecer, apenas para seus corpos aparecerem meses depois? — Solto seu rosto. — Não.

— Eu... eu contei ao seu pai.

Meus olhos se arregalam.

— O quê?

— Fui visitá-lo; estava preocupada com você e precisava de ajuda.

Controlo minha raiva e fecho meus olhos, cerrando minhas mãos.

— Você não deveria ter feito isso, Stacey. Se eles descobrirem, ou se ele tentar fazer algo, vai piorar tudo. Não fale com ele de novo, ok? Não fale com ninguém sobre mim. Você vai piorar as coisas e dificultar meu trabalho.

Seu lábio inferior treme.

— Mas… — Ela para. — Como eu posso ajudar você?

— Indo embora.

Stacey se enrijece com minha franqueza.

— O que vai acontecer quando eu for embora?

— Você não precisa se preocupar com isso. Contanto que esteja segura.

Ela fica quieta por um momento, mas então me pega desprevenido subindo no meu colo e enterrando a cabeça no meu ombro.

Por um breve momento, não tenho ideia do que fazer. Ela se envolve ao meu redor, me abraçando, enquanto minhas palmas pressionam o colchão para me manter firme. Eu engulo em seco, mas quando sinto umidade no meu pescoço por causa das lágrimas dela, envolvo um dos meus braços em volta da parte inferior de suas costas, agarrando seu cabelo.

Estou caindo livremente em um mar de tranquilidade em seus braços. Minha cabeça está em silêncio. Meus ossos não tremem, e encho meus pulmões com seu cheiro, desejando poder ficar aqui para sempre.

Fecho meus olhos, segurando-a contra mim. Seu corpo se aconchega no meu, uma mão se enroscando em meu cabelo e a outra segurando minha blusa nas costas. Sua respiração quente está em meu pescoço enquanto ela chora baixinho.

Massageio meus dedos em seu cabelo, tentando manter minhas emoções sob controle.

— Por favor, não chore.

— Você não deveria ter tido essa vida. — Stacey está tremendo em meus braços. — Nós deveríamos ter nos mudado como planejamos. Quando descobri que estava grávida, deveríamos ter ido embora e nunca mais voltado.

Há um puxão no meu coração.

— Eu sei. — Esfrego suas costas em pequenos círculos. Ninguém me abraça assim há tanto tempo. Ela foi a única pessoa que deixei chegar perto de mim, e preciso saborear isso enquanto posso.

Inclino-me para trás, tiro minha mão de seu cabelo e inclino seu queixo, para que ela olhe para mim.

— O que estamos fazendo é arriscado. Não podemos... — Solto um suspiro, odiando minhas palavras. — Fazer isso.

Porra.

— Não podemos.

Em silêncio, seus olhos brilham prateados enquanto outra lágrima escorre por sua bochecha. Ela não me impede enquanto beijo sua testa.

— Por favor, arrume suas coisas.

Quando ela sai de cima de mim, eu verifico meu telefone e empalideço.

Bernadette.

Cinco chamadas perdidas.

Uma mensagem de voz.

— Sebastian Ivanovich Prince. Vinte e três anos. Cabelos escuros. Olhos castanhos. Um metro e oitenta. O pai é um CEO russo de sucesso. A mãe é uma contadora, escocesa. Bissexual. Dirige um Aston Martin vermelho. Tem uma cicatriz na nuca por ter sido atingido por uma garrafa de vidro quando tinha dezessete anos. Devo continuar ou você entendeu?

Porra, caralho. Isso significa uma coisa.

Base foi oficialmente colocado na mira.

Manter esse lado da minha vida em segredo dos meus melhores amigos tem sido difícil. Tantas vezes eu menti para tirá-los do meu pé, mas acho que preciso contar a eles se Bernadette vai começar a alvejá-los também. Base tem uma família poderosa na Rússia que pode protegê-lo. Se Bernadette o matar, ela terá uma guerra do caralho vindo em sua direção.

Alívio me preenche quando Barry entra – vivo, me observando andar de um lado para o outro enquanto Stacey fecha o zíper da mala.

— Precisamos partir agora.

Olho para Stacey, para o quão abalada e emocionada ela está. É tudo culpa minha.

— Dê um colete para ela — ordeno, verificando se minha arma está carregada, depois enfiando-a na cintura e juntando mais armas.

Stacey olha para o colete blindado em suas mãos, suas sobrancelhas franzindo. Eu suspiro.

— Venha aqui.

Ela fica congelada enquanto eu o pego de suas mãos e desamarro as tiras para puxá-lo sobre sua cabeça. Sem piscar, ela olha para meu peito enquanto eu o aperto em volta de seu corpo.

— Respire — digo, e ela pisca, olhando para mim.

— Estou com medo.

Eu a encaro: as sardas salpicando sua pele – que está ficando mais

pálida a cada segundo – o cabelo ainda desgrenhado pelo vento, os olhos verde-floresta que imaginei um número doentio de vezes.

— Você vai ficar bem.

Ela não se intimida quando pego um rifle de Barry e saio do quarto do hotel.

Lentamente, andamos pelo corredor, Stacey no meio. Mais homens meus se juntam a nós e a cercamos, protegendo-a, dando cada passo com cuidado, caso Archie decida nos emboscar.

Quando chegamos ao final da escada, um dos guardas abre a entrada dos fundos e saímos.

O disparo de uma arma vibra em meus ouvidos quando um dos meus caras leva um tiro na cabeça. Stacey grita enquanto eu me aninho em volta dela e corro em direção ao carro e as balas voam de cada lado. Eu a empurro para dentro do carro, bato a porta e abro fogo com rajadas rápidas até meu rifle ficar sem balas.

Eu o jogo no chão, pegando minha pistola do cós e me protegendo com a porta do passageiro para poder começar a atirar novamente.

— Você precisa ir embora, senhor — um dos meus guardas diz. — Nós podemos segurá-los.

Xingo para mim mesmo, porque nunca deixo meus homens para trás, mas preciso tirar Stacey daqui.

Barry corre para a frente, e nós abaixamos as janelas e atiramos enquanto ele sai do estacionamento, nos jogando na estrada e acelerando.

Stacey me encara, com os olhos arregalados, sem fôlego.

— Esta é a sua vida?

Eu dou de ombros.

Ela enxuga uma lágrima.

— O que vai acontecer agora?

Eu a impeço de tirar o colete.

— Você vai para casa. Vou vigiar você um pouco para garantir que eles não te rastreiem. Você continua e vive sua vida do jeito que tem sido.

Talvez eu esteja sendo idiota, mas tenho que acreditar que é possível, que ela vai sair dessa merda bem.

Stacey não diz nada; eventualmente, ela boceja e descansa a cabeça no meu colo, e isso me acalma enquanto ela se acomoda e Barry nos leva para o hangar que fica a mais de duas horas de distância.

Quando ela adormece, eu entrelaço nossos dedos, minha outra mão

brincando com seu cabelo.

— Você deveria ter ficado fora da minha vida — eu sussurro. — Mas você sempre esteve nela. Sempre.

— Você sabe o que está fazendo?

Eu olho para cima, meus olhos colidindo com os do meu assistente.

— O quê?

— Quanto mais tempo passar com ela, em mais perigo ela estará.

— Eu sei disso, Barry. Por que diabos acha que estou apressando a saída dela deste país?

— Desculpe, senhor, mas ela é inocente e você é...

— Eu sei — eu respondo. — Eu sei, porra.

A viagem demora uma eternidade e tempo nenhum.

Eu passo cada momento olhando para ela.

Quando chegamos ao hangar, Barry escaneia seu distintivo para abrir os portões. O jato aparece quando viramos a esquina de um prédio abandonado.

— Acorde, Sardentinha — digo suavemente, acariciando seu cabelo. Ela se mexe e pisca os olhos para abri-los. O canto da minha boca se repuxa distraidamente, e eu aperto meus lábios. — Chegamos.

O carro para enquanto ela esfrega os olhos, tentando acordar. Stacey olha pela janela, para o jatinho, minha equipe esperando para ajudá-la a escapar e enfrentar a luta que inevitavelmente chegará aqui.

— Espera. O que acontecerá quando eu for embora? Para onde você vai?

O piloto aparece enquanto as escadas descem, seu cabelo grisalho bagunçado é um sinal claro de que o arrastamos para fora da cama.

Olho para Stacey.

— Eu disse para você não se preocupar comigo.

— Bem, eu vou me preocupar igual!

O rádio de alguém apita, anunciando que quatro SUVs estão tentando entrar na área. Fecho meus olhos brevemente; odeio que meu time esteja morrendo.

— Você precisa ir embora. Agora.

Barry pega as coisas dela, ficando ao seu lado.

— Senhorita, se poder embarcar, por favor.

Outro rádio é desativado. Uma vítima. Duas. Três.

O exército de Bernadette está chegando.

Quando Stacey dá um passo para trás, pronta para ir embora, agarro seu pulso e a puxo para mim, batendo minha boca na dela com minhas mãos em cada lado de seu rosto. Não é profundo ou apaixonado, mas o suficiente para que eu não me arrependa de vê-la ir embora sem beijá-la.

E foda-se, sentir seus lábios nos meus é um sonho, especialmente quando ela me beija de volta e o mundo deixa de existir.

Não estou mais parado no campo de aviação. Estou brincando de desafio em uma barraca com a garota que eu gosto desde os quinze anos. Os lábios dela estão nos meus, e eu não estou mais na escuridão, engolido pelas sombras dos meus erros.

As borboletas ainda estão lá. O nervosismo e o tremor das minhas mãos. Ela me disse para não beijá-la, mas não está me afastando.

Sinto o gosto das lágrimas dela enquanto ela choraminga contra meus lábios.

— Venha comigo.

Eu a solto e dou um passo para trás, colocando distância entre nós, e balanço a cabeça.

— Eu não posso.

Outro tiro, e eu me viro para Barry.

— Embarque todo mundo. Inclusive você.

Ele franze a testa.

— Por quê?

— Porque eles vão matar todos vocês, e eu não vou deixar isso acontecer. Entrem no maldito jato. Isso é uma ordem.

Ele acena, mas eu vejo sua hesitação em me deixar.

— Srta. Rhodes — ele diz para Stacey, tentando puxá-la.

Ela balança a cabeça de um lado para o outro.

— Por favor, Kade.

— Vá — eu digo a Stacey. — Não me procure. Eles vão ter acesso ao meu celular.

Ela parece quebrada enquanto concorda, dando alguns passos em direção às escadas, então parando e correndo de volta para mim.

O tempo para quando nossas bocas colidem em um beijo profundo e desesperado e ela se joga em meus braços. Eu a puxo para mim enquanto seus lábios se movem, se separam e nos abrimos um para o outro, deixando nossas línguas finalmente se provarem. Eu a levanto do chão e caminho em direção aos degraus. Suas pernas me envolvem, e eu me deleito com a

maciez de sua boca.

É como se eu estivesse visitando o céu enquanto vivo no inferno. Mas eu quero roubá-la e trazê-la para o meu caos, atear fogo em seu mundo e mantê-la no meu.

Nem mesmo o diabo poderia tirar esse momento de mim.

Isso é o que eu queria fazer antes. Queria provar seus gemidos e chupar sua língua, engolir seus suspiros enquanto eu metia nela.

Em vez disso, estou saboreando suas lágrimas, engolindo seus soluços inconsoláveis enquanto Stacey me implora para ir no avião com ela.

— Eu vou te contar tudo — ela diz. — Eu prometo te contar tudo.

Não tenho ideia do que ela está falando. *Tudo?*

— Nós podemos fazer isso funcionar — ela acrescenta. — Nós podemos ajudar um ao outro.

— Senhor, precisamos ir embora, agora.

Meu nariz cutuca o dela.

— Isso acabou. Acabou há dois anos. Se continuarmos fazendo isso, você será morta.

Ela soluça e balança a cabeça de um lado para o outro.

— Não.

Eu pressiono minha boca na dela novamente enquanto a coloco de volta no chão.

— Não posso ser egoísta.

Stacey dá um passo para trás, cobrindo a boca com as costas da mão, lágrimas escorrendo pelo seu rosto, e eu não quero soltar sua outra mão. Um nó está instalado na minha garganta, meu peito está apertado, e eu quero continuar beijando-a. Quero ir com ela.

Mas então nossos dedos se separam, e Stacey se vira.

Acaba tão rápido como começou – eu a deixo ir para sempre, e ela desaparece no jatinho, sem ousar me dar uma última olhada. Todo o resto está feito. Nós terminamos. E é assim que precisa ser. Vou ficar longe dela. Farei qualquer coisa para garantir que Bernadette nunca a encontre.

Barry está no topo da escada de metal, olhando para trás de mim, e eu sei que estou ferrado.

— Mantenha ela segura — digo. — Não se preocupe comigo.

A porta do jato se fecha, e eu solto um suspiro e enfio minha mão no cabelo. Eu posso ouvir todos os carros agora. Acelerando. Acho que a equipe que eu tinha nos portões está morta. Todos que estavam na tarefa e

não conseguiram chegar ao jatinho estão mortos. Tantas vidas inocentes perdidas, tudo porque eles foram leais a mim.

Pelo menos Stacey está segura.

Acendo um baseado e observo o jatinho de volta à pista, e o alívio me preenche enquanto ele decola, levando Stacey para longe dos problemas. Eu sopro fumaça tóxica enquanto uma arma é pressionada na parte de trás da minha cabeça.

Tudo fica escuro enquanto a dor atinge meu crânio.

CAPÍTULO 39



Kade

Meu corpo estremece quando água gelada espirra em mim.

— Acorde, caralho.

Suspiro e tento recuperar o fôlego. Estou amarrado a uma cadeira em frente a uma mesa. Archie está sentado à minha frente com uma pasta, tornozelo ao joelho, vestido com seu terno azul-marinho de sempre.

Um cara com um balde vazio está de pé ao meu lado, colete à prova de balas e tudo, e eu me certifico de me lembrar do rosto dele, para que possa mutilá-lo.

— Você é um filho da puta sorrateiro — Archie diz, se levantando e apoiando as mãos na mesa de aço.

— Meu pai arrancaria sua língua por falar da minha mãe desse jeito — respondo com um sorriso maroto. — Mas você é muito covarde para dizer isso na cara dele, né?

Archie argumentou até cansar que era estúpido se envolver com o filho de Tobias Mitchell e que eles deveriam parar de mexer comigo antes que meu pai revidasse, mas Bernadette, sendo a vadia horrível que é, o convenceu a continuar.

Ele começou a me assistir com ela, com outras pessoas. Até que foi a vez dele.

Foi repugnante. Eu tinha terminado com Stacey semanas antes, e a dor da traição dela ainda estava lá. Eu só queria ficar bêbado o tempo todo, mas eles me apresentaram ecstasy, cocaína, ácido e qualquer outra porra que injetaram em mim.

Então a violência começou. Eles me fizeram estrangular alguém até

a morte. Minha primeira morte. Então, me enviaram para outros países para ser treinado. Rússia. Polônia. França. Letônia. Espanha. Itália. Áustria. Brasil. Pequim.

Quando fui a festas privadas com Bernadette no meu braço, outras mulheres começaram a perguntar sobre mim. Minha conta bancária começou a encher, ultrapassando um milhão, depois dois, três. Contratos de assassinato a aumentaram para oito dígitos.

Por mais rico que eu estivesse me tornando, eu era como um recipiente vazio. Ainda sou, mas na semana passada ou algo assim, me tornei aquele adolescente de novo, que não tinha ideia de como usar uma arma ou dos horrores profundos do submundo. Apenas o garoto nervoso que gostava da melhor amiga da irmã.

Archie me tira do meu transe com um soco.

— Seu pai não passa de fantoche sem cérebro. Ele consegue sequer falar com todos os medicamentos que toma? Ele ao menos se lembra de quem você é quando surta? — Ele zomba. — O fodido Tobias Mitchell. Você é a cópia dele. Inútil, patético, um pedaço de merda.

Sorrio.

— Claro. E é por isso que você precisa me bater enquanto estou amarrado a uma cadeira, certo? Eu sou um pedaço de merda como meu pai, mas você não consegue me enfrentar cara a cara. Você é uma vergonha, Archie. Sua esposa ficou tão entediada com seu pau que teve que foder um adolescente se sentir excitada.

Eu me inclino para trás enquanto ele chuta minha cadeira, e o ar sai dos meus pulmões quando bato no chão. Eu rio através da minha tosse.

Ele cai no meu nível no chão e agarra meu cabelo, sussurrando duramente em meu ouvido.

— Eu vou entrar furtivamente na sua mansãozinha, cortar a garganta do seu padrasto e enfiar meu pau na boca da sua mãe até que ela não consiga respirar. Vou foder o cadáver dela e te enviar o vídeo. Então, depois disso, eu vou pegar sua irmã.

Meu sangue ferve, meu sorriso desaparecendo.

Eu me mantenho controlado, minha expressão vazia.

— Quando eu tiver a chance, vou fazer você sofrer — estalo. Minha testa bate em seu nariz, e eu o ouço estalar. Ele grita e rapidamente se levanta. — Se você chegar perto da minha família, eu vou te matar, caralho.

Ele segura seu rosto sangrando.

— Seu merdin...

— *Ah, calem a boca vocês dois* — a voz de Bernadette ecoa na sala; está vindo do alto-falante do telefone de Archie. — *Kade. O que diabos você está aprontando?*

Um dos guarda-costas endireita minha posição enquanto o sangue de Archie pinga no chão. Espero que esteja doendo, filho da puta.

— Eu não sei do que você está falando — respondo a Bernie.

— *Quem está trabalhando para você? Quem estava atirando de volta em nós?*

Prendo a respiração, recusando-me a falar.

— *Você criou sua própria equipezinha, não foi? Que espertinho. É uma pena que todos eles estarão mortos em breve.*

— Duvido muito — eu estalo. Ela nunca vai encontrá-los.

— *Quem era ela? Quem é tão importante para você que foi a tais extremos para protegê-la?*

— Ninguém.

— Você conhece as malditas regras, garoto — Archie cospe, seu bigode estúpido manchado de sangue se contraindo com sua raiva. Ele rasga a pasta aberta, espalhando fotos sobre a mesa. Ângulos diferentes de mim e Stacey no clube. De pé no bar, eu tocando nela. Ela dançando com meu alvo, então nós dois no fundo.

Eu transando com Stacey ao lado do meu alvo e matando-o enquanto estava bem dentro dela.

Então a que ele tirou dela. Stacey parece tão inocente e assustada, e minhas entranhas se contorcem, que tenha sido eu a colocar naquela posição.

— Quem é ela? — Archie pergunta.

Seu punho se conecta com meu rosto antes que eu possa cuspir nele.

Outro da esquerda – um de seus homens usando soqueiras em ambas as mãos. Minha boca se enche de sangue enquanto meus dentes cortam minhas gengivas.

Ótimo. Eu quero dor. Quero sentir cada maldito golpe que eles me dão.

Eles me perguntam quem é a mulher misteriosa e, para ser um babaca, eu os ignoro, só para que eles possam dar mais socos e despejar água gelada em mim. Isso acalma o calor intenso lá dentro.

Bernadette finalmente diz a eles para pararem e saírem da sala,

deixando apenas eu e um telefone na mesa, cercados por imagens da minha ex.

— *Se você me disser quem ela é, cancelo o ataque contra Prince* — ela diz, e meu rosto cai. — *Tudo o que eu quero saber é o nome dela.*

— Ela foi só uma foda para passar o tempo — minto. — Eu a conheci no clube, então nos encontramos novamente esta noite.

— *Quantas vezes vocês dormiram juntos?*

Eu cerro os dentes, cuspindo vermelho no chão.

— Duas vezes. Não vai acontecer de novo. Cancele o ataque.

Ela solta um "uhm".

— *Então por que você a escondeu?*

Lambo meu lábio estourado, sentindo o gosto de metal na minha língua.

— Ela é inocente e não merecia a merda que você ia aprontar pra cima dela. Você ir atrás da garota foi apenas um ataque de ciúme mesquinho.

Ela ri.

— *Tudo bem. Quero você no próximo voo para casa. Venha até mim e peça desculpas pessoalmente.* — Ela está sorrindo. — *Ganhe seu perdão.*

Engulo a náusea que sobe na minha garganta.

— *Não gosto de ouvir sobre você dormindo com pessoas que eu não conheço. Chega de sair escondido com putas baratas em motos. Entendeu?*

Meus dedos ficam brancos. Ela acabou de chamar Stacey de...

Fecho meus olhos para conter minha fúria crescente.

Ouvir Bernie falar sobre ela assim é irritante pra caralho. Ela não chega nem perto do quão deslumbrante Stacey é. Mas se eu morder a isca, vou entregar que ela era mais do que apenas uma foda.

— *Você entendeu, Kade?*

Olho para o telefone, forçando as palavras a saírem da minha boca.

— Tudo bem. Mas fique longe dos meus amigos.

— *Implore para que eu não o mate, e tudo será perdoado.*

Estalo meu pescoço para o lado, balançando minha cabeça de um lado para o outro.

— Por favor — eu cerro meus dentes, uma dor de cabeça chegando. — Por favor, não o mate.

— Feito. Cessar fogo, James. Volte para casa.

Eles deviam ter um atirador mirando no quarto do hotel.

Então, ela fala comigo:

— *Você tem muito pelo que se desculpar. Estou ansiosa para vê-lo.*

Meu corpo fica tenso.

— Certo.

Ela ri.

— *Não faça planos para o resto do mês. Vou precisar de companhia enquanto estiver na Itália.*

A ligação é interrompida quando um de seus homens entra na sala, e quando minhas mãos são soltas das algemas, mais cinco entram. Dois com bastões, três com socos ingleses e o outro com um bastão de metal. Típico – esses filhos da puta precisam usar armas contra mim.

Me preparo para lutar enquanto dou um soco no mais perto, quebrando sua mandíbula na hora. A dor que percorre meus dedos me faz atacar o próximo. Ouço o estalo de um pescoço enquanto eu perco o controle por completo.

Com isso eu consigo lidar. Esse é o sacrifício para garantir a segurança de todos. Esse é o preço que pago para que nunca descubram quem Stacey Rhodes é para mim.

Pelo menos, eu consegui beijá-la.

CONTINUA...

AGRADECIMENTOS



Sei que este não é o fim da série, mas como é o meu primeiro livro, tenho tantas pessoas para agradecer. Significa o mundo para mim que você tenha tirado um tempo do seu dia/noite para mergulhar no mundo de *Insaciável*. Kade Mitchell tem sido uma voz forte na minha cabeça desde que escrevi o livro dos pais dele, em 2020. Meus leitores online têm estado aqui desde o início deste livro, há mais de dois anos, e me deram a coragem que eu precisava para dar esse grande passo.

Nós conseguimos, pessoal! Publicamos!

Minha garota Gemma, você me apoiou desde o momento em que te contei que havia baixado um aplicativo de escrita. Você dança comigo no estúdio até cairmos exaustas no chão, e está sempre ao meu lado quando preciso de você. Te amo muito.

Katerina, Wolfie, Shawna, Jay, Wendy, Julie, Jess, Nikki, Kendra 1 e 2, Sookie, Cheka, Lindsey e todos os meus outros amigos online, vocês são os melhores, e nada disso teria sido possível sem vocês. Avery, minha designer de capa, você merece uma medalha. Kiki, Colleen, Megan e todo o pessoal da The Next Step PR, não tenho palavras para expressar o quanto vocês me mantiveram no caminho certo. Minha amiga escocesa e editora Laura, muito obrigada. Você fez um trabalho maravilhoso polindo minha obra. Shawna, obrigada por tirar um tempo do seu dia para ser minha última revisora. Você tirou uma grande pressão de mim quando eu estava passando por um momento muito difícil na minha vida.

Mãe – você é minha rocha!

Meu marido, Thomas, você realmente é o meu para sempre. Eu sou a sua Sardentinha, e te amo até o infinito. Nossos meninos são os mais sortudos do mundo por terem um pai tão incrível.

Uma menção especial:

Para meu bebê peludo que foi para o céu dos cachorrinhos enquanto eu estava no meio da publicação deste livro.

Passamos dez anos incríveis com ele, e eu queria que tivéssemos mais dez. Meu consolo quando eu estava triste, meu companheiro de conchinha, sempre ao meu lado enquanto escrevia, meu melhor amigo de quatro patas que me fez companhia durante toda a minha juventude.

O amor de um cachorro é incondicional, e foi exatamente isso que recebemos dele quando o resgatamos, todos aqueles anos atrás. Ele completou nossa família, e agora há um vazio no meu coração.

Durma em paz, Charlie.

SOBRE A AUTORA



Leigh Rivers é uma cientista biomédica escocesa que se aventurou no mundo da escrita de personagens sombrios e moralmente duvidosos, com histórias cheias de reviravoltas para deixar seus leitores loucos.

Quando não está lendo, escrevendo em seu laptop ou jogando até altas horas, ela faz aulas de pole dance, vai à academia e leva quatro cachorros para passear com os dois filhos e o marido.

REDES SOCIAIS

www.instagram.com/authorleighrivers
www.tiktok.com/@authorleighrivers

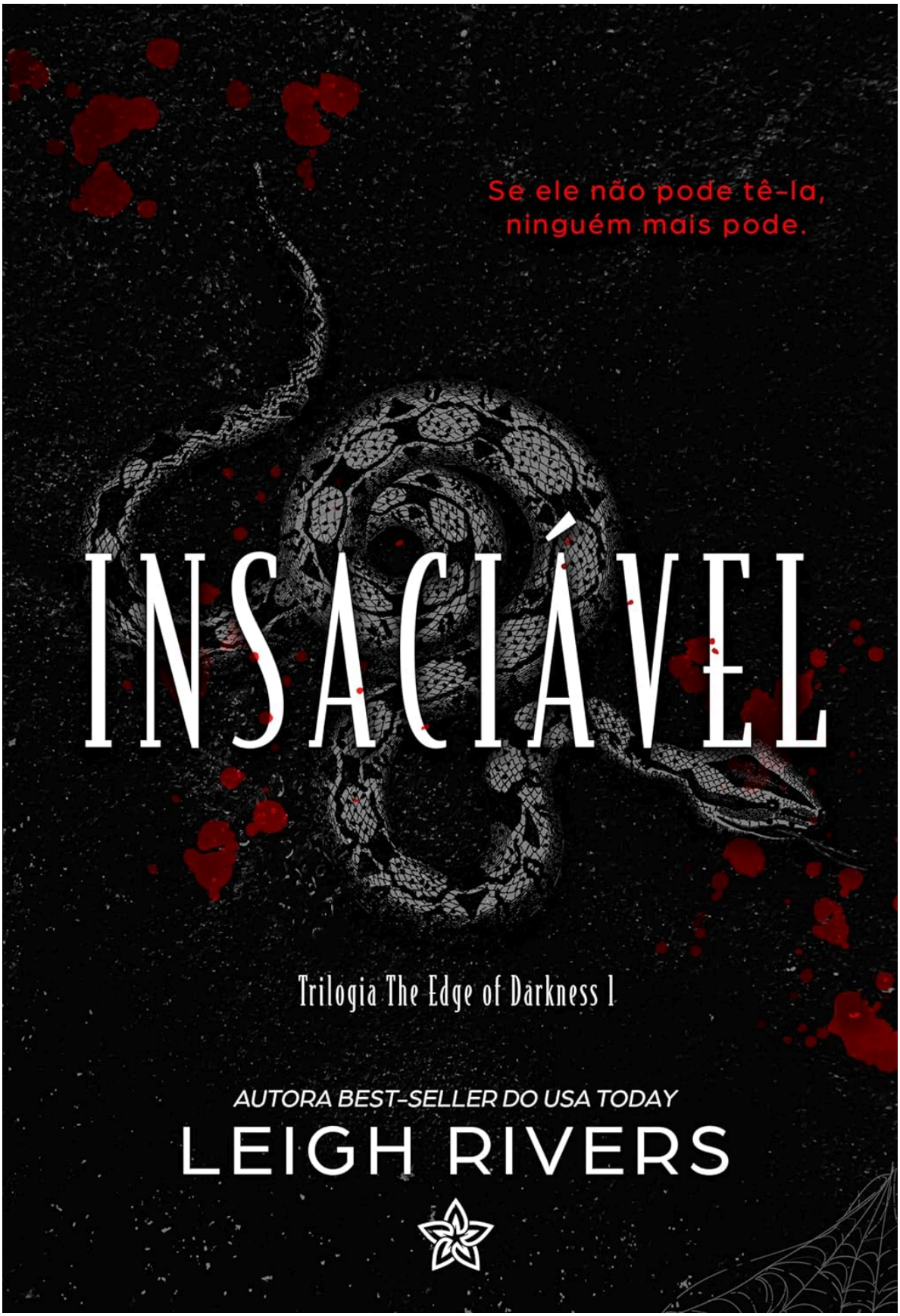


https://www.grupoeditorialfive.com

https://www.instagram.com/editorafive

https://x.com/EditoraFive

https://tiktok.com/@editorafive


Se ele não pode tê-la,
ninguém mais pode.
INSACIÁVEL
Trilogia The Edge of Darkness I
AUTORA BEST-SELLER DO USA TODAY
LEIGH RIVERS